

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

STELLA FERREIRA GONTIJO

***HASTA QUE SEAMOS LIBRES: FEMINISMO E REVOLUÇÃO SANDINISTA NAS  
OBRAS DE GIOCONDA BELLI (1972 – 1993)***

NITERÓI, RJ

2019

STELLA FERREIRA GONTIJO

***HASTA QUE SEAMOS LIBRES: FEMINISMO E REVOLUÇÃO SANDINISTA NAS  
OBRAS DE GIOCONDA BELLI (1972 – 1993)***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Elisa de Campos Borges.

Niterói, RJ

2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

G641" Gontijo, Stella Ferreira  
"Hasta que seamos libres": feminismo e Revolução  
Sandinista nas obras de Gioconda Belli (1972 - 1993) / Stella  
Ferreira Gontijo ; Elisa de Campos Borges, orientadora.  
Niterói, 2019.  
209 f.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Niterói, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2019.m.08801801610>

1. História dos Intelectuais. 2. Feminismo latino-  
americano. 3. História e Literatura. 4. Revolução  
Sandinista. 5. Produção intelectual. I. Borges, Elisa de  
Campos, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense.  
Instituto de História. III. Título.

CDD -

STELLA FERREIRA GONTIJO

***HASTA QUE SEAMOS LIBRES: FEMINISMO E REVOLUÇÃO SANDINISTA NAS  
OBRAS DE GIOCONDA BELLI (1972 – 1993)***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em 28 de março de 2019.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Elisa de Campos Borges – UFF (Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Adriane Vidal Costa – UFMG (Banca examinadora)

---

Prof. Dr. Norberto Ferreras – UFF (Banca examinadora)

Niterói 2019

*Aos meus pais.  
Às mulheres que lutaram por nós, e as que hoje marcham,  
para que todas sejamos livres.*

## AGRADECIMENTOS

Por chegar até aqui e por toda a jornada, eu agradeço aos meus pais, Adriana e Adelmo. Por serem responsáveis por tudo que sou, me faltam as palavras. Pela saudade diária, pelo carinho, pelo exemplo, pelo apoio incondicional, por acreditarem em mim e por realizarem todos os meus sonhos. À minha irmã, Bárbara, por me dar a segurança de saber que nunca estarei sozinha, e pelo melhor presente que poderia ganhar na vida: minha sobrinha Rita. Amo vocês!

Agradeço à Universidade pública, gratuita, de qualidade, inclusiva, democrática e crítica. Sem uma educação livre não se emancipa o povo e a sociedade. Agradeço ao melhor presidente que o Brasil já teve, Lula, e à primeira mulher presidenta deste país, Dilma, por 14 anos de investimento em busca de uma educação cada vez mais inclusiva e com afãs de fortalecer nossa democracia. Nesse sentido, agradeço à UFF por ser referência acadêmica, desde sempre, e à minha orientadora, Elisa de Campos Borges, por aceitar essa empreitada e enfrentá-la com tanta dedicação, generosidade e cuidado — qualidades raras no universo acadêmico. Ainda, por ter tido atenção e rigor intelectual em correções, comentários e avaliações.

Agradeço à Adriane Vidal e ao Norberto Ferreras, pela leitura cuidadosa, por contribuições fundamentais e pelas trocas tão generosamente feitas no exame de qualificação. À Adriane Vidal, agradeço por toda trajetória acadêmica compartilhada, por ter acreditado e me incentivado quando ainda estava no quinto período da graduação, me acompanhando até aqui; também, por ter despertado, em mim, a paixão pela luta dos povos latino-americanos.

Agradeço à UFMG, por ser sempre minha casa, por ter me formado muito além de historiadora e educadora. Às minhas amigas e amigos da melhor turma que a História já viu, que sempre estarão ao meu lado e que são fundamentais na minha trajetória: Dani, Luiza, Vovô, Isabela, Marcela. Aquelas que vieram depois, mas não menos importantes: Ana, Clara, Camila, Maria e Lídia. Agradeço em especial à Maíra, por ser minha parceira e meu diário acadêmico, que nenhuma cordilheira é capaz de afastar. Ao NUPHA, pelas discussões valiosas e aos colegas incríveis que comigo estudam a América. Ao Igor, por dividir a difícil tarefa de estudar o sandinismo. Ao André Miatello, por ter sido meu primeiro orientador. À Katia Baggio e ao Luiz Arnaut, pela referência de profissionais.

Ao Projeto República, pelos amigos que ganhei, por todo café e conhecimento compartilhado, pela experiência profissional de valor inestimável. Ao Tião, pelas conversas e companhia. Ao Zé, pelo primeiro livro da Gioconda Belli. Agradeço, ainda, ao INCT, à Capes

pela bolsa concedida. Ao Centro Pedagógico, agradeço por me mostrar uma outra educação possível, por me proporcionar uma experiência incrível como professora e pelos melhores alunos do mundo. À Adriana, pelo modelo de profissional; aos amigos Matheus Yago e Laura Jamal.

À Luzia/Luz/Zumira, que me acompanha por toda uma vida, por ser casa e coração, por me apresentar sempre novos olhares, por ser tanto: afeto, lugar seguro e comida gostosa. Ao Vivalde, pelos bons momentos, pelas boas risadas, pelo amor e por todos os segredos que puderam ser falados. Ao AMORAMOR, por me dar morada com muito amor, pelo carnaval, o samba e todo o Rio de Janeiro que serra nenhuma me separa. À Martina, à Júlia, ao Barroso, ao Miguel, à Juana, ao BC e à Yanna.

Ao movimento estudantil da UFMG, da gloriosa era da Pés no Chão. Ao P.A, porque os sonhos do socialismo nos unem. À Kizomba e à Democracia Socialista, por me transformarem e me mostrarem que uma outra sociedade é possível, pelos sonhos partilhados da Revolução Democrática. Pelas experiências transformadoras no DA Fafich, no DCE, na UEE e, agora, no desafio da ANPG. À Marcha Mundial de Mulheres, por me tornar livre, me fazer acreditar e resistir. Aos amigos que vieram como companheiras e companheiros de luta, com quem estarei lado a lado nas trincheiras, e com quem divido discussões políticas e cervejas: Marina, Cacala, Titi, Tati, Aninha, Camila, Jorge, Mari, Mirelly, Mateusinho, Victor, Alesca e Isa. À Ana Clara, à Ana Luísa e à Fabíola, pelo cotidiano, amor e amizade. À Clarisse, por tudo isso, e por ser referência na política feminista e na Academia. À Cris, que da militância feminista, agora divido e transformo a Academia. Em especial ao Estevão, por ser companheiro na militância, na trajetória acadêmica e na vida, por compartilhar os dias, por dividir os sonhos mais sinceros, por ser abraço.

Ao Pedro e à Júlia, agradeço pelo cotidiano, pelas risadas, por trazerem leveza e me lembrarem o que é amar todos os dias. Ao Mateus e ao Tiago, por, nos dias mais tensos, trazerem tanta felicidade e um afeto tão sincero. À minha vovó Ida, vovó Maria, bisa Alzira, tia Andréa: todas aquelas que vieram antes de mim, porque são também por elas meus desejos de transformar a vida das mulheres. Às minhas melhores companhias de uma vida inteira, que, mesmo de longe, acompanham minha trajetória: Laura F., Laura Q., Cris, Ana, Flor, Lud e Gisa. À Ana Flávia, por ser sempre presente, mesmo com minhas ausências.

Por fim, aos amigos que a UFF me deu: Carol, João, Rafael e Amanda, pelos dois anos e as crises de ansiedades partilhadas, junto com todo carinho e afeto que uma relação de amizade nos proporciona.

“Resistimos para viver, marchamos para transformar!”

*[...] é irônico que seja Calibã — e não sua mãe Sycorax — quem os revolucionários latino-americanos tomaram depois como símbolo da resistência à colonização. [...] Sycorax, uma bruxa “tão poderosa que dominava a lua e provocava os fluxos e refluxos” (A tempestade – ato v – cena 1), pode ter ensinado seu filho a apreciar os poderes locais — a terra, as águas, os “tesouros da natureza” — e os laços comunais que, durante séculos de sofrimento, continuam nutrindo a luta pela libertação até o dia de hoje [...]*

SILVIA FEDERICI

## RESUMO

Os estudos sobre as revoluções na América Latina, no século XX, ainda demandam muito trabalho no que se refere a pensar na participação das mulheres nesses processos, enquanto “atrizes político-sociais”. Além disso, é importante que seja analisado como essa participação esteve, ou não, vinculada ao debate do feminismo, entendido como um conceito e uma teoria política que emerge com especificidades na região latino-americana. A pesquisa feita nesta dissertação teve como objetivo compreender, por meio da literatura produzida pela escritora e intelectual nicaraguense Gioconda Belli (1948) — e de sua trajetória como militante sandinista e feminista —, como esses debates sobre gênero e Revolução estiveram relacionados no processo vitorioso na Nicarágua, em 1979. Assim, teve como eixo de análise o uso da literatura como fonte para a História e o gênero como categoria de análise histórica. Dessa forma, nesta dissertação buscou-se examinar a narrativa de Belli para compreender como o seu discurso feminista se relaciona com a busca pela emancipação dos povos, e como se transforma, na medida em que a Revolução vai se consolidando e que a autora se envolve nos debates revolucionários. Para isso, foi importante considerar como sua trajetória esteve relacionada ao processo sandinista, e qual foi sua participação na Revolução, encabeçada pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) e o posterior governo revolucionário. O recorte temporal data da publicação de seu primeiro livro de poesia, *Sobre la grama*, em 1972 — também ano de sua entrada na FSLN —, até 1993, ano em que Belli rompe de maneira definitiva com a Frente. As outras obras analisadas são os poemários *Línea de fuego* (1978), *Truenos y arcoíris* (1982) e *De la costilla de Eva* (1986); os romances *La mujer habitada* (1988) e *Sofía de los presagios* (1990); e suas memórias, publicadas como *El país bajo mi piel – memorias de amor y guerra* (2001).

**Palavras-chave:** Revolução Sandinista; História e Literatura; História dos Intelectuais; Epistemologia de Gênero; Feminismo Latino-americano.

## ABSTRACT

Studies of left revolutions in Latin America in the twentieth century still require a lot of work in thinking about women's participation in these processes as "political-social actresses". In addition, it is important to analyze how this participation was or wasn't linked to the feminism debate, understood as a concept and a political theory that emerges with specificities in the Latin American region. The research carried out in this dissertation aimed to understand, through the literature produced by the Nicaraguan writer and intellectual Gioconda Belli (1948) — and of her trajectory as a Sandinista and feminist militant —, how these debates about gender and Revolution were related in the victorious process in Nicaragua, in 1979. Thus, it had as its axis of analysis the use of literature as a source for history and the gender as a category of historical analysis. Therefore, in this dissertation we sought to examine Belli's narrative in order to understand how her feminist discourse is related to the search for the peoples' emancipation, and how it is transformed, as the Revolution consolidates and the author becomes involved in revolutionary debates. For this, it was important to consider how the writer's trajectory was related to the Sandinista process, and how was her participation in the Revolution, headed by the Sandinista National Liberation Front (FSLN) and the subsequent revolutionary government. The time clipping dates from the publication of his first poetry book, *Sobre la grama*, in 1972 — also the year of his entry into the FSLN — until 1993, the year in which Belli definitively breaks with the Frente. We also analyzed hers poetry books *Línea de fuego* (1978), *Truenos y arcoíris* (1982) and *De la costilla de Eva* (1986); her novels *La mujer habitada* (1988) and *Sofía de los presagios* (1990); and her memoirs, published as *El país bajo mi piel – historia de amor y guerra* (2001).

**Keywords:** Sandinist Revolution; History and Literature; History of the Intellectuals; Gender Epistemology; Latin American Feminist Movement.

## LISTA DE SIGLAS

AMLAE	Associação de Mulheres Nicaraguenses Luisa Amanda Espinoza
AMPRONAC	Associação das Mulheres Enfrentando o Problema Nacional
CDSs	Comitês de Defesa Sandinista
DN	Direção Nacional
EDSN	Exército Defensor da Soberania Nacional
EPS	Exército Popular Sandinista
FSLN	Frente Sandinista de Libertação Nacional
GN	Guarda Nacional
GPP	Guerra Popular Prolongada
LMH	<i>La Mujer Habitada</i>
MLN	<i>Movimiento de Liberación Nacional</i>
MRS	Movimento Renovador Sandinista
PIE	Partido da Esquerda Erótica
PS	Polícia Sandinista
TI	Tendência Insurrecional ou Terceristas
TP	Tendência Proletária
UNO	União Nacional Opositora

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1. EL AMOR Y LA REBELIÓN LA HABÍAN LOGRADO ABSORBER COMPLETAMENTE .....</b>	<b>39</b>
1.1 Mulher, escritora e revolucionária .....	39
1.2 <i>Patria libre o Morir</i> : a atuação de Gioconda Belli na Nicarágua revolucionária...51	
1.3 Exílio: <i>El tiempo que no he tenido el cielo azul</i> .....	61
1.4 Sandinista: Belli e a construção da nova Nicarágua .....	67
<b>2. CANTO AL NUEVO TIEMPO: A REVOLUÇÃO SANDINISTA EM GIOCONDA BELLI.....</b>	<b>78</b>
2.1 O debate revolucionário.....	78
2.2 A Revolução das mulheres? .....	115
<b>3. SOY LLENA DE GOZO: GÊNERO E REVOLUÇÃO NA LITERATURA BELLIANA .....</b>	<b>128</b>
3.1 A América Latina vai ser toda feminista .....	128
3.2 <i>Poesía vaginal</i> : o debate de gênero a partir da poesia .....	142
3.2.1 As maternidades .....	152
3.2.2 <i>Feminismos</i> e masculino .....	155
3.3 <i>La mujer habitada</i> .....	161
3.3.1 Desconstruindo visões normativas de gênero a partir da prosa .....	163
3.3.2 Feminismo e Revolução: a transformação do discurso feminista belliano .....	168
3.4 <i>Sofía de los presagios</i> : a crítica a sociedade revolucionária .....	178
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>195</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>201</b>

## INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XX, na América Latina, foi marcada por intensas disputas políticas, que podem ser percebidas nos diversos processos revolucionários ocorridos na região. Inserida no contexto da Guerra Fria, em que a polarização ideológica entre direita e esquerda dividia o mundo, a América Latina apresenta especificidades no que diz respeito à sua localização, enquanto região amplamente explorada por potências estrangeiras, principalmente nas mãos do imperialismo norte-americano.

Nesse cenário, o êxito da Revolução Cubana, em 1959, serviu de inspiração e esperança para grande parte dos povos latino-americanos, que se viram diante da possibilidade real de vencerem o imperialismo e conquistarem sua autonomia política, econômica, cultural e social. Frente a esse acontecimento, e sob sua égide, podemos pensar a Revolução Sandinista, vitoriosa em 1979, na Nicarágua, como um dos movimentos revolucionários que se desenvolveram nesse período e que buscavam conquistar a autonomia nacional, a emancipação frente ao imperialismo norte-americano e a soberania nacional, em torno da construção de um projeto político-social e econômico livre de subjugações às potências estrangeiras.

Com base nesse contexto, esta dissertação tem o objetivo de compreender, a partir da obra de Gioconda Belli, quais os limites e as possibilidades da representação do feminino na sociedade revolucionária nicaraguense; qual o papel social e político outorgado às mulheres durante a Revolução e o governo sandinista — partindo do entendimento de que a autora confere protagonismo às mulheres em suas obras, dando corpo a um grupo social e politicamente marginalizado por questões de gênero, rompendo com os estereótipos de feminilidade e masculinidade — e como esses debates se inserem num panorama mais amplo do debate feminista latino-americano e Ocidental. Assim, pretendemos analisar como, a partir de sua escrita e de suas personagens, Belli desconstrói o papel socialmente designado às mulheres, ao mesmo tempo em que questiona questões políticas de âmbito mais geral, contestando a ditadura Somozista e assumindo uma postura à esquerda no espectro político, partindo da compreensão que ambos os debates — gênero e classe — estão imbrincados. Além disso, buscamos entender de que forma a trajetória da autora se relaciona com o processo revolucionário, com ela a perspectiva de gênero, pensando a forma como Belli desenvolve as questões relativas a ‘ser mulher’ na sociedade e na Revolução. É importante

termos, como eixo de análise, a maneira como a autora relaciona o processo de emancipação das mulheres e da Nicarágua.

O recorte temporal estabelecido data de 1972 — ano de publicação do primeiro livro de Gioconda Belli, *Sobre la grama* — até 1993, ano em que a autora rompe oficialmente com a Frente. Essa escolha é justificada pelo objetivo de entender qual feminismo Gioconda Belli reivindica em sua produção, e como essa formulação estava relacionada a um projeto revolucionário de emancipação nacional, carregado nas palavras da Asociación de Mujeres Nicaraguenses Luisa Amanda Espinoza (AMLAE)<sup>1</sup>: “no hay revolución sin emancipación de la mujer y no hay emancipación de la mujer sin revolución”. Segundo Santamaría,

Como vemos, la revolución sandinista operó en dos niveles tanto para derrocar a la dictadura como para consolidar el triunfo revolucionario: lucha armada y participación de la sociedad civil en organizaciones populares. Las mujeres nicaragüenses ocuparon un lugar indispensable en ambos frentes; alcanzaron el porcentaje más alto de participación femenina en una insurrección armada en América Latina y conformaron una de las organizaciones populares más importantes durante y después de la revolución.<sup>2</sup>

Não temos o objetivo de compreender toda a trajetória da autora — que tem uma extensa produção literária ativa nos dias atuais —, e nem a totalidade do movimento feminista latino-americano, questões que seriam inviáveis devido ao tempo, à bibliografia e às fontes que detemos. Consideramos que, a partir da década de 1990, há uma transformação na forma de ação, de se organizar e nos debates feitos no movimento feminista latino-americano. Também, no contexto político geral da Nicarágua, tem-se uma mudança radical com a saída da FSLN do governo. Além disso, o rompimento de Belli com a Frente, em 1993, nos levou a considerar este como nosso marco temporal.

Devido a essas questões, optamos por analisar os livros produzidos por Belli dentro desse recorte. Nesse caso, as seguintes obras foram selecionadas: *Sobre la grama* (1972), *Línea de fuego* (1978), *Truenos y arco iris* (1982), *De la costilla de Eva* (1987), *La mujer*

---

1 As organizações de mulheres estiveram presentes no decorrer do movimento revolucionário. No princípio de 1979, o Movimiento de Mujeres Nicaraguenses, a Asociación de Mujeres frente a la Problemática Nacional (AMPRONAC) e as associações profissionais femininas se uniram à FSLN e, junto a outros partidos antissomozistas e outros movimentos sociais, formaram oposição à ditadura. Durante o governo revolucionário, que contou com relevante participação e apoio popular por meio de organizações de massa, a participação feminina se deu, principalmente, em torno da Asociación de Mujeres Nicaraguenses Luisa Amanda Espinoza (AMNLAE) (VAN EEUWEN, 1994, p. 180). Além disso, mais da metade das brigadas alfabetizadoras no campo eram compostas por mulheres, os Comitês de Defesa Sandinista<sup>8</sup> (CDS) eram, em sua maioria, presididos por mulheres e, segundo Santamaría (2005), cerca de 30% da guerrilha era feminina.

2 SANTAMARÍA, Gema. *Alianza y autonomía: las estrategias políticas del movimiento de mujeres en Nicaragua*. 2005, p. 74.

*habitada* (1988) e *Sofía de los presságios* (1990)<sup>3</sup>. Além delas, usaremos suas memórias, publicadas em 2001, *El país bajo mi piel — memoria de amor y guerra*, a fim de pensar sua trajetória, e como se posiciona diante de sua atuação na Revolução, no movimento feminista e na literatura.

É necessário compreendermos de que forma o debate de gênero corrobora, ou não, com uma discussão mais ampla sobre o tema, que estava em voga não apenas no continente latino-americano, mas levando em consideração as suas particularidades. Por fim, é a partir das representações do feminino construídas pela autora, do papel atribuído às mulheres no processo revolucionário sandinista e como a escritora problematiza essa participação, que buscaremos conferir um aspecto crítico à sua produção. Dessa forma, nos inserimos numa perspectiva teórico-metodológica que propõe a revisão da historiografia produzida até então, que tem privilegiado a existência de um sujeito universal masculino, excluindo as mulheres das narrativas da História. Para isso, nos aportamos aos estudos de gênero e ao entendimento do seu uso como uma categoria de análise histórica, conforme proposto por Joan Scott<sup>4</sup>.

Quando nos deparamos com a historiografia acerca dos processos revolucionários latino-americanos, esbarramos com a ausência de mulheres inseridas nas narrativas produzidas, assim como de seu protagonismo. Contudo, essa questão não é exclusiva da produção acadêmica sobre este tema. A categoria analítica de gênero e a inclusão das mulheres na historiografia se deu como um processo tardio, uma vez que não eram consideradas como sujeitos na historiografia positivista. O comum era — e apesar dos avanços que vem sendo feitos, ainda é — a presença de um sujeito universal reconhecido como masculino, representado pela categoria homem, como afirmam Rachel Soihet e Joana Maria Pedro:

Acreditava-se que, ao falar dos homens, as mulheres estariam sendo, igualmente, contempladas, o que não correspondia à realidade. Mas, também, não eram todos os

---

3 Devido à dificuldade em encontrar as obras, e à impossibilidade de fazer a análise a partir das primeiras edições dos livros, trabalharemos com as seguintes edições em espanhol, respectivamente: 18ª edição de 2014, 14ª edição de 2014, 14ª edição de 2014, 8ª edição de 2014; edição de 1996; 5ª edição de 2011, e 1ª edição de 2010.

4 Joan Wallach Scott é uma pesquisadora estadunidense, professora na School of Social Science, Institute for Advanced Study Princeton, Nova Jersey. Autora do artigo *Gender: a useful category of historical analyses*, originalmente publicado na *American Historical Review*, em 1986, posteriormente integrando seu livro *Gender and the Politics of History*, de 1989. Foi traduzido para o português e publicado em 1995, na revista *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. Esse artigo é considerado precursor dos Estudos de Gênero.

homens que estavam representados nesse termo: via de regra, era o homem branco ocidental.<sup>5</sup>

A partir dos anos 1920 e do surgimento da história dos Annales, vemos uma ampliação nas possibilidades de fontes e uma possível inclusão do protagonismo das mulheres na narrativa histórica, trazendo um questionamento sobre o caráter de verdade absoluta da História e uma revalorização da história cultural e social. Com a nova abordagem historiográfica que emerge com a Terceira Geração dos Annales, no final do século XX, temos o que René Rémond<sup>6</sup> chamou de “renovação da história política”, reintroduzindo a dimensão política dos fatos coletivos, tendo sido incentivada, em grande medida, pelo contato da história com outras disciplinas como a ciência política e a antropologia. A partir desse momento, apreende-se que:

[...] se o político tem características próprias que tornam inoperante toda análise reducionista, ele também tem relações com os outros domínios: liga-se por mil vínculos, por toda espécie de laços, a todos os outros aspectos da vida coletiva. O político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social.<sup>7</sup>

Compreende-se, então, o político como lugar privilegiado de articulação do todo social, posteriormente às primeiras gerações da Escola dos Annales em que a história política passou a ser vista como síntese de todos os males, devendo ser evitada pelos historiadores. É a partir da década de 1980, e da Terceira Geração, que a história política vai considerar para além dos temas tradicionalmente vinculados ao político, como partidos, eleições, guerras e biografias, propondo uma nova perspectiva, mediante análise de novos objetos e documentos.

René Rémond vai rebater “antigas acusações de que a história política só se interessa pelas minorias privilegiadas e negligencia as massas, de que seu objeto são fatos efêmeros e superficiais inscritos na curta duração, incapazes de fazer perceber os movimentos profundos da sociedade.”<sup>8</sup> Ao abordar o tema, Marieta de Moraes Ferreira<sup>9</sup> ressalta que, com a ampliação das fronteiras do campo do político, surgem novos objetos de estudo. É nesse momento que fica em evidência a importância de inserir a perspectiva e a participação

5 SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, 2007, p. 284.

6 RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

7 Ibidem, p. 35.

8 FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 06–07.

9 FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha história”: o retorno da História Política. In: *Revista Estudos Históricos*, 1992.

feminina na história ao longo de diversos processos, emergindo, nesse cenário, a relevância das contribuições de Michelle Perrot e da História das Mulheres. Acompanhada de outras historiadoras<sup>10</sup>, Perrot foi precursora na inclusão das mulheres na história, como objeto de estudo e como personagens a serem consideradas: “os historiadores anteriores dos *Annales* haviam sido criticados pelas feministas por deixarem a mulher fora da história, ou mais exatamente, por terem perdido a oportunidade de incorporá-la à história de maneira mais integral”<sup>11</sup>.

A História das Mulheres proposta por Michele Perrot<sup>12</sup> compreende que escrever a história das mulheres está relacionado à visão de que elas são agentes históricos, que possuem uma historicidade, também manifestada nas relações de sexo-gênero. Essas questões só foram consideradas pela historiografia em fins do século XX, quando “se mostrará mais receptiva quanto à presença da dimensão sexuada no interior da evolução histórico-temporal”<sup>13</sup>. Nesse momento em que uma maior atenção foi dada à vida privada, as mulheres surgem como um campo a ser explorado, o que não significava, necessariamente, o seu entendimento enquanto protagonistas:

Tratava-se inicialmente de tornar visível o que estava escondido, de reencontrar traços e de se questionar sobre as razões do silêncio que envolvia as mulheres enquanto sujeitos da história. Isso conduziu a uma reflexão em torno da história enquanto produto da dominação masculina, a qual atuava em dois níveis: nível dos próprios acontecimentos e nível da elaboração deles empreendida pelo relato. [...] Mais adiante, nos questionamos sobre as mulheres enquanto agentes responsáveis pelos seus destinos individuais e coletivos, sobre suas capacidades de resistência e de transformação. Procuramos compreender o papel das mulheres nos movimentos sociais e nas revoluções. Fez-se a história do feminismo.<sup>14</sup>

Maria Izilda Matos vai vincular a emergência dos estudos sobre a mulher a essa redefinição do político, “frente ao deslocamento do campo do poder das instituições públicas e do Estado para a esfera do privado e do cotidiano.”<sup>15</sup> Metodologicamente ligada à história social e cultural, a História das Mulheres preocupava-se mais com as representações e, estando “consciente da importância dos símbolos, refletindo intensamente acerca de algumas

---

10 Christiane Klapisch, Arlette Farge, Mona Ozouf.

11 BURKE, Peter. A Terceira Geração. In: *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991, p. 56.

12 PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. In: *Revista Cadernos de Pagu*. 1995, p. 09–28.

13 Ibidem, p. 15.

14 Ibidem, p. 20–21.

15 MATOS, Maria Izilda. História das mulheres e gênero: usos e perspectivas. In: PUGA, et.al. *Olhares feministas*. Brasília: Ministério da Educação: Unesco, Coleção Educação Para Todos, v. 10, 2009, p. 279.

noções, tais como ‘cultura’ e ‘poder’ das mulheres”<sup>16</sup>. Dessa forma, não buscava romper epistemologicamente com a historiografia tradicional, mas sim promover uma maior integração das mulheres à essa narrativa já consolidada, abrindo mão de uma ruptura radical, posteriormente abordada pelos estudos de gênero. Louise A. Tilly<sup>17</sup> critica a História das Mulheres produzida de forma descritiva, considerando a experiência das mulheres como um fato histórico a ser descoberto, destacando que tanto a história e a sociedade são fruto de ações individuais, quanto a ação individual é moldada pela história e pela sociedade. Contudo, ressalta que a História das Mulheres teria contribuído “amplamente para a revisão dessas abordagens ao utilizar fontes, tais como documentos pessoais ou arquivos públicos, que revelam tanto as existências individuais quanto as coletivas.”<sup>18</sup>.

A importância da emergência da História das Mulheres também se destaca por desafiar a autoridade dominante na Academia, adotando uma narrativa política ao emergir junto com o movimento feminista e com a campanha por melhorias profissionais e expansão dos limites da história. Ao reivindicarem a inclusão das mulheres como sujeitos da história, vão na contramão da historiografia e de seus agentes estabelecidos como “verdadeiros”, enfrentando os padrões hegemônicos e corroborando para a formação de um discurso de identidade coletiva.

Com a ascensão dos estudos de gênero, em fins da década de 1980, tem-se a fragmentação da ideia universal de mulher, ampliando a percepção da História das Mulheres e buscando cuidar dos “relacionamentos macho/fêmea e de questões sobre como o gênero é percebido, que processos são esses que estabelecem as instituições geradas, e das diferenças que a raça, a classe, a etnia e a sexualidade produziram na experiência histórica das mulheres.”<sup>19</sup>. Para Tilly, o aspecto relacional do gênero e a ideia reafirmada por Matos de que o social é historicamente construído, o reforça como uma categoria conceitual que exprime “um engajamento político no sentido de promover a igualdade dos gêneros e o acesso das mulheres tanto à autonomia individual quanto ao poder político e econômico”<sup>20</sup>.

---

16 PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. In: *Revista Cadernos de Pagu*. 1995, p. 21.

17 TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. In: *Revista Cadernos de Pagu*. 1994, p. 29–62.

18 *Ibidem*, p. 48.

19 SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Edusp, 1992, p. 88.

20 TILLY, op. cit., p. 44.

A emergência dos Estudos de Gênero proposto por Joan Scott em seu artigo “Gênero: uma categoria útil para análise histórica” (1986)<sup>21</sup> se deu no desenrolar desse debate acerca de uma ciência feminista, de novos sujeitos e novos campos de análise. Scott propõe uma forma de abordagem histórica, que parte do entendimento de que as categorias de sexo e gênero são relacionais e, com isso, inscrever as mulheres na história “implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas.”<sup>22</sup>. A partir dessas noções, ela desenvolve o gênero como uma categoria de análise, a partir da qual

[...] é evidente que escolhemos problemas concretos para estudar e esses problemas constituem começos ou tomadas sobre processos complexos, mas são processos que temos que ter sempre presentes em mente. [...] Para fazer surgir o sentido temos que tratar o sujeito individual tanto quanto da organização social e articular a natureza das suas interrelações, pois ambos têm uma importância crucial para compreender como funciona o gênero e como se dá a mudança.<sup>23</sup>

Para isso, a autora compreende o gênero não apenas como um conjunto de relações sociais, de estereótipos construídos socialmente e que se baseiam nas diferenças de sexo, mas também como uma forma primeira de significar as relações de poder. Ao construir relações sociais, símbolos culturais, representações, conceitos normativos e ao adotar uma concepção binária entre o masculino e o feminino, “a história é construída como se essas posições normativas fossem o produto de um consenso social e não de um conflito.”<sup>24</sup>. Essa nova forma de se escrever a história questiona, justamente, essa representação binária dos gêneros, que se constitui nas estruturas hierárquicas da sociedade, concebida como uma forma de dominação e de controle sobre as mulheres. Ao questionar esse poder estabelecido a partir do gênero,

[...] os historiadores procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e como o gênero constrói a política.<sup>25</sup>

---

21 SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

22 Ibidem, p. 04.

23 Ibidem, p.20.

24 Ibidem, p. 21.

25 Ibidem, p. 23.

A epistemologia feminista, que será defendida por Margareth Rago em seu artigo *Epistemologia feminista, gênero e história* (1998)<sup>26</sup>, propõe a produção do conhecimento a partir da crítica da busca pela “verdade” e da abordagem e perspectiva centrada no masculino como totalizante. Assim, visa construir novas formas de conhecimento científico, considerando a experiência histórica e cultural das mulheres como diferente da masculina, “que se expressa na busca de uma nova linguagem, ou na produção de um contradiscurso.”<sup>27</sup>. A crítica feminista denuncia o caráter particularista, racista, sexista e ideológico que opera no conhecimento científico Ocidental, incapaz de refletir a partir das diferenças.

No sentido proposto, para pensarmos as questões de gênero na América Latina devemos partir da multiplicidade das mulheres latino-americanas, que não devem ser compreendidas a partir de uma visão eurocêntrica e/ou norte-americana, por não darem conta da complexidade e da diversidade dessas mulheres e de suas realidades — uma vez dissimiles, não podem ser vistas a partir de uma perspectiva totalizante. Precisamos ter, como centrais, as relações de classe, raça, etnia e sexualidade, a partir da realidade latino-americana. Para Breno Cypriano:

[...] deve-se resgatar a inspiração de Gloria Anzaldúa para o feminismo do Sul, o feminismo latinoamericano, na sua condição de dubiedade, de suas inconseqüências, buscas, desconstruções e questionamentos ao *mainstream* do Norte global, ao *malestream* da teoria vigente, americanismo, branqueamento, ocidentalismo e imperialismo dos feminismos norte-americano e europeu, que revolucionou na década de 80 os estudos feministas e de gênero, tanto na literatura, como na concepção estruturalista/fronteiriça (na geografia territorial e a dos corpos).<sup>28</sup>

No ano de 1980, vemos a emergência de um *Discurso Crítico Feminista*<sup>29</sup> na América Latina, que, sem ignorar a Crítica Literária Feminista produzida na França, Inglaterra e EUA, estará centrada nos aspectos sociais diferenciadores de onde se fala, sendo a “fórmula prévia para permitir às escritoras latino-americanas a potencialidade de criação autêntica de suas próprias vozes, assim definindo a sua identidade cultural.”<sup>30</sup>. Apesar de não nos propormos a fazer um trabalho de crítica literária, é importante nos atermos a algumas considerações,

26 RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Pedro, Joana; GROSSI, Miriam (Orgs.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p. 01-17.

27 Ibidem, p. 03.

28 CYPRIANO, Breno. Construções do pensamento feminista latino-americano. In: *Revista Estudos Feminista*. Florianópolis, v. 21, n. 1, jan./abr., 2013, p. 14.

29 NAVARRO, Márcia Hoppe. O Discurso Crítico Feminista na América Hispânica. In: CARVALHAL, Tania Franco (Org.). *O Discurso Crítico na América Latina*. Porto Alegre: IEL: Ed. Da Unisinos, 1996, p. 61–70.

30 Ibidem, p. 62.

ressaltando as diferenças estabelecidas entre uma escrita “feminina” e “feminista”, sendo que a segunda forma de narrativa propõe novas formas de engajamento entre a autora e sua obra, “para que venham denunciar, sob variadas formas literárias, as injustas estruturas sociais existentes”, como afirma Márcia H. Navarro<sup>31</sup>.

Sara Castro-Klarén<sup>32</sup> afirma que a escrita das mulheres da América Latina é historicamente marcada pela hierarquia social e pela marginalidade social, estando exposta a uma série de opressões que extrapolam a questão de gênero. A autora ressalta, ainda, que a busca por um discurso crítico feminista latino-americano “tem de fundar-se na premissa de que a luta das mulheres do continente está *codificada em uma dupla negatividade, porque é mulher e porque é mestiça*”<sup>33</sup>, dando peso na importância do estudo da literatura para a reescrita da própria história. A partir da perspectiva da importância da literatura produzida por mulheres, consideramos Belli como uma relevante intelectual nicaraguense.

Para Jean-François Sirinelli<sup>34</sup>, os intelectuais devem ocupar um lugar específico na historiografia, enquanto sujeitos políticos, sendo objeto da História dos Intelectuais, que emerge com o renascimento da História Política. Segundo o autor, essa perspectiva de análise só foi possível quando os intelectuais desceram de seu pedestal, sem perder de vista que o intelectual, principalmente o chamado “intelectual de esquerda”, adota uma função crítica e, devido a isso, o historiador deve ter o cuidado de localizá-lo dentro de uma paisagem ideológica. Para isso, o define a partir de duas concepções:

[...] uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. [...] o debate entre as duas definições é em grande medida um falso problema, e o historiador do político deve partir da definição ampla, sob a condição de, em determinados momentos, fechar a lente, no sentido fotográfico do termo.<sup>35</sup>

Nesse sentido, Hector Feliciano e Aramando Chaguaceda<sup>36</sup> consideram Gioconda Belli como uma intelectual, importante “voz autorizada” da Revolução e, posteriormente quando rompe com a Frente,

---

31 NAVARRO, op. cit., p. 62.

32 Ibidem, p. 66.

33 Ibidem, p. 66.

34 SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*: Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996, p. 231–270.

35 Ibidem, p. 242–243.

36 CHAGUACEDA, Armando; FELICIANO, Héctor Cruz. “Los intelectuales públicos y el Frente Sandinista en Nicaragua: presencia, desencuentros y actualidad (1990-2012)” In: *Cahiers des Amériques latines*, n. 74, 2013, p. 139-159.

[...] tras la ruptura, en la intelectualidad sandinista — tanto disidente como la que continúa vinculada al Frente — nadie supera la visibilidad de Cardenal, Belli o Ramírez quienes constituyen aún, para la opinión pública y circuitos intelectuales internacionales, la vanguardia del intelectualismo nicaragüense. Su resonancia internacional ha servido para proyectar a otros sandinistas disidentes.<sup>37</sup>

A própria autora se define como intelectual, afirmando que escrever é um “ato de rebeldia”, o que reforça que seu momento de escrita, principalmente literária, se dá num processo de indignação frente às injustiças da ditadura Somoza e à descoberta de sua sexualidade e feminilidade — questões presentes em sua obra.

Na América Latina, a literatura tem seu lugar reconhecido, principalmente, a partir do *boom*, na década de 1960, momento em que se consolida uma estética literária própria da região, de maturidade e independência da literatura produzida. Assim, a literatura nicaraguense teria se nutrido dos processos sociais, vinculando-se profundamente a eles. Nesse contexto, Belli não faz uma separação clara entre literatura e política, reforçando a produção de poesia e prosa social comprometida, e atenta para a existência de uma literatura da Revolução. Dessa forma, consideramos que a autora se insere no meio intelectual por utilizar de sua escrita para atuar na esfera pública<sup>38</sup>, combatendo o poder institucionalizado da ditadura somozista, e por questionar o estereótipo de feminino outorgado às mulheres. Assim, destacamos a importância de considerá-la uma intelectual, no feminino, a fim de ressaltar a importância da questão de gênero para esse debate.

A partir do uso da literatura como fonte, conseguimos refletir acerca das questões de gênero, de intelectuais e da Revolução, compreendendo que a busca pela inserção de novos sujeitos na historiografia produzida caminha junto à ampliação das fontes utilizadas, como é o caso da presente pesquisa, na qual optamos pelo uso da literatura. Principalmente quando

---

37 Ibidem, p. 143.

38 Compactuamos com a visão habermasiana de esfera pública, aqui sistematizada por Jorge Adriano Lubenow (2010, s/p) que afirma que: “A esfera pública é uma ‘estrutura intermediária’ que faz a mediação entre o Estado e o sistema político e os setores privados do mundo da vida. Uma ‘estrutura comunicativa’, um centro potencial de comunicação pública, que revela um raciocínio de natureza pública, de formação da opinião e da vontade política, enraizada no mundo da vida através da sociedade civil. A esfera pública tem a ver com o ‘espaço social’ do qual pode emergir uma formação discursiva da opinião e da vontade política. No seu bojo colidem os conflitos em torno do controle dos fluxos comunicativos que percorrem o limiar entre o mundo da vida e a sociedade civil e o sistema político e administrativo. A esfera pública constitui uma ‘caixa de ressonância’, dotada de um sistema de sensores sensíveis ao âmbito de toda sociedade, e tem a função de filtrar e sintetizar temas, argumentos e contribuições, e transportá-los para o nível dos processos institucionalizados de resolução e decisão, de introduzir no sistema político os conflitos existentes na sociedade civil, a fim de exercer influência e direcionar os processos de regulação e circulação do poder do sistema político, através de uma abertura estrutural, sensível e porosa, ancorada no mundo da vida.”

recuperamos Margareth Rago e sua proposta de um novo discurso científico, — uma nova linguagem que considera as mulheres como protagonistas —, evidenciando as relações de poder na produção de conhecimento, desconstruindo identidades, sínteses e unidades ditas naturalizadas e totalizantes.

Para esse processo, consideramos relevantes os discursos produzidos por diferentes intelectuais mulheres, acerca de assuntos de seu tempo e das questões relacionadas à feminilidade, ao feminino e ao debate feminista. Acreditamos que a literatura, os jornais e as revistas, bem como as demais expressões artísticas, foram um meio que essas mulheres encontraram para pensarem seu lugar na sociedade, no qual acharam espaço para discutir questões relativas à política, cultura e economia, já que os espaços ditos “oficiais” lhes eram, na grande maioria das vezes, negado.

Para Beatriz Helena Domingues<sup>39</sup>, Hyden White nos coloca que “não deveria haver embaraço entre a historiografia, a narrativa, a literatura e o mito, uma vez que tratam-se de sistemas de produção de significados destilados da experiência de um povo, de um grupo, de uma cultura.”<sup>40</sup>. A partir disso, a autora pensará de que forma a literatura nos pode ser útil como fonte para discutir os processos históricos, refletindo sobre os possíveis diálogos entre a história e a literatura, considerando “literatura como a expressão mais geral e segura do sentimento de um povo.”<sup>41</sup>.

Nesse sentido, as ideias de Sandra Jatahy Pesavento<sup>42</sup> corroboram com essa visão, entendendo a produção literária como a que cria legitimidade e identidade, e compreendendo o imaginário como um “sistema produtor de ideias e imagens que suporta, na sua feitura, as duas formas de apreensão do mundo: a racional e conceitual, que forma o conhecimento científico, e a das sensibilidades e emoções, que correspondem ao conhecimento sensível”. Dessa forma, a história e a literatura se colocariam como narrativas explicativas do real,

---

39 DOMINGUES, Beatriz Helena. História e literatura: um diálogo em andamento. [Editorial] *Revista de História de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Editora UFJF. Programa de Pós-Graduação em História/Departamento de História, v. 17, 2011, p. 07.

40 Hyden White publicou o artigo: *O texto histórico como artefato literário*, em que o autor aproxima, como diz o título, o texto historiográfico do artefato literário. Para ele, a chamada “operação historiográfica” trata-se de uma “operação literária”, mas, reitera que “chamá-la assim não deprecia de forma alguma o *status* das narrativas históricas como fornecedoras de um tipo de conhecimento.”

41 *Ibidem*, p. 11.

42 PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, n. 6, abr. 2006, n.p.

confirmando ou negando essa referência, constituindo-se como “narrativas, [como] representações que se referem à vida e que a explicam.”<sup>43</sup>.

Com isso, historiadores transformam a literatura em fonte e, nesse “jogo transdisciplinar e interdiscursivo das formas de conhecimento sobre o mundo, onde a história pergunta, e a literatura responde.”<sup>44</sup>. O texto literário traz, consigo, significados e leituras inscritas no tempo e no espaço, expressando-se muitas vezes de forma metafórica, dando acesso a um local privilegiado do imaginário, de um certo “conhecimento de mundo” — inegável testemunho —, que deverá ser compreendido pelo historiador a partir do lugar em que foi produzido. Assim, como afirma Letícia Malard, a História e a Literatura se contaminam, estando uma a serviço da outra: a “História se ficcionaliza e a Ficção se ‘historiciza’. É o jogo da contaminação que se torna importante detectar.”<sup>45</sup>.

Ao pensarmos as aproximações e os distanciamentos da história e da literatura, concordamos com Luiz Costa Lima<sup>46</sup> e sua percepção de que os discursos se acercam, mas se mantêm distintos, “porque os tratamentos historiográfico e ficcional não são meras disciplinas distintas de um mesmo tipo de saber. Cada uma delas retira a história crua da pura empiricidade para elaborá-la segundo modos bem diversos, em que o próprio de um é o impróprio do outro.”<sup>47</sup>. Distinguem-se, também, por adotarem formas diferentes de narrativas, de forma que a compreensão do texto historiográfico resulta de suas premissas. Para Costa Lima,

A verdade da história sempre mantém um lado escuro, não indagado. A ficção, suspendendo a indagação da verdade, se isenta de mentir. Mas não suspende sua indagação da verdade. Mas a verdade agora não se pode entender como ‘concordância’. A ficção procura a verdade de modo oblíquo, i.e, sem respeitar o que, para o historiador, se distingue como claro ou escuro. Procurar captá-la por um instrumental historiográfico pode ser um meio de auxiliar explicá-la. Mas tão só. Pretender que uma dispense uma outra é supor que alguma experiência antropológica fundamental seja capaz de dobrar seu papel.<sup>48</sup>

---

43 Ibidem, n.p.

44 Ibidem, n.p.

45 MALARD, Letícia. Ficção e História na narrativa contemporânea. In: *Literatura e dissidência política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 90.

46 LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

47 Ibidem, p. 117.

48 Ibidem, p. 156.

Em se tratando da relação entre o texto ficcional e a realidade, temos uma referência em Iser<sup>49</sup>. Segundo ele, o texto ficcional não estaria isento de realidade, estabelecendo uma relação tríplice entre o ficcional, o real e o imaginário, sendo que “no ato de fingir, o imaginário ganha uma determinação que não lhe é própria e adquire, deste modo, um predicado de realidade; pois a determinação é uma definição mínima do real.”<sup>50</sup>. Contudo, no texto ficcional, a realidade estaria colocada entre parênteses, de forma que o mundo representado não fosse igual ao mundo do contexto: “um certo mundo, que é forçosamente particularizado, possibilita um paradigma para o geral e este, pelo caráter particularizado do mundo representado, se transforma em uma experiência determinada.”<sup>51</sup>. Dessa forma, a partir dos atos de fingir, o “ficcional literário incorpora, ainda que de maneira velada ou esotérica, parcelas da realidade.”<sup>52</sup>.

Entendemos que a literatura e a ficção, como suporte de se pensar a conformação de imaginários sobre determinado tema, nos possibilita o acesso a uma compreensão multifacetada das características principais. Com isso, as “elaborações literárias” dão acesso a novos olhares para a análise de um determinado período histórico. É a partir daí que Fernando Perlatto vai pensar as narrativas ficcionais como possibilidade de “lançar, via imaginação, novos olhares, perspectivas e interpretações sobre terrenos e territórios, sobretudo subjetivos, de uma forma como a produção acadêmica *stricto sensu* e até mesmo a memorialística não tem condições de fazer”<sup>53</sup>. Na América Latina, a literatura desempenha um importante papel nesse sentido. Segundo Ángel Rama,

A opção pela América Latina, preferencialmente, não se fará por razões exclusivamente estéticas — que não existem e nunca existiram —, mas por razões morais, sociais, metafísicas, pelo entendimento de nós mesmos, onde estamos, e pelo que necessitamos de imediato, de nutritivo, de revigorante. Não escolhemos a literatura latino-americana por ser superior ou mais qualificada, mas *simplesmente porque nela estamos, nela somos.*<sup>54</sup>

---

49 ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: COSTA LIMA, Luiz. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed.. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002. v. 2, p. 384–416.

50 Os atos de fingir estabelecem no texto ficcional uma relação dialética entre o imaginário e o real através de três etapas principais: a seleção, a combinação e o desnudamento de sua ficcionalidade; essas etapas são constituídas pela transgressão de limites do texto ficcional. (ISER, 1983).

51 ISER, op. cit., p. 405.

52 LIMA, op. cit., p. 282.

53 PERLATTO, Fernando. História, literatura e a ditadura brasileira: historiografia e ficções no contexto do cinquentenário do golpe de 1964”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, set./dez. 2017, p. 727.

54 ROCCA, Pablo (Org.). *Literatura, cultura e sociedade na América Latina*: Ángel Rama. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 66. Grifo nosso.

Para Cecil Zinani<sup>55</sup>, as rupturas e as transformações têm reflexos na produção literária, de forma que a “problemática regional emerge em um fazer literário que discute uma visão de mundo social nos mais variados aspectos, entre os quais a questão do gênero revela-se bastante significativa.”. A partir da década de 1960, com a ampliação do impacto do movimento feminista e dos estudos de gênero, começa-se a compreender a experiência singular da mulher enquanto leitora e escritora. Isso reflete na forma como as autoras constroem seus sujeitos e suas narrativas literárias e na maneira como se constituem enquanto sujeito nas obras de ficção que escrevem, deixando de ser apenas objeto do foco narrativo “na medida em que refletem a condição feminina ou se debruçam sobre um acervo cultural silenciado.”<sup>56</sup>. Seguindo na perspectiva de perceber essa literatura como fonte histórica e de repensar a historiografia, Zinani afirma que

[...] no romance latino-americano preocupado com a história, a busca de uma utopia, de um mundo melhor, busca essa que reflete os sonhos do escritor, ao mesmo tempo em que se converte em porta-voz dos anseios da comunidade. Grande parte da literatura de autoria feminina, produzida na América Latina, estabelece relações significativas com a história, na medida em que questiona a própria escritura da história, vista como produto de uma cultura hegemônica e androcêntrica. Não se trata de incluir o elemento feminino na história já escrita, mas de repensar essa história a partir da perspectiva da mulher.<sup>57</sup>

É dessa forma que a literatura nos possibilita acesso a uma história e aos sujeitos, até então, silenciados — sujeitos estes, que, ao se apropriarem da narrativa, questionam estereótipos e instituem um espaço de resistência. Por isso, devem ser compreendidos a partir de seu lugar:

O estudo da literatura escrita por mulheres, produzida na América Latina na qual está inscrita a regionalidade, é uma maneira relevante de repensar a história do continente, no momento em que “a ficção imaginária ilumina a realidade insatisfatória que lhe deu origem”. (CHAVES, 1988, p. 9). Isso, sem dúvida, possibilita a valorização de novas modalidades interpretativas, revisando o papel da mulher tanto na história quanto na literatura.<sup>58</sup>

---

55 ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Literatura e história na América Latina: representações de gênero. In: *Revista Métis: história & cultura*, v. 5, n. 9, jan./jun., 2006, p. 254.

56 Ibidem, p. 257.

57 Ibidem, p. 258.

58 Ibidem, p. 268.

Nesse sentido, Maria Isabel Larrea<sup>59</sup> reforça que, muitas vezes, a literatura tem sua função relacionada às transformações socioculturais e responde aos anseios que a sociedade às vezes lhe impõe. Dessa maneira, a literatura pode, inclusive, propor a releitura da historiografia oficial e construir um novo imaginário simbólico, buscando a compreensão do passado por meio do discurso literário. Assim, literatura e história — como significadoras do passado para a cultura latino-americana — podem ser responsáveis pela construção de uma memória coletiva e de uma identidade:

En síntesis, historia y ficción son en la literatura hispanoamericana dos grandes matrices culturales desde donde los lectores podemos asistir a la reconstrucción del continente, comprender la diversidad de las representaciones simbólicas que hasta el día de hoy son las huellas de nuestros pasos perdidos.<sup>60</sup>

Assim, como enfatiza Maria Isabel Larea, é preciso historicizar tanto o momento em que a obra foi produzida quanto quais perguntas buscamos responder a partir do nosso lugar de pesquisa, nos localizando histórica, social e politicamente. Desse modo, nenhum documento deve ser desligado da realidade em que foi escrito e da intencionalidade de sua escrita. Como afirma Valdeci Borges, ao compreender a literatura como testemunho histórico:

[...] é fruto de um processo social e apresenta propriedades específicas que precisam ser interrogadas e analisadas, como qualquer outro documento. Resta ao historiador descobrir, ponderar e detalhar sobre as condições de sua produção, as intenções do autor, a forma como ele realiza sua representação e a relação que esta estabelece com o real, as interpretações ou leituras que suscita sua intervenção como autor, as características específicas da obra e do escritor, da escola em que este concebe seu texto e em que estilo, inserindo-os num processo histórico determinado, em um tempo e lugar.<sup>61</sup>

Feita toda essa reflexão acerca do uso da literatura como fonte, as obras que pretendemos analisar possuem duas especificidades, que devem ser consideradas: o uso da poesia como fonte, e o debate acerca da autobiografia e memória. A forma como lidamos com a fonte poética é a defendida por Octavio Paz em *O arco e a lira*<sup>62</sup>, que entende a poesia como a expressão daquilo que foi vivido, para quem “quase sempre a leitura se apresenta como a

---

59 LARREA, Maria Isabel O. Historia y literatura en la narrativa hispano-americana. *Documentos Lingüísticos y Literarios*. 2003.

60 Ibidem, s/p.

61 BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. In: *Revista de Teoria da História*, ano 1, n. 3, jun./2010, Universidade Federal de Goiás, p. 104.

62 PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

revelação de algo alheio à poesia propriamente dita.”<sup>63</sup>. Analisaremos a poesia, então, a partir de uma perspectiva histórica, de ficcionalização do real, entendida como comprometida com questões sociais e políticas que estavam colocadas no momento da escrita. Para Adriane Costa, “o poema não explica e nem representa a realidade, ele a recria” a partir de seu lugar específico<sup>64</sup>. Dito isso, não nos é importante, aqui, analisar as produções literárias a partir da estética, métrica ou rima. A poesia belliana, assim como a nerudiana, “possui laços estreitos com a história, onde a poesia entra para o histórico e o histórico para a poesia.”<sup>65</sup>.

Para Octavio Paz, o poema faz uso da história e, mesmo que ele não consiga esgotar o sentido da história, é alimentado por ela:

As palavras dos poetas, justamente por serem palavras, são suas e alheias. Por um lado são históricas: pertencem a um povo e a um momento da fala desse povo: são algo datável. Por outro lado, são anteriores a toda data: são um começo absoluto. [...] O poema é um tecido de palavras perfeitamente datáveis a um ato anterior a todas as datas: o ato original com que principia toda história social ou individual; expressão de uma sociedade e simultaneamente fundamento dessa sociedade, condição de sua existência. Sem palavra comum não há poema; sem palavra poética tampouco há sociedade.<sup>66</sup>

É a partir dessa concepção que compreendemos a poesia, também, como importante fonte para análise da História, dando sentido para uma experiência histórica e pessoal. Para isso, nos balizamos a partir da metodologia já trabalhada da relação da história com a literatura. Entendendo que, como “toda criação humana, o poema é um produto histórico, filho de um tempo e de um lugar; mas também é algo que transcende o histórico e se situa num tempo anterior a toda história, no princípio do princípio.”<sup>67</sup>.

Já a análise de memória e autobiografia também demandam questões específicas. Para Adriane Costa, há uma diferença entre memória e história que acreditamos ser um pressuposto importante para pensar a primeira como fonte da segunda:

A memória se atualiza no presente, no “eterno presente”, é espontânea e afetiva, como também múltipla e vulnerável. Ao passo que a história é o seu contrário: uma reconstrução intelectual que demanda análise, explicação e uma representação sistematizada e crítica do passado.<sup>68</sup>

---

63 Ibidem, p. 28.

64 COSTA, Adriane Vidal. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007, p. 14.

65 Ibidem, p. 15.

66 PAZ, op. cit., p. 226.

67 Ibidem, p. 228.

68 COSTA, op. cit., p.15.

Assim, ambas não se misturam, apesar de estabelecerem um diálogo com o passado. Para Costa, a autobiografia e a memória são uma busca incessante pelo eu, que relatam a experiência de vida a fim de compreender o “eu presente”. Dessa forma, “nos oferece não só uma visão de sua vida, como também de sua circunstância histórica e de seu entorno.”<sup>69</sup>.

No título de seu livro, *El país bajo mi piel – Memórias de amor y guerra*, Belli já insere seu trabalho no conceito de memória. Nesse sentido, Valeria Fernández nos aponta o que considera ser a diferença entre memória e autobiografia:

[...] para la autobiografía el pasado es importante solo en la medida que ayuda a comprender lo que ha llegado a ser el protagonista. En cambio, para las memorias es más importante la historia, los acontecimientos, es decir, el pasado “no solo por haber modificado al yo actual sino también por el hecho de ser pasado en sí mismo” y porque al ser enfocado desde otra época ayudan a comprender el presente.<sup>70</sup>

Com isso, ao optar pelas memórias, Belli se propõe a selecionar e ressignificar o passado, “recupera solo fragmentos a los que le da cohesión y unidad a través de la escritura. [...] Lo íntimo se mezcla con el acontecimiento externo, con lo histórico para apropiarse de un pasado e reconstruir los hechos que han dado sentido al presente.”<sup>71</sup>. Segundo Fernández, Belli também teria assumido um compromisso social com a escrita de suas memórias, enquanto testemunho.<sup>72</sup> As memórias teriam, então, traços autobiográficos e memorialísticos: “La memoria como tal da paso a lo autobiográfico para reconstruir su vida y dar sentido al presente.”<sup>73</sup>. Além disso, “lo autobiográfico explora los límites de su propia subjetividad para mostrar la visión de un sujeto femenino transgresor y rebelde que logra superar las dicotomías en que han estado atrapadas las mujeres y asumir un rol activo a través de la lucha y la escritura.”<sup>74</sup>.

---

69 Ibidem, p. 18.

70 FERNÁNDEZ, Valeria Lafita. *Latinoamérica con voz de mujer: Un análisis de la identidad latinoamericana y femenina en cuatro novelas de Gioconda Belli*. Tese (Doutorado) em Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 2015, p. 121

71 Ibidem.

72 A literatura de testemunho pode ser considerada um gênero específico. Para aprofundar no tema, sugerimos a seguinte bibliografia: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003; EPPLE, Juan Armando. “Acercamiento a la literatura testimonial en Chile”. In: *Revista Iberoamericana: Pittsburgh*, v. 60, n. 168-169, 1994, p. 1143-1159; STEJILEVICH, Nora. *El arte de no olvidar. Literatura testimonial en Chile, Argentina y Uruguay entre los 80 y los 90*. Buenos Aires: Catálogos, 2006.

73 FERNÁNDEZ, op. cit., p. 122.

74 Ibidem, p. 139.

Em *A aventura de contar-se*<sup>75</sup>, Margareth Rago recupera o conceito de Foucault de “escrita de si”<sup>76</sup> para, a partir dele, pensar as autobiografias escritas por mulheres, dando voz a perspectivas e saberes ignorados pela história. Assim, a “escrita de si” seria uma necessidade de ressignificação do passado, não só pessoal, mas também coletiva. Dessa forma, essa escrita contesta verdades previamente estabelecidas e questiona o controle biopolítico dos corpos: “escrever-se é, portanto, um modo de transformar o vivido em experiência, marcando sua própria temporalidade e afirmando sua diferença na atualidade.”<sup>77</sup> Podemos dizer, então, que há uma continuidade entre o indivíduo e o contexto em que está inserido. A partir dessas perspectivas, Rago vai diferenciar a produção da autobiografia feita por mulheres feministas:

[...] focalizo as narrativas de si que essas mulheres constroem em depoimentos, em livros autobiográficos, ou em outros textos em que inscrevem e elaboram a própria subjetividade. A noção de “escrita de si” é fundamental, nesse contexto, para diferenciar os discursos autobiográficos dessas militantes das autobiografias confessionais tradicionais, em que o indivíduo parte para uma busca introspectiva de si, pela escrita, tendo em vista reencontrar sua verdade essencial supostamente alojada no fundo da alma, na própria interioridade (Foucault, 2004a, p. 157). Aqui, ao contrário, trata-se de assumir o controle da própria vida, tornar-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da subjetividade possibilitado pela “escrita de si”.<sup>78</sup>

É, então, com base nesses aportes teórico-metodológicos — focados no gênero como uma categoria de análise histórica e da literatura como fonte - seja prosa, verso, autobiografia ou memórias<sup>79</sup> —, que lançamos nosso olhar sobre a produção belliana.

Uma vez colocadas essas questões, é importante termos em mente, minimamente, elementos biográficos da vida de Belli, a fim de compreendermos como ela se tornou militante e intelectual. Gioconda Belli nasceu em Manágua, capital da Nicarágua, em 1948.

75 RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

76 “[...] a ‘escrita de si’ dos antigos gregos ganha destaque como uma das atividades constitutivas das ‘artes da existência’, isto é, como uma das tecnologias pelas quais o indivíduo se elabora nos marcos de uma atividade que é essencialmente ética, experimentada como prática da liberdade, e não como sujeição às práticas disciplinares (Foucault, 2004<sup>a</sup>). A ‘escrita de si’ é entendida como um cuidado de si e também como abertura para o outro, como trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional, tendo em vista reconstruir uma ética do eu. Portanto, mostra ele, a ‘escrita de si’ dos antigos opõe-se à confissão, modo discursivo-coercitivo da relação com a verdade que se difunde desde o cristianismo e que se acentua na Modernidade.” (RAGO, 2013, p. 50)

77 RAGO, op. cit., p. 56.

78 Ibidem, p. 52.

79 Para aprofundar no debate acerca da autobiografia e da memória, sugerimos os seguintes autores: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014; MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora USP; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992; SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

Vinda de família de classe média alta, da aristocracia nicaraguense, tem origens de imigrantes italianos (por parte de mãe) e da tradicional família Chamorro<sup>80</sup> (por parte de pai). No seu percurso educacional, formou-se no ensino básico em um colégio de monjas na Espanha e, posteriormente, estudou “Publicidad y Periodismo” na Filadélfia, nos EUA. A própria Belli reconhece, em suas memórias<sup>81</sup>, que sua criação foi cheia de privilégios.

Aqui, devemos localizar a autora de acordo com sua posição na sociedade nicaraguense. Devido às suas origens sociais, lhe foi possível estudar e ter uma formação no exterior, garantindo autonomia financeira, assim como condições de contar com a ajuda de outras mulheres nos cuidados da casa e de suas filhas. Isso a coloca a partir de uma perspectiva que possibilita sua atuação no âmbito público e privado em condição diferenciada, principalmente se considerarmos a realidade da maioria das mulheres trabalhadoras de seu país.

A compreensão das mulheres percebidas a partir da diferença, enquanto uma multiplicidade que não pode ser abarcada em sua totalidade pelo conceito “mulheres”, é uma discussão tardia, que se torna central no final do século XX, em início da década de 1980. Ela surge a partir das críticas apontadas pelas mulheres negras e das reivindicações do que elas consideravam ser um “feminismo branco”. O feminismo interseccional manifesta-se nesse período, a fim de compreender a diversidade das mulheres: negras, lésbicas, indígenas, pobres, ricas, etc.

Como Belli começa sua trajetória enquanto escritora e militante, no mínimo, uma década antes desse debate ser colocado em pauta — na época, essas ideias circulavam principalmente nos EUA e na Europa —, essa não é uma questão marcante na literatura e no feminismo que reivindica, no que se refere às obras produzidas dentro do recorte proposto para este trabalho. Outras questões estavam colocadas para a autora, relacionadas ao contexto de luta revolucionária em que estava inserida. Esse debate em torno da teoria feminista — na qual Belli se localiza — será feito de maneira mais aprofundada no terceiro capítulo desta dissertação.

Ao se casar ainda jovem — com apenas dezoito anos — e num evento tradicional, Belli não deixa de reforçar seu incômodo referente à sensação de ridículo, e ao fato de sentir-se como um presente: “había algo humillante en toda aquella ceremonia donde,

---

80 A família Chamorro é uma tradicional família nicaraguense, de origem espanhola, com forte tradição na política, sendo que vários membros foram presidentes da Nicarágua.

81 BELLI, Gioconda. *El país bajo mi piel*: Memoria de amor y guerra. Santiago: Seix Barral, 2010.

simbolicamente, mis padres me entregarían a un hombre.”<sup>82</sup>. A experiência entra em conflito com suas expectativas, uma vez que a decisão de casar-se foi baseada numa busca por liberdade; como a maneira que encontrou para sair da alçada dos pais e, com pressa, buscar construir a vida a partir de seus próprios parâmetros. Mas o que ela não esperava era encontrar-se presa num ambiente doméstico e de classe em que não se acomodava: “aburría la domesticidad”<sup>83</sup> e o ar do meio social que frequentava.

Havia, ainda, as dificuldades de convivência com seu marido, caracterizado por ela como melancólico, pessimista, passivo e fechado em nostalgias, sem desejo pela vida e por viver aventuras: “No le interesaba salir conmigo, ni con amigos, ni siquiera ir al cine. Saber que yo estaba cerca era suficiente para él. Ni siquiera necesitábamos hablar, me decía.”<sup>84</sup>. Quando ele sugere que ela deixe seu emprego para desempenhar o papel estereotipado da dona de casa e mãe, Belli não aceita abrir mão de sua independência. Para ela, ser do sexo feminino era uma vantagem, por isso não via o casamento e a maternidade como limitações para outras possibilidades de vida. Essa postura já nos deixa indícios de seu descontentamento com a ordem imposta.

Em contradição a essa postura inicial, quando a maternidade chega, pouco tempo depois do casamento, Gioconda Belli fica um tempo em casa cuidando de sua primeira filha, Maryam, cedendo ao padrão de vida estipulado para as mulheres: a de esposa e mãe que fica em casa, responsável pelos cuidados do lar. Mas, aos dezenove anos, as possibilidades da vida e a independência a chamavam. A vida doméstica e as companhias do clube<sup>85</sup>, onde as mulheres falavam de decoração e contraceptivos, enquanto os homens discutiam negócios, não eram ambientes que lhe deixavam satisfeita; fato que a leva a questionar seu cotidiano e o papel social que desempenhava.

Recém-casada e mãe, sentia-se incomodada com os papéis tradicionais de gênero que lhe eram impostos e buscava transcender essas limitações biológicas, “querendo ocupar espaço no mundo”.<sup>86</sup> Por essa época, com essas insatisfações e por não aceitar a passividade das funções de esposa e mãe, começa a ler autoras feministas<sup>87</sup>. Assim, volta ao trabalho (de início na Pepsi-Cola), onde conhece Bosco, que lhe oferece trabalho em sua agência de

---

82 Ibidem, p. 39.

83 Ibidem, p. 46.

84 Ibidem, p. 43.

85 Country Club.

86 BELLI, Gioconda. *El país bajo mi piel – memorias de amor y guerra*. Santiago: Seix Barral, 2010, p. 11.

87 No inconformismo da vida doméstica, lhe acompanhava Germaine Greer, Betty Friedman e Simone de Beauvoir.

publicidade. Lá, ela conhece seu amigo Poeta<sup>88</sup>, quem à insere num círculo social e intelectual amplo da esquerda nicaraguense<sup>89</sup>. É nesse momento que começa a questionar o desconhecido no campo intelectual e a resistir no campo pessoal. Ao não cumprir seu papel de “buena esposa” — que a sociedade tanto esperava da mulher naquele contexto — e ter relações sexuais com Poeta, enquanto ainda estava casada, ela define esse momento central para seu processo de romper com os padrões dentro dos quais fora criada:

Esa transgresión fue mi Big Bang personal. Me hizo cuestionar mis deberes y considerar mis derechos, lo que era mi vida y lo que podía ser. El deseo de libertad se expandió por todo el universo. De mi vida de joven casada de la clase alta sólo quedó la engañosa y pulida superficie. Dentro de mí empezaron los siete días de la creación, los volcanes, los cataclismos.<sup>90</sup>

Em fins da década de 1960, Belli já questionava a ditadura Somozista a partir do ambiente aristocrático em que se encontrava, mas não se identificava com os sandinistas (jovens, clandestinos e guerrilheiros que propunham a violência e o socialismo): “El martirio y la tenacidad de los sandinistas inspiraba respeto, pero se los consideraba peligrosos, subversivos, comunistas. Operaban en la clandestinidad. Entre la gente de mi clase no se hablaba de ellos. Se los temía.”<sup>91</sup>. A aristocracia nicaraguense era conhecida por não apoiar abertamente o somozismo, inclusive travando certa oposição, dentro da legalidade. Contudo, estavam acomodados com a situação que se encontrava o país, enquanto não houvesse uma ameaça ao lugar que ocupavam na sociedade e ao poder econômico que detinham, além de serem contrários à luta armada. Nesse momento, Belli se opõe à ditadura, partindo desse lugar.

Em seu primeiro romance, *La mujer habitada*<sup>92</sup>, Belli traz para sua narrativa, de forma contundente, a relação da alta burguesia nicaraguense com o somozismo. Consideramos que esse livro, assim como a grande maioria de sua produção, tem um tom autobiográfico e pode se inserir no chamado “romance histórico”<sup>93</sup>. Por esse motivo, a narrativa fictícia mistura-se

---

88 Belli não dá detalhes sobre quem seriam seus dois amigos, Bosco e Poeta, principalmente o segundo, que desempenhou um papel importante na sua trajetória; são tratados apenas pelos apelidos, em suas memórias, e não temos conhecimento para além do que ela diz.

89 “Leían y discutían con avidez sobre los acontecimientos mundiales; la guerra de Vietnam, el arte pop, la liberación sexual, la responsabilidad de los intelectuales, la rebelión del 68. Nombres como Sartre, Camus, Noam Chomsky, Marx, Giap poblaban sus conversaciones, igual que la literatura del *boom*, las *Cartas a Theo* de Van Gogh, *Los Cantos del Maldoror* del Conde de Lautremont, los haiku japoneses, Carlos Martínez Rivas, poeta sagrado de la literatura nicaraguense.” (BELLI, 2010, p. 50).

90 BELLI, op. cit. (2010), p. 53.

91 Ibidem, p. 47.

92 BELLI, Gioconda. *La mujer habitada*. Buenos Aires: Emecé editores, 1996.

93 O conceito de romance histórico será discutido mais à frente, quando analisarmos as obras de forma mais aprofundada.

com os fatos e acontecimentos históricos, questionando o discurso oficial. O livro conta a história de Lavinia, que vive no país fictício de Faguas, governado pelo Gran General do partido azul e controlado pela Guarda Nacional. A classe alta do país era, majoritariamente, do partido verde, de oposição — nem no clube, os partidários do Gran General eram aceitos:

Ser admitido en el club era todo un procedimiento. No sólo se requería el dinero para pagar la cuantiosa suma de ingreso; era necesario pasar el escrutinio de la Directiva del Club. Se reunían y discutían largamente el pedigríe de los solicitantes. Votaban con bolas negras y bolas blancas. Ni siquiera los altos mandos del Gran General eran admitidos. La mayor parte de la aristocracia era "verde". El partido "Azul" del Gran General y sus miembros eran considerados "chusma", "guardias sin educación", "nuevos ricos". Al menos en la vida social, los "verdes" conservaban el poder. Parecía bastarles.<sup>94</sup>

Nessa passagem, percebemos como Belli caracteriza a oposição da elite e da burguesia ao regime somozista: se não ameaçasse o *status quo* e os privilégios que passavam pela manutenção da desigualdade, não se opunham de maneira radical à ditadura; ao mesmo tempo em que não aceitavam os membros do governo e do partido como iguais. A personagem principal, Lavinia, assim como Belli, de início vê os militantes do então *Movimiento de Liberación Nacional*<sup>95</sup> como radicais e não via a luta armada como opção. Com o passar do tempo, à medida que convivem em círculos sociais diferentes de onde cresceram e conhecem a desigualdade e a violência das ditaduras, tanto Gioconda Belli, na Nicarágua, quanto Lavinia, em Faguas, passam a compreender a importância da luta armada para a libertação de seus países, e repensam suas concepções ideológicas em relação à desigualdade social e à participação política.

É, então, no início dos anos 1970, o momento que Gioconda Belli define como o marco da sua entrada na militância política, oficializando sua adesão à FSLN em 1972, quando estava grávida de sua segunda filha, Melissa. Para ela, esse acontecimento está relacionado aos outros dois: o seu entendimento enquanto mulher e o início de sua escrita, momento em que “los sueños revolucionarios encontraron en mí tierra fértil. Lo mismo sucedió con otros sueños propios de mi género.”<sup>96</sup>. Assim, ela começa a questionar as relações de gênero socialmente estabelecidas e, em parte, aceita em sua vida pessoal até então, ao mesmo tempo em que se rebela contra a situação de seu país, o que transborda na poesia. Neste momento, ela considera Poeta como seu grande incentivador, tanto por inseri-la

---

94 Ibidem, p. 164-165.

95 O equivalente fictício do Frente Sandinista de Libertação Nacional.

96 BELLI, op. cit., 2010, p. 11.

em círculos intelectuais de esquerda, quanto por apresentá-la a escritores latino-americanos<sup>97</sup> e impeli-la a escrever:

No sé en qué orden sucedieron las cosas. Si fue primero la poesía o la conspiración. En mi memoria de ese tiempo las imágenes son luminosas y todas en primer plano. La euforia vital encontró cauce en la poesía. Apropiarme de mis plenos poderes de mujer me llevó a sacudirme la impotencia frente a la dictadura y la miseria.<sup>98</sup>

É Poeta quem primeiro coloca uma questão que vai lhe acompanhar durante toda sua produção e no sentido que dá para suas obras: a responsabilidade histórica da escrita. Com isso, a literatura é tida como forma de militância, como uma maneira de romper com as normas sociais e como uma ferramenta política. Belli faz de sua escrita, então, uma arma contra a ditadura, como um “ato de rebeldia”, estabelecendo sua relação com a escrita como “un agregado conveniente, un talento valioso y útil para la lucha política.”<sup>99</sup>.

A literatura nicaraguense, assim como a latino-americana, teria se nutrido dos processos sociais, vinculando-se profundamente a eles. Nesse contexto, para Belli não havia uma separação entre literatura e política, reforçando a produção de uma poesia social, comprometida e considerando a existência de uma literatura da Revolução:

[...] la política es un elemento fundamental en la literatura en la medida en que la sociedad lo es, ya que el contexto social en que se desarrollan los personajes es fundamental. [...] La literatura es nuestra propia búsqueda, una búsqueda a través de los seres humanos que inventamos. Tratamos, a través de nuestra propia invención, de encontrar las respuestas a preguntas fundamentales o de hacernos más preguntas.<sup>100</sup>

O poema “Obligaciones del poeta”<sup>101</sup>, que está em seu livro *Truenos y Arcoíris* (1982), diz muito sobre o que ela entendia como a função de um poeta e intelectual — como está no título da poesia. Para ela, ele não deveria se sentir “privilegiado cabeza de libro serrucho de / conversaciones mustio pensador adolorido”, pelo contrário, devia ser acessível para a maioria da população. Ainda, devia agradar as multidões populares, olhar por cada um, e estar em busca de um futuro melhor. São pessoas que nasceram com os olhos abertos, em contraposição àquelas dos olhos fechados, possibilitados de ver as coisas com mais clareza, “hecho para buscar tesoros en pantanos y desiertos”. O poeta/intelectual devia cantar o que

97 Gabriel García Marquez, Vargas Llosa, Julio Cortazár, Eduardo Galeano, etc.

98 BELLI, op. cit., 2010, p. 56.

99 Ibidem, p. 214.

100 HOOD, Edward Waters; OJEDA, Cecília. Entrevista con Gioconda Belli. In: *Chasqui, revista de literatura latino-americana*, v. 23, n. 2, nov. 1994, p. 129.

101 BELLI, Gioconda. *Truenos y arcoíris*. Maná ediciones, 2014c, p. 25.

estava ao seu redor, principalmente depois da vitória sandinista, quando as mãos se encheram de lápis e cadernos<sup>102</sup>:

ahora tienes más que cantar lo que te rodea,  
al suave diapasón  
de las ardientes vocês  
de la multitud.

É importante ressaltarmos as altas taxas de analfabetismo nos países latino-americanos e a falta de incentivo cultural, para compreendermos, também, os limites da literatura na conjuntura local, adotando uma visão crítica frente à perspectiva romantizada, assumida por Belli. Essa visão perfeita da função do intelectual vem à tona num processo de amadurecimento enquanto escritora. Durante um período, Belli via a poesia mais como um segundo plano — uma manifestação de suas emoções, uma emanção de sentimentos necessários para sua sobrevivência, uma expressão de seu corpo —, enquanto se sentia fundamentalmente sandinista, tendo a Revolução em primeiro plano. Com o tempo e com a visibilidade que vai ganhando, começa a perceber o poder de sua escrita e, a partir de então, passa a se reconhecer como escritora e intelectual.

Com base nas questões colocadas, dividimos este trabalho em três capítulos. O primeiro capítulo tem como objetivo compreender de que forma Gioconda Belli se inseriu no contexto e no processo revolucionário, qual a importância dada por ela ao seu papel como intelectual — assim como à sua militância sandinista e feminista, que emergem simultaneamente. Isto é, buscamos integrar a trajetória de Belli enquanto militante dentro do processo revolucionário e do governo sandinista, pensando sua atuação durante o período estudado. Para isso, consideramos como Belli se identifica simultaneamente com seu lugar enquanto mulher, seu dever social enquanto militante e sua função como poeta. São três os períodos fundamentais que dividem sua atuação: a Belli atuante num país insurrecional; as diversas questões específicas que emergem com o exílio; sua ação e as diversas contradições de ser parte de um governo de reconstrução, até seu rompimento com a FSLN.

No segundo capítulo trabalhamos com as discussões teóricas acerca do ideal e do processo revolucionário, e como eles aparecem na literatura belliana — desde as influências

---

102 Uma das principais bandeiras do governo sandinista foi a alfabetização massiva, reduzindo drasticamente o índice de analfabetismo no país.

de Sandino, da visão cíclica da história e da relação com a Revolução Cubana —, buscando compreender o processo sandinista como parte de um contexto latino-americano mais amplo. Além disso, nos debruçamos no modo como Belli percebeu as disputas internas da FSLN — que, em determinado momento, a leva a uma mudança de postura ideológica interna —, as suas divergências em relação à prática interna e as políticas adotadas no âmbito do debate de gênero, que foram os principais motivos que levaram ao seu rompimento com a Frente, em 1993. A partir da curta bibliografia sobre a participação das mulheres, buscamos dar ênfase à atuação das mulheres no processo e no governo revolucionário sandinista, para relacionar essa participação feminina e o debate de gênero proposto por essas mulheres, e como a prática entra em contradição, ou não, com a teoria adotada. Para compreender essas questões, cruzamos a bibliografia produzida com a perspectiva admitida por Belli em sua literatura.

O terceiro capítulo busca, num primeiro momento, debater o movimento feminista latino-americano, assumindo uma visão crítica em relação à consolidada visão de “ondas”, que acreditamos não dar conta de compreender a totalidade, diversidade e complexidade das mulheres latino-americanas. O debate mais teórico apresenta-se como necessário para contextualizarmos o feminismo a partir de uma perspectiva teórica latino-americana, e para que possamos analisar as obras de Belli, desde questões próprias do período e da região onde ela se encontra, sem negar as influências que sofre. Posteriormente, nos voltamos para a análise da literatura produzida por Belli, para compreendermos o feminismo reivindicado pela autora, bem como de que forma seu pensamento foi se transformando, na medida em que seu papel enquanto militante sandinista foi se fortalecendo. Para isso, optamos por analisar de maneira cronológica e por obras, devido à necessidade de entendermos a evolução e as contradições de seu pensamento: primeiro seus quatro livros de poemas, *Sobre la grama*, *Línea de fuego*, *Truenos y arcoíris* e *De la costilla de Eva* de, respectivamente, 1972, 1978, 1982 e 1986; depois, seu primeiro romance *La mujer habitada*, de 1988 e, por fim, seu segundo romance *Sofía de los presagios*, de 1990.

Tendo como base a produção poética de Belli, procuraremos entender qual feminismo a autora reivindica e como ela se coloca na luta revolucionária, partindo dessa visão. Nos detemos em alguns temas centrais no seu debate de gênero — como o erotismo, a natureza feminina, o amor romântico, a desconstrução dos estereótipos de gênero —, para entender como essas ressignificações se relacionam com seu entendimento da Nicarágua e da Revolução. Posteriormente, buscamos compreender o amadurecimento do debate acerca dos

papéis de gênero e do significado de “ser mulher”, a partir da fusão desse debate com questões de classe propostas pelo sandinismo, seguido da crítica à sociedade revolucionária. O objetivo desse capítulo foi, enfim, compreender a transformação e o amadurecimento da teoria feminista desenvolvida pela autora ao longo de quase vinte anos de literatura (1972 – 1990), e como essas transformações são fruto de seu envolvimento com as pautas revolucionárias. Optamos por dividi-lo entre as poesias, que possuem uma forma específica de abordar os diversos temas — e lidam de forma mais detida com relações mais pessoais e com temas específicos —, e os dois romances e suas especificidades, que exigiam uma análise voltada aos processos que trabalhavam: tanto o de amadurecimento das relações de gênero e o revolucionário, quanto o das críticas apontadas.

Por fim, gostaríamos de ressaltar as dificuldades de acesso a uma bibliografia mais ampla, seja sobre o tema da Revolução Sandinista, seja acerca do movimento feminista latino-americano, e da ausência de trabalhos que buscaram compreender a obra de Belli a partir da perspectiva que nos propomos. O pouco encontrado, principalmente sobre o processo sandinista, em sua grande maioria, propõe pouca análise crítica sobre o tema. Além disso, a prevalência das obras encontradas foram produzidas na década de 1980, nos colocando o desafio de lidar com uma produção bibliográfica realizada no calor da vitória sandinista — o que, para nós, serviu mais como fonte do que como bibliografia, e seu uso extrapolaria os objetivos deste trabalho.

## 1. EL AMOR Y LA REBELIÓN LA HABÍAN LOGRADO ABSORBER COMPLETAMENTE<sup>103</sup>

*Dos cosas que yo no decidí decidieron mi vida: el país donde nací y el sexo con el que vine al mundo. 104*

### 1.1 Mulher, escritora e revolucionária

Gioconda Belli se destaca no cenário literário nicaraguense, reconhecida com importantes prêmios nacionais e internacionais. Na Nicarágua, venceu o prêmio de poesia Mariano Fiallo Gil, o mais importante do país naquele momento, da Universidade Nacional Autônoma da Nicarágua, em 1972, por seu primeiro livro *Sobre la grama*, de mesmo ano. O impacto desse livro foi grande, inclusive em seu meio social e entre os familiares. Ele conta com poemas que trouxeram, para o centro, a perspectiva da mulher como principal agente da poesia. O cerne da narrativa é o erotismo e o prazer sexual feminino, e temas como a maternidade e a menstruação, que, até então, não eram comuns. A autora subverteu a ordem das coisas, provocando um escândalo, sobretudo entre seus familiares, que rechaçavam a permissividade do seu marido. Essa reação já demonstra a dificuldade da sociedade em lidar com os temas trazidos pela autora, questão diretamente relacionada à diferença de gênero.

Belli, no entanto, contava com o apoio de pessoas importantes no cenário cultural e intelectual nicaraguense, o que foi fundamental para que ela se legitimasse e ganhasse visibilidade. Pablo Antonio Cuadra<sup>105</sup>, responsável pela publicação de seus poemas, a considerava como uma nova voz da poesia do país. Além disso, importantes escritores e intelectuais saem em sua defesa: “Y en Nicaragua los poetas — quizá porque el único héroe nacional era un poeta: Rubén Darío — son figuras veneradas, célebres. Mi esposo y mis familiares tuvieron que rendirse a la bendición del prestigio.”<sup>106</sup>.

Já em 1978, recebe o prêmio *Casa de las Americas*<sup>107</sup> pelo seu segundo livro de poesias publicado, o *Línea de fuego* (1978). O prêmio da instituição cubana era, naquele

103 BELLI, Gioconda. *La mujer habitada*. Buenos Aires: Emecé, 1996.

104 BELLI, Gioconda. *El país bajo mi piel – memorias de amor y guerra*. Santiago: Seix Barral, 2010, p.11.

105 Destacado poeta nicaraguense, nascido em 1912, começa a publicar no jornal *La prensa* em 1964, posteriormente tornando-se diretor geral.

106 BELLI, op. cit., p. 62.

107 Instituição cubana criada em março de 1959, considerada como o “centro revolucionário da cultura latino-americana”, com revista de mesmo nome, em que publicaram os autores do *boom*, Carlos Fuentes, Júlio Cortázar, Vargas Llosa. Foi dirigida, até julho de 1980, por Haydeé Santamaría, e se definiu como “uma

momento, a mais importante ferramenta de reconhecimento da região, o que a própria autora destaca como útil para divulgação da luta de seu povo, concedendo-lhe visibilidade no meio intelectual.<sup>108</sup> Para Cláudia Gilman,<sup>109</sup> a fundação da instituição Casa de las Américas consolida a posição de Cuba como a “locomotiva cultural” da época, sendo esse o “centro revolucionário de la cultura latinoamericana”, que tinha, como função definida, servir à luta pela liberdade no continente: “Durante largos años, Casa de las Américas centralizo, coopto, redistribuyo y legitimó nombres y discursos, en un sistema de préstamos y ecos con otras revistas del continente.”<sup>110</sup>

Nesse sentido, Belli reafirma a função política da sua literatura, ao usá-la em prol da Revolução. Além da sua escrita ser direcionada para a temática da mulher e da luta política, ela faz uso do reconhecimento de suas obras para denunciar, na mídia internacional, a ditadura em que vivia a Nicarágua — já que era censurada em seu país. Assim, é também devido ao seu contato com outros escritores e intelectuais que começa a organizar, a partir do exílio<sup>111</sup>, apoio para denunciar o que acontecia na Nicarágua, na década de 1970, ajudando a dar maior visibilidade e internacionalizando a luta sandinista. Além disso, ao participar da operação de logística do sequestro na casa de Castillo, realizado pela FSLN em 1974, Belli usa de suas credenciais como escritora para entrar nas embaixadas dos países onde, possivelmente, seria realizada a festa de fim de ano dos somozistas, a fim reconhecer o espaço físico e desenhar a planta desses lugares que poderiam vir a ser o cenário da ação planejada.

A partir dos sentidos que emprega à sua função como escritora, percebemos a versatilidade de significados que ela mesma dá para sua posição enquanto intelectual, deixando claro que sua produção estava vinculada com a tarefa revolucionária da escrita política, além de ser ideologicamente comprometida. Belli, ao assumir a responsabilidade histórica que considera ser o ato da escrita, reforça-o como um ato político.

Sua definição de intelectual aproxima-se daquela feita por Edward Said<sup>112</sup>, que relaciona a produção com: a experiência pessoal do intelectual, a sua história de vida e o lugar

instituição cultural dirigida a servir todos os povos do continente em sua luta pela liberdade”. (In: GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI Ediciones Argentinas, 2003, p. 78)

108 HOOD; OJEDA, op. cit., p. 125–132.

109 GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI Ediciones Argentinas, 2003.

110 Ibidem, p. 80.

111 Tema que abordaremos mais à frente.

112 SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

onde está inserido. Assim sendo, é o pessoal e o público, juntos, que dão sentido àquilo que está sendo produzido. O importante, para ele, é que o intelectual cause desconforto, tire as pessoas da acomodação, “no fim das contas, o que interessa é o intelectual enquanto figura representativa — alguém que visivelmente representa um certo ponto de vista, e alguém que articula representações a um público, apesar de todo tipo de barreiras.”<sup>113</sup>. Para Said, o intelectual tem um papel público, como um perturbador do *status quo*, estando ao lado de grupos marginalizados e desempenhando um papel fundamental na sociedade moderna. Para ele, não houve nenhuma Revolução ou contrarrevolução sem participação expressiva dos intelectuais — e Belli se encontra bem no centro de uma:

Cada região do mundo produziu seus intelectuais, e cada uma dessas formações é debatida e argumentada com uma paixão ardente. Não houve nenhuma grande revolução na história moderna sem intelectuais; de modo inverso, não houve nenhum grande movimento contrarrevolucionário sem intelectuais. Os intelectuais têm sido os pais e as mães dos movimentos e, é claro, filhos e filhas e até sobrinhos e sobrinhas.<sup>114</sup>

É importante ressaltarmos o caráter público da função do intelectual, sendo ele “um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público.”<sup>115</sup>. Esse intelectual estaria comprometido com os princípios universais pós-Revolução Francesa, de liberdade e justiça, tornando públicas suas palavras em defesa desses princípios e estando em alerta constante, devendo se juntar aos mais fracos e àqueles que não possuem representação.

Esse intelectual moderno, do qual fala Said, teria surgido com o caso Dreyfus (1898)<sup>116</sup>, mesma conclusão que chega Carlos Altamirano<sup>117</sup>, que, ao propor uma genealogia

---

113 Ibidem, p. 27.

114 Ibidem, p. 25.

115 Ibidem, p. 25.

116 “A figura do ‘intelectual contemporâneo’ nasceu, portanto, nesse período [final do século XIX], mais precisamente em torno da intervenção do escritor Émile Zola no ‘caso Dreyfus’. Em particular, por sua carta aberta publicada no diário *L’Aurore* em 1898, com o título que passou à história com *J’accuse*, na qual denunciou os erros do julgamento do capitão francês, de origem judia, Alfred Dreyfus, acusado de fornecer segredos militares ao exército alemão. A ação de Zola não ficou isolada; outros escritores, artistas e professores assinaram a petição ‘Manifesto dos Intelectuais’, na qual pediam aos poderes públicos a revisão do processo. Aqueles que fizeram o protesto político, defendendo o capitão Dreyfus, foram chamados de ‘intelectuais’ pelos *anti-dreyfusards* (assinantes de um contramanifesto). A intervenção dos intelectuais garantiu a revisão do processo de Dreyfus e inaugurou, segundo Helenice Rodrigues da Silva, uma concepção de militância que passou a delinear a função social do intelectual. Os intelectuais que pediram a revisão do processo de Dreyfus interferiram na esfera pública defendendo uma causa, o que implicou em ação e compromisso. Portanto, esses intelectuais engajaram-se em uma causa moral, por via de uma ação política.” (In: COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: O debate sobre*

do termo, afirma que a conotação política que surge em fins do século XIX e início do século XX tem relação direta com o caso. Altamirano conclui que a autoridade dos “dreyfusards”, seguidores de Zola, vinha de uma elite do pensamento, que se apresentava ao espaço público em defesa da verdade, da razão e da justiça, frente a uma elite política representada pelo Estado.

Altamirano entende que, uma vez que os intelectuais imperam na cultura, ciência, arte, literatura, etc., estão produzindo, distribuindo e incluindo significados e bens simbólicos na sociedade em que estão inseridos. Contudo, a influência que exercem varia de acordo com o momento, área geográfica e tradição na qual se encontram. Carlos Altamirano define o intelectual moderno como aquele que não só pensa o mundo, mas que transmite publicamente o que pensa para outras pessoas, sem se restringir a um círculo pequeno de letrados, como ocorria em períodos anteriores. Para além disso, necessita ter o reconhecimento de seus pares e de um público, o qual não podemos determinar exatamente sua audiência na “opinião pública”.

No contexto em que Belli se insere — a América Latina na segunda metade do século XX —, temos a Revolução Cubana, em 1959, como central para o papel desempenhado pelos intelectuais, trazendo o predomínio e a centralidade do intelectual de esquerda e a marginalização do intelectual “reacionário”, como afirma Cláudia Gilman<sup>118</sup>. Os intelectuais “progressistas” passam a ser um dos principais agentes da transformação radical da sociedade, oferecendo resistência, com solidariedade e esforço centrado na política. Para Ángel Rama<sup>119</sup>, é a partir dos anos 1960 que o intelectual começa a desempenhar um papel “nunca antes” tão reconhecido no continente, contribuindo para a “palingenesia espiritual de una sociedad” e sendo o “estruturador da nova ordem social”. Há, nesse momento, uma maior politização dessa figura, vinculada ao socialismo e à unidade continental, e tendo os EUA como inimigo comum das nações latino-americanas, “los intelectuales, no necesariamente con las armas en la mano, consideraron como parte de su función la colaboración para el crecimiento de las condiciones subjetivas de la revolución.”<sup>120</sup>.

---

revolução e socialismo em Cortázar, García Marques e Vargas Llosa (1958 – 2005). São Paulo: Alameda, 2013, p. 39).

117 ALTAMIRANO, Carlos. *Términos críticos de sociología de la cultura*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

118 GILMAN, op. cit.

119 Ibidem.

120 Ibidem, p. 62.

Ao considerar Belli como uma intelectual, estamos dando significado à sua produção, considerando que seus escritos perturbaram e levantaram novas questões que desequilibraram o *status quo*, no momento em que é duramente criticada por trazer, para o centro de seus poemas, o prazer feminino. Também vai perturbar o equilíbrio da conjuntura em que se encontrava, ao acrescentar o debate revolucionário em suas obras. Os debates politizados em sua literatura e o sentido que ela dá tanto para a Revolução quanto para o lugar das mulheres na sociedade e na política, serão os temas fundamentais de sua produção.

A definição de intelectual, que fomentou debates no ambiente acadêmico, é compreendida, na maioria das vezes, a partir de uma perspectiva masculinizada, partindo-se da ideia universalizante que reforça a imagem do homem, branco, ocidental e heterossexual. Muito disso é fruto do sentido dado ao âmbito do público e do político, durante muito tempo (e ainda hoje) negado às mulheres. Não que elas não estivessem lá, mas não eram vistas nem reconhecidas — dificuldade presente ainda nos dias atuais, mesmo com os avanços feitos. As mulheres, muitas vezes, ocupavam espaços vistos meramente como privados e, por isso, considerados sem importância e com ausência do político.

A partir dos anos 1960, o movimento feminista reforça a ideia de que “o pessoal é político” — debate posteriormente feito pela Terceira Geração dos Annales — e a emergência da renovação da História Política. Segundo Gilman, “la radicalización de los intelectuales se inscribió también en la crisis generalizada de los valores e instituciones tradicionales de la política.”<sup>121</sup>. Nesse sentido, estudar mulheres reforça o trabalho de incluí-las como intelectuais e sujeitos políticos, que influenciavam diretamente no contexto histórico, nos principais debates e nos rumos do país. Com isso, fortalecemos a compreensão das mulheres como sujeito histórico.

Belli desempenha a função de intelectual ao questionar os papéis de gênero estabelecidos social e culturalmente, dentro e fora da Revolução. Ela inclui as mulheres, protagonistas em suas obras, como importante sujeito histórico, o que é fundamental para compreendermos a função outorgada às mulheres e qual lugar elas ocuparam. Assim, damos ênfase ao papel por ela reivindicado, como o das mulheres no processo da Revolução Sandinista. Essa visão compactua com a de Edward Said, que os intelectuais devem se opor e questionar a ordem vigente e as normas dominantes que, segundo ele, estão, em sua grande maioria, ligadas à nação, e, “esta é sempre triunfalista, está sempre numa posição de

---

121 GILMAN, op. cit., p. 63.

autoridade, sempre exigindo lealdade e subserviência em vez de investigação e reavaliação intelectuais.”<sup>122</sup>.

Dessa maneira, a discordância e a contestação, quando partem do movimento feminista, geralmente vêm acompanhadas de questionamentos às normas patriarcais e fundamentalmente masculinas que regulam a sociedade. Essas mulheres, ao ocuparem o espaço da literatura, transformaram não apenas os temas que abordaram e as perspectivas das quais partiram, mas também a linguagem e a estrutura textual. Assim, quando Said cita Virgínia Wolf para exemplificar o poder das palavras para desconstruir o patriarcado, ressalta que ela é:

[...] uma intelectual representando o “sexo fraco” esquecido, numa linguagem perfeitamente ajustada ao trabalho. Assim, o efeito de ‘Um teto todo seu’ é o de extrair da língua e do poder — a que Woolf chama de patriarcado — uma nova sensibilidade em relação à posição da mulher, ao mesmo tempo subordinada e por vezes esquecida, mas também escondida.<sup>123</sup>

Para entender o poder da escrita das mulheres e incluir Belli neste cenário, é importante que a localizemos dentro de um espectro mais amplo da produção literária nicaraguense, que tem uma forte tradição da poesia. Não é à toa que Ruben Darío é tido como herói nacional, nem coincidência que Belli comece sua trajetória escrevendo poesia. Darío é considerado fundador da tradição literária nicaraguense, usando a poesia como forma de resistência. Modernista, ele buscava a criação de uma literatura livre dos modelos europeu e norte-americano.<sup>124</sup> Depois de Darío, nos anos 1920, destacam-se José Coronel Urtecho e Pablo Antonio Cuadra, produzindo uma poesia em busca de uma identidade nacional. No entanto, a principal influência de Belli surge nos anos 1940, com a poesia política: Ernesto Cardenal<sup>125</sup>, para quem Belli dedica uma homenagem em seu romance *Waslala*<sup>126</sup> (1996). Para Mónica García Irlés<sup>127</sup>, a influência de Cardenal trespassa a obra de Belli, como na

122 SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 47.

123 Ibidem, p. 45.

124 FRENNE, Kristien de. *El juego de paralelismos y contrastes en La mujer habitada de Gioconda Belli*. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Artes e Filosofia, Universidade de Ghent, Bélgica, 2008-2009, p. 105.

125 “Ernesto Cardenal es, sin duda, una de las voces claves de la cultura nicaragüense; así, además de la importancia de su obra, hay que recordar la influencia ejercida en otros autores, entre los que se cuenta la propia Gioconda Belli. Por otra parte, hay que señalar que en 1979 fue nombrado Ministro de Cultura, poniendo en marcha los Talleres de Poesía, experiencia que no estuvo exenta de polémica pero que es ilustrativa del peso que la poesía posee en la cultura del país.” (IRLES, op. cit., p. 29).

126 Optamos por não incluir as obras posteriores ao rompimento de Belli com a FSLN, que se dá em 1993. Por isso, *Waslala* não está incluída no *corpus* deste trabalho.

127 IRLES, op. cit., p.

inclusão, pela autora, do mítico e do indígena (principalmente nahuatl<sup>128</sup>), a fim de recuperar certos ideais e valores para a fundação da nova sociedade.

Na segunda metade do século XX, Belli começa a escrever e traz o debate de gênero e da Revolução para suas obras, com o protagonismo das mulheres — que passam a ser sujeitos na produção literária, deixando de ser apenas objeto de contemplação. Além disso, coloca temas importantes para as mulheres e para o movimento feminista no centro de suas reflexões: ser mulher e revolucionária; prazer feminino; erotismo; maternidade; menstruação; etc. Contudo, ela não estava produzindo de maneira isolada. Havia outras autoras escrevendo uma poesia comprometida com o político e com a sensualidade, e em defesa da emancipação das mulheres. Kristien Frenne<sup>129</sup> destaca que, no período da década de 1970, “las mujeres participaron igualmente en la lucha, y publicaron una poesía política desde el ángulo femenino. El grupo conocido como ‘The six’ (Beverley y Zimmerman 1990: 89) incluye a Rosario Murillo, Najlis, Yolanda Blanco, Vidaluz Meneses, Daisy Zamora y Gioconda Belli”. Para Silvia Federici, o tema do corpo feminino e a tomada da consciência de sua potência estão ligados à questão do capitalismo e à crítica ao sistema que se apropria dele a fim de sustentar a relação de poder estabelecida:

Essa capacidade de subverter a imagem degradada da feminilidade, que foi construída por meio da identificação das mulheres com a natureza, a matéria, o corporal, é a potência do “discurso feminista sobre o corpo” que trata de desenterrar o que o controle masculino de nossa realidade corporal sufocou. [...] [Só que corpo também tem] um significante para o campo de atividades reprodutivas que foi apropriado pelos homens e pelo Estado e convertido num instrumento de produção de força de trabalho (com tudo aquilo que isso pressupõe em termos de regras e regulações sexuais, cânones estéticos e castigos), então o corpo é o lugar de uma alienação fundamental que só pode ser superada com o fim da disciplina trabalho que o define.<sup>130</sup>

Para além das características próprias da poesia produzida por mulheres, elas estão inseridas numa geração de poetas na qual se encontra, novamente, Cardenal, seguindo a corrente do “coloquialismo o externalismo”, que “se caracteriza a grandes rasgos por su deseo de llegar al lector, por la exploración del potencial lingüístico, por la inclusión de referencias tradicionalmente antiliterarias, por reproducir el mundo cotidiano o por un innegable

---

128 Grupo indígena de origem asteca, presente no México e na América Central.

129 FRENNE, op. cit., p. 25

130 FEDERICI, Silvia. Trad. Coletivo Sycorax. *Calibã e a bruxa: mulher, corpo e acumulação primitiva*. 2004, p. 23.

compromiso con la realidad social.”<sup>131</sup>. Assim, Belli vem dessa tradição da escrita poética nicaraguense e se insere nesse momento de ascensão da voz e das demandas das mulheres na literatura.

Uma década depois, nos anos de 1980, Belli inicia sua trajetória na escrita em prosa, mas sem perder o tom poético em sua narrativa. A esse feito, devemos a contextualização da cultura e da literatura nicaraguense, já que a prosa não era tradição no país. A Revolução, vitoriosa em 1979, levou Ernesto Cardenal a ocupar o cargo de Ministro da Cultura, que, buscando abaixar ao mínimo a taxa de analfabetismo, vai investir tanto na educação quanto no incentivo à produção literária. Isso fez com que o mercado de livros se tornasse menos restrito, já que mais gente lia e publicava, gerando maior espaço para novelas, romances, testemunhos, entre outros gêneros da prosa.

Para José Ángel Vargas Vargas, a incorporação da voz feminina na novela centro-americana da segunda metade do século XX faz parte, também, de um processo de incorporação de vozes até então marginalizadas na narrativa literária. Elas ocuparam um espaço importante na sociedade, na cultura e na literatura, ao contarem, por meio das letras, suas próprias existências, o que desembocou num resultado importante para os processos políticos e sociais das revoluções em curso na América Central. É importante ressaltar que essa não é uma ação isolada, mas fruto da influência de outras escritoras latino-americanas<sup>132</sup>. Essas autoras que influenciaram as centro-americanas “han mostrado abiertamente su decisión de abandonar los cánones machistas de la sociedad y crear una literatura rebelde y liberadora, con lo que han creado una escritura feminocéntrica y dialógica, pues toman la mujer como eje y principio organizador del mundo.”<sup>133</sup>. Elas vão subverter os paradigmas vigentes na literatura e questionar a hegemonia cultural existente até então.

Dessa maneira, para Vargas Vargas, os dois primeiros romances de Belli — *La mujer habitada* (1988) e *Sofía de los presságios* (1990) — trazem, além do debate da sociedade e da Revolução, a voz da mulher inserida no contexto histórico e político vivido na Nicarágua, nesse período, fazendo parte de um movimento maior da literatura regional. Assim,

---

131 IRLES, op. cit., p. 21.

132 “La incorporación y presencia de la voz de la mujeres, entonces, consecuente con los logros que esta ha alcanzado en la sociedad actual y también con la aparición de las obras de autoras hispanoamericanas como Griselda Gambaro (Argentina, 1928), Elena Poniatowska (México, 1933), Cristina Peri Rossi (Uruguay, 1941), Isabel Allende (Chile, 1942), Rosario Ferré (Puerto Rico, 1942), Ángeles Mastretta (México, 1949), Laura Esquivel (México, 1950), entre otras, que han aportado mucho a las escritoras centroamericanas.” (VARGAS VARGAS, 2013, p. 02).

133 VARGAS VARGAS, José Ángel. “La incorporación de la voz femenina en la novela centroamericana contemporánea. In: *Revista Instituto Tecnológico de Costa Rica*. Costa Rica, 2013, p. 02.

acreditamos que, como em seus poemas, Belli apresenta as mulheres a partir de uma perspectiva histórica em suas novelas, nas quais desempenham um papel fundamental no processo da luta política e de transformação da sociedade. Além disso, são mulheres retratadas fora do estereótipo de feminilidade hegemônico na sociedade. Para Vargas Vargas,

[...] los personajes femeninos rechazan las divisiones exclusivistas del trabajo y participan en decisiones de carácter político, social, laboral, económico, familiar y bélico. No aceptan que determinadas profesiones u oficios estén reservados para un sexo específico y pretenden transformar el mundo, según su ideología. También se proponen la abolición de todas aquellas dicotomías que han sustentado y justificado diferencias artificiales entre el hombre y la mujer, tales como espíritu/materia, orden/desorden y actividad/pasividad.<sup>134</sup>

Por fim, o caráter dado por Belli às suas personagens está inserido nesse movimento de transformar a produção literária, em que a voz feminina é protagonista, como parte das transformações culturais e sociais, em busca da sua própria identidade, sem os estereótipos impostos pela lógica patriarcal. Assim, “en un espacio político y cultural claramente dominado por la ideología patriarcal, las novelistas han contribuido a ampliar el panorama literario de la región, creando una escritura que muestra la realidad desde nuevos ángulos.”<sup>135</sup>. Ou seja, trazem à tona novos elementos para se interpretar a história, que vão contra o discurso hegemônico carregado de perspectiva masculinizada dos processos, originando uma escrita que parte da perspectiva da experiência das mulheres, transformando a narrativa e a linguagem histórica e literária.

No sentido da escrita comprometida, o debate colocado em suas obras vai além da desconstrução de gênero, de forma que a questão de classe e a desigualdade são discussões importantes em sua trajetória. Em suas produções, é possível perceber como o seu lugar no mundo e seus privilégios se tornam um problema quando ela se depara com a miséria em que vivia a maioria dos habitantes da Nicarágua. Esse tema vai perpassar seus poemas e amadurece no decorrer de sua produção, aparecendo de maneira clara em *La mujer habitada*. Se em seu primeiro livro de poesia — *Sobre la grama* (1972) — o debate de gênero proposto está mais vinculado ao erotismo, à questão biológica e à maternidade, o que alguns vão considerar como feminismo preocupado com questões burguesas, individuais, já no primeiro romance — *La mujer habitada* (1988) —, mais de uma década depois, esse debate não tem

---

134 Ibidem, s/p

135 Ibidem, 2013, s/p.

como ser desvinculado da libertação do país e da busca por igualdade; ou seja, existe uma intersecção entre o debate de gênero e o debate de classe, que analisamos.

Percebemos que essas contradições estavam colocadas para Belli, como nesta metáfora dos pés, presentes em *La mujer habitada*, quando Lavinia tem dificuldades em se sentir, de fato, incluída enquanto membro do *Movimiento*:

Se parecían los pies de su madre... qué culpa tenía ella de aquella madre, de aquellos pies aristocráticos... [...] Ella se había comprometido a luchar por los dueños de los pies toscos, pensó. Unirse a ellos. Ser una ellos. Sentir en carne propia las injusticias cometidas contra ellos. Esa gente que era el “pueblo” de que hablaba el programa del *Movimiento*. Y, sin embargo, allí, junto a ellos en la sala de emergencia sucia y oscura del hospital, un abismo los separaba. La imagen de los pies no podía ser más elocuente. Sus miradas de desconfianza. Nunca la aceptarían, pensó Lavinia. ¿Cómo podrían aceptarla alguna vez, creer que se podía identificar con ellos, no desconfiar de su piel delicada, el pelo brillante, las manos finas, las uñas rojas de sus pies?<sup>136</sup>

Devido à sua origem privilegiada, a militância também servirá como uma forma de amenizar seu sentimento de culpa frente à desigualdade e à miséria, o que ressalta o lugar social de origem da autora. Ela relata a presença de outras mulheres, como as babás de suas filhas, o que possibilitava que se ausentasse, trabalhasse fora e mantivesse sua independência e militância. Para conciliar as contradições do papel de feminilidade e maternidade socialmente esperado — e as escolhas que fizera —, Belli destaca que criou estratégias para amenizar o sentimento de culpa:

Creo que desde pequeños yo les transmitía a mis hijos un sentimiento de confianza en sus propias capacidades. Sólo así me explico que cada uno de ellos sobreviviera sin traumas irreparables a las agitadas circunstancias de su infancia. [...] Creía firmemente que desarrollarían las reservas necesarias para ser felices y no pensaba que su felicidad dependía solamente de mí. Sin esta actitud jamás habría juzgado que la maternidad era compatible con el tipo de vida que llevaba.<sup>137</sup>

Essa questão é importante para refletirmos de que forma outras mulheres teriam, ou não, a possibilidade de se envolver em atividades políticas, em meio ao papel tradicional exercido por elas na sociedade nicaraguense. Como veremos mais adiante, ao pensarmos questões mais relativas ao debate de gênero e aos movimentos feministas, esses questionamentos sobre a diversidade de mulheres com pautas específicas — como a raça, e a forma como o feminismo negro reivindica assuntos vinculados à classe e à raça, frente às mulheres brancas — só foram surgir como centrais em fins do século XX. Essas questões,

136 BELLI, Gioconda. *La mujer habitada*. Buenos Aires: Emecé editores, 1996, p. 149-158.

137 BELLI, Gioconda. *El país bajo mi piel – memorias de amor y guerra*. Santiago: Seix Barral, 2010, p. 231.

durante algum tempo, não foram definidoras na discussão sobre o feminismo, partindo-se de um modelo de mulher universal que excluía parte expressiva das mulheres, principalmente se pensarmos na diversidade da realidade latino-americana; que estão ausentes do discurso de Belli.

Para Silvia Federici, a subordinação das mulheres tal qual se configura na modernidade ocidental, está diretamente relacionada à transição para o capitalismo. Logo, gênero e classe são categorias relacionais, pois, “Se é verdade que na sociedade capitalista a identidade sexual se transformou no suporte específico das funções do trabalho, o gênero não deveria ser tratado como uma realidade puramente cultural, mas como uma especificação das relações de classe.”<sup>138</sup>. Belli cruza questões de classe com o debate de gênero, ao apontar sobre como as militantes de classe média eram consideradas traidoras tanto da sua classe social quanto de seu sexo, por lutarem contra Somoza e por desafiarem os papéis de gênero preestabelecidos (o que é abordado por Zimmermann).

A presença de questões que estavam colocadas no espectro político de maneira mais geral, e da experiência individual/privada, tem a ver com o que Vargas Vargas<sup>139</sup> define como a nova novela, produção que surge no pós *boom*, em que “los escritores tomaron conciencia de lo necesario que era abordar la realidad en sus múltiples dimensiones y de explorar territorios íntimos y subjetivos que le dieran a las obras una mayor trascendencia dentro y fuera de la región”. A nova novela, então, tinha como objetivo ser testemunho da realidade centro-americana de violência, miséria e heroísmo, do que seria a história de seus países e nacionalidades. Assim, passa a ser tarefa do escritor centro-americano construir essas narrativas.

Escritores latino-americanos, ao buscarem construir essa narrativa crítica e diversa, incorporaram uma multiplicidade de pontos de vista, indo para além do social, histórico e político, até temas próprios, específicos da identidade dos países. A partir da ficcionalização do contexto histórico, Belli apresenta suas críticas, mas também inclui mitos indígenas, recupera costumes associados à magia e à tradição, de modo que “el lector se encuentra frente a una realidad exuberante, fantástica y misteriosa, alejada de aquellas obras que pretendían agotar la realidad al reproducirla en sus dimensiones objetivas.”<sup>140</sup>.

---

138 FEDERICI, op. cit., p. 21

139 VARGAS VARGAS, José Ángel. *Introducción a la novela centroamericana contemporánea*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2015. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmccg1n4>>. Acesso em: 24 dez. 2018, 09h20.

140 Ibidem, s/p.

Nas obras que nos propomos a analisar, percebemos um traço autobiográfico e memorialístico marcante. Em seus quatro primeiros livros de poemas<sup>141</sup>, além do debate transversal de gênero e Revolução, que analisaremos nos próximos capítulos, percebemos como a autora nos imerge em sua própria trajetória, na experiência e nos acontecimentos de sua vida. A construção de seus poemas perpassa por suas vivências e falam sobre elas. É o caso, por exemplo, dos poemas finais de *Sobre la grama*, que dizem respeito à gravidez e ao nascimento de suas filhas. Eles aparecem na seguinte ordem: Embarazada, Quiero escribir un niño, Tengo, Maternidad II, Feto, Parto, Dando el pecho, Mi hija Maryam, La muchachita, Melissa. Esses onze poemas estão dispostos um seguido do outro e, apesar de discutirem o tema da maternidade e da mulher, que analisaremos no terceiro capítulo, é importante visualizarmos como sua obra está organizada de acordo com os acontecimentos vividos. Por isso os consideramos, de certa forma, como autobiográficos. Assim, partindo da leitura sequencial de seus quatro primeiros livros de poemas, podemos perpassar também a trajetória de Belli: o nascimento de seus filhos, seus amores, o exílio e sua relação com a FSLN.

Na prosa, principalmente em *La mujer habitada*, a autora mistura sua vivência com o contexto histórico vivido na Nicarágua e o ambiente ficcional criado. Em alguns momentos, podemos cruzar partes da literatura com trechos de seu livro de memórias, compreendendo este último como uma obra produzida décadas após os fatos vividos e, por isso, a partir de um distanciamento e de uma leitura crítica de sua trajetória. Seu segundo romance, *Sofía de los presagios* (1990), é que vai romper com essa linha narrativa que perpassa sua existência. Nele, Belli traz questões relativas à sua vivência, principalmente no que se refere às críticas ao governo revolucionário e à perspectiva do lugar da mulher na sociedade. Contudo, dessa vez, a narrativa e o aspecto ficcional não se misturam com feitos e acontecimentos próprios da autora. Apesar de estarem presentes suas opiniões acerca de diversos temas, o romance não tem acontecimentos diretamente relacionados à vida da autora como eixo narrativo. Para Vargas Vargas<sup>142</sup>, são “obras que construyen una visión crítica y mágica del entorno centroamericano, elaborada con una aguda percepción de la realidad e incorporando, además, voces de distintos sectores y grupos sociales.”

Mas, para fazer isso, diferente de *Sofía de los presagios*, o que estrutura seus livros de poemas e *La mujer habitada* são suas próprias experiências. Em *La mujer habitada* isso fica claro, já que o eixo narrativo da história é Lavinia, uma mulher da aristocracia que deixa a

---

141 *Sobre la grama* (1972), *Línea de fuego* (1978), *Truenos y arcoíris* (1982) e *De la costilla de Eva* (1986).

142 VARGAS VARGAS, op. cit., s/p.

casa dos pais, rompe com o estereótipo de feminino esperado a partir de suas escolhas de vida, entra para um movimento guerrilheiro, se relaciona amorosamente com companheiros da militância e faz parte da operação de logística de um sequestro numa festa de natal da ditadura – tal qual na história de vida de Belli. Por fim, é a emergência das contradições de gênero, somada aos problemas sociais presentes na Nicarágua sob a ditadura somozista, que impulsionam o ímpeto pela escrita de Gioconda Belli.

### **1.2 *Patria Libre o Morir*: a atuação de Gioconda Belli na Nicarágua revolucionária**

Após se convencer da luta armada como a única saída possível para uma vitória revolucionária, Belli se integra à FSLN. Essa mudança de estratégia se torna fundamental para a autora quando ela percebe o teor e a violência da ditadura somozista, compreendendo que a via pacífica e dentro da legalidade não seria suficiente. De início, sem muitas responsabilidades, ela desempenha a tarefa de correio clandestino e, aos poucos, começa a transportar companheiras(os) que se encontravam na clandestinidade. Em *La mujer habitada*, Lavinia também tem como tarefa transportar quadros importantes do *Movimiento*. A partir de então, Belli começa a estudar a Frente com companheiras(os), a fim de se inteirar de quais eram as reivindicações e o projeto sandinista naquele momento. Essa é outra semelhança do romance com suas memórias, como percebemos nas passagens dos dois livros, o que nos mostra o caráter autobiográfico da sua primeira novela. Em *El país bajo mi piel*:

Estudiábamos [Belli e Martín] los documentos clandestinos – el programa, los estatutos del Frente Sandinista de Liberación Nacional – en un gran parque umbroso y arbolado a las afueras de Managua. El fuselaje de un viejo avión y una locomotora en desuso eran los mayores atractivos para los niños. Durante los días de semana, el parque era lugar de reunión de parejas furtivas. Lucía desierto, apenas unos niños aquí o allá, vendedores de paletas, desempleados. Fingíamos ser estudiantes. Llevábamos ocultos dentro de cuadernos universitarios los materiales clandestinos impresos en mimeógrafo.<sup>143</sup>

Em *La mujer habitada*:

En el parque solían encontrarse bajo un ceibo monumental. Sentadas en el extremo más apartado, sobre una banca de concreto, aparentaban ser estudiantes con libros y cuadernos. A Lavinia le gustaba encontrarla allí. [...] Desde ese lugar podían mirar a los niños jugando en la locomotora de un viejo tren abandonado y, en el silencio de la tarde, escuchar las risas infantiles lejanas. Llegó a la hora convenida. Flor aún no estaba. Aparcó el carro en el estacionamiento, sacó los libros y cuadernos necesarios

---

143 BELLI, op. cit. (2010), p. 67.

para la "cobertura" estudiantil y caminó sin prisa hacia la banca. [...] Esa tarde tan sólo unos pocos niños jugaban en el viejo tren.<sup>144</sup>

Essa semelhança de narrativa se estende para o momento do seu juramento sandinista e a importância de ter sido feito com outra companheira. Com tantos questionamentos relativos às imposições de gênero e de classe, somado às questões sociais e ideológicas, acaba se juntando oficialmente à FSLN no início dos anos 1970. A questão da maternidade, num primeiro momento, se coloca como um impedimento para entrar na Frente e “se envolver em atividades perigosas”. A princípio, ela vê sua responsabilidade com a maternidade como incompatível com a atividade política, que colocava sua vida em risco. Contudo, é o fato de ser mãe que acaba se transformando num fator importante para justificar sua militância, assumindo um papel simbólico central no momento de seu juramento. Percebemos as contradições que o papel de militante e de mãe desempenham nela, num diálogo que tem com Camilo Ortega:

— Pero tengo una hija...  
[...]  
— Precisamente porque tenés una hija. — me dijo — Por ella deberías hacerlo, para que no le toque a ella hacer lo que vos no hiciste.  
Tenía razón. La cobardía no era una opción.<sup>145</sup>

Dessa forma percebemos as dificuldades e contradições sobre ser mãe e militante. A convivência dos filhos e filhas no ambiente da militância chega a ser celebrado em alguns momentos, como pessoas que, por crescerem na resistência, também estão integradas na luta política, reverberando os sonhos de transformação. Além disso, é um processo de garantia de melhores condições de vida para as próximas gerações, o que ameniza o sofrimento quando os pais e, principalmente, as mães — uma vez que os filhos são entendidos como responsabilidade das mulheres — deixam seus filhos para participarem da luta política. A sensação de abandono, nesses momentos, gera sentimento de culpa nas mulheres que são mães.

No romance, a personagem Flor tem centralidade na narrativa. É ela que faz todo o processo de integração de Lavinia ao *Movimiento*, mesmo com ela se relacionando com Felipe, que também era dirigente da organização. É Flor que faz o juramento de Lavinia, no parque, debaixo de um ceibo. Nesse sentido, é simbólico para Belli a forma como é realizada

---

144 BELLI, op. cit. (1996), p. 213.

145 Ibidem, p. 58.

a entrada na organização, “ante una mujer enbarazada” - com a centralidade das figuras militantes femininas assim como para Belli em sua trajetória. Nesse momento, a militância se conformava como única saída para outra realidade, tanto de transformação do país quanto do papel de boa mãe e esposa. Assim, é importante a relação estabelecida com outra mulher nesse processo.

Essa mulher, Leana, com quem compartilhava debates políticos e pessoais, também lhe fez questionar a sua responsabilidade pela maternidade. Ao mesmo tempo, o momento do juramento foi “cuando Leana y yo nos abrazamos para sellar el pacto, [que] me emocioné al sentir su enorme vientre rozarse con el mío; mis testigos habían sido dos niños todavía por nacer.”<sup>146</sup>. Fica claro como, em sua trajetória de militância, Belli ressalta as questões relativas à maternidade, e como conciliava essas questões com a militância e o trabalho, tanto num sentido emocional e psicológico — da culpa da ausência e do poder da mulher enquanto capaz de gerar vida — quanto num sentido prático, de revezar ou realizar juntas ambas as tarefas. Belli vai manter um duplo papel antes de partir para o exílio: o de trabalhadora, mãe e esposa, oriunda da classe média, e o de militante, usando do primeiro para favorecer as práticas cotidianas do segundo, uma vez que se aproveitava de seu disfarce de classe. Isso fica claro quando ela usa seus contatos e seus poemas para entrar nas embaixadas e ajudar no planejamento das ações de 1974. Assim como Belli, sua personagem Lavinia vai empregar a mesma estratégia.

Antes do terremoto de 1972, o qual Belli considera como fundamental para organizar a resistência contra a ditadura, ela era parte do Grupo Grada que, organizado por Rosario Murillo<sup>147</sup>, buscava reorganizar a atividade artística e a cultura, por meio de eventos nos bairros, principalmente com base nas canções de protesto de Carlos Mejía Godoy<sup>148</sup>. Tinham o apoio da Igreja e, quando começaram a ser perseguidos pela Guarda Nacional, “los curas progresistas animados por la Teología de la Liberación ofrecieron refugio a los artistas. De las gradas de las iglesias se pasó al interior.”<sup>149</sup>. Além disso, agia como correio, transportava clandestinos e os recebia em sua casa para reuniões, recolhia dinheiro, organizava redes de colaboradores e medicamentos para as guerrilhas e escrevia artigos para o jornal *La Prensa*

---

146 Ibidem, p. 69.

147 Atual vice-presidenta da Nicarágua, ao lado de seu marido, Daniel Ortega.

148 Cantor popular nascido na Nicarágua em 1943, que compunha canções de protesto contra a ditadura somozista, cantando, por meio de suas músicas, a resistência do povo nicaraguense.

149 BELLI, op. cit. (2010), p. 88

sob o pseudónimo de Eva Salvatierra. Chegou a receber treinamento militar e instrução de tiro, assim como Lavinia, em *La mujer habitada*:

Le preocupaban las clases de tiro. Hasta el día del almuerzo con Vela, nunca tuvo un arma en la mano. Ante el general, apenas si había tocado el metal aduciendo el horror "femenino" a las armas de fuego — horror que, por demás, había sentido ese día ante aquellos mudos instrumentos de quien sabe cuántos asesinatos. [...] Y ahora ella iba camino a "clases de tiro; arme y desarme". Aprendería a manejar armas de fuego. Quizás guardaría armas en su casa. No lograba imaginarse a sí misma disparando. ¿Qué se sentiría al apretar el gatillo? ¿Qué lejos estaban sus padres de sospechar estos rumbos de su vida! pensó.<sup>150</sup>

Percebemos muitas semelhanças com as reflexões que ela aponta, em suas memórias, sobre sua primeira aula de tiro:

Rara fascinación la que sentían los hombres por las armas, pensé. Le brillaban los ojos. En cambio yo tuve que superar el rechazo instintivo que me producía. [...] Aquel día en la playa, sin embargo, las sacudidas de las detonaciones me desestabilizaban no sólo el cuerpo sino el espíritu. [...] En nuestro caso no se empuñaban las armas por deporte sino para utilizarla en la lucha armada, que en Nicaragua era una especie de defensa propia, la única opción que nos dejaba la dictadura.<sup>151</sup>

Como citamos brevemente, em 1974, Belli vai participar de uma ação de comando e logística do sequestro na casa de Castillo. Essa experiência será um dos eixos narrativos de seu romance escrito mais de uma década depois, *La mujer habitada*. Na história vivida, um grupo de treza guerrilheiros invadiu uma festa em homenagem ao embaixador dos EUA, sob o comando de Eduardo Contreras (Cero), com o objetivo de trocar os reféns por presos políticos, além de conseguir dinheiro e a leitura de um manifesto político nas rádios do país, que denunciava os desmandos da ditadura: “no dia do sequestro, os sandinistas portavam armas, máscaras, lenços vermelhos no pescoço e carregavam quatro grandes bandeiras com a insígnia da FSLN.”<sup>152</sup>. Por fim, a Frente saiu vitoriosa das negociações, mediadas pelo arcebispo Miguel Obando y Bravo. Posteriormente a essa ação, a repressão foi intensificada pelo regime somozista, enfraquecendo as posições que defendiam que “os Somoza” tinham o direito de governar o país. Segundo Zimmermann, “a repressão de 1975 e 1976 enfraqueceu seriamente a ideia de que Somoza teria o direito moral de governar a Nicarágua, ou de que poderia continuar a fazê-lo com alguma estabilidade.”<sup>153</sup>.

150 BELLI, op. cit. (1996), p. 237

151 BELLI, op., cit. (2010), p. 103.

152 COSTA, op. cit., (2013), p. 270.

153 ZIMMERMANN, op. cit., p. 72.

Belli participou ativamente da organização dessa ação de dezembro de 1974. O objetivo era romper o silêncio, atingir repercussão internacional e afirmar que o somozismo não eliminou o sandinismo após a guerrilha em Pancasán<sup>154</sup>, no final da década de 1960. Assim como em *La mujer habitada*, o sequestro na casa do General Vela seria o que “rompería el silencio guardado durante meses en las ciudades.”<sup>155</sup>. Em *La mujer habitada*, a protagonista (Lavinia) é arquiteta e vai ser responsável pela construção da casa do General Vela, onde, por fim, seria realizada uma festa com presença de importantes membros da ditadura de Faguas — inclusive do Gran General.

No mesmo sentido, enquanto parte da equipe de informação e logística da FSLN, Belli tinha como tarefa arrecadar informações e plantas de possíveis locais onde se daria a ação, aproveitando de sua imagem social desvinculada dos sandinistas. Para isso, recorreu à sua poesia, uma vez que passou em várias embaixadas com a desculpa de que estaria procurando editoras que gostariam de publicar seu livro: “sacudiendo la melena para atrás y sorbiendo el café, asumí mi papel de poeta y mujer refinada que ve sus horizontes limitados por el atraso de su país.”<sup>156</sup>. Antes disso, ela já usava seu trabalho com publicidade para obter informações importantes sobre a relação da ditadura com os setores econômicos.

Dessa forma, assim como Lavinia, Belli utiliza da sua profissão para obter informações que garantiriam o sucesso da ação. Contudo, diferentemente de Belli, Lavinia acaba na linha de frente, com uma arma na mão, e é responsável pelo assassinato do General Vela. Já Giconda Belli sai em viagem com seu marido pela Europa, a fim de não ser descoberta, mas essa atuação e sua condenação no Tribunal Militar Especial lhe rendeu o exílio, de 1974 à 1979, no México e na Costa Rica.

As duas ações — a que Belli participou em 1974 e a fictícia da personagem Lavinia — foram vitoriosas. Na Nicarágua, foi visível o apoio popular nas ruas: “La población se desbordó a las carreteras a ver pasar los autobuses que llevaron a los guerrilleros al aeropuerto cuando al fin Somoza aceptó las condiciones três días después.”<sup>157</sup>. Para a autora, participar dessa ação lhe causou uma sensação de perigo fundamental para se sentir

154 “Uma campanha de guerrilhas, liderada por Carlos Fonseca, foi lançada em 1967, na Região Centro-Norte de Pancasán. Apesar de mais bem preparada que a de 1963, a FSLN conseguiu mobilizar pouco menos de cinquenta guerrilheiros. [...] Em agosto de 1967, exatamente quatro anos após a primeira derrota, uma das três colunas guerrilheiras foi varrida do mapa pela Guarda Nacional e as duas outras recuaram pela fronteira norte, entrando em Honduras. Mais de dez guerrilheiros foram mortos, incluindo o fundador da FSLN, Silvio Mayorga, e outros líderes.” (ZIMMERMANN, 2006, p. 51–52).

155 BELLI, op. cit. (1996), p. 327

156 BELLI, op. cit. (2010), p. 116.

157 Ibidem, p. 128.

plenamente parte do grupo, definindo sua militância como algo que dava sentido à sua existência. A plenitude e o compromisso a acompanhavam: “se experimentaba una absoluta complicidad, un vínculo entrañable con cientos de rostros anónimos, una intimidad multitudinaria en la que desaparecía cualquier sentimiento de soledad o aislamiento.”<sup>158</sup>. Já no que diz respeito à Lavinia, Belli deixa claro a importância da ação também para seu sentimento de pertencimento:

Estaba allí, confundida en el grupo, cual si la cercanía del peligro de pronto los hubiera homogeneizado. Aquí se acababan las cunas de tul o de palo, los distintos recuerdos de infancia. Si íntimamente la aceptaban o no, quizás nunca lo sabría. Lo cierto es que, en este instante, en este paréntesis de tiempo, todos se fundían, animales de la misma especie. [...] Después de tantos meses, tuvo la sensación de haber alcanzado una identidad con la cual arroparse y calentarse.<sup>159</sup>

Outra semelhança com a realidade, é o nome dado ao operativo no romance, chamado de “Eureka”. Ao contrário do romance, essa ação real não fora vitoriosa. Esse operativo também foi importante na trajetória da autora. Ela participou contrabandeando rádios e armas da fronteira da Costa Rica para a Nicarágua, quando ainda se encontrava no exílio e era militante da tendência Guerra Popular Prolongada (GPP)<sup>160</sup>. Essa ação de 1978 foi descrita pela autora em suas memórias, após problemas com a equipe de comunicação:

Se trataba de un suministro aéreo de armas, municiones y combatientes de refuerzo a la guerrilla de la montaña. La operación, que él [Henry Ruiz] dirigiría, permitiría pertrechar a las columnas guerrilleras para que éstas abrieran un corredor desde el Atlántico norte hasta el Pacífico de Nicaragua. Se contaba con el avión DC-3, con las armas, con los combatientes, pero el equipo de radio era clave para sincronizar la acción y garantizar que las fuerzas de tierra tomarían el aeropuerto en el momento indicado.<sup>161</sup>

Foi no mesmo dia que ouviu sobre o fracasso dessa ação, em 1978, que Belli estava em companhia de Henry Ruiz, com quem cedeu aos desejos de envolvimento amoroso, traindo seu marido e o que ela chama de “deveres familiares”. Mas, diferentemente de quando traiu seu primeiro marido com Poeta — fato que considerou como fundamental para sua transformação, como seu “Big Bang personal”<sup>162</sup> que fez com que ela questionasse o seu lugar

---

<sup>158</sup> Ibidem, p. 115.

<sup>159</sup> BELLI, op., cit. (1996), p. 337

<sup>160</sup> Nos deteremos com cuidado na dinâmica da FSLN e sua divisão em tendências no próximo capítulo.

<sup>161</sup> BELLI, op. cit. (2010), p. 253.

<sup>162</sup> “Me hizo cuestionar mis deberes y considerar mis derechos, lo que era mi vida y lo que podía ser. El deseo de libertad se expandió por todo el universo. De mi vida de joven casada de la clase alta sólo quedó la engañosa y pulida superficie. Dentro de mí empezaron los siete días de la creación, los volcanes, los cataclismos.” (BELLI, 2010, p. 53)

de mulher, de direitos e deveres, e que deu o impulso de suas transformações —, trair Sergio com Ruiz, para ela, não teve mais esse sentido; pelo contrário: seu ato foi carregado de sentimento de culpa. Nesse momento, não encarava o casamento apenas como uma obrigação social — o que fazia com que sair dessa lógica fosse uma das maneiras de se opor às obrigações impostas às mulheres. Na medida em que questiona o seu lugar de mulher no mundo, também faz isso a partir de seus relacionamentos amorosos.

A culpa da traição a Sérgio a acompanhou por algum tempo, uma vez que a identificava como oriunda de uma formação social, que não creditava às mulheres a possibilidade de ter mais de um relacionamento, enquanto exaltava essa característica quando relacionada ao sexo masculino. Ela a atribui à sua formação pessoal e tradicional, que condenava a sexualidade feminina: “La culpa, siglos de mujeres adúlteras apedreadas, la educación cristiana, me impedían ver otras responsabilidades que no fuera la mía. Me paralizó el temor de no ser una madre adecuada para Camilo, mi inconsciente aceptó los prejuicios contra mi propio género.”<sup>163</sup>.

A relação com Henry Ruiz vai se configurar como fundamental em sua trajetória e está presente em muitos poemas de *Truenos y arco-iris* e *De la costilla de Eva*. Belli sempre se relacionou com membros da FSLN, o que gerou importantes reflexões para ela sobre as relações de gênero e a organização política: primeiro com o subcomandante Marcos, o codinome de Eduardo Contreras, também conhecido como Comandante Cero, que dirigiu o sequestro de 1974; posteriormente com Modesto, ou Henry Ruiz. Essas relações estão em seus poemas, além de estarem no cerne da relação entre Lavinia e Felipe, em *La mujer habitada*.

À Eduardo Contreras, Belli vai dedicar a segunda parte de seu poemário *Línea de Fuego* (1978), chamado “Acero”. Ele havia caído, assassinado pela Guarda Nacional em 1976, então os poemas servem como uma homenagem póstuma de Belli. Já no apóstrofo de Miguel Hernández<sup>164</sup>, ela deixa explícito como ele é um dos motivos para que ela permaneça lutando e, nos poemas, vai demarcando como o amor dos dois estava relacionado com a guerra e com a militância. O tom dessas poesias é saudosista, inundadas do sentimento de luto e de algo que ficou para ser vivido, de modo que ela se coloca como prolongamento de seu sorriso, de seu corpo e de suas ideias. Ela buscava sua permanência — “la fuerza de tu fuerza”<sup>165</sup> — e define

---

163 BELLI, op. cit. (2010), p. 304.

164 “- Entonces ?Por qué te vas? / - Porque te quiero me voy camino / de la pelea...”

165 BELLI, op. cit. (2014b), p. 49.

que os amores de guerra são sempre incertos, com os tons da liberdade e do povo, misturando-se com a Revolução: “y lo llevo cargado como un fusil al hombro.”<sup>166</sup>. Quando ele morre, Belli se sente como uma mulher abandonada, procurando-o em todas as coisas. Ele era como seu herói indestrutível; era o comandante que nunca cairia.

Em suas memórias, ela revisita essa relação e adota uma perspectiva mais crítica e menos romantizada. Relembra como era responsável pelo transporte de Marcos enquanto ele era clandestino, e como desenvolvem uma rotina de estudos: é aí que começam a se relacionar. Ele teria um ar autoritário, afinal, era o dirigente do assalto de 1974, “aquele hombre era un ser mítico para mí, lejano y cercano a la vez. [...] Marcos me llevaría con él a su mundo y yo jamás regresaría.”<sup>167</sup>. Dessa maneira, assim como nos poemas, podemos perceber como a relação de amor que desenvolveu com ele estava, de fato, ligada à militância e era carregada de uma visão romantizada do revolucionário. Prevalece uma visão dele como herói, mesmo munido de características humanas e falhas.

Quando termina o relacionamento, ela relata o período como permeado de dúvidas em relação às suas capacidades, inclusive femininas — como a de sedução, que ela atribui às mulheres: “probando antiguas estrategias de seducción, intenté recuperar la noción de mí misma, de mi poder de mujer conmocionado por el abandono de Marcos. Se despertó en mí un instinto casi masculino de conquista.”<sup>168</sup>. Durante sua trajetória, como vimos, Belli busca que as mulheres retomem o poder sobre seus próprios corpos, como forma de afirmação de seu poder e de expressão de sua autonomia, dotando a sensualidade da mulher fora do sentido de estar a serviço e dominada pelo homem. Contudo, também ressalta as dificuldades em sair da lógica patriarcal, que impera socialmente.

Já Henry Ruiz (codinome Modesto) aparece em *El país bajo mi piel* também como uma lenda, o importante dirigente da guerrilha, “una versión nicaraguense del Che Guevara.”<sup>169</sup>. O laço construído entre ele e Belli viera do compartilhamento de visões de mundo, do otimismo e da visão da História como um processo longo: “No se puede dar por perdido algo sólo porque no sucedería en el tiempo de la propia existencia.”<sup>170</sup>. Mas, como citado, o envolvimento com ele vem carregado de culpa e, de início, imaginou que aquele amor devastador seria momentâneo. A partir de então, a relação com Modesto vai ser uma

---

166 Ibidem, p. 51-52.

167 BELLI, op. cit. (2010), p. 113.

168 Ibidem, p. 177.

169 Ibidem, p. 217.

170 Ibidem, p. 254.

importante baliza de sua militância, sendo o fio condutor de algumas escolhas importantes feitas pela autora quando atuante no Governo Revolucionário.

É importante termos em mente que a visão do relacionamento que a autora apresenta em suas memórias é fruto de um processo de autorreflexão feito posteriormente — e que, no caso de Belli, está carregado de uma perspectiva crítica. A partir do momento em que ela questiona o estereótipo de gênero e propõe uma relação de igualdade entre homens e mulheres, além de que as mulheres alcancem liberdade e autonomia, a forma como se dão as relações pessoais são ressignificadas. Já o seu casamento com Sérgio é pautado no companheirismo e na luta pelo sonho de transformação da sociedade. Inclusive na forma de lidar com a maternidade, temos, nessa relação, uma transformação importante: quando Belli volta para Nicarágua, após o triunfo revolucionário, o filho dos dois fica com Sérgio, demonstrando como as responsabilidades e as funções dentro da relação não eram entendidas de maneira tradicional:

[Sérgio] se aferraba a Camilo y yo no tenía corazón para desmontar súbitamente cuanto fuera su vida, sus afectos, y despojarlo de un zarpazo **esgrimiendo mis derechos maternos como daga**. Él había cumplido su parte. La Maligna, Circe, la Medusa, era yo. [...] Era un padre excelente. **Las mujeres no poseíamos el monopolio de la maternidad. Ser consecuente con la aspiración de igualdad entre hombres y mujeres** era aceptar que los hombres podían ser madres también.<sup>171</sup>

Assim, após terminar essa relação, assume seu romance com Modesto, que não queria se casar, nem viver na mesma casa, ressignificando, novamente, a forma de estar em um relacionamento. Por ser muito imbricada com a militância, essa relação vai ser dotada de contradições no que diz respeito ao lugar de Belli enquanto mulher revolucionária:

Aunque quizás sea importante en la vida de una poeta enloquecer de amor al menos una vez para poder conocer el lado oscuro de la femenina experiencia humana, tocar el fondo de la propia vulnerabilidad y emerger, me quedé sin más ojos, oídos o tacto que los que me exigía aquel amor endemoniado<sup>172</sup>.

Percebemos como Belli considera a paixão, o amor e a sensualidade como características femininas. Contudo, por se colocar numa posição de contraposição à ordem vigente, essas características não deveriam ser manifestadas, para que as mulheres pudessem ser levadas a sério em ambientes que não lhes eram cedidos, como, o espaço da militância política e do mundo do trabalho assalariado. Essas contradições ficam evidentes quando Belli

---

171 Ibidem, p. 304. Grifo nosso.

172 Ibidem, p. 302.

abandona sua função no governo sandinista — que lhe garantia visibilidade, autonomia e uma posição de poder dentro do novo Estado que se conformava — para acompanhar Modesto, como sua secretária. Nesse momento, Bayardo Arce chama sua atenção: “Lo que me estás planteando es andar con él... pasar a ser la mujercita de hombre. Te vas a enredar.”<sup>173</sup>

Em *La mujer habitada*, a relação da mulher apaixonada e do companheiro dirigente perpassa a narrativa. Também, em suas memórias, vai discutir qual impacto as paixões têm em sua trajetória. Essa relação que a consumia aparece em seus poemas de forma avassaladora, visceral. Em *Truenos y arcoíris* (1982), surge como um relacionamento muito erotizado, que muda a ordem de sua vida, partindo da ideia de que a proximidade com a morte deixa os amores mais urgentes. É em nome dessa relação amorosa que ela abre mão de sua autonomia política, de ocupar uma função importante; abre mão de um espaço e de um reconhecimento, pelos quais lutava para que as mulheres pudessem ter. Essas questões vão aparecer em suas memórias:

A mí, me odiaba la idea de ser secretaria de un hombre, que nunca acepté estudiar para secretaria bilingüe — carrera muy de moda cuando me gradué de secundaria — de pronto la perspectiva me tentaba. Vivir con Modesto la experiencia de moldear un país desde las cenizas se me hacía más fascinante que cualquier otra tarea que pudiera realizar independientemente de él. [...] Mi comportamiento era más bien semejante al de la hembra seleccionada por el mono más fuerte para ser su pareja en la manada: totalmente primitivo. No era el poder sino la sumisión al poder del macho dominante lo que enardecía mi mente y mis hormonas, traicionando mi raciocinio.<sup>174</sup>

Ela vai entender essa relação, posteriormente, a partir de uma perspectiva negativa, como fruto do instinto animal, como um animal doméstico, o que a fazia sentir-se diminuída enquanto mulher, por abrir mão de sua autonomia. Fica clara a contradição, pois, desde o início de sua escrita, apesar de sempre destacar as características ligadas ao instinto das mulheres e dos homens, elas aparecem, normalmente, no sentido positivo de naturalizar a sexualidade e o erotismo feminino. Nesse momento, aparece de forma negativa, como uma tentativa de justificar a submissão social e política ao companheiro que, além de homem, era dirigente da FSLN. A contradição fica ainda mais latente quando percebemos que, em sua narrativa, ela compreende essas questões a fim de igualar os sexos, entendendo que a submissão das mulheres seria uma construção da sociedade, baseada em interesses políticos e

---

173 Ibidem, p. 307.

174 Ibidem, p. 308.

econômicos, de manutenção do poder, e que, como dito, teria emergido na transição para o capitalismo.

No exílio, a partir de 1974, Belli reafirma seu sentimento de pertencimento ao sandinismo. No México, realiza trabalhos de base popular com a companheira Andrea e funda o “Gaceta Sandinista”, ao entrar em contato com outros artistas mexicanos, instituições culturais e universidades. Ainda, é contratada para digitar o novo livro de Efraín Huerta<sup>175</sup>. Já na Costa Rica, vai desempenhar funções que vão desde receber companheiros e traficar armas na fronteira, até intelectual assumindo o papel de interlocutora com artistas, intelectuais e jornalistas, a fim de reverter o isolamento internacional e denunciar o somozismo. Como havia censura na Nicarágua, considerava fundamental que as pessoas com autoridade na comunidade civil se pronunciassem, reforçando a importância que dá ao ato de escrever e sua concepção da função intelectual. Seriam intelectuais aqueles que:

[...] elevaran su voz, para dar a conocer las incontables y cada vez más cruentas violaciones de los derechos humanos por parte de la dictadura somocista. [...] Así logramos llamar la atención sobre el caso de Nicaragua y generar un amplio movimiento de respaldo al sandinismo y de rechazo a la dictadura somocista.<sup>176</sup>

É importante compreendermos o significado do exílio para Belli, entendendo que essa foi uma etapa fundamental para ela, tanto para se reconhecer como militantes da FSLN quanto como um desafio para sua posição enquanto mulher, envolvendo uma gama de relações pessoais e a conciliação da maternidade com a militância política. Também, é a partir do exílio que vai reforçar seu papel político enquanto intelectual.

### **1.3 Exílio: *El tiempo que no he tenido el cielo azul***

Mesmo que nosso trabalho não tenha como foco estudar o exílio latino-americano, tema que rende importantes trabalhos acadêmicos, achamos fundamental compreendermos de que forma a questão aparece na produção de Belli. Esse foi um momento central na sua vida pessoal e na militância, também presente em sua obra, principalmente em seu segundo livro (*Línea de fuego*), escrito e publicado no exílio. Essa etapa de sua trajetória é importante para compreendermos sua atuação na FSLN a partir do México e da Costa Rica, e como os

---

175 Poeta e jornalista mexicano, nascido em 1914. Foi jurado do Prêmio Casa de las Américas em 1978, ano em que Belli venceu o prêmio de poesia pelo seu livro *Línea de fuego*.

176 Ibidem, p. 159.

diversos debates colocados no período eram discutidos por ela, por meio de seus poemas. Além disso, é um momento de reflexões feitas pela autora sobre seu lugar enquanto mãe e mulher revolucionária. Sendo assim, consideramos que, a partir do exílio, reflexões significativas foram feitas pela autora no que diz respeito à Frente e à sua atuação de mulher e militante. Como afirma Silvina Jesen:

El exilio es un objeto poliédrico y móvil que impone fuertes desafíos. Por su condición dinámica, complejiza el trabajo de los historiadores habituados más a pensar en acontecimientos, sujetos o procesos fijos (enraizados) dentro de los límites de los estados nacionales. Hacer Historia de los exilios requiere combinar niveles y escalas de análisis múltiples (local, nacional, regional, internacional, transnacional). La vida de los exiliados transcurre en la encrucijada entre un “aquí” y un “allá”, una dualidad que no remite sólo a dos geografías, sino a dos tiempos políticos, existenciales y simbólicos. Esta dualidad fundante del exilio suele acompañar el retorno al país de origen. En no pocos casos, el regreso, lejos de anular el descentramiento vital que condiciona la relación de los desplazados con el mundo y los lleva a definir “adentro” y “afueras”, se reedita y/o profundiza.<sup>177</sup>

Para Ángel Rama, o exílio é uma prática nas Américas desde a colonização. Adotando um caráter temporário, ao menos de início, “parece aludir a una situación anormal, transitoria, algo así como un paréntesis que habrá de cerrarse con el puntual retorno a los orígenes.”<sup>178</sup>. Nesse caso, a literatura irrompe como forma de reflexão e como lugar de protesto e denúncia. Luis Roniger<sup>179</sup> reforça as especificidades do exílio latino-americano no século XX, com motivações majoritariamente políticas, devido aos governos autoritários e ditatoriais na região, havendo uma massificação do exílio político e este como uma política desses Estados antidemocráticos, como forma reguladora do Estado-nação. Assim, segundo Raphael Coelho Neto, os Estados antidemocráticos tinham “o intuito de eliminar a presença, em território nacional, daqueles opositores políticos que estiveram legitimados pela sociedade a falar em nome dela, influenciando, por conseguinte, a opinião pública.”<sup>180</sup>. Contudo, esses exilados também se organizaram a partir da nova situação em que se encontravam:

A ampliação da exclusão institucional deu lugar a uma dinâmica de dispersão dos exilados, o que lhes permitiu gerar amplas redes de solidariedade e centralizar cada vez mais a atenção da esfera pública internacional no exílio como reflexo das

---

177 JENSEN, Silvina. Exílio e historia reciente. Avances y perspectivas de un campo en construcción. *Aletheia*, v. 1, n. 2, mai. 2011, p. 1-21.

178 RAMA, Ángel. *La riesgosa navegación del escritor exiliado*. Montevideo: Arca, 1998, p. 240.

179 RONINGER, Luis. Exílio massivo, inclusão e exclusão política no século XX. *Dados-Revista de Ciências Sociais*, v. 53, n. 1, p. 91-123, 2010.

180 COELHO NETO, Raphael. *Exílio, intelectuais, literatura e resistência política nas revistas Literatura Chilena e Araucaria de Chile (1977 – 1989)*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017, p. 39.

políticas de exclusão e de repressão empregadas nos países expulsos. A crescente conscientização produz então uma radical transformação na estrutura, no impacto e na funcionalidade do exílio político nos estados ibero-americanos.<sup>181</sup>

Assim, a atividade dos exilados nos países em que se encontravam serviam como espaço para denúncia da violência estatal praticada em seus países de origem, de modo que houve “a cristalização de coalizões políticas portadoras de nova voz na esfera internacional e com maior poder de pressão tanto sobre os estados expulsos quanto sobre os estados anfitriões”<sup>182</sup>. Segundo Roninger, aqueles expulsos da Nicarágua somozista formaram grupos de resistência, principalmente na Costa Rica, onde Belli passa a maior parte de seu exílio<sup>183</sup> — sendo esse país, junto com México e Guatemala, os principais receptores de exilados da América Central.

Como veremos, para Belli, o exílio não guarda o sentido de permanência, o que faz com que ela adote uma postura de resistência à aculturação e à integração à Costa Rica, por ter sempre a expectativa de retorno à Nicarágua, entendendo o exílio como uma condição temporária. Raphael Coelho Neto reforça essa perspectiva a partir de Edward Said, segundo o qual

[...] a dificuldade dos exilados, a maioria deles, não consiste somente em serem forçados a viver longe do seu país de origem, mas, sobretudo, em ter de viver com a lembrança de que se encontram no exílio, situando-se em um estado intermediário no qual não se está ampla e culturalmente integrado ao novo ambiente social nem totalmente liberto do seu lugar de origem.<sup>184</sup>

Feitas essas breves considerações acerca do exílio latino-americano, é importante ressaltarmos que Belli, quando exilada, não o é por ser considerada uma voz autorizada do processo revolucionário, mas sim por sua atuação política no sequestro de 1974. No momento em que parte para o México e para a Costa Rica, havia publicado apenas seu primeiro livro de poesia, *Sobre la grama* (1972), que, apesar de ter chocado a sociedade nicaraguense com seu tom polêmico de enfrentamento aos padrões sociais, não tratava diretamente sobre a

---

181 Ibidem, p. 92.

182 Ibidem, p. 105.

183 Infelizmente, não tivemos acesso a fontes suficientes (além de não ser o objetivo central deste trabalho), que pudessem nos auxiliar a traçar a rede transnacional na qual Belli se envolveu, a partir do exílio. Para aprofundar nesse debate, além dos autores citados, sugerimos: QUADRAT, Samantha Viz (Org.). *Caminhos cruzados: história e memória dos exilados latino-americanos no século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011; SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. *La política del destierro y el exilio en América Latina*. México: FCE, 2013; SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

184 COELHO NETO, op. cit., p. 45.

Revolução e nem criticava o regime somozista. Já *Línea de fuego* (1978) assumirá esse tom de denúncia, e fora escrito e publicado quando a autora já se encontrava exilada, sendo a oposição política um tema fundamental nessa obra (e que analisaremos sem seguida).

É a partir do exílio que Belli, ao destacar seu sentimento de pertencimento ao sandinismo, corrobora com a visão adotada por Coelho Neto, segundo o qual “a atuação política dos exilados tendeu a reforçar os laços entre eles e muito políticos e intelectuais dos países nos quais residiam.”<sup>185</sup>. É em terras estrangeiras que a autora reencontra o amor e que se aproxima de companheiros com os quais vai compartilhar a dor, a vida e a comida, mas também os sonhos da Revolução. Passam por dificuldades juntos, o que os envelhecem, mas também é com quem cria laços a partir da felicidade em construir um projeto político coletivo, com esperança e otimismo: “y sabemos que nada pueda pasar que nos detenga / porque somos semilla y habitación de una sonrisa / íntima / que explotará / ya pronto / en las caras / de todos”<sup>186</sup>.

Na Costa Rica, Belli vai se sentir “condenada al destierro”, depois de ter sido condenada “a dieciocho meses de cárcel”<sup>187</sup>. É uma condição que ela classifica como dolorida, na qual sua vida perde a cor, a felicidade: “El tiempo que no he tenido el cielo azul / y sus nubes gordas de algodón en rama, / sabe que el dolor del exilio / ha hecho florecer cipreses en mi carne”<sup>188</sup>. Além da dor da distância, sente-se, num primeiro momento, impotente frente ao que acontecia na Nicarágua, enquanto ela está distante, com nostalgia de sentir a familiaridade de estar em seu próprio país, entre seu próprio povo:

es dolor este moverme en calles  
con nombres de otros días, otras batallas  
de otros personajes que no son de mi historia.  
Es dolor caminar entre caras desconocidas  
con quienes no puedo compartir un poema,  
hablar de cosas de la familia  
o simplemente despotricar contra el gobierno.<sup>189</sup>

Mas, ao mesmo tempo, resignifica esse sofrimento como uma forma de fazer florescer e de ser um ambiente fértil para o sonho revolucionário, “que a punto de dolor / es seguro que

---

185 COELHO NETO, op. cit., p. 46.

186 “Claro que no somos una pompa fúnebre”. In: BELLI, op. cit. (2014b), p. 19-20.

187 “Vivo en Costa Rica”. In: BELLI, op. cit. (2014b), p. 16.

188 “El tiempo que no he tenido el cielo azul”. In: BELLI, op. cit. (2014b), p. 17.

189 Ibidem, p. 17.

pariremos / un amanecer / para esta noche larga”<sup>190</sup>. Apesar de reafirmar sua militância e sua esperança com a Revolução, do exílio, vai sentir-se pessoalmente deteriorada, como se surgisse uma outra Belli, diferente da que sorria, que pertencia à cidade em que vive, que era orgulhosa de sua poesia e de sua maternidade. Ao ter que se afastar das filhas por um tempo, ao não reconhecer a terra onde vive e ao escrever poesia escondida, sente-se “sin amor, sin risa, sin Nicaragua / [...] / Ahora, / soy un canto de lluvia y de nostalgia, / soy de ausencia.”<sup>191</sup>.

Contudo, à medida que se sente integrada na organização da Frente no exílio, assume responsabilidades, consegue se reunir com suas filhas, estabelece novas relações amorosas e começa a reinterpretar esse lugar, que passa a ser visto como onde também consegue se movimentar politicamente, inclusive assumindo seu papel enquanto intelectual, voltando a ter vontade de escrever,

Volvés a sentir el calorcito en la yema de los dedos,  
la cosquilla de escribir en el estómago y sos de nuevo  
poeta, mujer y pájara. Está otra vez fértil y tierrosa  
[...]  
En el fondo es como sentir que volviste a nacer, a  
    pesar de  
todas las trampas de la mediocridad y del exilio.<sup>192</sup>

Com base no significado que Belli dá para o exílio, consideramos importante analisarmos o que fez com que ela fosse obrigada a sair da Nicarágua, e de que forma atuou estando no México e na Costa Rica. Isso se deu após o terremoto de 1972 e o acirramento da repressão por parte da ditadura somozista, somado ao aumento da crise política, e com as ações empreendidas pela FSLN em 1974, fundamentais para o enfraquecimento do regime somozista e para a maior visibilidade dos sandinistas. Por essa atuação, Belli foi condenada no Tribunal Militar Especial, o que lhe rendeu o exílio de 1974 à vitória revolucionária, em 1979, passando pelo México e se estabelecendo na Costa Rica. De fora de seu país, vai organizar sua militância, destacando-se como importante intelectual:

[...] elevaran su voz, para dar a conocer las incontables y cada vez más cruentas violaciones de los derechos humanos por parte de la dictadura somocista. [...] Así logramos llamar la atención sobre el caso de Nicaragua y generar un amplio movimiento de respaldo as sandinismo y de rechazo a la dictadura somocista.<sup>193</sup>

---

190 Ibidem, p. 18.

191 “Yo fui una vez una muchacha risueña”. In: BELLI, op. cit. (2014b), p.34.

192 “Vencer las trampas”. In: BELLI, op. cit. (2014b), p.37.

193 BELLI, op. cit. (2010), p. 159.

Junto de Sergio Ramirez, também se compromete a organizar “nicaraguenses notáveis”, a fim de que, com o sucesso de ações militares, constituíssem um governo alternativo que se colocaria como o núcleo de uma “gran frente antisomocista que agruparia a partidos, organizaciones, sindicatos y cuantos quisieran unir sus fuerzas contra Somoza. El objetivo era que el sandinismo perdiera su carácter de secta guerrillera y promoviera una alianza nacional para derrocar a la dictadura.”<sup>194</sup>. Esse grupo de governo provisório acabaria se tornando o “Grupo de los Doce”, uma organização política não-partidária composta por intelectuais, universitários, eclesiásticos e profissionais que visavam aproximar os diversos setores anti-somozistas, reconhecendo a direção da FSLN e negando qualquer diálogo com a ditadura.

Ainda com Sérgio Ramírez, vai criar o suplemento literário “Solidariedad”, dentro do jornal “Pueblo”. Assim, organizava campanhas publicitárias a favor dos sandinistas, articulava redes de apoio, escrevia comunicados para a imprensa estrangeira e artigos para o “Solidariedad”. Em 1977, a autora se vê, juntamente com Humberto Ortega, envolvida na organização de redes clandestinas que, a partir da Costa Rica, incidiriam na insurreição popular contra Somoza. Vinculada aos Terceristas que Belli se prepararia para as ações militares e alianças políticas que desembocariam numa situação insurrecional. Ela foi responsável por reativar o “Comité Costarricense de Solidariedad con Nicaragua”, que contava com representação de diversos partidos políticos e intelectuais de prestígio, o que foi “muy importante para encauzar las simpatías del pueblo costarricense en favor del sandinismo”<sup>195</sup>, destacando a importância estratégica da Costa Rica, por também ser fronteira geográfica com a Nicarágua. É, também no exílio, que participa de escolas militares e contrabandeia armas na fronteira entre a Costa Rica e a Nicarágua.

Quando rompe com os Terceristas e se une à Guerra Popular Prolongada, acaba desempenhando basicamente as mesmas funções, contudo com maior visibilidade, por ser uma tendência com ainda menor atuação fora da Nicarágua. Chega a se tornar a “cara pública” da GPP em 1978, se desvinculando da organização da rede clandestina: “Dirigía y coordinaba las tareas políticas con el movimiento de solidaridad, los partidos políticos, los organismos internacionales, las redes de apoyo, y me encargaba de los medios de comunicación.”<sup>196</sup>. Além disso, era responsável pela arrecadação de verba para compra de armas no mercado

---

194 Ibidem, p. 182.

195 Ibidem, p. 181.

196 Ibidem, p. 233.

clandestino. Posteriormente, transportava essas armas, dinheiros e documentos entre a fronteira com Honduras e Panamá — isso devido ao seu status de escritora, mulher e de classe média, que garantia maior discricção nos aeroportos: “pensaba que mi estampa de mujer de cierta clase me libraría de las sospechas de las autoridades.”<sup>197</sup>.

É como representante da GPP que a intelectual participa, no Panamá do general Torrijos, do Congreso Continental de Solidaridad con Nicaragua, ressaltando como ganha espaço político importante dentro da tendência. Na virada de 1978 para 1979 vai também à Cuba, para o XX Aniversário da Revolução Cubana. Destaca a dificuldade em ser mulher nesses círculos da esquerda que, segundo ela, são majoritariamente masculinos e masculinizados: “Como me sucedería a menudo en mi vida al tratar con hombres en posiciones de liderazgo, lentamente caí en la cuenta de que no quería oírme, sino que lo oyera.”<sup>198</sup>.

Apesar das dificuldades em ser mulher nos ambientes da política, aos poucos Belli vai delineando seu espaço, tornando-se, em 1979, parte da Comisión Político-Diplomática del FSLN, “espece de embajadora de lo que era ya un prestigioso y reconocido movimiento de liberación.”<sup>199</sup>. Nesse processo, sua casa se torna um verdadeiro centro de atividades sandinistas, reunindo documentos, objetos e militantes. Mesmo com tantas funções de destaque dentro da GPP, a partir da unidade da FSLN percebe que as mulheres têm pouca voz nas decisões tomadas, questão clara quando várias companheiras protestam sobre a falta de nomes femininos para compor o governo revolucionário e são solenemente ignoradas. Ou seja, mesmo nos espaços onde, teoricamente, deveriam ser livres de preconceitos relacionados ao gênero, eles se manifestam de forma límpida. Restava, às mulheres, buscar maneiras de resistência dentro da própria organização revolucionária.

#### **1.4 Sandinista: Belli e a construção da nova Nicarágua**

O governo revolucionário que assume a Nicarágua a partir de 1979 é composto por diversos grupos políticos, contudo, encontra-se hegemônico pela condução política da FSLN, o que se justifica pelo papel assumido pela Frente e pela legitimidade dada pela

---

197 Ibidem, p. 233.

198 Ibidem, p. 261.

199 Ibidem, p. 274.

maioria da população aos sandinistas, no decorrer do processo revolucionário. De forma que, segundo Matilde Zimmermann:

Embora a maioria dos simpatizantes nunca tivesse lido o “Programa Histórico” de Carlos Fonseca, todos lutavam por conteúdos enunciados no documento de 1969, e o sucesso da FSLN se deveu ao fato de terem reunido todas essas lutas diferentes num só movimento unificado que se tornaria, cada vez mais, uma séria ameaça à ditadura.<sup>200</sup>

Até 1979, os EUA de Carter tentaram impedir que a FSLN assumisse o poder do país, buscando bloquear a existência de uma “nova Cuba” no continente. Contudo, em um primeiro momento, o imperialismo fora derrotado. Já antes da chegada em Manágua, em 19 de julho de 1979, a Frente havia anunciado (três dias antes), desde a Costa Rica, a formação de um governo revolucionário provisório, que contava com três membros da FSLN que acabariam por deter o poder político: Daniel Ortega, Daniel Hassán — Movimento Povo Unido (MPU) — e Sergio Ramírez — representando o Grupo de los Doce; além de Alfonso Robelo, representando os industriais e de Violeta Chamorro, viúva de Pedro Joaquín Chamorro. No entanto, o “projeto de uma legislatura pós-Somoza não foi concretizado senão em maio de 1980, quando a administração nacional foi dominada pela FSLN e por uma coleção de organizações pró-FSLN, criadas durante a insurreição”<sup>201</sup>, representando diversos grupos da sociedade — como os trabalhadores, as mulheres e a juventude.

A vitória sandinista foi celebrada efusivamente pelos nicaraguenses, com a sensação de quem vive a primeira experiência de liberdade em meio século, segundo Belli. A autora relata a sensação de prazer de ter participado do processo revolucionário e por saber que a morte de companheiros e amigos não havia sido em vão: “esta vez los muertos me habitaban vivos.”<sup>202</sup>. Ela compara o sentimento de libertar o país com o do parto (nascia um país, a “recompensa final del dolor”) e ressalta o prazer em ser reconhecida como “Comandante Belli” pelas ruas de Manágua. Contudo, apesar de toda felicidade que envolvia aquele momento, sabia das dificuldades de se reconstruir um país devastado pela guerra e expropriado por aqueles que fugiram: “el vacío de poder que encontramos: una situación de borrón y cuenta nueva. El Estado no existía, se había disuelto completamente.”<sup>203</sup>.

---

200 ZIMMERMANN, op. cit., p. 89.

201 Ibidem, p. 90.

202 BELLI, op. cit. (2010), p. 291.

203 Ibidem, p. 293.

Belli retorna à Nicarágua logo quando se anuncia a vitória sandinista. Ela até tenta retornar uns dias antes, vestida de uniforme verde-oliva — o que nos mostra a romantização do guerrilheiro revolucionário que emerge com a Revolução cubana: “prefería morir dentro que seguir siendo espectadora de mi país en guerra.”<sup>204</sup>. Essa passagem nos deixa uma brecha para afirma duas questões: como ela sentia que sua participação, desde o exílio, não era suficiente, mesmo que importante; e como, nesse momento, a maternidade é colocada em segundo plano, pois estava disposta a deixar suas filhas na Costa Rica para ir à luta armada. A autora ainda destaca, como reflexo do machismo, o fato de não conseguir autorização da direção da Frente, mais especificamente da GPP, para voltar à Nicarágua, “de haber sido yo hombre, no me podrían trabas.”<sup>205</sup>

Com a vitória, ainda na Costa Rica, Belli escreve e edita o periódico da vitória, que seria distribuído por ela e por outros companheiros nas ruas de Manágua, intitulado “Pátria libre”. Com a sensação de que todos os sonhos são possíveis de se tornarem realidade, de que seu país novamente nascia, e se sentindo como uma heroína, volta para Nicarágua.

Os fatores determinantes para a vitória sandinista, segundo Kruijt<sup>206</sup>, teria sido o inovador conceito de estratégia de guerrilha urbana exitosa, o rompimento com o foquismo, a adaptabilidade e o dinamismo da direção, o apoio massivo de jovens milicianos urbanos, a aliança multiclassista e a colaboração de outros governos da América Latina. Questões essas que, como vimos, foram levantadas, principalmente, pelos Terceristas que, nesse momento de difícil reconstrução do país, delineiam a postura ideológica da Frente, marcada pela “combinação de elementos de diferentes matrizes: do marxismo à Teologia da Libertação, da socialdemocracia à tradição anti-imperialista latino-americana.”<sup>207</sup>

O que mais distanciava o projeto sandinista da experiência cubana era a opção pela manutenção do estado pluripartidarista e da economia mista, discurso sustentado na retórica da manutenção da democracia, e aproximando-se da experiência chilena de Allende, no início da década de 1970. O respeito, a admiração e a referência que os sandinistas tinham em relação aos cubanos e sua Revolução estão claros desde o processo revolucionário, o que percebemos, por exemplo, na contínua presença da figura de Che Guevara em diversos momentos das obras de Gioconda Belli. Contudo, os sandinistas sempre delimitaram essa

---

204 Ibidem, p. 281.

205 BELLI, op. cit. (2010), p. 282.

206 KRUIJT, Dirk. *Guerrilla: guerra y paz en Centroamérica*. Guatemala: F & G Editores, 2009.

207 COSTA, op. cit. (2013), p. 268.

aproximação na busca por um processo próprio, nicaraguense, que levasse em conta as particularidades desse país. Frente a essas questões e à conjuntura internacional de Guerra Fria, desde 1979 a FSLN solicita a incorporação ao Movimento de Países Não Alinhados, “un foro para las naciones del Tercer Mundo que proponían un orden internacional más justo, y una posición independiente de las superpotencias.”<sup>208</sup>

Para Luis Coraggio<sup>209</sup>, nesse momento se estabelece as diretrizes do novo Estado sandinista. Houve uma busca pela construção do que chamaram de “democracia substantiva”<sup>210</sup>, principalmente através da ampliação de formas de participação popular, de modo que a Frente acaba adotando uma perspectiva de “hegemonia popular”<sup>211</sup> como central à transição para a nova sociedade. Assim, vai se conformando o desenvolvimento de uma nova correlação de forças sociais, percebida em um sistema político hegemônico pelos setores populares. Dessa forma, para Coraggio:

[...] como revolución social, a partir de condiciones heredadas muy difíciles, la Revolución Popular Sandinista tiene que ser una revolución de la sociedad civil, y debido a ello, será una profunda revolución política. Aunque el papel del FSLN como conductor revolucionario es innegable, el sujeto de la revolución no está dado de antemano sino que es en sí mismo uno de los objetivos de la Revolución.<sup>212</sup>

As ações adotadas pelo governo provisório, ao assumir o poder, foram as de logo abolir a Guarda Nacional e fundar o Exército Popular Sandinista e a Polícia Sandinista. Aos poucos, nacionalizaram as propriedades de Somoza e de seus simpatizantes que também haviam saído do país, transformando algumas em escolas, creches e centros culturais; estatizaram o rádio e a TV; fundaram o jornal sandinista *Barricada*; nacionalizaram os bancos a fim de garantir o controle sob a exportação de produtos agrícolas e controlar o preço de bens de consumo e, também, as minas de ouro da costa Atlântica, que estavam sob controle de norte-americanos.

Num primeiro momento, Belli assume a estação de televisão do Estado, nomeando o jornal de “Noticiero Sandinista”, e cria o slogan que ficaria por anos como o texto de

---

208 Ibidem, p. 317.

209 CORAGGIO, op. cit., p. 35.

210 “la búsqueda de una combinación de formas representativas (elección de presidente y vice-presidente y de una Asamblea Nacional) con formas de participación popular en la construcción de una democracia substantiva, que conjugue la socialización económica con la socialización del poder político. Esto implica también la combinación del sistema de partidos políticos con la participación a través de las organizaciones de masas, y otras formas directas de participación popular en la gestión social.” (CORAGGIO, op. cit., p. 12).

211 Povo enquanto detentor do poder hegemônico.

212 CORAGGIO, op. cit., p. 35.

apresentação do programa: “la Revolución avanza, la Revolución se fortalece”. A autora começa a pensar, então, no formato do Sistema Sandinista de Televisão — que, para ela, utopicamente deveria girar em torno da ideia de educação e cultura para o povo, desejo que prontamente esbarra em dificuldades técnicas e burocráticas, como a falta de programas disponíveis.

Ainda, eram início às campanhas de alfabetização e brigadas alfabetizadoras, diminuindo a taxa de analfabetismo no campo de 80% para 13%, como afirma Zimmermann:

A campanha de alfabetização e as brigadas da saúde mudaram a vida de milhares de camponeses nicaraguenses, a maioria nunca recebera um só benefício da reforma agrária. Os habitantes da zona rural começaram então a romper as divisões entre o campo e a cidade, herdadas da revolução.<sup>213</sup>

Nesse momento, contam amplamente com a ajuda de Cuba, principalmente nas brigadas de alfabetização e de saúde, e no fortalecimento do sindicalismo nas cidades e no campo: “Fidel Castro deu amplo apoio militar e logístico aos sandinistas durante a luta contra Somoza e, quando eles tomaram o poder, enviou assessores militares, professores e médicos, com intuito de ajudar a consolidar o novo regime de esquerda.”<sup>214</sup>. Logo em fevereiro de 1980, iniciou-se a Cruzada Nacional de Alfabetización que, para Belli, foi “la más impresionante y conmovedora de las hazañas heroicas que me toco vivir.”<sup>215</sup>. Isso se deu graças ao esforço de milhares de pessoas: um exército de jovens para os quais a FSLN queria passar a mensagem de que

Se trataba de cumplir una promesa esencial de la Revolución y de decirles a las nuevas generaciones que ya no serían las armas, sino la solidaridad y la generosidad de ellos, lo que transformaría nuestro país y lo sacaría de su antiguo y pertinaz atraso. [...] Enseñar a leer a todos en Nicaragua era empezar la verdadera revolución.<sup>216</sup>

A participação da juventude nessas brigadas foi de fundamental importância para que elas acontecessem. No momento das investidas pela alfabetização, as filhas de Gioconda Belli não tinham idade suficiente para se voluntariarem, mas, posteriormente, já adolescentes, participaram das brigadas de colheita de café em 1984 e 1985, durante suas férias escolares. Elas atuaram na Brigada de Cortadores de la Juventud Sandinista e, segundo as memórias da autora, “fui visitarlas en Navidad y me impresionó la felicidad con que vivió esos meses de

---

213 ZIMMERMANN, op. cit., p. 103.

214 COSTA, op. cit. (2013), p. 266.

215 BELLI, op. cit. (2010), p. 334.

216 Ibidem, p. 334.

duro trabajo pero también de alegre camaradería con sus compañeros.”<sup>217</sup>. O que demonstra que, mesmo em condições adversas para jovens de classe média, tinham convicção de que, com seu trabalho, contribuiriam para a Revolução e para construção da nova Nicarágua.

No meio do caos econômico, a Frente se fortalecia ideologicamente e continuava seu trabalho através dos Comitês de Defesa Sandinista (CDS)<sup>218</sup>, que, inspirados nos Comitês de Defesa da Revolução (CDR) cubanos, eram considerados a espinha dorsal da Revolução — organizações de massa que detinham pouca ou nenhuma autonomia em relação ao Estado e ao partido. Nesse momento, a Frente se comprometia tanto com uma economia mista, garantindo o lucro de proprietários privados, quanto com a ideia de “trabalhadores e camponeses no poder”, mantendo o pluralismo político e envoltos no discurso da democracia. Além disso, propunha construir um projeto de sociedade nacionalista e anti-imperialista, que garantiria a autonomia da nação e teria centralidade nos ganhos sociais para os trabalhadores e as trabalhadoras do campo e da cidade. Ainda, reforçavam o não alinhamento à Cuba ou à URSS, alegando que construiriam um socialismo nicaraguense. As críticas dos adversários políticos da Frente dificilmente encontravam respaldo na maioria da população, que, pela primeira vez, sentia que estava fazendo parte da sociedade e da política, principalmente devido à sua atuação a partir dos CDS.

Em meio às contradições entre as medidas tomadas pela Frente, e às dificuldades encontradas no caminho, havia o medo permanente de uma intervenção norte-americana. Segundo Gioconda Belli, em uma de suas primeiras conferências para a imprensa, Tomás Borge disse que “Toda revolución genera una contrarrevolución — dijo —. Los guardias somocistas que se fueron, volverán. Así es la historia. Por eso tenemos que estar preparados.”<sup>219</sup>. Certo que estava, já no início dos anos 1980, aqueles e aquelas que não apoiavam a Revolução, principalmente membros da antiga Guarda Nacional de Somoza, começaram a se organizar para travar uma contrarrevolução, com o apoio estratégico e financeiro dos Estados Unidos. É o governo de Ronald Reagan que vai intensificar o apoio

---

217 Ibidem, p. 314.

218 “Os Comitês de Defesa Civil, que haviam atuado no apoio logístico às insurreições urbanas, passaram a distribuir alimentos e restabelecer os fornecimentos de água e luz para os bairros mais atingidos. Essas organizações, em sua maioria operadas pela classe trabalhadora, eram chamados Comitês de Defesa Sandinista (CDS). [...] rapidamente se transformaram numa organização de massa, estabelecidos por quarteirões nos bairros da classe trabalhadora, que tinham sido o centro da luta contra Somoza. [...] Os Comitês de Defesa Sandinista reuniram-se regularmente para debater problemas locais e nacionais, e para organizar campanha de saúde, defesa e prestação de serviços. Muitos dos líderes eleitos e dos ativistas eram mulheres de meia-idade.” (ZIMMERMANN, 2006, p. 95-119).

219 BELLI, op. cit. (2010), p. 321.

aos Contra, com uma ajuda multimilionária — governo esse que, já na plataforma eleitoral, dizia (segundo Belli): “Deploramos la toma de Nicaragua por los sandinistas, así como los intentos marxistas por desestabilizar El Salvador, Honduras y Guatemala.”<sup>220</sup>

Para além do financiamento dos Contra, o governo de Reagan cancelou a entrega de empréstimos à Nicarágua, cortou os créditos do país e vetou a relação com o Banco Interamericano de Desenvolvimento, ações que incidiram direta e negativamente na recuperação econômica no momento pós-guerra de libertação nacional. Para Belli, esses acontecimentos foram fundamentais para deteriorar as relações entre os dois países: “las amenazas norteamericanas, la arrogancia diplomática del secretários de Estado, Alexandre Haig, se toparon con el orgullo nacionalista y tozudo del gobierno revolucionario. Se fue creando una situación de enfrentamiento desigual.”<sup>221</sup>. Nesse cenário, a Revolução vai endurecendo seu discurso e confiscando propriedades. Assim, o discurso radicalizado da Frente, mesmo que na prática não se efetivasse, acaba servindo como uma justificativa conveniente à Reagan.

Os Contra se organizaram, principalmente, a partir da fronteira da Nicarágua com Honduras, onde recebiam treinamento militar dos EUA. Até meados dos anos 1980, “a guerra eclodia no campo, embora nas cidades a situação continuasse relativamente calma. Os Contra miravam os membros de cooperativas e trabalhadores da saúde, professores e agrônomos.”<sup>222</sup>. Logo, intelectuais importantes<sup>223</sup> se uniram em prol da Nicarágua, reconhecendo o exagero da política adotada pelos EUA e a desproporcionalidade da força militar utilizada contra os sandinistas. Foi fundamental a atuação deles na esfera pública — que eram como “bandadas de pájaros queriendo proteger con la sombra de sus alas lo bueno que veían en la Revolución”<sup>224</sup> —, para que se contivesse as investidas da administração do presidente norte-americano e uma invasão direta dos EUA fosse evitada. Os intelectuais contribuíram, também, para a conformação de uma opinião pública internacional que, a cada dia, discordava mais da interferência norte-americana: “Reagan y sus halcones volcaron entonces sus energías en la

---

220 Ibidem, p. 324.

221 Ibidem, p. 340.

222 ZIMMERMANN, op. cit., p. 123.

223 Gioconda Belli cita: William Styron, Allen Ginsberg, Alphonse Woodard, Anne Waldman, Ferlinghetti, Susan Sarandon, Richard Gere, Jackson Browne, Joan Peters, Harold Pinter, Salman Rushdie, Eduardo Galeano, Juan Gelman, entre outros.

224 BELLI, op. cit. (2010), p. 341.

guerra encubierta y las sanciones económicas”<sup>225</sup> — ou o que a CIA nomeou de “guerra de baixa intensidade”.

Um dos principais motivos da perda da legitimidade e da autoridade da Frente foi a adoção do Serviço Militar Patriótico que, decretada em 1983, ainda em tempos de guerra, forçava o alistamento obrigatório. Nesse momento, os filhos da classe média foram, em grande maioria, enviados para Miami<sup>226</sup>, a fim de não terem que se alistar — o que fez com que a Frente recorresse ao recrutamento de jovens com idade menor que a legal. Dessa forma, a lei acaba atingindo fortemente a juventude da classe trabalhadora e do campo, gerando grande insatisfação popular, principalmente das mães e dos pais que viram seus filhos, ainda muito jovens, obrigados a irem para a guerra.

Para muitos, esse é considerado um dos principais motivos para a derrota dos sandinistas nas eleições de 1990. Kruijt reforça que não foram a hiperinflação e a pobreza generalizada as causas da derrota, mas sim “la desesperación reinante, fruto de la prolongación de la guerra de los muertos y heridos en combate, junto con la continuada exigencia del ‘Servicio Militar Patriótico’ al que no se veía fin.”<sup>227</sup>. Nesse momento, os custos da guerra começam a pesar mais que os ideais revolucionários, devido à relevância da guerra, do serviço militar, da pobreza e das contradições ideológicas das posturas adotadas pela FSLN.

Belli participou ativamente da vitória eleitoral de 1984, como secretária executiva da Comissão Eleitoral da FSLN e representante da Frente na Assembleia e no Conselho Nacional de Partidos Políticos. Além de porta-voz da FSLN com a imprensa estrangeira, e de pensar a estratégia de comunicação da campanha eleitoral, tinha como responsabilidade “supervisionar el cumplimiento de las orientaciones de la Comisión Electoral a lo interno del partido y de asegurar que las estructuras partidarias se preparan adecuadamente para las elecciones.”<sup>228</sup>

É importante pensarmos essa trajetória de Belli na Frente e na atuação na construção do novo Estado nicaraguense, a partir de uma perspectiva crítica. Como abordamos, temos dois momentos centrais: quando ela desiste de seu importante papel à frente dos canais estatais de televisão, e quando abandona sua posição para se dedicar à literatura, mais especificamente à escrita de *La mujer habitada*.

---

225 Ibidem, p. 342.

226 Os “Miami boys”: “os trabalhadores e soldados acreditavam que a classe média e a burguesia da Nicarágua teriam agora de fazer ‘a sua parte’ em defesa da nação. A crença acabou se mostrando um equívoco. Os pais da classe média, inclusive alguns membros da FSLN, simplesmente mandaram os filhos embora para Miami, em geral acompanhados pelas mães e irmãs.” (ZIMMERMANN, 2006, p. 133).

227 KRUIJT, op. cit., p. 209.

228 BELLI, op. cit. (2010), p. 75.

O fato de largar sua autonomia para exercer a função de acompanhar Modesto entra em contradição com a posição emancipada da autora. Por mais que odiasse a ideia de se submeter a um homem, o faz e reivindica o amor como justificativa e possibilidade de reconstruir o país ao lado de seu companheiro. Em determinado momento, ela relaciona essa decisão com uma necessidade primitiva de poder, recorrendo à retórica dos sexos como pertencentes ao reino animal. É aqui que as características ditas naturais são percebidas de maneira que fragilizam a mulher, e não como forma de exercer poder. Fica claro, no trecho a seguir, que a autora compreende a dimensão de sua decisão: “de jefa del Sistema Sandinista de Televisión pasé a ser un escolta con máquina de escribir.”<sup>229</sup>

A sua posição fica sendo a de “mulher do comandante”, reduzindo-a a uma relação dependente de Modesto, contrária à anterior, na qual ela mesma se colocava numa posição de poder. Nessa fase, Belli sente-se domada pelo amor: “El amor desmedido, atormentado, hacía que me inventara justificaciones envesadas para aplacar mi rebeldía. La admiración sumisa por el héroe anegaba el ojo con que contemplaba al hombre.”<sup>230</sup>, e ressalta o incômodo pela relação de submissão que assumira ao rever Rosário Murillo, então esposa de Daniel Ortega. Ela conhecia Murillo da militância durante o processo revolucionário, sendo Rosário uma mulher que também se destacara na atuação política. Quando a reencontra, após a vitória, diz:

Rosário, que era mujer fuerte cuando la conocí, estaba transformada en un ser mildoso, un manojito de nervios. [...] Seguía Daniel como una sombra, despersonalizada y triste. Quizá yo daba la misma impresión con Modesto, pensaba para mis adentros con vergüenza. [...] Ambas nos observábamos de reojo, consciente creo, de lo injustificable de nuestro comportamiento: el torvo, malévolo placer de la sumisión. Éramos mujeres de las cavernas una vez más, dejando que el macho nos dominara.<sup>231</sup>

Ainda quando acompanhava Modesto, que se torna Ministro de Planificación, Belli vai assumir a campanha educativa das Brigadas Alfabetizadoras. Para ela, essa seria uma função importante para emancipar as mulheres: “las mujeres decifrarían los misterios de las cuentas, ampliarían sus negocios caseros, entenderían los ciclos de su cuerpo y las instrucciones de las píldoras para planificar su familia, aprenderían a preparar alimentos de soya, para mejorar la nutrición de sus hijos.”<sup>232</sup>. Assim, a educação aparece como tópico

---

229 BELLI, op., cit. 2010, p. 309.

230 Ibidem, p. 312.

231 Ibidem, p. 319.

232 BELLI, op., cit. 2010, p. 334.

central para a liberação dos povos, sobretudo das mulheres, para quem o conhecimento obtido era uma forma de adquirir poder e autonomia.

Podemos afirmar que Belli deixa claro as contradições entre ser mulher, revolucionária e feminista, e a forma como o discurso, muitas vezes, diferia da prática, fruto de anos de dominação e de uma criação calcada em formas de relacionamentos tradicionais. Por mais que ressignifique a maternidade como compartilhada; que não veja o casamento da forma tradicional da mulher dona de casa, que passa da responsabilidade do pai para se tornar responsabilidade do marido, mas entendendo o matrimônio como uma escolha de compartilhar os sonhos e o cotidiano; que ressignifique as características biológicas da mulher, a fim de dar poder e o direito de reassumir o controle do próprio corpo e da vida a ela; e que dote a mulher de sexualidade sem culpa, enfrentando a condenação cristã a autora esbarra nas dificuldades da prática, de submeter-se ao poder não só masculino, mas também da romantização do herói revolucionário - do desejo de reconstruir a pátria ao lado do símbolo máximo de idolatria: o guerrilheiro revolucionário. Além disso, vai expor a ferida das esquerdas e a dificuldade das organizações em desconstruírem, internamente, as relações desiguais de gênero.

Decidir dar um fim a seu relacionamento com Modesto está relacionado a um processo de repensar sua atuação como mulher no mundo, desvinculando sua existência do relacionamento amoroso:

*Me había arriesgado a las balas, a la muerte, traficado con armas, pronunciado discursos, ganado Premios, tenido hijos, tantas cosas, pero no sabía cómo era la vida sin el amor de un hombre. No sabía quien era realmente yo sin la referencia de alguien que me nombrara y me hiciera existir con su amor. No iba a renegar de los hombres, pero ya no quería depender afectivamente de ellos o dotarles de un poder de vida o muerte sobre mí. Me obligué a mirar mi interior para descubrir sus vulnerabilidades: mi necesidad de amor como reflejo de una carencia esencial que asociaba en demasía mi poder femenino con la sexualidad, la seducción, y pasaba por alto y hasta menospreciaba mis otros dones.<sup>233</sup>*

Consideramos esse um giro, amadurecimento, como fundamental para sua compreensão dos papéis de gênero, principalmente no que diz respeito às relações pessoais e, também, para repensar os poderes da feminilidade para além da sedução, que, se não fossem associados às outras possibilidades para as mulheres, cairia na retórica patriarcal do corpo feminino a serviço dos homens. Ao assumir sua personalidade, a autora está transgredindo a tradição de que, segundo ela, “a las mujeres nos educan desde niñas para complacer. Nos

---

<sup>233</sup> Ibidem, p. 337.

entrenan para ser camaleones de nuestros hombres, adaptarnos a ellos. Si no nos detenemos a tiempo nos despersonalizamos.”<sup>234</sup>

Depois da vitória eleitoral de 1984, depois do término com Modesto e dessa transformação de sua compreensão de si, sem adaptar sua vida à de um homem, Belli assume o complexo de empresas de comunicação estatais, função que ela rompe em 1986, a fim de se dedicar à escrita de seu primeiro romance. Bayardo Arce, o membro da DN a quem ela respondia, é compreensivo e não considera seu desejo de escrita como um desvio pequeno-burguês. Pelo contrário, durante a escrita de seus poemas, Belli já havia provado o uso revolucionário de sua escrita. Mesmo assim, se afastar de tarefas diretamente relacionadas à militância desencadeia um sentimento de culpa na autora, por encerrar-se num escritório para escrever enquanto o país era devastado pela guerra contrarrevolucionária. Para ela, naquele momento e dali para frente, a tranquilidade da vida passiva não lhe era suficiente: “ya nunca me conformaría con el gozo pasivo a los placeres puramente sensoriales, que para mim ya nada podría competir con la euforia contagiosa de los sueños colectivos.”<sup>235</sup>

As dificuldades de construção de uma nova Nicarágua, somadas ao terror e à destruição da guerra contrarrevolucionária, mudam os rumos da Revolução, como afirma Belli em suas memórias. Na derrota de 1989, a escritora foi isolada por Daniel Ortega, ficando de fora da campanha devido à sua posição crítica ao mote positivo adotado pela Frente — o que, para Belli, fugia da realidade do país devastado pela guerra. Segundo ela, era preciso encarar uma campanha honesta, que partisse da busca em solucionar o sofrimento do povo, e não fingindo que a Revolução caminhava a passos largos. É a vitória de Violeta Chamorro, no ano de 1990, que coroa o fim do processo revolucionário sandinista. Vamos, então, buscar entender de que forma Belli compreendia os aspectos fundamentais da Revolução, e como isso se relaciona com a bibliografia escrita sobre o tema.

---

234 Ibidem, p. 251.

235 Ibidem, p. 269.

## 2. CANTO AL NUEVO TIEMPO<sup>236</sup>: A REVOLUÇÃO SANDINISTA EM GIOCONDA BELLI

*Este paisaje era su noción de patria, con esto soñaba cuando estuvo al otro lado de océano. Por este paisaje podía comprender los sueños y casi descabellados del Movimiento. Esta tierra cantaba a su carne y su sangre, a su ser de mujer enamorada, en rebeldía contra la opulencia y la miseria: los dos mundos terribles de su existencia dividida.<sup>237</sup>*

### 2.1 O debate revolucionário

A Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) foi criada em 1961, segundo Matilde Zimmermann<sup>238</sup>, sob inspiração da Revolução Cubana, tendo como principais objetivos: a derrubada da ditadura familiar dos Somoza (1936 – 1979)<sup>239</sup>, que contava com um importante apoio econômico e político dos Estados Unidos; a conquista da autonomia da Nicarágua frente ao imperialismo norte-americano e a criação de um Estado democrático. Lygia Rodrigues<sup>240</sup> afirma que a FSLN,

[...] compreendeu e materializou esses desígnios num projeto político cujo eixo, reiterado após a conquista do poder, era garantir a autodeterminação nacional; assegurar o direito de explorar e exercer suas potencialidades históricas e definir sua lógica interna de crescimento.

É nesse momento de início da década de 1960 que a FSLN começa a se organizar como uma alternativa de resistência ao somozismo, surgindo, principalmente, do movimento estudantil. Mesmo com a ditadura, as universidades mantiveram certa autonomia, o que as favoreceram como um dos poucos locais de indignações, protestos e resistência, além de certa radicalização dos departamentos de direito, medicina e humanidades e ciências sociais, nas décadas de 1960 e 1970: “al igual que en Cuba, los estudiantes se convirtieron en el principal

236 BELLI, Gioconda. *Truenos y arcoíris*. Manágua: Anamá Ediciones, 2014, p.42.

237 BELLI, Gioconda. *La mujer habitada*. Manágua: Editora Emecé, 1996, p. 304.

238 ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

239 Anastasio Somoza García, Tacho (1936–1956), após seu falecimento, sucedido por seu filho Luis Somoza Debayle (1957–1962), René Schick (1963-1966) y Lorenzo Guerrero (1966–1967) e, por fim, Anastasio Somoza Debayle (1967–1979).

240 RODRIGUES, Lygia. O Sandinismo e a Revolução Nacional e Democrática na Nicarágua. In: DAYRELL, Eliane Garcindo; IOKOI, Zilda Gricoli. *América Latina Contemporânea: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1996, p. 362

núcleo de oposición a la dictadura”<sup>241</sup>. Dessa forma, a fundação da FSLN, em 1961, tem origem, segundo Adriane Vidal Costa,

Em 1961, três líderes estudantis, Carlos Fonseca, Tomás Borge e Silvia Mayorga, inspirados na Revolução Cubana, fundaram uma organização revolucionária chamada Movimento Nova Nicarágua (MNN), com o intuito de derrubar a ditadura Somoza e romper com o imperialismo norte-americano. Pouco depois, o MNN passou a se chamar Frente de Libertação Nacional (FLN), inspirado no grupo armado que havia derrubado o colonialismo francês na Argélia. O acréscimo sandinista ao nome do movimento foi sugestão de Carlos Fonseca que, vivendo em Cuba no início da década de 1960, ‘redescobriu’ Augusto César Sandino.<sup>242</sup>

Do movimento estudantil, surgiram outros grupos orgânicos vinculados aos setores mais populares e, na primeira metade da década de 1970, ganham a adesão de grupos eclesiais ligados à Teologia da Libertação<sup>243</sup>, passando a questionar a ditadura de forma mais radicalizada. É no decorrer da década de 1970 que a Frente alcança a primazia da condução do processo revolucionário, de forma que, no momento da tomada do poder, o governo revolucionário sandinista que se iniciava em 1979 possuía mais legitimidade do que qualquer outro governo da América Central<sup>244</sup>.

A influência da Revolução Cubana é perceptível no conjunto da obra de Belli, apesar de não ser colocada como determinante. A primeira experiência socialista bem-sucedida na América Latina é tida como um importante referencial para os sandinistas, contudo, buscava-se um projeto que fosse, de fato, nicaraguense e sandinista, demandando a autonomia do processo revolucionário. As bases da construção da independência do país e do anti-imperialismo são correspondentes em ambos os países, mas devia-se respeitar as suas especificidades. Na tentativa de construir um mundo novo, a partir de uma nova experiência histórica, a FSLN coloca-se em uma perspectiva nicaraguense, diferenciando-se das outras experiências da esquerda latino-americana — mas sem ignorá-las.

---

241 MIREs, Fernando. *La rebelión permanente: Las revoluciones sociales en América Latina*. México: Siglo XXI Editores, 2001, p. 414.

242 COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: O debate sobre Revolução e socialismo em Cortázar, García Marques e Vargas Llosa (1958 – 2005)*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 266.

243 A partir do Concílio do Vaticano II, em 1962, e da Conferência de Medellín, em 1968, parte da Igreja Católica latino-americana começa a romper laços com os regimes oligárquicos tradicionais e busca por novas articulações sociais, privilegiando os setores populares e passando a reconhecer organizações e manifestações religiosas populares. Nesse cenário, surge a Teologia da Libertação como um movimento eclesial chamado de “cristianismo revolucionário” e, muitas vezes, de “Igreja dos pobres”. Segundo Lowy (2016, p. 79), é uma reflexão religiosa e espiritual, “admitindo a autonomia da esfera política, ela deixa essas questões para os partidos políticos da Esquerda, limitando-se a fazer uma crítica social e moral à injustiça, a aumentar a consciência da população, a espalhar esperanças utópicas e a promover iniciativas ‘de baixo para cima’.”

244 ZIMMERMANN, op. cit., s/p.

Para Fernando Mires<sup>245</sup>, a Revolução Cubana vitoriosa em 1959 teve importância para a reconstituição ideológica da esquerda nicaraguense, ideia reforçada por Zimmermann, segundo a qual “a mudança seguinte no formato do governo e da resistência na Nicarágua viria do exterior, da revolução que já estava em andamento em Cuba.”<sup>246</sup> Nesse momento, acreditava-se que as condições objetivas para a Revolução latino-americana estavam dadas na maioria dos países, junto da unidade da luta antiimperialista e anticapitalista. Dessa forma, as condições subjetivas deveriam ser criadas a partir das guerrilhas, que canalizariam as contradições da sociedade. Para Kruijt, “los movimientos guerrilleros de los años 60 y 70 fueron productos de un resentimiento transgeneracional contra regímenes militares y dictaduras aparentemente eternas, que se dieron en estas sociedades permeadas por represión y miedo.”<sup>247</sup>

A presença mais marcante da trajetória cubana, nos poemas de Belli, vem da evocação de Che Guevara, símbolo da Revolução de esquerda latino-americana e do ideal de “homem novo”. Em seu livro *Línea de fuego*, focado na temática revolucionária e dedicado aos companheiros da FSLN, ela escreve um poema à Guevara, no qual o coloca como poeta e comandante, recorda o triunfo da Revolução Cubana e o caracteriza como feliz e vitorioso, “con cara de futuro”. A escritora ressalta, ainda, sua dificuldade em saber o que dizer sobre o Comandante, pelo significado que seu modelo revolucionário tem para as esquerdas latino-americanas — e de todo o mundo. A imagem idealizada de Che reaparece em suas memórias, quando ela o compara à figura de Modesto, dirigente da FSLN, para exaltá-lo como um exímio revolucionário, guerrilheiro, digno de admiração, como algo sobrenatural cercado de lendas: “el máximo jefe de la GPP, una versión nicaraguense del Che Guevara, que había comandado durante siete años la guerrilla sandinista en las montañas del norte del país.”<sup>248</sup>. Percebemos, aqui, como Belli adota uma postura romantizada do homem revolucionário, postura essa que ela vai questionar posteriormente, ao lidar com as contradições de Modesto no cotidiano da militância e no âmbito das relações pessoais.

A ideia do “homem novo” é referência ao Che Guevara, que também aparece nos poemas de Ernesto Cardenal — que, como sabido, influenciou diretamente a produção de Belli. O “homem novo” surgiria da construção do socialismo e nunca estaria, de fato,

---

245 MIRES, op. cit., s/p.

246 ZIMMERMANN, op. cit., p. 37.

247 KRUIJT, op. cit., p. 46.

248 BELLI, op. cit. (2010), p. 217.

terminado, já que o processo de transformação da sociedade é contínuo. Ele deve adquirir consciência da necessidade de se incorporar à sociedade e às massas, sendo, ao mesmo tempo, motor das transformações. Esse “homem novo”, segundo Che, é o revolucionário que carrega a autêntica voz do povo e o compromisso com a Revolução: “Haremos el hombre del siglo XXI: nosotros mismos. Nos forjaremos en la acción cotidiana, creando un hombre nuevo con una nueva técnica.”<sup>249</sup>.

Nesse sentido, Belli, em seu compromisso com a crítica ao patriarcado<sup>250</sup>, apresenta a ideia de “mulheres novas”, tema presente em seu poema “Seremos nuevos”<sup>251</sup>, em que ela expande essa tomada de consciência revolucionária para as mulheres. Logo inicia o poema com um epílogo de Mario Benedetti, que fala sobre homens e mulheres novas<sup>252</sup>. Para ela, seriam os dois gêneros, juntos, que limpariam “con sangre” os vícios e as aspirações pequeno-burguesas e que, com a cultura popular e palavras sensatas, transformariam a sociedade, dariam origem a novas pessoas, filhos valentes: “Seremos nuevos, amor, / con ese olor a limpio de la ropa tendida / y ese enorme reto de lanzar la libertad al aire / como una bandada de pájaros”.

Em *La mujer habitada*, ela vai construir seus personagens a partir desse ideal, mesmo que não cite diretamente o termo, no caso das mulheres. Em sua narrativa, o personagem Felipe seria a encarnação do homem novo:

Encender las luces y no sólo eso, sino los ríos de leche y miel — le gustó el lenguaje bíblico —, la utopía del mundo mejor, Don Quijote cabalgando de nuevo con su larga lanza desenvainada. Las reglas para los nuevos quijotes; los estatutos, los incontables deberes, los reducidos derechos... Los estatutos de un hombre nuevo, generoso, fraterno, crítico, responsable, defensor del amor, capaz de identificarse con los que sufren. Cristos modernos, pensó Lavinia, dispuestos a ser crucificados por difundir la buena nueva... pero no dispuestos a fallarse entre sí.<sup>253</sup>

Logo na sequência dessa passagem, a autora faz uma crítica a essa perspectiva romantizada, trazendo para o debate as contradições entre o militante ideal masculino e a

249 GUEVARA, Che. *El socialismo y el hombre en Cuba*, 1965. Disponível em: <[http://www.archivochile.com/America\\_latina/Doc\\_paises\\_al/Cuba/Escritos\\_del\\_Che/escritosdelche0078.pdf](http://www.archivochile.com/America_latina/Doc_paises_al/Cuba/Escritos_del_Che/escritosdelche0078.pdf)> Acesso: 11 jan. 2019, 11h07.

250 O patriarcado pode ser entendido como as formas de dominação masculina sob as mulheres. Hoje, há um debate sobre o uso do termo, se ele significaria somente as formas históricas de dominação que foram transformadas, ou se, de fato, é um conceito que consegue capturar a profundidade da subordinação à qual as mulheres são submetidas. Para aprofundar nessa discussão: MIGUEL, Luis Felipe. O feminismo e a política. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 17-30.

251 BELLI, Gioconda. *Línea de fuego*. Manágua: Anamá Ediciones, 2014b, p. 27.

252 “capaces de reír y llorar como hombres nuevos / y mujeres nuevas...” BENEDETTI, Mario. In: BELLI, Gioconda. *Seremos Nuevos*. Manágua: Anamá Ediciones 2014b, p. 27.

253 BELLI, Gioconda. *La mujer habitada*. Bueno Aires: Emecé Editores, 1996, p. 114.

reprodução do machismo nas organizações de esquerda, mesmo quando trazida para o centro do debate revolucionário a necessidade de emancipação das mulheres, e da compreensão de homens e mulheres como iguais. Se considerarmos que o relacionamento de Lavinia e Felipe é baseado nas próprias experiências amorosas da autora com companheiros da FSLN, percebemos como ela traz essa crítica na forma como estes homens revolucionários — que defendiam a independência das mulheres —, na maioria das vezes, reproduziam a expectativa de ter como companheira a mulher tradicional, que lhes esperaria em casa, que se encaixaria nos padrões de beleza e que seria mãe. Essas contradições ficam latentes quando Felipe não quer incluir Lavínia no *Movimiento*, e ela só participa da ação armada após a morte dele: “En el combate en que se enfrentaron, sólo la muerte los igualó. Sólo la muerte de Felipe le devolvió sus derechos, le permitió estar allí. El símbolo era oscuro y desgarrador. Pero no podía aceptarlo como augurio funesto del amor o del viejo antagonismo de Adán y Eva.”<sup>254</sup>.

Em contraposição, a personagem de Flor seria a encarnação da “mulher nova”: aquela que dedica sua vida e seu cotidiano à emancipação do povo de Faguas, com um ar de paz, firmeza e equilíbrio — “de árbol sereno” —, escrevia a história com “h” maiúsculo, indo além da revolta com as questões de gênero que, de início, era o que movia a rebelião de Lavínia: “Para Flor, sin duda, las rebeliones de ella, su rebelión contra destinos casamenteros, padres, convenciones sociales, eran irrelevantes capítulos de cuentos de hadas.”<sup>255</sup>. A partir da relação que Lavínia estabelece com Flor, e à medida que vai se tornando parte do *Movimiento*, ela ganha consciência de classe e sua luta pela emancipação feminina se engendra com o debate de libertação da pátria e do povo. Percebemos como essa transformação na vida fictícia de Lavinia é semelhante à que Belli sofre em sua vida.

Flor é a “mulher nova” que dirige o movimento, que tem responsabilidades e que entra para a clandestinidade, mas não sem trazer as contradições de ser tudo isso dentro de um ambiente de militância masculinizado, que, muitas vezes, levava à negação do universo feminino:

No hay muchas mujeres clandestinas, ¿sabes? Es un reconocimiento de que podemos compartir y asumir responsabilidades, igual que cualquiera. Pero, como mujer, cuando uno se enfrenta a nuevas tareas, sabe que debe también enfrentarse a una lucha interna; una lucha por convencerse internamente de las propias capacidades. Teóricamente sabes que debes de luchar por iguales posiciones de responsabilidad, la cosa es, cuando ya tenés la responsabilidad, perder el miedo a ejercerla... y, además, guardarte muy bien de mostrar, por lo mismo que sos mujer, el

---

254 Ibidem, p. 338.

255 Ibidem, p. 90.

otro miedo. [...] En este momento me parece que más bien lo que cabe es suprimir lo "femenino", tratar de competir en su terreno, con sus armas. Quizás más adelante, nos podremos dar el lujo de reivindicar el valor de nuestras cualidades...<sup>256</sup>

É importante destacarmos a perspectiva crítica adotada por Belli em relação aos conceitos consolidados na esquerda latino-americana, como é o conceito de “homem novo” pós-Revolução Cubana, e às posturas adotadas internamente na Frente, como o modo que se davam as relações de gênero. Segundo Belli, o próprio Carlos Fonseca já chamava atenção para as contradições entre o discurso e a prática relativa à desconstrução dos papéis de gênero estabelecidos, e como, muitas vezes, as mulheres acabavam desempenhando os papéis tradicionais relacionados ao cuidado e às funções de auxílio e secretariado:

[...] la mujer tenía que emanciparse para participar junto al hombre en la construcción de tiempos mejores. [Martín] Me contaba la anécdota de Carlos Fonseca, el fundador del FSLN, que aconsejaba insistentemente a las compañeras que habitaban las casas de seguridad que no se pusieran a lavar ropa de los varones sin que nadie lo pidiera; que en vez de eso leyeran, se prepararan, escribieran.<sup>257</sup>

Na década de 1980, Belli mantém o debate do que seria o “homem novo” em sua obra, num momento de contradição entre ser mulher e revolucionária. Quando, em 1984, começa a se relacionar com Carlos, jornalista norte-americano na Nicarágua, enquanto coordenava a campanha eleitoral sandinista, Tomás Borge pede que ela termine o relacionamento, devido à importância de seu trabalho. A partir disso, a intelectual reflexiona sobre a desconfiança de sua lealdade e como, aos companheiros homens, não se questionava as companhias amorosas. Essa postura por parte da DN era sexista e partia de uma suposição de que ela, por ser mulher, cederia às paixões e revelaria segredos, demonstrando que a confiança revolucionária era masculinizada. Dessa forma, ao refletir sobre qual atitude tomar em relação a abrir mão de sua vida privada, chega ao seguinte questionamento: “¿Qué escoge usted? ¿Es feliz o es revolucionaria? ¿Se portara como una mujer emotiva, o escogerá ser “hombre nuevo”? ese constructo utópico, paradigma de nuestros sueños, capaz de sacrificar cualquier cosa por la Patria.”<sup>258</sup>

Além de adotar uma nova perspectiva em relação à visão tradicional de “homem novo” — influência cubana —, é em suas memórias que Belli vai apresentar uma visão mais crítica da relação que o governo revolucionário cubano visava estabelecer com os sandinistas. Ao

---

256 Ibidem, p. 217–218.

257 BELLI, op. cit. (2010), p. 68

258 Ibidem, p. 107.

rememorar uma de suas passagens por Cuba, em 1979, na festa de “XX Anos da Revolução”, ressalta a forma como Fidel Castro queria, pessoalmente, interferir no processo sandinista, como se tivesse mais condição de definir a melhor estratégia militar do que os próprios dirigentes da FSLN. Mas Belli, a partir de sua formação na GPP e de posição crítica aos Terceristas, acreditava que, mesmo com respeito aos cubanos e à sua história, a Revolução na Nicarágua era dos nicaraguenses, os quais deveriam ganhar por suas estratégias e definições, “quizá los Ortega estaban dispuestos a seguirle el juego pero el Sandinismo no eran ellos. Me perturbaba que Fidel se resistiera a cederle el turno a otros, que reclamara protagonismo en nuestra Revolución.”<sup>259</sup>.

Após a vitória em 1979, a escritora volta à Havana para o “VI Cumpre de Países No-Alineados”, e mantém a mesma posição crítica anterior. Os sandinistas eram vistos como novidade, saudados e mimados por outros líderes do “Tercer Mundo”, como heróis. Mas, por serem jovens, sentia que Fidel os tratava como inexperientes e acreditava que deveria ser o tutor do processo nicaraguense. Contudo, os sandinistas não pretendiam recuar na sua independência: “a nuestra manera también nos sentíamos sabios, que incluso creíamos contar con mejores oportunidades y la originalidad necesaria para no sufrir el aislamiento que padecía la Revolución Cubana.”<sup>260</sup> Com essas passagens, percebemos que, para Belli, a Revolução seria, de fato, nicaraguense e deveria ser forjada a partir da realidade e da experiência daquele país, com consideração, respeito e inspiração em outras trajetórias, mas sem se limitarem a elas.

A força e a adesão da população à FSLN vinham do resgate da trajetória e dos ideais de Augusto César Sandino, o “general de homens livres”, como se os sandinistas da segunda metade do século XX fossem a continuidade de um processo que se inicia na década de 1920, compreendendo a luta travada de maneira mais alargada do que apenas como fruto da influência direta da Revolução Cubana. Belli vai reforçar a memória de Sandino ao, por exemplo, escrever um poema em sua referência: “Bajo la sombra de Sandino”, em *De la costilla de Eva*. Nele, reivindica que aqueles que fazem barulho, ou seja, que fazem parte do processo revolucionário contemporâneo à ela, são filhos de Sandino, os que lutam com base em seus ideais, sob seu sombreiro: “un pañuelo rojinegro con tus iniciales / un tiempo que nunca se va.”<sup>261</sup>

---

259 Ibidem, p. 264.

260 Ibidem, p. 318.

261 BELLI, Gioconda. *De la costilla de Eva*. Manágua: Anamá Ediciones, 2014d, p. 20.

Nesse sentido, segundo Fernando Mires<sup>262</sup>, devemos incluir a Revolução Sandinista num processo histórico longo e descontínuo, que teve início com o governo liberal de Zelaya, em 1893, considerado por ele o “primer momento nacional”, após uma vitoriosa revolta liberal encabeçada por Zelaya, que tinha como objetivo retirar do poder políticos conservadores e representantes das velhas oligarquias comerciais. A reação e a intervenção dos conservadores só se deu com o apoio norte-americano que, ao lado da oligarquia tradicional e da Igreja Católica, retomaram a direção do país e, em 1910, assinaram o Tratado Dawson, delegando a soberania nacional aos EUA, efetivada pela presença, a partir de 1912, dos marines<sup>263</sup> em território nicaraguense. As intenções norte-americanas eram forjadas, principalmente, na construção de um canal interoceânico no país<sup>264</sup>.

Sandino surge no cenário político dos anos 1920, a partir das revoltas liberais contra o governo conservador apoiado pelos EUA<sup>265</sup>. Ele defende a soberania nacional e o antiimperialismo, além de exigir a retirada dos marines do território nicaraguense. Sua atuação política e militar vai ganhando espaço, de modo que, quando rompe com setores liberais tradicionais, representados pelo general Moncada<sup>266</sup>, acaba se vinculando aos setores sociais subalternos mais dispostos a levar a luta nacional até o fim, como afirma Fernando Mires.

---

262 MIREs, Fernando. *La rebelión permanente: Las revoluciones sociales en América Latina*. México: Siglo XXI Editores, 2001.

263 Fuzileiros navais norte-americanos que, de 1849 à 1933, “invadiram a Nicarágua nada menos que catorze vezes, em geral para empossar um presidente que parecesse a Washington mais solidários com os interesses dos Estados Unidos, mais estável e/ou apto a proteger os interesses e investimentos norte-americanos.” Em 1912, eles invadem o país “para abafar uma insurreição liderada pelo revolucionário liberal Benjamin Zeladón, ali permaneceram, com pequenos intervalos, por mais de vinte anos. Entre 1912 e 1933 a Nicarágua foi governada como um protetorado virtual dos Estados Unidos.” (ZIMMERMANN, 2006, p. 27–28).

264 A construção de um canal interoceânico no Caribe, a fim de facilitar a passagem de navios entre o oceano Atlântico e Pacífico, remonta ao século XVIII. Nesse sentido, a Nicarágua sempre foi vista como uma alternativa, devido aos seus grandes lagos internos, que facilitariam a construção do canal. Esse é um dos principais fatores que justificam o interesse dos EUA no pequeno país centro-americano e fez com que os EUA defendessem um governo conservador que aderisse aos interesses norte-americanos. Em 1914, o Tratado Bryan-Chamorro chegou a outorgar o direito perpétuo dos EUA em explorar as rotas marítimas e terrestres entre os dois oceanos. Contudo, no início do século XX, os EUA compraram os direitos da França de construir o conhecido canal do Panamá. O atual governo de Daniel Ortega, iniciado em 2006, já sinalizou a concessão da construção do canal para a China, mas o projeto encontra-se paralisado e deu origem a diversos protestos contra o atual governo sandinista. Notícia sobre o acordo fechado entre Daniel Ortega e empresário chinês disponível em: <<https://www.vanguardia.com/mundo/ortega-y-empresa-china-firman-acuerdo-para-construir-canal-en-nicaragua-GAVL212523>> Acesso em: 14 jan. 2019, 11h45.

265 “Em 1926 o exército liberal insurgiu-se contra um presidente conservador, imposto pelos norte-americanos. Embora as políticas econômicas dos liberais não fossem diferentes das dos conservadores, os liberais insurretos contavam com o apoio do governo mexicano, e Washington receou que o que definia como ‘bolchevismo’ mexicano se alastrasse.” (ZIMMERMANN, 2006, p. 29).

266 Os liberais organizados por Moncada fazem um acordo com os EUA para que a potência reconheça o governo dos liberais como legítimo, depondo as armas. Sandino insiste na continuidade da luta.

Sandino defendia que só a Revolução popular resolveria os problemas do país, desacreditando na classe dominante e, com seu próprio exército organizado e autônomo, nas montanhas, instaurou a guerra de guerrilhas, que culminou na retirada dos marines do território nicaraguense, em 1932. O Exército Defensor da Soberania Nacional (EDSN) era formado principalmente por camponeses<sup>267</sup>, dando origem à primeira experiência de guerra de guerrilha em território latino-americano — que, posteriormente, serve como modelo para outros processos no continente, como o cubano. Com essa vitória, o general pensou ser possível dar continuidade à luta política sem ser pela via armada. Contudo, os EUA permaneceram exercendo sua interferência por meio da criação da Guarda Nacional (GN), que, sob a direção de Somoza, acaba se estabelecendo como uma embaixada militar dos EUA no território da Nicarágua.

A partir de 1934, Somoza inicia uma “guerra suja” contra Sandino e os “sandinistas”, enquanto este buscava mobilizar os setores populares para pressionar o presidente Sacasa contra Somoza, para dar início a uma política de reformas sociais que garantiriam a melhoria de vida da maioria da população. A força do general e de seu discurso ideológico é representada pela “legião de revolucionários” que mantinha ao seu redor, desde quando os liderava em batalhas, conquistando suas lealdades: “salientavam sua força de caráter, humildade, honestidade e desdém pelo ‘ouro corrupto’ e pelo ganho material.”<sup>268</sup>. Como um importante general que ameaçava a hegemonia conservadora e norte-americana na Nicarágua, Sandino é assassinado neste mesmo ano, a mando de Somoza, que também massacrou as colônias agrícolas fundadas por ele e deu um golpe de Estado em 1936, dando início ao Estado Somozista. Segundo Mires, que vê uma continuidade desse processo com a Revolução Sandinista de 1979, essa última foi:

[...] la legítima ‘venganza histórica’ de Sandino contra Somoza. Era esa, a su vez, la principal fuente de legitimidad para el FSLN [...] Sandino se batió a la muerte para recuperar la independencia de Nicaragua. [...] Nuestras revoluciones [latinoamericanas] han sido extraordinariamente fieles a la acepción copernicana original del término revolución.<sup>269</sup>

O Estado Somozista se estabeleceu, então, tendo a Guarda Nacional como núcleo, constituindo um governo independente das contendas históricas estabelecidas entre os grupos

267 “Os mineiros e camponeses uniram-se ao general rebelde para lutar contra patrões, senhores de terra, burocratas e cobradores de impostos, todos envolvidos em várias formas de abuso.” (ZIMMERMANN, 2006, p. 30).

268 ZIMMERMANN, op. cit., p. 30.

269 MIRES, op. cit., p. 433; 448.

dominantes (liberais x conservadores), além do forte apoio dos EUA. Assim, Somoza forja sua autoridade a partir do sustentáculo norte-americano e da aceitação por parte da oligarquia local, usando a economia como um meio de controle político, e vice-versa. Durante os longos anos de ditadura familiar dos Somoza — que se inicia em 1936 e só terá fim com a vitória insurrecional em 1979 —, o medo era reinante, assim como uma história social de pobreza, exclusão e desigualdade socioeconômica, o que, para o autor Dirk Kruijt<sup>270</sup>, se configura como fruto do legado político de ditaduras repressivas e terrorismo de Estado na América Latina:

La ditadura ‘madura’ de los Somoza era una combinación de un relativo desarrollo social y un autoritarismo político que tuvo formas más o menos punitivas: ostracismo político, encarcelamiento de los adversarios políticos actuales y potenciales, exilio y asesinato político. [...] El derrocamiento del régimen de Somoza se debe más al insostenible clima político y el efecto que tuvieron décadas de traición política que a las consecuencias directas de explotación económica, o los profundos resentimientos étnicos o a las brutales represiones y masacres transgeneracionales.<sup>271</sup>

O cenário de autoritarismo e a falta de tradição democrática, como ressalta Gioconda Belli no decorrer de suas memórias<sup>272</sup>, não quer dizer ausência de resistências e contestações por parte da sociedade civil, como fica claro ao apresentar lembranças de sua infância:

Un buen día, [seu primo Mauricio] desapareció de la casa. Poco después supo que había participado en un intento de derrocamiento de la dictadura, la invasión de Olama y Mollejones, organizada por los conservadores [...] Una tarde hubo un gran revuelo en el barrio. Mi papá y mi mamá nos prohibieron salir a jugar en la calle. A raíz del clima político en el país los estudiantes habían escenificado grandes protestas demandando el cese de la represión, y ese día, la Guardia Nacional había arremetido contra ellos.<sup>273</sup>

Na América Central, foi de grande importância o papel dos estudantes, que deram vazão aos seus descontentamentos por meio da militância no movimento estudantil, desde a primeira metade do século XX. Suas mobilizações contra a ditadura foram duramente reprimidas, sem abalarem a estrutura do poder dominante e, logo, sem ameaçarem o poder do somozismo. Segundo Mires<sup>274</sup>, houve grupos que buscaram estabelecer uma relação de continuidade com Sandino das décadas de 1920 e 1930, a partir das ideias de independência

---

270 KRUIJT, Dirk. *Guerrilla: guerra y paz en Centroamérica*. Guatemala: F & G Editores, 2009.

271 Ibidem, p. 66.

272 BELLI, op. cit. (2010).

273 BELLI, op., cit. (2010), p. 26-27.

274 MIRES, op. cit., s/p.

nacional e revolução popular. Procurava-se, nessa retomada, uma sustentação não só política, mas também ideológica e discursiva, para combater a ditadura. No entanto, essa apropriação só obtém êxito com a Frente.

Belli, além de remeter essa tradição revolucionária à Sandino, assume uma perspectiva cíclica da história e de negação da morte, recuperando a tradição nahuatl. A principal referência para essa discussão é Mónica García Irlles — *Recuperación mítica y mestizaje cultural en la obra de Gioconda Belli*<sup>275</sup>. Segundo a autora, Belli utiliza a *cronovisión*<sup>276</sup> cíclica para estruturar toda sua narrativa em prosa ou em verso, a fim de relacionar o presente sandinista com o passado indígena. A partir dessa perspectiva, adota a visão da negação da morte, do guerreiro indígena que pode ser entendido como o guerrilheiro resistente ao somozismo. A guerra é, então, justificada pela tradição tanto sandinista quanto indígena; ou seja, tem a mesma origem na luta contra os invasores “de mãos brancas”: “Los actuales combatientes poseen en sus venas la misma sangre y el mismo espíritu de los que lucharon en la época de la conquista.”<sup>277</sup>. Belli coloca a resistência indígena à colonização espanhola e a resistência sandinista ao somozismo e ao imperialismo norte-americano em pé de igualdade, sendo ambas a luta dos povos latino-americanos:

El aspecto mítico-indígena, en conclusión, es instrumentalizado por Gioconda Belli para establecer una serie de modelos sociales y culturales y también para cohesionar toda su obra con este ideario determinado. [...] Así, el futuro utópico de América, no sólo de Nicaragua, será reflejo de su pasado prehispánico. [...] El retorno de Quetzalcóatl, al igual que en la obra de Cardenal, marcará una nueva etapa en el continente.<sup>278</sup>

Essa perspectiva indígena dos ciclos da vida e da história adotada pela autora fica explícita em diversos momentos em sua obra — desde seu primeiro livro (*Sobre la grama*) ela apresenta o tema da reencarnação. Em “Escrito ante una tumba india”, ela se coloca como reencarnação da mulher indígena que está presente em sua constituição mestiça, assim como seu amante revolucionário é milenário e vem da resistência à colonização: “yo te traigo en el tiempo / hacia mi nueva reencarnación mestiza.”<sup>279</sup>. Aqui, percebemos traços da perspectiva da luta colocada a longo prazo, que reivindica a revolta do povo nicaraguense desde a

---

275 IRLES, Mónica García. *Recuperación mítica y mestizaje cultural en la obra de Gioconda Belli*. Universidad de Alicante: Cuadernos de América sin nombre, n. 5, s/d.

276 Em IRLES, significa a ideia de repetição temporal constante.

277 IRLES, op. cit., p. 38

278 Ibidem, p. 70-71

279 BELLI, Gioconda. *Sobre la grama*. Manágua: Anamá Ediciones, 2014a, p. 62.

resistência aos espanhóis, por meio do sangue indígena presente devido à mestiçagem. Dessa forma, a busca sandinista por autonomia vem da resistência aos espanhóis do século XVI. É em “Entre las milpas” que essa ideia é reforçada: os sonhos de liberdade e autonomia são sonhos indígenas, assim como o amor à terra e à fecundidade. Se alimentam da coragem daqueles que morreram fisicamente, mas que se perpetuaram em cada um que vive na contemporaneidade: “Entre las milpas, / enterraremos los cadáveres de los héroes / para que les den el color dorado a las mazorcas / y nos alimenten.”<sup>280</sup>. Assim, a resistência traz consigo o traço da imortalidade.

Com isso, Belli também acredita na continuidade do que se faz sem vida e, por esse motivo, não se deve desistir das transformações. Em seu poema “Uno no escoge”, versa sobre como não se escolhe como e onde se vem ao mundo, mas a semente que se deixa deve ser plantada para que continue a florescer na posteridade. Marca, assim, a ciclicidade e a permanência dos ideais, que fazem com que a morte não seja um fim. Em “Patria Libre: 19 de julio de 1979”, publicado em *Truenos y arcoíris*, ao falar sobre a vitória revolucionária, Belli, no início, sofre a morte de companheiros que não estão vivos para ver e comemorar a vitória tão sonhada, mas termina o poema reforçando a ideia da vida após a morte: “que nos acompañen / Tranquilos / felices / siempre-vivos / nuestros muertos”<sup>281</sup>. Visão reforçada em “Ayúdame a creer que no seremos los últimos pobladores de la tierra”, no qual a luta é colocada como uma matéria móvel que sempre ressurgirá, mesmo sem os corpos físicos: “estos cantos serán alimentos del humo en la hecatombe”<sup>282</sup>.

Em *De la costilla de Eva*, temos dois poemas que dão centralidade à permanência pós-morte dos que lutam. Em “Mayo combatiente”, a semente que exige a vida permanece sendo semeada e gerando frutos, “con la savia de un pueblo / que levantó la frente para siempre”<sup>283</sup>. Assim, os mortos ressuscitam, de certa forma, a partir dos ideais que permanecem; ou seja, morrem com os punhos erguidos e seus sonhos são disseminados entre aqueles que continuam resistindo. Aqueles e aquelas que morrem por um ideal são também os que dão força para a bandeira sandinista. Assim, em “Mis amigos muertos”, encontramos a imortalidade do espírito enquanto Belli relembra de amigos militantes e de poetas que têm a existência garantida mediante a memória dos vivos, que mantêm seus ideais revolucionários.

---

280 Ibidem, p. 68.

281 BELLI, Gioconda. *Truenos y arcoíris*. Manágua: Anamá Ediciones, 2014c, p. 22.

282 Ibidem, p. 26.

283 BELLI, Gioconda. *De la costilla de Eva*. Manágua: Anamá Ediciones, 2014d, p. 85.

Contudo, é em seu romance *La mujer habitada* que Belli elabora, de maneira mais concreta, essa visão de permanência e de ciclicidade, colocando a tradição indígena nahuatl no centro da narrativa. Ao contar a história de Lavinia e Ítza, sendo que a segunda — uma indígena que rompeu com o estereótipo de gênero de sua sociedade para lutar contra os espanhóis ao lado de seu companheiro Yarince — habita o corpo de Lavinia, uma mulher que, no século XX, também rompe com o padrão de gênero que era esperado e se integra à luta contra a ditadura (momento em que conhece Felipe). As duas se integram, de modo que Lavinia é fruto dos ideais de Ítza, e Felipe, assim como Yarince, se torna colibri, a forma como se acreditava que os guerreiros retornavam pós-morte:

Veo grandes multitudes avanzando en los caminos abiertos por Yarince y los guerreros, los de hoy, los de entonces.  
 Nadie poseerá este cuerpo de lagos y volcanes, esta mezcla de razas, esta historia de lanzas; este pueblo amante del maíz, de las fiestas a la luz de la luna; pueblo de cantos y tejidos de todos los colores.  
 Ni ella y yo hemos muerto sin designio ni herencia.  
 Volvimos a la tierra desde donde de nuevo viviremos.  
 Poblaremos de frutos carnosos el aire de tiempos nuevos.  
 Colibrí Yarince  
 Colibrí Felipe, danzarán sobre nuestras corolas, nos fecundarán eternamente  
 Viviremos en el crepúsculo de las alegrías, en el amanecer de todos los jardines.  
 Pronto veremos el día colmado de la felicidad.  
 Los barcos de los conquistadores alejándose para siempre.  
 Serán nuestros el oro y las plumas, el cacao y el mango  
 La esencia de los sacuanjoches  
 Nadie que ama muere jamás.<sup>284</sup>

É a partir dessa visão e dessa recuperação mítica do tempo e da história que Belli, mais uma vez, vai encarar o processo sandinista do qual fez parte, reforçando tanto a legitimidade do processo revolucionário quanto a força e a permanência ideológica da luta por emancipação e soberania.

A partir da segunda metade do século XX, grande parte da população nicaraguense encontrava-se disposta a lutar contra o somozismo, numa situação potencialmente insurrecional, o que é nítido no comprometimento de uma diversidade de atores sociais que passaram a compor essa luta. Em suas memórias, Belli destaca como fez parte de sua infância e início da adolescência uma polarização em torno da resistência à ditadura, e do medo da repressão:

La pared de la casa de mi tía Elena — vivíamos en la calle del Triunfo, una calle principal de Managua — lindaba con la casa roja del Partido Liberal de Somoza.

---

284 BELLI, op. cit. (1996), p. 357-358.

Cuando se realizaban mítines allí, nos tapábamos los oídos para no oír los vivas a Somoza que atronaban el aire y se metían a través de la pared como insultos que alguien nos lanzara en nuestra propia casa. Mi prima Toti gritaba “muera” cuando en la otra casa gritaban “viva”. Yo la secundaba sin alzar mucho la voz, o le pedía que se callara, imaginándome que no tardarían mucho los soldados en llegar a golpear las puertas para llevarnos presas. Había oído que por menos que eso iba a parar la gente a la cárcel.<sup>285</sup>

Devido à insatisfação com a ditadura em diversas camadas sociais, como pela classe média alta tradicional — da qual Gioconda Belli fazia parte —, as demandas eram amplas, o que fazia necessária uma unidade para essa pluralidade de atores sociais e políticos disponíveis, questão logo percebida e aproveitada pela Frente, que, segundo Mires, se conformou como a tarefa principal da FSLN: “la tarea principal del FSLN no consistiría en crear una situación revolucionaria sino en concentrar sus acciones con los demás sectores antisomocistas en el marco de una situación revolucionaria que estaba objetivamente dada.”<sup>286</sup>.

Além do movimento estudantil, outros líderes de organizações populares que emergem nas décadas de 1960 e 1970 se somam à luta anti-somozista. Um importante grupo que compôs essa militância se organizava em comunidades de base cristã<sup>287</sup> e era adepto da Teologia da Libertação, que também exercia influência entre os estudantes, “probablemente, la mitad de los comandantes de Nicaragua estuvieron asociados tanto con grupos de estudio católico como con los sindicatos estudiantiles inspirados por el FSLN antes de ser reclutado como miembros clandestinos del FSLN.”<sup>288</sup>

Para Mires, a posição de religiosos, e membros da Igreja, era decisiva, uma vez que se tratava de um país com 90% da população católica. Além disso, Kruijt reforça como, na América Latina, o catolicismo está imerso no tecido social: “y por lo tanto era natural que estos movimientos se alimentasen ideológicamente de la Teología de Liberación. [...] Los adherentes de la Teología interpretaban la Biblia como la demanda de Cristo de liberar a las masas de la pobreza y la represión.”<sup>289</sup>. Nos anos 1970, participantes de sindicatos gremiais, organizações de bairros e associações campesinas, quadros de partidos de esquerda, etc., também engrossaram as fileiras da luta revolucionária.

---

285 BELLI, op. cit. (2010), p. 25-26.

286 MIRES, op. cit., p. 407.

287 “[...] grupos de personas laicas quienes aplicaron interpretaciones progresistas de las enseñanzas de la Iglesia a temas sociales y políticos de la época.” (In: KRUIJT, op. cit., p. 25).

288 KRUIJT, op. cit., p. 83.

289 Ibidem, p. 24–25.

Segundo Gioconda Belli, ideologicamente, a FSLN se colocava não com o objetivo de simplesmente derrubar a ditadura, mas sim de transformar o sistema, a cultura e a sociedade, colocando em prática uma “democracia donde el pueblo sea realmente el dueño de su suerte.”<sup>290</sup>. Para isso acontecer, era essencial que se alfabetizasse a população, que se redistribuísse as terras e que a mulher se emancipasse para participar, ao lado dos homens, da construção dos novos tempos. Enfrentando esses desafios durante dezenove anos, a Frente Sandinista de Libertação Nacional lutou contra a ditadura familiar dos Somoza, defendendo uma sociedade democrática<sup>291</sup>, livre do imperialismo e a favor da autonomia nacional.

Esse longo processo foi marcado por altos e baixos — perdas de militantes importantes, chegada de novas pessoas, discussões e cisões por discordância de método e ideologia —, estabelecendo-se marcos que ajudam a justificar o longo caminho percorrido até a chegada da tomada de Manágua e da vitória revolucionária em 19 de julho de 1979. Nesse tempo, a Frente foi se confirmando como principal articuladora dos vários grupos sociais, políticos e econômicos que compunham a oposição à ditadura, como a própria burguesia — não a hegemônica agroexportadora, que via impasses em seus objetivos colocados pelo somozismo<sup>292</sup>.

Dessa forma, devemos destacar que a oposição se dava de forma ampla, exercitada também por parte de grupos que se encontravam mais à direita no espectro político-ideológico. Segundo Adriane Vidal Costa, a FSLN adota duas frentes para empreender a luta — a política e a militar — e, com a experiência, “definiram com maior precisão as forças sociais que deveriam estar envolvidas com o processo revolucionário: massas urbanas, operários e camponeses.”<sup>293</sup>.

Ainda na década de 1960 e após uma série de discussões, segundo Matilde Zimmermann, há um acordo entre os líderes revolucionários “quanto aos principais temas dos escritos de Sandino e, de modo geral, à aceitação da análise de Fonseca sobre a sociedade nicaraguense e o papel da FSLN [...] porém, havia diferenças crescentes quanto às táticas e

---

290 BELLI, op. cit. (2010), p. 67.

291 “Além de derrotar a ditadura, Orlando Loaiziga mostrou que o movimento pretendia também construir um governo democrático republicano no qual as reivindicações das classes trabalhadoras fossem atendidas e a liberdade de expressão e do sindicalismo fossem estabelecidos. Era necessário implantar um regime que impulsionasse e fomentasse a reforma agrária, a educação e a cultura.” (COSTA, 2013, p. 274).

292 “Para Orlando Loaiziga [dirigente nacional da Frente em 1978] essa burguesia, para continuar crescendo, deveria necessariamente dispor de uma quota de poder efetivo, que não lhe era permitida pela própria estrutura do somozismo. De maneira que esse setor da burguesia vinha há tempos encabeçando um ‘movimento político tradicional’ de oposição à família Somoza. Não era apenas a FSLN que queria destruir um ‘regime de caráter repressivo e explorador’.” (COSTA, 2013, p. 273).

293 COSTA, op., cit. (2013), p. 267.

estratégias”<sup>294</sup>, o que levou à divisão da Frente, cisão que se intensifica e se consolida com a morte de Carlos Fonseca, em 1974, um vez que a situação interna implicava “preferencias personales y lazos de lealtad que duraron por muchos años y el equilibrio entre las antiguas tendencias que competían era precário.”<sup>295</sup>. Além disso, Orson Mojica aponta que as “continúas derrotas militares sufridas, la crisis de la dictadura iniciada en 1974 y como aprovecharla, fueron los principales motivos de la división del FSLN.”<sup>296</sup>

A disputa ideológica e tática colocada internamente na Frente, em meados da década de 1970, são debatidas de maneira intensa por Belli, o que percebemos principalmente em suas memórias. Como já fizemos as considerações acerca da escrita autobiográfica e memorialística, consideramos importante ressaltar a relação entre o distanciamento temporal ao analisarmos a postura duramente crítica adotada pela autora ao tratar desse tema, principalmente no que diz respeito à sua relação com os irmãos Ortega. Em 2001, ano em que publica *El país bajo mi piel*, Belli já havia rompido com a Frente desde 1993, e vem de um processo de duras críticas ao governo sandinista de Daniel Ortega desde a década de 1980<sup>297</sup>.

A crise interna da Frente é colocada por Belli como mais um terremoto em sua vida, uma quebra na imagem romântica e idealista que tinha com a organização, principalmente porque os debates ficavam restritos aos dirigentes da Frente. Nesse período, ela já adotava uma postura crítica em relação à direção da organização e à falta de democracia interna: “Cómo era posible que no se les permitiera a los compañeros opinar?”<sup>298</sup>. Essa postura de exclusão dos militantes de base das discussões de qual estratégia deveria ser adotada foi um dos motivos de decepção para a autora, que via essa prática como contraditória ao debate da democracia. Além disso, para Belli, havia um receio de que houvesse uma cisão, partindo de outras experiências da esquerda latino-americana: “porque seguramente nos sucedería lo que a tantos movimientos en América Latina que se dividían en mil pedazos y luego se mataban entre sí.”<sup>299</sup>.

---

294 ZIMMERMANN, op. cit., p. 65.

295 KRUIJT, op. cit., p. 118.

296 MOJICA, Orson. La metamorfosis del FSLN. *Revista de teoría, política, economía e historia*. Managua, n. 1, set./dez. 2007, p. 21.

297 Por questão de espaço, de tempo e das fontes selecionadas, optamos por não nos desdobrarmos nos conflitos e nas críticas feitas por Gioconda Belli à atuação da FSLN da década de 1990 aos dias atuais, principalmente em se tratando dos atuais governos de Daniel Ortega, eleito em 2006 e reeleito em 2011 e 2016. A última entrevista da autora sobre o assunto, que tivemos acesso, é de dezembro de 2018 e se encontra disponível em: <[https://elpais.com/cultura/2018/12/02/actualidad/1543725050\\_528621.html](https://elpais.com/cultura/2018/12/02/actualidad/1543725050_528621.html)> Acesso em: 13 jan, 2019, 21h56.

298 BELLI, op. cit. (2010), p. 140.

299 Ibidem, p. 140.

A disputa inicial se deu entre a Guerra Popular Prolongada (GPP) e entre a Tendência Proletária (TP). A primeira se identificava com o guevarismo, com a ideia da guerrilha rural baseada na teoria do foquismo e a ênfase nas organizações de massa, de trabalhadores e camponeses, e tinha como principais nomes Tomás Borge, Bayardo Arce e Henry Ruiz, sendo o consenso majoritário na FSLN até então. Já a segunda, de Jaime Wheelock, Luiz Carrión e Carlos Nuñez, “defendia o reforço da classe operária e seu papel decisivo na revolução”<sup>300</sup>, dando ênfase nas ações urbanas e nos trabalhadores das cidades, acreditando que as insurreições eram a forma de luta histórica da Nicarágua. Por fim, a Tendência Insurrecional (TI) surge da mediação entre as duas outras tendências, defendendo o foco em ações urbanas e a aliança com setores estratégicos, representada por Daniel Ortega, Humberto Ortega e Victor Tirado.

A operação de 27 de dezembro de 1974 — a mesma que levou Belli ao exílio — é considerada como um dos pontos centrais para a fragmentação. É a partir desse momento que se começa a questionar, de forma mais veemente, as estratégias adotadas até então pela FSLN, já que uma ação urbana que obteve grande êxito colocava em cheque a prioridade da ênfase nas guerrilhas rurais e na organização do proletariado agrícola e industrial, e dava credibilidade à teoria de que eram as insurreições urbanas que ameaçariam a ditadura. Também houve, nesse momento, uma ampliação da Frente que, com mais adeptos, passa a ter que lidar com mais variedade de filiações ideológicas e táticas.

Em começo de 1975, logo antes de partir para o exílio, Belli relata como o ponto crítico da tensão entre os membros da direção da Frente. Nesse período, se encarregava do transporte clandestino de Tomás Borge, que pediu a Belli para que lhe comunicasse caso algum outro dirigente da Frente entrasse em contato com ela. O nível de tensão estava tão grande, que membros da TP (Luis Carrión e Jaime Wheelock) tiveram que sair do país, e contaram com ajuda de Belli para isso — que acabou não comunicando o ocorrido para o líder da GPP:

[...] me enteré de la división, de que Tomás e Federico [GPP] habían llevado encañonados Luis Carrión y Jaime Wheelock – los líderes del grupo disidente [TP] – a una Embajada con la intención de obligarlos a asilarse. Luis y Jaime habían logrado salir de la Embajada, Roberto de la casa de seguridad, y ahora el grupo, disidente y prófugo, necesitaba apoyo para salir del país y ponerse en contacto con Marcos y los demás dirigentes para informales de lo que sucedía y exponerles sus

---

300 COSTA, op. cit. (2013), p. 268.

juicios. Las diferencias de opinión debían resolverse discutiendo no a mano armada ni por coerción.<sup>301</sup>

Nesse momento, Belli está envolvida nas conspirações entre os dois grupos: a TP e a GPP. Contudo, não participava ativamente das formulações teóricas. Auxiliava e escondia os membros da TP com a ajuda de Rosario Murillo, ao mesmo tempo em que mantinha sua relação com Tomas Borge. À medida que os métodos do setor mais duro e hegemônico da Frente [GPP] eram questionados, a divisão começa a se estender na militância mais ampla. Nesse momento, Belli se encontra desiludida com o futuro da organização, fruto da exposição de contradições entre o discurso e a prática. Essa angústia é compartilhada com Murillo, mas, com o cerco da ditadura se fechando e com sua participação na ação de 1974, esse período coincide com sua partida para o exílio, de onde mantém sua postura crítica em relação à falta de diálogo interno.

Primeiramente no México, sente-se esperançosa com a continuidade da Frente, devido à positividade de outros companheiros e à crença numa abertura de diálogo entre a direção da organização e os militantes da base, dentre os quais ela se encontrava. Era necessário que quem não fosse da DN da Frente pudesse formular teoricamente e interferir na construção dos planos e das estratégias que seriam adotados, atualizando a tática e os métodos de acordo com a modernidade. Nesse cenário, Belli acaba se integrando àqueles que propunham uma mediação entre os outros dois grupos, o que daria origem à Tendência Insurrecional ou Terceristas (TI).

Da década de 1960 ao início da década de 1970, a ideia da luta de guerrilhas, inspirada tanto pelo guerrilheiro latino-americano Sandino quanto pela experiência cubana, fora a alternativa hegemônica da Frente. Contudo, segundo Belli, em meados da década de 1970, essa coesão básica em torno da luta antisomozista já não era mais suficiente para garantir a unidade, devido a outras demandas colocadas pela dinâmica da militância e das especificidades da Nicarágua da segunda metade do século XX:

Era necesario discutir los métodos de lucha, evaluar la estrategia guerrillera, las alianzas con otras fuerzas. En mi opinión, les dije, la insistencia de los ‘replegados’ de dar la lucha desde dentro había quebrado la noción de autoridad absoluta de los dirigentes más dogmáticos y ortodoxos, que se negaban a considerar las alternativas abiertas por el operativo de diciembre.<sup>302</sup>

---

301 BELLI, op. cit. (2010), p. 139.

302 Ibidem, p. 152.

Nesse momento de reflexão e reformulação da FSLN, para o grupo ao qual se soma Belli, era importante, em sua estratégia de tomada de poder, a insurreição, que seriam ações militares urbanas que mobilizariam o povo para derrubar a ditadura, como a tomada de quartéis — “el ‘cuartelazo’ era la forma de lucha histórica en Nicaragua.”<sup>303</sup>. Para além disso, acreditavam ser essencial a aliança com setores políticos amplos, de modo que não podiam “seguir comportándose como secta de guerrilleros, decía. Debía perder el miedo a la negociación, abrirse, sacudirse el infantilismo de izquierda, el dogmatismo que padecía.”<sup>304</sup>.

Na sua relação política e pessoal com Eduardo Contreras (Marcos), um dos principais dirigentes da TI, Belli vai, a partir do exílio, caracterizar esse momento como um dos períodos em que reforçou seu sentimento de pertencimento ao sandinismo. Junto a isso, outro fator para despertar esse sentimento nela foi que, a partir do México, com quantidade reduzida de militantes, adquire cada vez mais responsabilidades e liberdade na dinâmica interna da Frente, assumindo novas funções. Logo nesse período, ela é transferida para a Costa Rica, a fim de orientar a resistência naquele país geograficamente estratégico e que, no momento, tinha pouca militância organizada — ou seja, lhe é conferido mais protagonismo.

A morte de dois importantes dirigentes da Frente em 1976 trouxe consequências que intensificaram as cisões: primeiro, Carlos Fonseca, o fundador da FSLN; segundo, Eduardo Contreras, que desenvolveu a teoria da estratégia insurrecional, absorvida pela TI. Com a morte de Fonseca, não se tem mais as tentativas reais de unificação teórica e metodológica da FSLN.

Entre os Terceristas, Belli conhece Humberto Ortega, colocando-o em contato com Sérgio Ramirez, para que organizassem o *Grupo de los Doce*. As críticas da autora aos posicionamentos adotados por seus dirigentes, mais especificamente Humberto e Daniel Ortega, se dão de maneira explícita quando se depara com os planos de ação que desencadeariam uma insurreição. É com um debate de estratégia que começa a ruir a relação de Belli com a direção da TI.

Enquanto eles defendiam que uma ação militar magistral, que espontaneamente desencadearia uma mobilização popular, Belli achava que isso seria fruto de um processo lento de ações militares, conjugadas à organização de bairros e da zona rural, incorporando pessoas à luta armada: “me parecía que aquella concepción reducía toda la estrategia

---

303 Ibidem, p. 158.

304 Ibidem.

insurreccional a una aventura militar.”<sup>305</sup>. Apesar de Humberto Ortega se colocar, aparentemente, disponível para escutar a opinião de militantes de base, ele não tinha a intenção de realmente mudar a linha estratégica adotada: “debíamos dar por sentado que la dirigencia calculaba los riesgos y sabía lo que era necesario.”<sup>306</sup>. Essa postura acaba afastando Gioconda Belli ainda mais, por achar essa forma de ação da direção antidemocrática, e, portanto, um espaço no qual se sentia silenciada.

Suas críticas, assumidas em suas memórias e, até hoje, presentes quando a autora se refere aos irmãos Ortega, se baseiam, principalmente, na concepção de que, para eles, não importava os meios para alcançar o fim desejado. Com um tom de mágoa, Belli conclui em suas memórias que, “se puede ganar una guerra con cualquier clase de personas, pero no se puede construir un sistema justo, con valores éticos, si quienes proponen hacerlo carecen de ellos o sacrifican esos mismos valores en el camino.”<sup>307</sup>.

Essa posição crítica diz respeito, muito mais, ao resultado do governo revolucionário e as nuances que levaram Belli a romper com a Frente posteriormente, do que ao seu rompimento com os Terceristas. Além disso, considerava que, muitas vezes, Humberto Ortega se comportava mais como um político tradicional do que como a figura revolucionária que, de maneira idealizada, Belli buscava numa direção da esquerda latino-americana pós-Revolução Cubana, baseada na construção de mitos como Fidel Castro e Che Guevara. Devido aos seus descontentamentos, e enquanto acreditou que construía um processo coletivo, Belli escreveu diversas cartas a Humberto Ortega, tecendo-lhe suas críticas<sup>308</sup> — as quais ela ressalta não ter obtido respostas.

Nesse momento, apesar de não terem saído como planejado, os planos insurreccionais foram responsáveis por desencadear uma importante fase do processo revolucionário. O ano de 1977 se configurou como um período relevante, com a realização de ataque a três quartéis-generais da GN em outubro, resultado da estratégia defendida pelos Ortega. Essa ação, contudo, não foi suficiente para a tomada do poder, mas desencadeou um processo irreversível no caminho da luta pela libertação nacional, além de conferir autoridade aos Ortega e à TI:

---

305 Ibidem, p. 186.

306 Ibidem.

307 Ibidem, p. 187.

308 Não tivemos acesso direto às cartas escritas pela autora, nem aos temas os quais abordavam. As informações que temos estão presentes em seu livro de memórias.

La amenaza de la lucha armada, unida al pronunciamiento del Grupo de los Doce, generó una reacción en cadena. Los empresarios, la Iglesia, los partidos, insistían en la necesidad de un diálogo nacional donde la dictadura se comprometiera a respetar la democracia. El coro de protestas crecía, atizado por la aparición en los medios de cuanto la censura había ocultado. Se publicaban denuncias de muertes horrendas. [...] El país estaba hecho um polvorín. [...] Las contradicciones con los otros grupos sandinistas se agudizaron. [...] Pero la marea del heroísmo estaba en marcha. Las muertes de los compañeros no habían sido en vano, no podían lamentarse como inútiles, o consecuencia de errores. Nos vimos subidos a las crestas de la marea grandilocuente que enaltecía los ataques de octubre como un golpe magistral del sandinismo. El principio del fin de la dictadura.<sup>309</sup>

Apesar disso, a célula de militância da qual Belli fazia parte optou por manter seu posicionamento crítico em relação à ação de 1977, diante das importantes baixas sofridas por motivo de despreparo e de má organização da ação. Apesar de distanciada, devido às críticas aos métodos adotados, aquele período foi o de maior efervescência da organização — mesmo com oposição da GPP, que culpava a TI pela morte de seu dirigente Federico —, considerando o despreparo da população para dar respaldo e continuidade às ações militares. Mesmo com todas essas dúvidas, “la marea del heroísmo estaba en marcha”.

Nesse cenário de disputa interna, um acontecimento externo à Frente é fundamental para a derrocada da ditadura: o assassinato político de Pedro Joaquín Chamorro<sup>310</sup>, em 10 de janeiro de 1978. Chamorro foi morto pela Guarda Nacional, agravando as tensões que havia na sociedade. Ele era o personagem mais destacado da oposição civil e seu assassinato leva ao rompimento do apoio internacional que a ditadura somozista detinha, reforçando a postura recém adotada por parte dos EUA de por fim ao financiamento direto do regime. É depois de sua morte que se inicia a fase mais decisiva da luta contra a ditadura<sup>311</sup>. Para Belli, ele era “símbolo de una libertad personal e intelectual defendida con uñas y dientes”<sup>312</sup>. Segundo a escritora, Chamorro se tornou guerrilheiro após sua morte, já que, com ela, os nicaraguenses saíram às ruas para protestarem contra a ditadura: “lloraron su asesinato no sólo con lágrimas, sino apedreando, amotinándose e incendiando símbolos de la ditadura”<sup>313</sup>.

De acordo com Bataillon<sup>314</sup>, esse episódio trouxe uma nova interpretação para a crise político-social que vivia a Nicarágua, segundo o qual o então regime seria a encarnação da barbárie e a oposição seria o contrário, a civilização, destacando esse momento como central

309 BELLI, op. cit. (2010), p. 201-202.

310 Pedro Joaquín Chamorro era uma das principais figuras da oposição civil à ditadura, diretor do importante jornal de oposição à Somoza, *La prensa*, que acaba se transformando num mártir após ser assassinado.

311 MIRES, op. cit.

312 BELLI, op. cit. (2010), p. 208.

313 Ibidem, p. 208.

314 BATAILLON, op. cit., p. 155.

para a aproximação entre as diversas forças de oposição e deixando claro as violações dos direitos humanos cometidos pelo Estado somozista. Nesse momento, a FSLN é considerada internacionalmente como a alternativa viável para a luta contra a ditadura: “el apoyo recibido por el FSLN se debió al lugar indiscutido que llegó a ocupar en el plano nacional. [...] Pero también tal apoyo obedecía al carácter ‘no alineado’ que parecía brotar de la revolución, y que los propios sandinistas destacaban.”<sup>315</sup>.

Com esse cenário, segundo Belli, o auge da luta colocava em segundo plano as diferenças entre as tendências e começava a se falar em unidade: “nadie dudaba de que unidos tendríamos mejores posibilidades de derrocar la dictadura.”<sup>316</sup>. Em torno desse debate, nota-se que os Terceristas vão delimitando mais ainda seu espaço internamente e, ao fazer alianças e conseguir apoio de diversos setores, inclusive de pessoas e grupos detentores do poder econômico, implicam a moderação do discurso revolucionário, além da aproximação de pessoas motivadas por interesses políticos e econômicos duvidosos: “la táctica de Humberto Ortega para comprometerlos con la causa era darles responsabilidades políticamente delicadas.”<sup>317</sup>.

Essa postura de alianças políticas amplas, adotadas pelos Terceristas, aumentavam as dúvidas de Belli com relação à tendência à qual se somava. Ela se coloca radicalmente contra as práticas dos Ortega: “yo no me había sumado a una revolución para jugar con las mismas reglas que pretendíamos cambiar. Para mí el fin no justificaba los medios. La revolución perseguía una liberación no solo política, sino ética.”<sup>318</sup>. Contudo, as críticas colocadas acerca das estratégias adotadas eram silenciadas na medida em que se intensificava o clima insurrecional e a vitória se tornava mais possível. Para a autora — e devemos destacar que ela olha para esses acontecimentos depois de vividos —, é nessa postura adotada pelos Ortega, que ela identifica como a semente dos erros do sandinismo, que o movimento perde a moral, com um método político que não honraria suas origens históricas.

É a partir desse descontentamento, reforçado a cada decisão tomada pela direção Tercerista, que Belli decide se somar a outro grupo da Frente, com o qual tinha mais afinidades políticas, além de perceber a necessidade de fortalecer posições dissidentes da posição que se tornava, pouco a pouco, hegemônica. Assim, soma-se à GPP, com a qual

---

315 MIREs, op. cit., p. 429.

316 BELLI, op. cit. (2010), p. 209.

317 Ibidem.

318 Ibidem.

compartilhava maior afinidade ideológica, ressaltando características que a mantinha na resistência: “el heroísmo de la gente sencilla que se unía a la lucha con entusiasmo y una fe admirable.”<sup>319</sup>. A partir de uma visão idealizada, encontrou, na GPP, um grupo que combinava com seus ideais de uma revolução romântica e sem contradições.

O discurso adotado por Belli, em suas memórias, ao narrar o momento em que muda sua filiação ideológica internamente na Frente, é claramente romantizado. A partir de seus poemas e romances percebemos como que, em meio aos processos, ela adota uma postura mais crítica, principalmente quando ressalta as contradições entre a prática e o discurso relativo à desigualdade de gênero. Devemos ressaltar também que, apesar das duras críticas colocadas por Belli, grande parte da vitória sandinista só foi possível graças às alianças feitas pelos Terceristas, o que ela considera como uma postura pouco revolucionária.

Por fim, com base no projeto para derrotar Somoza — sustentado pela ideia de construção de uma nova sociedade, da unidade nacional, do pluralismo político, da economia mista e do não-alinhamento —, os sandinistas, com os Terceristas à frente, conduzem o processo revolucionário reivindicando o nome de Sandino, sob autoridade do qual estariam “representados múltiples intereses: clasistas, democráticos, populares, generacionales. Incluso, lo que no es frecuente en los países latinoamericanos, los intereses de las mujeres”<sup>320</sup>. Com a derrota, os membros da GN abandonam o país e grande parte deles formam núcleos que darão origem aos Contra<sup>321</sup>.

É em março 1979, com a possibilidade de vitória mais bem delineada, que a FSLN unifica suas três tendências em torno de uma Direção Nacional composta por nove membros, todos homens: Henry Ruiz (Modesto), Tomás Borge, Bayardo Arce – GPP -, Daniel Ortega, Humberto Ortega, Victor Tirado – TI -, Jaime Wheelock, Luis Carrión e Carlos Núñez - TP. O fato de a DN ser composta apenas por homens já ressalta de que forma pretendia-se lidar com as mulheres após a vitória e a instauração do governo revolucionário, escancarando a dificuldade da real integração das mulheres, e suas agendas, nas dinâmicas dos movimentos de esquerda.

---

319 Ibidem, p. 210.

320 MIREs, op. cit., p. 421.

321 Os Contra eram a oposição armada contrarrevolucionária que buscava por fim ao governo revolucionário sandinista, instaurado em 1979. Segundo Van Eeuwen (In: ROUQUIÉ, 1994), eram financiados pelos EUA desde 1981, com o presidente Reagan. Foram batizados por Reagan de “combatientes pela libertad”, inserindo-se na política de “guerras de baixa intensidade” do governo norte-americano num contexto de Guerra Fria e de luta contra o comunismo e o marxismo-leninismo. A base principal de atuação e a entrada no território nicaraguense era por meio da fronteira com Honduras. Ressalta-se que apenas 5% das fileiras contrarrevolucionárias era composta por mulheres.

Essa unidade se dá principalmente na luta armada e sob um discurso, segundo Belli, de reforçar a ideia de que não se pretendia ser uma nova Cuba: “nuestra Revolución tenía outro signo. Estaba respaldada por todos los sectores sociales.”<sup>322</sup>. Em vez disso, buscariam construir a nova sociedade a partir do sandinismo e da experiência nicaraguense. Apesar da unidade formal, o governo revolucionário se formou a partir da proeminência dos Terceiristas e, principalmente, dos irmãos Ortega; o que, com o passar do tempo, vai intensificar a crítica de Belli sobre o governo e as práticas adotadas por eles. Segundo ela, “por haber impulsado la estrategia insurreccional que incendió el país, los Ortega se sentían más vencedores que los demás.”<sup>323</sup>.

Com a participação de uma heterogeneidade de setores da população nicaraguense, a Revolução triunfou em 1979, armada e sustentada pelo discurso da autonomia, da hegemonia do povo da Nicarágua e do antiimperialismo. Retomaram, assim, a utopia da Revolução nacional e democrática gestada sob o pensamento de Sandino. Dessa forma, os sandinistas conseguiram unir projetos políticos opostos, por meio da pauta da libertação nacional, buscando reorientar o processo de desenvolvimento do país. As funções políticas de uma Revolução que se propunha nacional e democrática se entrelaçaram com a libertação dos povos oprimidos das classes exploradas. Assim, o socialismo da FSLN foi construído no decorrer da luta, na qual buscaram erigir um Estado democrático e soberano, com as estruturas de poder democratizadas, regidas de acordo com a necessidade das massas organizadas na FSLN. Contudo, segundo Lygia Rodrigues, a partir da possibilidade real da vitória, a Frente,

[...] atenta a importância dessas alianças [com diversos setores da sociedade], a direção da FSLN elaborou uma plataforma ampla e flexível que, sem descaracterizar o sujeito das transformações, buscava conciliar aos antagonismos de classe, sintetizando as causas comuns do processo de libertação nacional. [...] É no cenário dessa ordem política debilitada e carente de opções programático-partidárias que o sandinismo chegou à vanguarda do movimento de libertação nacional, venceu a guerra contra Somoza e assumiu o comando do Estado, encaminhando um projeto abrangente e pouco preciso de democratização sob a hegemonia popular. Se, por um lado, o vazio de alternativas políticas conferia à FSLN um posicionamento privilegiado como liderança, por outro lado isso significava a necessidade de fortalecer a base social da revolução, sem experiência participativa, desorganizada e com diferentes interesses, grau de consciência e vontade política de mudança.<sup>324</sup>

---

322 BELLI, op. cit. (2010), p. 275.

323 Ibidem, p. 312.

324 RODRIGUES, Lygia. O Sandinismo e a Revolução Nacional e Democrática na Nicarágua. In: DAYRELL, Eliane Garcindo; IOKOI, Zilda Gricoli. *América Latina Contemporânea: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1996, p. 365; 369.

A Frente adotou as palavras de Sandino de “democracia efectiva y justicia social” como carro chefe, com destaque para a participação popular, das mulheres, dos adeptos da Teologia da Libertação e da juventude. Para a FSLN, a legitimidade da Revolução se daria principalmente por meio da constituição do “sujeito social da Revolução”, ou seja, do povo e de seu desenvolvimento enquanto sujeito político. Assim, a Revolução não significava apenas a derrota e a erradicação do somozismo, “se trata a la vez de la culminación de una experiencia histórica — la lucha contra el tirano —, del fin de un reino de barbárie y de un lapso de caos social, y del momento inaugural de un mundo nuevo.”<sup>325</sup>.

Devemos ressaltar que, como afirma Piva<sup>326</sup>, os revolucionários nicaraguenses também estavam em busca da construção de um modelo de democracia e de Estado revolucionário próprio. Entretanto, a prática democrática era uma questão ausente na cultura política<sup>327</sup> nicaraguense. Segundo Belli, “después de 45 años de dictadura, la democracia era un lento aprendizaje que la guerra financiada por la Administración Reagan constreñía aún más.”<sup>328</sup>.

Apesar dos obstáculos encontrados na prática, a defesa da democracia estava presente desde o “Programa de la Junta de Gobierno de Reconstrucción Nacional de Nicaragua”, divulgado em junho de 1979, da Costa Rica, pela Junta de Governo encabeçada pela FSLN. Nesse documento, buscaram expor, em linhas gerais, a proposta de atuação do novo governo nicaraguense, respondendo às “aspiraciones populares”:

Este Programa de Gobierno que será realizado durante el período provisorio de reconstrucción nacional, **sienta las bases de la Nueva Nicaragua y de un Estado democrático, de justicia social**<sup>329</sup>, e inicia un proceso revolucionario y nacionalista de profundas transformaciones que dará plena participación a todos los sectores del país en las estructuras políticas, en la reconstrucción nacional, en el desarrollo integral de la nación y en la transformación humanista de la sociedad nicaragüense.<sup>330</sup>

---

325 BATAILLON, op. cit., p. 183.

326 PIVA, Márcia Cruz; PIVA, Marco Antônio. *Nicaragua: Um povo e sua história (1552 – 1984)*. Ed. Paulinas, 1986.

327 Entendemos como cultura política um “conjunto de tendências psicológicas dos membros de uma sociedade em relação à política”, é o que permite perceber os pontos de contato entre os contextos macro e micro.” (In: DUTRA, 2002, p. 15).

328 BELLI, op. cit., 2010, p. 76.

329 Grifo nosso.

330 Programa de la Junta de Gobierno de Reconstrucción Nacional de Nicaragua, 1979, Disponível em: <<http://sajurin.enriquebolanos.org/vega/docs/Programa%20de%20Gobierno.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2018, 12h53

No debate acerca do socialismo/comunismo — forma como os sandinistas eram taxados pelo imperialismo norte-americano e pelo mundo bipolarizado da Guerra Fria —, reiteramos os três principais eixos interdependentes adotados pelo governo revolucionário: democracia, economia mista e não-alinhamento político. Além deles, para a construção de uma sociedade democrática, os sandinistas entendiam as eleições como centrais para institucionalizar e legitimar parcialmente o processo revolucionário, sendo um dos componentes fundamentais da democracia proposta, assim como a liberdade de expressão e de organização política. Para Coraggio,<sup>331</sup> a democracia era o conceito chave do poder da FSLN e da Revolução, sendo esta apontada como uma alternativa democrática para a construção do socialismo:

[...] el concepto mismo de legitimidad deberá construirse en base a la realidad específica de una Revolución que avanza simultáneamente en la socialización económica y en la socialización del poder a favor de las mayorías, sosteniendo a la vez un sistema democrático pluralista en lo interno y en sus relaciones internacionales.

Assim, a construção do Estado revolucionário passava pela transformação da sociedade civil, por meio da criação de novas práticas, instituições e ideologias. Para isso, partia-se da ideia de que o poder não fora tomado, mas sim estava em construção diária, na busca por novas práticas e na luta contra a hegemonia imperialista e pela autonomia. Isso só foi possível por desviarem de uma visão unicamente economicista da forma de organização da sociedade, entendendo que a alienação “no se deriva mecánicamente de sus condiciones materiales de vida y producción, sino que es producida también por la ausencia de una práctica democrática, y que su liberación requiere avanzar simultáneamente en ambos frentes de transformación”<sup>332</sup>.

Para a edificação dessa nova sociedade, tinha que se levar em conta a cultura: “desde as trincheiras cantava-se o amor e a liberdade. Nos momentos mais duros da guerra civil nasceram belas poesias. Assim forjava-se a revolução cultural.”<sup>333</sup>. Luis Coraggio<sup>334</sup> reforça essa perspectiva ao afirmar que, para avançar a hegemonia popular e minar o que restava da expressão política do capital, seria necessário a revolução cultural, percebendo a cultura como um espaço de disputa.

---

331 CORAGGIO, op. cit., p. 13.

332 Ibidem, p. 24.

333 PIVA, op. cit., p. 78.

334 CORAGGIO, op. cit.

Foi na década de 1980, durante a grande campanha de erradicação da malária, que os chefes sandinistas reforçaram a importância da cultura e da defesa desta, uma vez que afirmavam que “esta será uma revolução de livros, rifles e guitarras”<sup>335</sup>. Para Kruijt, essa postura foi importante, pois, segundo ele, foi com isso que a Frente “realzó su status como organización revolucionária, patriótica y abocada al bienestar social, ganándose no sólo a una generación de jóvenes que había crecido en medios rurales sumamente pobres, sino también a una gran proporción de campesinos”<sup>336</sup>.

O tema do socialismo, enquanto conceito e uso da palavra, não perpassa de maneira marcante a produção literária e poética de Belli. Quando esse tema surge em sua narrativa, principalmente em *El país bajo mi piel*, será para reforçar a ideia de um processo nicaraguense, diferente das outras experiências socialistas latino-americanas. Os sandinistas teriam como diferença fundamental a democracia e a libertação social e de gênero como eixos centrais de sua Revolução. O que encontramos é um amadurecimento da sua narrativa no que diz respeito às questões de classe e à forma como são trazidas pela autora em suas obras.

Em *Sobre la grama*, percebemos uma maior preocupação da autora com questões que dizem respeito ao âmbito do individual, numa perspectiva liberal da emancipação da mulher, entendendo a liberdade como econômica e erótica, do direito de se separar, de ter prazer sexual e da maternidade. Contudo, com o passar do tempo, suas produções — que acompanham sua trajetória militante — começam a ser marcadas por um debate sobre a desigualdade de classe e sobre a necessidade de se romper com essa estrutura social, tendo a democracia como eixo, passando a entender como as questões das mulheres e da Revolução estavam imbricadas. Assim, os temas de justiça social e igualdade — não só de gênero, mas também de classe — passam a ser pano de fundo de suas obras, junto ao debate da libertação da mulher. É interessante observarmos como Belli une esses dois debates.

Em seu romance *La mujer habitada*, fica clara a transformação pela qual passa a autora, no modo de enxergar o mundo. De início, Lavinia é uma mulher de classe média alta que rompe com os padrões e com as expectativas de casamento e maternidade, torna-se independente e tem um emprego visto como masculino. A partir do momento em que ela conhece o *Movimiento*, as questões de classe são apontadas para ela e isso gera uma transformação na vida da personagem. Percebemos semelhanças fundamentais entre a trajetória de Lavinia e a de Gioconda Belli, nessa perspectiva. Assim, na própria narrativa,

---

335 ZIMMERMANN, op. cit., p. 112.

336 KRUIJT, op. cit., p. 168.

Lavinia vai reconhecer essas contradições: “Para Flor, sin duda, las rebeliones de ella, su rebelión contra destinos casamenteros, padres, convenciones sociales, eran irrelevantes capítulos de cuentos de hadas. Flor escribía historias con "h" mayúscula; ella, en cambio, no haría más historia que la de una juventud de rebelde sin causa.”<sup>337</sup>.

Quanto mais as mulheres se incorporavam aos movimentos de esquerda, mais a necessidade de transformações de ordem social e cultural eram colocadas. Quando reconhece as relações de gênero imbrincadas nas questões de classe, Belli começa a questionar e a transformar seu sentido de igualdade e liberdade que, de início, vinha dotado da definição liberal do termo. Para Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel, as tensões entre o feminismo e o indivíduo liberal estão colocadas da seguinte forma:

[...] o deciframento do sentido dessa igualdade implicava ir além da isonomia legal e inquirir as condições reais de existência delas e deles, questionando as premissas básicas das hierarquias sociais e do funcionamento das instituições. A crítica ao indivíduo “abstrato” do pensamento liberal, aquele que é igual a todos os outros independentemente de suas circunstâncias concretas, é recorrente na elaboração teórica vinculada às demandas por emancipação dos grupos dominados. É também o caso do feminismo, que mantém, desse modo, uma relação tensa com o liberalismo e os direitos que se definem a partir das premissas dele.<sup>338</sup>

A maneira como a Frente lidou com as questões de gênero e de classe, colocadas de modo relacional pelas mulheres, é criticada por Belli também a partir da perspectiva de que seu entendimento de democracia passa fundamentalmente pela igualdade entre homens e mulheres. Contudo, suas críticas vão além desse debate. No momento da vitória revolucionária, para Belli, a FSLN não era um partido institucional e burocratizado, mas sim um movimento local com identificação popular em todo território nacional. Suas críticas ao governo sandinista partem daí e se estabelecem em 1979, quando é responsável por expropriar o canal privado de televisão “en nombre de la Revolución”.

O canal não era propriedade de Somoza nem de somozistas, como havia sido acordadas as expropriações; além disso, se posicionavam contra a ditadura, mesmo que sem veemência. Por isso, Belli destaca que “este tipo de acciones afectó seriamente la confianza inicial que el sector privado brindó a la Revolución y sembró de obstáculos el camino hacia un pacto social.”<sup>339</sup>. Essa postura demonstra como que, para manter a hegemonia, a Frente

---

337 BELLI, op. cit. (1996), p. 90.

338 BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 09.

339 BELLI, op. cit. (2010), p. 301.

optou por excluir alguns setores da burguesia, pessoas e partidos: “se excluyó a quienes aspiraban a compartir el poder dentro del esquema nacionalista con que se obtuvo la victoria.”<sup>340</sup>.

Os sandinistas se depararam com um país devastado pela guerra, em caos econômico e social, o que gerou percalços à formação do Estado revolucionário. No âmbito da economia, tem-se um quadro de “fuga de capitais”, já que a maior parte das indústrias e da economia continuava nas mãos da burguesia nicaraguense e de empresários norte-americanos, que, apesar de terem perdido o poder político, ainda detinham o poder econômico. Muitas dessas famílias, quando perceberam que o governo não mais teria como objetivo central proteger seus lucros, “descapitalizaram as *holdings*, parte dos familiares mudaram para fora da Nicarágua, e começaram a organizar uma contrarrevolução”<sup>341</sup>. É nesse momento que a ampla unidade de classes, construída durante o processo de derrubada de Somoza, começa a ruir, de modo que a burguesia antisomozista encontra-se insatisfeita com a política econômica adotada pela Frente, gerando uma situação de instabilidade. Nesse cenário, a FSLN insistia num discurso a favor de uma economia mista. Porém, segundo Zimmermann:

Os conflitos de classe aumentaram na primeira metade de 1980, especialmente na capital, onde o pequeno setor industrial da Nicarágua estava concentrado. Os patrões usavam seu controle econômico para enfraquecer os ganhos legais dos operários, enviando os lucros para fora do país. [...] A FSLN alegava que estava comprometida com uma “economia mista” e com a proteção da propriedade privada, e insistia com os capitalistas para que investissem e aumentassem a produção a fim de reativar a economia nacional arrasada. Em vez disso, os donos das fábricas usaram várias táticas para descapitalizar seus negócios<sup>342</sup>

Para piorar, a guerra contrarrevolucionária intensificou a crise econômica que devastava a Nicarágua, mesmo que, num primeiro momento, sem abalar a autoridade política e ideológica da FSLN, que vinha da legitimidade que os sandinistas adquiriram no decorrer da luta insurrecional. Há, então, a formação de milícias populares com a função de defender as cidades e os locais de trabalho, além de batalhões de reserva da milícia, que permaneceriam nas montanhas.

Para mobilizar a população a defender a Revolução, Belli destaca, novamente, o uso da retórica de Sandino como estratégia importante: “Como Sandino, con su pequeño ejército loco en las montañas del norte de Nicaragua en 1933, así nosotros derrotaríamos a la Contra, a

---

340 Ibidem.

341 ZIMMERMANN, op. cit., p. 98.

342 Ibidem, p. 104.

Estados Unidos, si acaso nos invadian.”<sup>343</sup>. Assim, para Zimmermann, essa não era a única guerra que estava sendo travada na Nicarágua na década de 1980; para ela, havia duas:

Uma era a luta de classes que acontecia à medida que os trabalhadores e camponeses lideravam o caminho na briga pela construção de uma nova sociedade. A outra era o ataque contra a nação revolucionária desfechado pelo imperialismo dos Estados Unidos recorrendo a um exército mercenário, mas sempre um passo aquém da ameaça de uma invasão direta pelas tropas americanas.<sup>344</sup>

A princípio, a guerra contrarrevolucionária acaba polarizando ainda mais a sociedade, aumentando a participação popular na defesa da pátria e do discurso nacionalista, com base na confiança depositada na FSLN, pelas classes populares que se mobilizam, de forma que as disputas entre os trabalhadores e os detentores dos meios de produção não se sustentavam numa questão apenas de classe, mas adquiriram um sentido político e nacionalista. Assim, nesse momento, “ser um trabalhador era ser patriótico, revolucionário, verdadeiramente nicaraguense, ao passo que os capitalistas eram considerados culpados não só de explorar seus empregados, mas também de defender os ataques a seu próprio país.”<sup>345</sup>.

Só em 1987, quando os EUA percebem que a derrota política da FSLN não ocorreria tão facilmente sem a interferência direta de seus exércitos, que trava-se um acordo de paz apresentado pelo presidente da Costa Rica, o que Matilde Zimmermann considera como uma vitória política da Revolução: a “FSLN tinha conseguido liderar duas revoluções bem-sucedidas, a primeira para derrubar Somoza, e a segunda e mais difícil para defender a vitória de um maciço ataque de forças contrarrevolucionárias.”<sup>346</sup>. Contudo, perderam drasticamente no campo social e econômico, devido ao alto índice de mortos e à destruição física e econômica; ou seja, como afirma a autora, “a guerra econômica foi, de certa forma, mais difícil de combater que a armada.”<sup>347</sup>.

Além disso, a relação política que a FSLN havia estabelecido com a população é abalada. Segundo Kruijt, “la realización de la utopía que pareció anunciarse al momento del triunfo inicia de los sandinistas había terminado en una distopía de posguerra, una pesadilla de devastación y desilusión nacional.”<sup>348</sup>. Nesse meio tempo entre a vitória de 1979 e as negociações de paz em 1987, a Frente elege Daniel Ortega para presidente do país, em

---

343 Ibidem, p. 121.

344 Ibidem, p. 130.

345 Ibidem, p. 113.

346 Ibidem, p. 137.

347 Ibidem, p. 120.

348 KRUIJT, op. cit., p. 205.

eleições livres realizadas em novembro de 1984. Com Sergio Ramírez como vice, obtiveram 67% dos votos, e 61 das 90 cadeiras na Assembleia Nacional — resultado que não foi bem aceito pelo governo Reagan. Segundo Belli,

A los pocos días Reagan apareció en televisión durante la Superbowl — la liga de fútbol americano con mayor audiencia televisiva — y acusó al sandinismo de recibir Migs soviéticos. A la mañana siguiente, mientras desayunábamos, una explosión hizo temblar las ventanas y los vasos, y nos dio un susto mayúsculo. Era un avión supersónico F-16 — Pájaro Negro — de Estados Unidos rompiendo la barrera del sonido sobre el espacio aéreo nicaragüense. Durante varios días, todas las mañanas, ocurrió lo mismo.<sup>349</sup>

Mesmo assim, internacionalmente, a vitória eleitoral reforçava, por meio das instituições democráticas, a legitimidade do projeto político da FSLN. Contudo, cresciam-se as críticas acerca da democracia interna, problema que pode ser representado pela manutenção dos mesmos nove membros, todos homens, como os dirigentes que ocupavam as cadeiras do Diretório Nacional da Frente. Segundo Zimmermann,

Todas las decisiones eran tomadas pelos nove **homens** do Diretório Nacional, o que continuava sendo exatamente a mesma estrutura implantada desde 1979 e que se estendeu após as eleições de 1990. Durante todo o tempo em que a FSLN esteve no poder, **nenhuma mulher foi incluída no Diretório Nacional**, ninguém oriundo da costa do Atlântico, e ninguém das classes laboriosas que eram a força motriz da revolução.<sup>350</sup>

Para Serra<sup>351</sup>, o projeto de “democracia social” sandinista implicava, além da economia mista e do não-alinhamento à URSS e à Cuba, o baixo controle estatal, a prioridade dos interesses populares, a autodeterminação nacional e o pluralismo político, tudo isso submetido à hegemonia popular. Assim, as eleições de 1984 marcaram uma nova etapa revolucionária, servindo como um processo educativo “para elevar el nivel de conciencia cívica y de organización del pueblo”<sup>352</sup>. Na Nicarágua sandinista, a questão do poder ia para além do Estado e da sociedade política, encontrando-se na sociedade civil e em suas instituições, com necessidade de aprofundar as transformações revolucionárias e democráticas para que a ideologia dominante da sociedade somozista não se reproduzisse:

[...] mas allá de la elaboración de una constitución se hallan los retos planteados por la construcción de un nuevo estado, la consolidación

349 BELLI, op. cit. (2010), p. 123.

350 ZIMMERMANN, op. cit., p. 121. Grifo nosso.

351 SERRA, Luis. Democracia y Revolución en Nicaragua. In. *Encuentro: Revista Académica de la Universidad Centroamericana*, n. 23, 1985.

352 Ibidem, p. 77.

democrática de las organizaciones de masas, la articulación de doble vía entre el partido de vanguardia y las organizaciones populares, el pluralismo dentro del campo democrático.<sup>353</sup>

As críticas de Belli à condução da crise do governo revolucionário e à estratégia adotada para enfrentar a Contrarrevolução passa pelos desacordos com a hegemonia exercida por Humberto e Daniel Ortega. Segundo ela, eles usaram os riscos que estavam colocados pela conjuntura para silenciar as divergências internas na Frente, fazendo com que os nove membros da DN se portassem de maneira passiva e sem diversidade. Assim, a política dos Ortega, que ela considerava sem princípios, populista e manipuladora, comprometeu alguns ideais revolucionários, como a adoção de medidas econômicas que estavam de acordo com a agenda do FMI. Nesse processo, Belli começa a se distanciar da Revolução — ou, pelo menos, da Revolução feita pela FSLN:

Dentro del sandinismo muchos sentíamos cada vez más como espectadores de un proceso que seguía viviendo de su imagen idealista y heroica pero que, en la práctica, se alejaba de lo que quiso ser para convertirse en una cosa amorfa, arbitraria. [...] Durante mucho tiempo me negué a aceptar que las fallas de la Revolución fueran irreparables. Estaba demasiado cerca de todo el proceso. Mi amor no era ciego, pero era tolerante e incondicional, como el amor de una madre que ve los desvaríos de su hija pero tiene plena confianza que al final su espíritu triunfe.<sup>354</sup>

Belli vai conferir muito das mudanças do curso revolucionário à guerra contrarrevolucionária e à crise econômica, somada ao bloqueio econômico implementado pelos EUA. No entanto, essas dificuldades não afastavam sua desilusão com os rumos que tomava a FSLN internamente, em relação aos dirigentes revolucionários e ao fato de a direção da TI se sentir mais vitoriosa que os outros e, por isso, com autoridade para hegemonizar a condução da Revolução e da Frente, sob a bandeira da unidade:

A medida que los Ortega se fueron apropiando del poder y monopolizándolo, la Revolución fue perdiendo su ímpetu, su brillo, su energía positiva. Se impuso la mentalidad falta de escrúpulos y principios, populista y manipuladora. La Revolución daba bandazos entre la moderación y el radicalismo.<sup>355</sup>

É a partir de 1985, após a vitória das eleições e a reafirmação da legitimidade do governo sandinista por meio das instituições democráticas, que a crise econômica se agrava — principalmente depois de os EUA decretarem oficialmente o bloqueio econômico contra a

---

353 Ibidem, p. 78.

354 BELLI, op. cit. (2010), p. 343-344.

355 Ibidem, p. 342.

Nicarágua, similarmente ao que havia sido feito contra Cuba —, o que gera drásticas consequências para o Estado revolucionário. Para Kruijt, com o acirramento dessa disputa,

Este gobierno revolucionario nació como una ‘utopía de la vida real’ con la liberación de la antigua capital de León y la exitosa insurrección de Managua. Murió una muerte sangrienta después de una segunda guerra civil, enfrentada a los ‘contras’ que eran entrenados y pertrechados por la CIA. Esta guerra también fue acompañada por un desastre económico, una hiperinflación galopante de duró varios años.<sup>356</sup>

No pós-guerra, em busca de responder à crise, os líderes adotam uma série de medidas que se assemelham às tomadas por governos de direita do restante do continente latino-americano<sup>357</sup>, o que, para Zimmermann, demonstra um distanciamento da Frente do ideal socialista, mesmo mantendo um discurso radicalizado: “o Diretório Nacional da FSLN havia decidido unanimemente afastar-se da orientação anticapitalista e pró-socialista dos primeiros anos da Revolução e, em lugar dela, confiar nos mecanismos do mercado e em incentivos ao lucro para tentar reativar a economia.”<sup>358</sup>.

O endurecimento da Revolução, com a imposição de tendências autoritárias, também era resultado da falta de uma tradição democrática. Para Belli, ao não buscarem forjar o pacto social com alguns setores, “intentamos imponer el nuevo orden porque suponíamos que era la única manera de ser fiel a la mayoría empobrecida.”<sup>359</sup>.

Nesse momento pós-1987, a FSLN vai usar de sua legitimidade com a classe trabalhadora para convencê-la a continuar trabalhando, mesmo em condições de desvalorização dos salários, a fim de sustentar uma economia baseada no capital privado. Para Gioconda Belli, essa prática demonstrava que, apesar de, nos discursos, a Direção Nacional da

---

356 KRUIJT, op. cit., p. 38.

357 Segundo Roger dos Anjos de Sá (2014, p. 202), “o processo revolucionário caracterizado pela aliança entre a FSLN e a burguesia modernizante (ou patriótica para utilizar a terminologia da linguagem sandinista), era apenas um aspecto funcional e pragmático com escopo de modernizar e integrar a Nicarágua à nova realidade do sistema capitalista.” Além disso, a nova lei da Reforma Agrária de 1986 diminui o poder do Estado sobre a propriedade da terra; reduz as políticas sociais em prol de atender os interesses dos capitalistas e burgueses e das próprias empresas estatais, priorizando o ganho de capital e retrocedendo o investimento nos serviços sociais como saúde e educação. Em consonância com o FMI, o governo sandinista adotou medidas de austeridade com o objetivo de estabilizar a economia, buscando adequá-la à lógica do mercado: “liberou os preços de todos os produtos agrícolas, aprovou a lei de investimentos estrangeiros que garantia repatriação de capitais e também flexibilizou o monopólio do comércio exterior. Essas disposições do governo já demonstravam uma clara mudança nos rumos da revolução, pois revelam afastamento do Estado enquanto protetor das necessidades populares e aproximação da lógica anárquica do mercado.” (SÁ, 2014, p. 212). Além disso, houve a desvalorização monetária, com novos preços para produtos básicos, reajuste de salários, unificação das taxas de câmbio, desmembramento do Ministério de Desenvolvimento Agropecuário e Reforma Agrária, reforma monetária, etc.

358 ZIMMERMANN, op. cit., p. 143.

359 BELLI, op. cit. (2010), p. 323.

Frente colocar o povo nicaraguense como protagonista de sua história, era ele que estava pagando os altos custos para a defesa de um futuro que nunca chegava. As promessas revolucionárias, a cada dia, se deparavam com obstáculos maiores, empobrecendo ainda mais as classes baixas, como afirma Belli.

Logo os políticos da oposição passam a adotar um discurso trabalhista que, na conjuntura em que se vivia, encontrava ressonância. Esse é um dos fatores que desestabiliza a Frente e que a conduz à derrota eleitoral em 1990. Além disso, muitos dos e das combatentes da guerra contrarrevolucionária se viram abandonados e abandonadas pelo governo, deixando de ser, na prática, os principais sujeitos dessa política. O governo sequer pagava os auxílios prometidos à população mais carente e àqueles que lutaram na guerra. Além disso, cessaram a redistribuição de terra no campo.

Apesar do desgaste, a Frente ainda se mantém com uma relativa força política até início dos anos 1990. Entretanto, cresce a oposição à FSLN na burguesia e no setor privado, na direita democrática e na hierarquia católica — representada por Miguel Obando y Bravo, arcebispo de Manágua. Também, no decorrer do processo de implementação do Estado revolucionário, aumenta a hostilidade da população rural, principalmente dos indígenas da costa Atlântica — para os quais a FSLN teve dificuldade de desenvolver políticas específicas e de promover sua inclusão.

Kruijt considera que, com o decorrer do processo de definição das políticas prioritárias, os sandinistas foram se consolidando como uma democracia unipartidária, com amplo apoio nas cidades e na costa Pacífica, estabelecendo-se fundamentalmente como um grupo urbano e subestimando o papel das identidades étnicas, religiosas e linguísticas dos povos da região Atlântica. Isso se deu por demonstrarem intransigência no programa de incorporação da parte oriental do país, ao adotarem uma “integración e asimilación forzada de esos pueblos al modo de pensamiento sandinista, [o que] creó entre un amplio sector de la población rural un sentimiento de alienación tan intenso que muchos de ellos terminaron sumándose a la ‘Contra’.”<sup>360</sup>. Belli acrescentaria que o governo revolucionário também subestimou o papel central das mulheres no processo revolucionário, ao não atender às suas demandas e ao relegá-las tarefas acessórias no Estado sandinista.

A derrota eleitoral em 1990 é resultado desses diversos fatores apresentados — Daniel Ortega concorreu à reeleição pela FSLN contra Violeta Chamorro, líder da União Opositora

---

360 KRUIJT, op. cit., p. 192.

Nacional (UNO). A UNO era composta por catorze partidos de oposição e contava com apoio financeiro e político dos EUA, tendo como plataforma a ênfase na transformação da política econômica e o fim do serviço militar obrigatório. Já a campanha de Daniel Ortega foi focada em sua imagem, deixando em segundo plano a reivindicação da legitimidade da Frente, além da ausência do “Programa Histórico” de Carlos Fonseca em sua plataforma de governo, que se localizava mais ao centro do espectro político do que à esquerda.

Com a certeza da vitória de Ortega, manifestada tanto pela Frente quanto pela opinião internacional, e reforçada pelas pesquisas de intenção de voto, a campanha dos sandinistas se baseou em eventos culturais, deixando em segundo plano a discussão política. A derrota eleitoral foi uma surpresa para muitos e é considerada como o marco do fim do processo revolucionário. Para Matilde Zimmermann,

[...] fica claro que a revolução malograra antes mesmo das eleições, e os votos simplesmente registraram o fato de que a relação entre as massas da Nicarágua e a FSLN, que havia sido o coração da revolução, fora rompida. [...] Os nicaraguenses não votavam contra ou a favor da revolução, em fevereiro de 1990, embora isso tivesse sido interpretado dessa forma. Eles decidiam qual candidato seria melhor chefe de um governo que não era mais revolucionário.<sup>361</sup>

De início, Belli também teria participado ativamente da construção da candidatura de reeleição de Ortega, assim como em 1984. Fora chamada para formar a comunicação da campanha, contudo, logo foi retirada da equipe por se opor à estratégia defendida e colocada em prática por Ortega. Por se sentir marginalizada à política, devido à sua posição crítica, vai se dedicar a escrever sua novela *Sofía de los presagios*. Segundo a autora, havia um sentimento de otimismo generalizado entre seus companheiros, do qual ela não compartilhava e, por isso, se opôs à estratégia e ao slogan adotado para campanha: “Todo será mejor”. Para ela, “había que reconocer el cansancio de la gente, opiné, respetar su sentimiento de pérdida, sus muertos, ser autocríticos. Pero insistieron en una campaña entusiasta, alegre.”<sup>362</sup>.

Em *Sofía de los presagios* percebemos algumas críticas feitas à Revolução, principalmente à perda do apoio popular. De início, a Revolução aparece como algo que trouxe novidades, inclusive com maiores liberdades para as mulheres — “Desde la mentada Revolución todas las mujeres se creían moneditas de oro, independientes”<sup>363</sup> —, ressaltando o investimento em educação com a oportunidade de estudos no exterior e a chegada das pílulas

---

361 ZIMMERMANN, op. cit., p. 150; 152.

362 BELLI, op. cit. (2010), p. 350.

363 BELLI, Gioconda. *Sofía de los presagios*. Manágua: Anamá Ediciones, 2011, p. 108.

anticoncepcionais — e como transformaram a vida das mulheres. Mas, em pouco tempo, vai perdendo sua legitimidade, primeiro com uma exaltação do conservadorismo do passado, depois com o esvaziamento das ruas: “Sofía piensa que, sólo en concentraciones políticas, en los mejores tiempos de la Revolución, há antes tanta gente reunida.”<sup>364</sup>.

A Frente acreditava que as eleições, por serem um símbolo democrático, abririam espaço para o avanço revolucionário. Para sustentar essa esperança, utilizaram o debate de que, sem Reagan e sem a guerra, o povo continuaria apoiando os sandinistas, e que os desvios que a Revolução encontrara seriam superados, sobretudo no que diz respeito às tendências autoritárias e à falta de democracia interna. No entanto, Belli reforça sua crítica ao processo ao afirmar que a coordenação de campanha da Frente subestimou o sofrimento vivido pelo povo nicaraguense nos últimos anos e, em último caso, a impressão que se tinha era de que “si votan por el Frente, continuará la guerra. Eso és lo que dice la gente, y no quieren más guerra.”<sup>365</sup>.

Os críticos do processo sandinista afirmaram que a única prática realmente democrática do Estado sandinista e da FSLN foi a aceitação da derrota nos anos 1990. Esse se torna, então, um dos poucos momentos em que Belli vai elogiar a postura adotada por Daniel Ortega. Segundo Belli, a grande vitória sandinista, naquele momento, era a de, pela primeira vez, ter havido uma transição democrática e eleitoral de poder, sendo “un acto de enorme trascendencia para la vida democrática del país.”<sup>366</sup>. No discurso de derrota em 27 de fevereiro de 1990, Daniel Ortega reforça a vitória sandinista pelo caráter democrático e de autodeterminação nacional, o que, na opinião de Belli, fora o melhor de sua vida:

Considero que ése es en este momento histórico el principal aporte que los sandinistas, que los revolucionarios nicaragüenses le estamos haciendo al pueblo de Nicaragua, es decir, garantizar un proceso electoral limpio, puro, que aliente aún más nuestra conciencias y alumbre, como este sol que nos alumbra hoy, hacia la consolidación de la democracia, hacia la consolidación de la economía mixta, de una Nicaragua libre, independiente y democrática en paz, no intervenida por potencia extranjera laguna y en donde todos los nicaragüenses seamos capaces de demostrarle al mundo que podemos convertir en realidad esos sueños, esas esperanzas.<sup>367</sup>

Assim, a FSLN já tinha cedido no campo político e, desde fins da guerra contrarrevolucionária, quem dominava a economia já havia retomado o controle político do país. Para Kruijt, ao optar pela manutenção de uma elite detentora do poder econômico, a

---

364 Ibidem, p. 264.

365 BELLI, op. cit. (2010), p.351.

366 Ibidem, p. 354.

367 Ibidem.

economia pós-1979 não caminhava rumo ao socialismo, o que levou a uma tensão ideológica e técnica à tentativa de convivência entre uma “economia mista” e um Estado de trabalhadores e trabalhadoras. Ao perder as eleições e assinar um acordo de paz com o novo governo, inicia-se uma fase explicitamente neoliberal<sup>368</sup> na Nicarágua - assim como ocorria no restante da América Latina no mesmo período -, com ajustes na política social e econômica — o que, para Kruijt, evidencia que a Revolução não encontrou transformações radicais e duradouras. Ficando inacabados, os ideais revolucionários foram se apagando e, apesar dos ganhos em curto prazo, a meta de transformação econômica e social sandinista fracassou.

As críticas ao sandinismo continuam, até os dias de hoje, com a volta de Daniel Ortega e da FSLN ao poder em 2006, e reeleito em 2011 e 2016. Nos anos 1990, muitos militantes e dirigente históricos romperam com a Frente, culminando na criação do Movimiento Renovador Sandinista (MRS), fundado oficialmente em 21 de maio de 1995, data de nascimento de Sandino. Em sua “breve história”, justificaram a cisão devido às “contradicciones sobre la política y la acción del partido, en relación a la democracia interna, la lucha política y social y las reformas constitucionales, en clara oposición a la creciente tendencia caudillista de Daniel Ortega”<sup>369</sup>. Para Belli, juntar-se ao MRS significava “continuar las luchas que nunca faltan, las que me llevaron a renunciar al Frente Sandinista y unirme a un movimiento para renovar al sandinismo desde una propuesta ética que niega el oportunismo y la filosofía de que el fin justifica los medios.”<sup>370</sup>. Eles reforçam que se fundam sob os princípios sociais e democráticos, fazendo duras críticas às posições adotadas pela Frente e seus dirigentes.

---

368 “[...] é possível notar que o neoliberalismo se vindicou mais como ideologia política do que como ação de mercado. Altas taxas de desemprego, aumento da dívida pública e baixas taxas de crescimento; todos os fatores apontados como resultado da política keynesiana permaneceram após a introdução do neoliberalismo (CHESNAIS, 1996). Além disso, o neoliberalismo, apesar de defender o livre mercado e a não intervenção estatal, só pôde ser efetivado através da imposição dos Estados, o que delineou novos contornos inclusive aos países da América Latina: ‘Após vivenciar uma década de interrupção de recursos externos de empréstimos anos 1980, a América Latina viveu, nos anos 1990, o pior dos mundos, enfrentando, na sequência dos efeitos do endividamento externo, imposições de política econômica que privilegiavam a expectativa e os interesses dos agentes externos em detrimento das condições internas’ (ALMEIDA FILHO, 2003:2). O referido viés neoliberal seguia seu curso também pela periferia. A expansão ideológica utilizava-se ali da influência operada pelas agências multilaterais — notadamente o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e, mais tardiamente, a Organização Mundial do Comércio (OMC) —, sobretudo durante o período da crise da dívida no caso da América Latina, onde a renegociação das dívidas externas incluía cláusulas de compromisso com políticas econômicas convencionais e ajustes estruturais pré-mercado.” (SILVA, 2013, p. 09–10).

369 Disponível em: < <http://partidomrs.org/index.php/partido-mrs/breve-historia> > Acesso em: 25 jan. 2018, 12h07.

370 BELLI. op. cit. (2010), p. 365.

## 2.2 A Revolução das mulheres?

A participação das mulheres no processo revolucionário sandinista deve ser analisada com atenção. Elas se organizaram de diversas formas no decorrer tanto da luta quanto do governo estabelecido após a vitória de 19 de julho de 1979. Devemos nos atentar para as variadas formas de atuação dessas mulheres, que vão desde o movimento guerrilheiro até a participação na vida pública institucional, passando pelo movimento clandestino, pelo exílio e pela defesa dos direitos humanos. Com isso, é importante compreendermos, por meio de uma revisão da bibliografia já produzida sobre tema<sup>371</sup>, de que forma se deu essa participação feminina na Revolução Sandinista para, posteriormente, buscarmos inseri-las na perspectiva dos movimentos feministas latino-americano e a partir da literatura de Gioconda Belli.

Percebemos que as pautas relativas à vida das mulheres já eram reivindicadas desde o *Programa Histórico* de Carlos Fonseca, de 1969, e que muitas mulheres vão romper com a FSLN devido ao que elas consideraram como pouco comprometimento do governo revolucionário sandinista com as pautas das mulheres. Na América Latina, a luta das mulheres, no contexto da Revolução Sandinista, estava vinculada às transformações da sociedade e da política, à luta pelos direitos humanos, à busca pela autonomia e pela restauração da democracia, como aponta Vargas e Molyneaux<sup>372</sup>. Nesse contexto, Santamaría<sup>373</sup> considera o movimento de mulheres da Nicarágua como um dos mais fortes e visíveis da região, no final das décadas de 1970 e 1980, principalmente após a vitória da Frente que, segundo a autora, populariza ainda mais o movimento de mulheres, que deixa de ser majoritariamente de classe média.

No *Programa Histórico*, que definia as bases do governo revolucionário e do que se pretendia alcançar com a Revolução, buscava-se:

[...] la ruptura con las viejas concepciones que se mantenían acerca de cuál debía ser el camino revolucionario, y un instrumento de lucha donde el pueblo reconoció en cada punto programático la posibilidad de ver realizadas sus reivindicaciones históricas negadas por el poder opresor.<sup>374</sup>

371 Na introdução, ressaltamos a dificuldade de encontramos bibliografia que tratasse da Revolução Sandinista, principalmente de uma maneira analítica e crítica. Essa situação é ainda mais agravada no que diz respeito à consideração da participação das mulheres nesse processo, o que, como já tratamos, é um vazio da historiografia de modo generalizado.

372 VARGAS; MOLYNEAUX, In. PARADIS. op. cit.

373 SANTAMARÍA, Gema. *Alianza y autonomía: las estrategias políticas del movimiento de mujeres en Nicaragua*. 2005.

374 Apresentação do Programa Histórico. Disponível em: <<http://www.fslnicaragua.com/documentos/historico/index.html>>. Acesso em: 26 ago. 2016, 18h45

Neste documento, encontramos um dos pontos exclusivamente destinado às mulheres: *VII – Emancipación de la mujer*. Desde o título, percebemos que se trata de reivindicações que buscam não apenas garantir os direitos das mulheres a partir do lugar socialmente outorgado a elas, mas também a emancipação. Assim, se comprometem a abolir “la odiosa discriminación que la mujer ha padecido con respecto al hombre; establecerá la igualdad económica, política y cultural entre la mujer y el hombre.”<sup>375</sup> Para isso, acreditavam que as medidas a serem tomadas deveriam passar por: estender a atenção dada à mãe e aos filhos; eliminar a prostituição e outras marcas sociais que não garantem a dignidade da mulher; por fim ao regime de servidão da mulher, principalmente da mãe trabalhadora; garantir os direitos e a proteção institucional dos filhos que não são frutos de um casamento; dois meses de licença maternidade antes e depois do nascimento dos filhos, para as mulheres trabalhadoras; elevação do nível político, cultural e vocacional da mulher por meio de sua participação no processo revolucionário.

Percebemos, a partir dessas definições, que a conquista de direitos e a emancipação das mulheres ainda partia de uma concepção tradicional, fortemente relacionada às funções estereotipadas do papel social da mulher, como ao responsabilizá-la pela maternidade. O que rompe com esse padrão é a convicção de que sua participação na luta revolucionária seria fundamental para o processo de sua libertação — e da Nicarágua. A relação entre a luta revolucionária e a das mulheres estavam, então, diretamente relacionadas, não sendo possível que se dessem de maneira desvinculada.

Dez anos depois, em 1979, houve a elaboração de uma *Carta de Direitos* que, transformada em lei em 21 de agosto de 1979, previa a igualdade salarial e creche para as mães trabalhadoras. O fato das demandas das mulheres relativas às desigualdades de gênero se encontrarem tão presentes nas propostas da Frente, desde sua criação e de maneira oficial, nos mostra uma reinterpretação do marxismo clássico, ao considerar como centrais outras questões que iam além da luta de classe, que deixam de ser entendidas como uma distração pequeno-burguesa e contrarrevolucionária. Nesse sentido, Maxine Molineaux afirma que

El reconocimieto por parte de los sandinistas de las limitaciones del marxismo vulgar, animo a algunos a creer que habria espacio para el desarrollo de nuevos movimientos sociales como el feminismo. Muchos de los líderes parecían

---

375 Programa Histórico. Disponível em: <<http://www.fslnicaragua.com/documentos/historico/index.html>>. Acesso em: 26 ago. 2016, 18h45

conscientes de la importancia de la liberación femenina y de la necesidad de realizarla en Nicaragua. Al contrario de muchos de sus contrapartes en otros países, la organización revolucionaria del FSLN no calificó el feminismo como una *distacción contrarrevolucionaria*, y aún algunas mujeres de los círculos oficiales, expresaron entusiasmo por sus ideales. En términos prácticos existía un compromiso: el FSLN había sido capaz de movilizar miles de mujeres en apoyo a su lucha<sup>376</sup>

Como apontamos na trajetória de Gioconda Belli, três características estão imbrincadas: gênero, revolução e literatura. Ela tinha como objetivo

[...] transcender limitaciones biológicas o domésticas y ocupar tanto espacio como ellos en el mundo. [...] Los sueños revolucionarios encontraron en mi tierra fértil. Lo mismo sucedió con otros sueños propios de mi género. Sólo que mis príncipes azules fueron guerrilleros, y que mis hazañas heroicas las hice al mismo tiempo que cambiaba pañales y hervía mamaderas.<sup>377</sup>

Nesse sentido, a partir da perspectiva de gênero socialmente estabelecida, ela se definia ao desempenhar duplas funções sociais: de um lado, cumpria o estereótipo de feminilidade socialmente estabelecido e, de outro, “queria los privilegios masculinos: independencia, valerse por sí misma, tener vida pública, movilidad, amantes.”<sup>378</sup>. Em nenhum momento deixa de celebrar questões ligadas ao sexo feminino, como a menstruação e a maternidade, relacionando-as com o poder da feminilidade: “en el género humano la única que podía dar vida, la designada para continuar la especie. [...] sentí que la naturaleza me había ungido. Me sentí enormemente orgullosa.”<sup>379</sup>. Ao mesmo tempo, negava o estereótipo socialmente estabelecido sobre seu papel enquanto mãe e esposa, contestando que alguma dessas duas coisas significassem renunciar à outra possibilidade de vida. Seu enfrentamento também se dava quando invocava sua liberdade e assumia protagonismo na luta política. Devemos buscar compreender até que ponto essas questões se contradizem, ou não.

Em alguns momentos, ao reivindicar esses diversos pontos, tendemos a vê-los como uma disputa em relação ao ideal de mulher construído pelo feminismo; no entanto, devemos ter cuidado para não cairmos em anacronismos. Para isso, é necessário pensarmos Gioconda Belli a partir do feminismo que ela reivindicava: latino-americano e muito influenciado pela tradição indígena. Mas, para isso, é importante que tenhamos em mente, primeiramente, a

---

376 MOLYNEUX, Maxine. Intereses de la mujer, el Estado y la Revolución: El caso de Nicaragua. In: CORAGGIO; DEERE (Coords.), *La transición difícil: la autodeterminación de los pequeños países periféricos*. México: Siglo XXI, 1986, p. 186.

377 BELLI, op. cit. (2010), p. 11.

378 Ibidem, p. 12.

379 Ibidem, p. 42.

trajetória das mulheres no processo revolucionário, no decorrer da segunda metade do século XX.

Fernando Mires<sup>380</sup> ressalta que a ditadura somozista era extremamente patriarcal, o que podemos perceber pelo modo como o poder era passado do pai para os filhos homens, estabelecendo uma ditadura familiar masculina. Dessa forma, a participação das mulheres no processo revolucionário se faz ainda mais importante, acentuando o caráter popular da Revolução. Outra questão importante sobre a qual se debruçou a militância feminina e feminista diz respeito à ditadura somozista e às denúncias das violações dos direitos humanos, principalmente os cometidos pela Guarda Nacional, em que se destacavam o abuso sexual sofrido pelas mulheres no campo e nas prisões femininas, praticado por seus soldados.

Também se organizavam em defesa de filhos e maridos desaparecidos ou presos pela ditadura, assim como em outras experiências ditatoriais na América Latina, no mesmo período<sup>381</sup>. Nesse sentido, durante a luta anti-somozista foi criado, por essas mulheres, o grupo “Associação das Mulheres Enfrentando o Problema Nacional” (AMPRONAC) que tinha como objetivo lutar contra o governo de Somoza por meio de manifestações e atos políticos em defesa dos Direitos Humanos e dos direitos das mulheres, além de fazer denúncias e buscas de presas(os) e desaparecidas(os) da ditadura.

Fora da luta armada, as mulheres também desempenharam um papel importante. Segundo Mires<sup>382</sup>, elas foram centrais nos organismos de defesa organizados nos bairros, que nem sempre eram militarizados, defendendo o lugar onde viviam, estruturando, por exemplo, os “clubes de mães”, apoiados pela Igreja Católica, e a “Asociación de Madres de Mártires”, que lutava pela liberação dos presos políticos. Durante o processo revolucionário e depois dele, uma das formas expressivas de atuação das mulheres era através dos CDS, que, em sua maioria, eram presididos por mulheres.

Destaca-se, de maneira diferenciada, a atuação das mulheres no decorrer da luta insurrecional na Nicarágua, onde atuaram ativamente na luta armada. Estima-se que, na fase insurrecional, correspondiam de 30 a 40% dos membros da guerrilha, além de representarem 30% dos combatentes do Exército Popular Sandinista<sup>383</sup>. Durante a guerra contrarrevolucionária, as mulheres lutaram pelo direito de se integrarem às milícias armadas,

---

380 MIREs, op. cit.

381 O exemplo mais conhecido nesse sentido é o das Madres y Abuelas de la Plaza de Mayo, na Argentina na década de 1970.

382 Ibidem.

383 MOLINEAUX, op. cit.

inclusive realizando uma passeata em Chinandega, em 1981, para pressionar a Frente a autorizar sua participação. Conquistaram seu objetivo e, além dos batalhões mistos, são formados cinco batalhões exclusivamente femininos, o que, para Zimmermann,

[...] representava um nível de comprometimento diferente do de participar de uma milícia de bairro montada no local de trabalho, uma vez que os batalhões de reserva iam para as montanhas, por duas ou três semanas, para um intenso período de treinamento, e depois podiam ser convocados para a ativa.<sup>384</sup>

No movimento armado, Dirk Kruijt apresenta uma perspectiva positiva da relação de gênero estabelecida entre as guerrilheiras e os guerrilheiros, afirmando que a “igualdade de gênero era uma questão de alta prioridade nos programas guerrilheiros”.<sup>385</sup> Além disso, as guerrilhas teriam sido o lugar onde os papéis de gênero foram colocados à prova, segundo Kruijt. Contudo, acreditamos que essa observação deva ser relativizada, já que, muitas vezes, as mulheres desempenhavam papéis socialmente designados ao gênero feminino, mesmo nos ambientes de luta armada e de militância, cuidando da alimentação, das roupas, das funções de secretariado, etc. Isso mostra as contradições entre o discurso e a prática, comum nos movimentos de esquerda, que continuavam a responsabilizar unicamente as mulheres por questões relativas ao cuidado e à limpeza, além de permanecerem, na grande maioria dos casos, excluídas dos postos de poder e de tomadas de decisões. Belli cita exemplos de companheiros, como Carlos Fonseca, que buscavam chamar atenção para que as companheiras não reproduzissem a responsabilidade do cuidado, da limpeza e da alimentação nos espaços de guerrilha. Contudo, em grande parte dos casos, era isso que acontecia, além de desempenharem funções de secretariado.

Apesar de termos importantes mulheres que se destacaram na luta armada, dos vinte e sete militantes que foram elevados à chefe guerrilheiros após a vitória insurrecional, apenas três eram mulheres: Dora María Tellez, Letícia Herrera e Mónica Baltodano. Segundo Matilde Zimmermann, principalmente nos primeiros anos da FSLN, a posição das mulheres não era fácil, reforçando como o questionamento dos papéis de gênero teve dificuldade de se efetivar na prática política e cotidiana:

A tarefa de manter os aparelhos limpos, alimentar os fugitivos e cuidar deles, datilografar comunicados e manifestos quase sempre recaía sobre elas. Ao mesmo tempo, o fato de mulheres receberem armas e treinamento militar teve profundo

---

384 ZIMMERMANN, op. cit., p. 111.

385 KRUIJT, Dirk. *Guerrilla: guerra y paz en Centroamérica*. Guatemala: F & G Editores, 2009

impacto no modo pelo qual pensavam a seu próprio respeito e em como os companheiros as tratavam. [...] Uma variedade de convenções e pressões contraditórias afetava a relação entre homens e mulheres da ação clandestina. A cultura burguesa da Nicarágua revelava profunda influência dos valores patriarcais em termos da família e das relações sociais. [...] os preconceitos contra o papel adequado da mulher na sociedade afetavam todas as camadas sociais e tinham considerável impacto sobre os rapazes e moças que rompiam com as convenções sociais ao se filiarem à luta armada.<sup>386</sup>

Após a vitória sandinista no âmbito da luta armada, mesmo com a importante e destacada atuação das mulheres, Belli ressalta que, na criação do Exército Popular Sandinista, — que surgiu a partir das colunas guerrilheiras e, de início, foi composto por mulheres e homens — ele foi transformado pela Direção Nacional, que começou a discutir sobre “las dificultades de que hombres y mujeres jóvenes convivieran en barracas militares. Por primera vez alguien insinuó que quizás las mujeres no debían formar parte de las filas activas del ejército.”<sup>387</sup>; posição que a autora critica, principalmente após as mulheres terem se mostrando tão competentes quanto os homens no decorrer do processo insurrecional. Apesar dos protestos, em pouco tempo de governo revolucionário, a Frente — sob hegemonia dos Terceristas e de Humberto Ortega — define que as mulheres apenas ocupariam cargos administrativos. Ou seja, também não ocupariam os cargos políticos de confiança e com centralidade para erigir o Estado revolucionário. Essa postura leva à grande insatisfação por parte das mulheres.

Posteriormente, e após manifestações, como abordamos, as mulheres conseguem delimitar outro espaço na composição do EPS. Já na Polícia Sandinista (PS), as mulheres ainda conseguiram se manter em cargos militares, o que, por um tempo, gerou certa esperança quanto ao espaço que ocupariam no processo que se iniciou em julho de 1979. Belli destaca como a presença das mulheres nesses espaços era, por si só, transgressora da ordem vigente:

No se hizo esta distinción y las compañeras se incorporaron en gran número. Igual sucedió en el Ministerio del Interior. Me gustaba ver a las muchachas con uniformes verde olivo y botas militares impecablemente lustradas. Muchas de ellas se pintaban los labios y hasta llevaban las uñas pintadas de rojo. Eran el símbolo de un tiempo nuevo para las mujeres de mi país.<sup>388</sup>

A falta de reconhecimento da atuação das mulheres, principalmente após a vitória da luta armada e o início do governo revolucionário, fica clara ao analisarmos o processo

---

386 ZIMMERMANN, op. cit., p. 55-56

387 BELLI, op. cit. (2010), p. 306.

388 Ibidem, p. 307.

histórico, e quando nos detemos na análise das obras de Belli. Quando ainda se encontrava na Costa Rica, próximo ao dia final da tomada de Manágua em 19 de julho de 1979, estava com outras companheiras e companheiros organizando grupos de trabalho que pensariam planos para o novo governo e, segundo ela, ao proporem nomes para ocupar os ministérios “el gabinete incluía una sola mujer: Lea Guido, ministra de Bienestar Social. Algunas de nosotras protestamos por la ausencia de nombras femeninos, pero nuestras protestas cayeron en el vacío.”<sup>389</sup>. Nota-se como, ao imaginar um governo revolucionário, não pensava-se em, de fato, incluir as mulheres no ambiente da política e, quando o faziam, vinculava-se essa participação a questões que julgavam femininas, como o cuidado, a família, etc.

Por isso, e devido às outras experiências da esquerda em outros países, que Belli ressalta como o poder, mesmo o revolucionário, sempre é pensado na medida dos homens. Ela relata como que, em uma viagem feita aos países socialistas na década de 1980, ao ser entrevistada por outras mulheres acerca da questão de gênero na Nicarágua revolucionária, havia um tom de desconfiança em suas falas:

Me entrevistaron mujeres periodistas interesadas en saber si en Nicaragua los hombres marginarías las mujeres que habían participado de la guerra de liberación, como había sucedido en Argelia. [...] Contesté que su experiencia y la de muchas otras mujeres nos serviría de advertencia, para impedir que nos mandaran de vuelta a las cocinas y a la marginalidad. Apenas pudieron disimular su escepticismo. Ya se vería, decía su expresión.<sup>390</sup>

Nesse sentido, destaca-se a importância da auto-organização como uma realidade na Nicarágua. Assim, o grupo de mulheres que se organizou anteriormente à vitória revolucionária na AMPRONAC tornou-se uma organização popular chamada “Associação de Mulheres Nicaraguenses Luisa Amanda Espinoza” (AMLAE), homenageando a mulher de mesmo nome que foi a primeira a ser morta pela Guarda Nacional. Elas compreendiam que, além de priorizar as lutas definidas pelo Diretório Nacional da Frente, também deveriam focar em questões relativas aos interesses sociais e econômicos das mulheres, “as propostas levantadas pela organização das mulheres geralmente desafiavam os preconceitos culturais mais profundos e as práticas discriminatórias, e algumas foram rejeitadas pela liderança da FSLN, pelo bem da ‘unidade nacional’.”<sup>391</sup>. Por vezes, a justificativa do governo

---

389 Ibidem, p. 278.

390 Ibidem, p. 328.

391 ZIMMERMANN, op. cit., p. 125.

revolucionário para não avançar nas pautas apresentadas pelas mulheres era em nome da unidade política que dizia manter, principalmente tentando não contrariar a Igreja Católica.

A grosso modo, a AMNLAE funcionava como uma estrutura da FSLN e como o restante de suas organizações de massa, de forma que, segundo Gema Saéz<sup>392</sup>, a “AMNLAE funcionó como organización capaz de integrar a todos los sectores femeninos de la población civil mediante la creación de numerosos comités que tomaban como punto de partida la maternidad”. Assim, usavam o discurso da maternidade para ressignificar o feminino, ao mesmo tempo em que se contrapunham ao imaginário de feminino construído no somozismo. A partir do lugar tradicional da mãe, era “entendido desde una perspectiva revolucionaria, pero sin cuestionar el orden social al fin y al cabo”<sup>393</sup>.

De forma inovadora nas experiências da esquerda latino-americana, a AMNLAE adota como lema que: “no hay revolución sin emancipación de la mujer y no hay emancipación de la mujer sin revolución”<sup>394</sup>, o que nos dá espaço para compreender como o movimento feminista sandinista, de forma geral, se baseava na ideia de que a Revolução e a libertação das mulheres eram pautas que caminhavam juntas, e não que o feminismo seria uma questão a ser tratada de maneira secundária ou como um desvio pequeno-burguês — questão já observada com base na postura assumida por Belli.

Além disso, tinham consciência de que era prioritária a defesa da Revolução, a fim de garantir a emancipação feminina, já que não era possível alcançá-la sem ser pela via revolucionária: “el problema de los intereses de género y sus medios de representación, no podrá revolve sin una discusión de la forma de Estado apropiada para la transición al socialismo”<sup>395</sup>, ressalta Molineaux. Assim, o discurso das mulheres sandinistas reforçava-se como revolucionário e a partir da teoria do feminismo socialista. Nesse sentido, podemos perceber que, segundo Santamaría,

[...] la revolución sandinista operó en dos niveles tanto para derrocar a la dictadura como para consolidar el triunfo revolucionario: lucha armada y participación de la sociedad civil en organizaciones populares. Las mujeres nicaragüenses ocuparon un lugar indispensable en ambos frentes; alcanzaron el porcentaje más alto de participación femenina en una insurrección armada en América Latina y conformaron una de las organizaciones populares más importantes durante y después de la revolución.<sup>396</sup>

392 SAÉZ, Gema D. Palazón. “Antes, durante, después de la revolución: La lucha continúa – Movimiento Feminista en Nicaragua” *Lectora*, 13, 1995, p. 122.

393 SAÉZ, op. cit., p. 124.

394 SANTAMARÍA, op. cit., p.10.

395 MOLINEAUX, op. cit., p. 195.

396 SANTAMARÍA, op. cit., p. 74.

Nas eleições de 1984, Van Eeuwen<sup>397</sup> aponta que a FSLN apresentou trinta e quatro mulheres candidatas, num total de noventa, número expressivo até nos dias atuais, mostrando que a atuação feminina, apesar de encontrar certa resistência, também se deu por meio da participação política institucionalizada. Ao tratar da participação das mulheres, Piva<sup>398</sup> destaca a importância da atuação nas brigadas alfabetizadoras e nas campanhas de saúde, após o compromisso que assumiram durante a guerra de libertação nacional e, agora, sendo importante para a consolidação da Revolução:

A abnegação e o compromisso da mulher nicaraguense apareceram com maior ênfase durante a guerra de libertação, que culminou com a vitória de 19 de julho de 1979. Hoje, participando das campanhas de saúde, da produção, da defesa do país, das administrações estatais e privadas, elas contribuem definitivamente para a consolidação do processo revolucionário. [...] A destacada presença feminina no extinto Conselho de Estado e, agora, Parlamento eleito a 4 de novembro de 1984, tem conseguido importantes modificações jurídicas no que diz respeito à mulher, cabendo ressaltar a Lei de Adoção e das relações entre pais e filhos, que garante aos últimos direitos de amparo que antes não existiam.

Krujit destaca que, apesar da importante participação feminina na luta pela libertação nacional, esse papel não se reflete na composição da Direção Nacional da Frente, composta por nove homens. Além disso, “Mónica Baltodano, comadante guerrillera del FSLN que tomó la fortaleza de la Guarda Nacional en Granada en 1979, recuerda el sesgo de género surgido a la hora de designar a los integrantes del nuevo Estado Mayor del Ejército Sandinista Popular.”<sup>399</sup>.

No final da década de 1980, houve uma tentativa de colocar Dora María Téllez para compor o Diretório Nacional da FSLN. Contudo, os líderes em exercício recusaram essa possibilidade, demonstrando, mais uma vez, a exclusão das mulheres das esferas de poder da cúpula revolucionária — o que demonstrava a contradição com o discurso utilizado pela Frente, com o próprio Programa Histórico e, também, com a relevante participação das mulheres para que se tivesse alcançado a vitória revolucionária.

Nesse período, após o fim da guerra contrarrevolucionária, as poucas conquistas das mulheres estavam sendo colocadas em perigo, devido à crise econômica e às demissões em massa, de modo que as questões políticas “foram enfraquecidas pela falta de apoio do

---

397 VAN EEUWEN, Daniel. Nicaragua. In: ROUQUIÉ, Alain. (Coord.). *Las fuerzas políticas en América Central*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

398 PIVA, op. cit., p. 61–62.

399 KRUIJT, op. cit., p. 156.

Diretório Nacional aos direitos femininos.”<sup>400</sup>. Uma das justificativas do governo revolucionário para não avançar nas demandas das mulheres era de que, com a guerra contrarrevolucionária, tiveram que focar em medidas específicas, relativas a organizar a resistência, e em questões econômicas, enfatizando a existência de questões mais urgentes.

Belli apresenta as angústias de seu lugar de militante de origem de classe média alta, e o fato de ser considerada traidora tanto da sua classe social quanto de seu sexo/gênero. Essas mulheres, dentre as quais ela se inclui, ao fazerem da luta de libertação nacional também a luta das mulheres, saíram decepcionadas com os resultados dos governos revolucionários para a vida das mulheres. Essa questão não é exclusiva da Revolução Sandinista, estando presente em várias experiências da esquerda no período, como vimos nos questionamentos que Belli sofre das companheiras argelinas.

Segundo Maxine Molineaux<sup>401</sup>, a melhoria da vida das mulheres, muitas vezes, não alcançou ganhos reais nas revoluções de esquerda, já que não se transformou estruturalmente a relação entre homens e mulheres. Dessa forma, as mulheres se viram acumulando a tarefa da militância e a carga de trabalho, somadas ao papel tradicional que sempre lhes fora delegado. Para Molineaux, assim como para Belli, a Revolução Sandinista não fica de fora dessa prática.

A crítica de Gena Saéz à AMNLAE parte da visão de que, ao se tornar uma organização oficial da Frente, acabou por se submeter ao DN, algumas vezes colocando as deliberações da FSLN acima das pautas das mulheres. Essa atuação levou a certo descontentamento de setores feministas que viam, nessa posição, um prejuízo para a construção de um feminismo autônomo e que estabelecesse uma agenda específica em questões de gênero. Segundo Saéz, um dos problemas vinha da própria convicção da origem da desigualdade de gênero:

En el discurso sandinista, la opresión de la mujer no era consecuencia directa de la dominación masculina, sino de la ideología explotadora de las clases dominantes; es por eso que la emancipación de la mujer llegaría de la mano del proyecto de liberación nacional, como *compañera* del hombre nuevo nacido en la montaña en el proyecto histórico de la revolución.<sup>402</sup>

É nesse momento de crise do processo revolucionário que várias mulheres rompem com a AMLAE, a fim de construir um movimento autônomo, que lutasse por demandas próprias, sem se ver vinculado a uma organização que, na visão delas, já não dava prioridade

---

400 ZIMMERMANN, op. cit., p. 146.

401 MOLYNEUX, op. cit.

402 SAÉZ. op. cit., p. 124.

às pautas das mulheres. Elas se organizaram no entorno da identidade sandinista, adotando uma identidade coletiva baseada no gênero: “son ellas las que construyen una nueva identidad de género que denuncia la opresión de las mujeres y convierten esta identidad en una estrategia política que les permite movilizarse.”<sup>403</sup>.

É no momento em que a Frente tira de seu espectro de prioridades as demandas relativas às questões de gênero, que muitas mulheres retiram seu apoio ao governo. Essa postura, organizada ou não, tem reflexos na derrota eleitoral de 1990. Para Santamaría, um grupo expressivo de mulheres “se dan cuenta de que la lucha por la mujer tendría que hacerse fuera de la revolución sandinista”<sup>404</sup>; ou seja, percebem que a desigualdade de gênero não seria estruturalmente transformada apenas com a Revolução.

Uma dessas formas autônomas construída, e da qual Belli fez parte, foi a criação do Partido da Esquerda Erótica (PIE)<sup>405</sup>. Segundo Humberto Meza e Luciana Tatagiba<sup>406</sup>,

As feministas das cidades do interior do país, que não se sentiam representadas na AMNLAE e nem nas Secretarias da Mulher das centrais sindicais, começaram a criar os primeiros coletivos de mulheres nos territórios. Enquanto isso as feministas políticas, vinculadas ao sindicato e à AMNLAE, tiveram a ideia de criar um novo partido, o Partido de la Izquierda Erótica (PIE)<sup>407</sup>

É esse tipo de atitude que nos mostra como as feministas nicaraguenses procuraram alternativas dentro da institucionalidade. O PIE acaba não indo para frente, mas a experiência é simbolicamente importante na busca de um feminismo emancipado e fora da alçada da Frente. Em suas redes<sup>408</sup>, ainda em 2012, Belli estava convocando as mulheres a se somarem ao PIE, além de ressaltar que a ideia do partido surge da necessidade das sandinistas colocarem a agenda feminista no centro da política.

Além das críticas da autora sobre questões ideológicas e de condução do governo sandinista, tanto como Estado quanto internamente, é durante o governo revolucionário que crescem os questionamentos de Belli entre a vida pessoal e a militância. Qual limite de

---

403 SANTAMARIA, op. cit., p. 17.

404 Ibidem, p. 35.

405 Posteriormente, é o nome dado ao partido que vence as eleições do país fictício de Faguas, no romance de Belli publicado em 2010, *El país de las mujeres*.

406 MEZA, Humberto; TATAGIBA, Luciana. “Movimentos sociais e partidos políticos: as relações entre o movimento feminista e o sistema de partidos na Nicarágua (1974-2012)”. In: *OPINIÃO PÚBLICA*, Campinas, v. 22, n. 2, agosto, 2016, p. 350–384.

407 Ibidem, p. 361.

408 Disponível em: <<https://artedesemboque.wordpress.com/2012/11/04/convocatoria-de-gioconda-belli-pelo-partido-da-esquerda-erotica/>> Acesso em: 16 jan. 2019, 17h35.

interferência seria aceitável entre um e outro, entre o público e o privado? É já nesse momento de início da década de 1980, em meio a esses questionamentos, e no turbilhão da guerra contrarrevolucionária, que vê seus sonhos de igualdade, liberdade e fraternidade se diluírem — “era a la gente más pobre que la Revolución exigia los mayores sacrificios”<sup>409</sup> —, ressaltando que ela via os grandes planos pelos quais lutara serem colocados em segundo plano, sob o discurso da guerra.

Ao assumir o compromisso com a Revolução — e, com ela, o compromisso com a emancipação das mulheres —, Belli afirma que renunciou à sua família e, em alguns momentos, abdicou da maternidade, pelo menos da forma como era socialmente construído o papel da mãe. Em nome de uma felicidade futura e que envolvia todo um projeto popular, ela se dava conta de que,

[...] cuando se empezaba a romper con las normas de la sociedad, las nociones aprendidas del bien y el mal se tornaban difusas. Uno era al final quien inventaba su propia brújula, sus propias reglas éticas, lo cual podía ser resbaladizo. Sobre todo porque la vida, el futuro, eran inciertos.<sup>410</sup>

É nesse sentido de desejo de transformação da sociedade que Belli não encontra satisfação nem saída com o governo da Frente e com as práticas políticas adotadas pela direção sandinista. Além disso, percebe as dificuldades de se impor e de se colocar nos ambientes da esquerda enquanto mulher, ao notar que os homens que se encontravam em cargo de liderança não queriam ouvi-la, mas sim que ela os ouvissem: “Ser una mujer joven entre políticos era vivir en un mundo lleno de sorpresas.”<sup>411</sup>. É viajando por outros países socialistas que percebe que, por ser mulher, enfrentava adversidades próprias de seu gênero também quando a Revolução triunfava, e não só em seu país.

As críticas de Belli sobre o modo como a FSLN lidou com a militância das mulheres e com a agenda feminista é importante. Chegou-se ao limite em que a derrota das eleições em 1990, para Violeta Chamorro, significou mais avanço no quis diz respeito às demandas das mulheres. Segundo Meza e Tatagiba<sup>412</sup>:

No caso específico do feminismo, esse foi o momento de afirmação da autonomia como ruptura com a FSLN e com o Estado neoliberal. Assim, para as feministas esse contexto trouxe muitas ameaças, mas também algumas oportunidades. A perda de poder da FSLN permitiu uma consolidação da consciência feminista entre as

409 BELLI, op. cit. (2010), p. 192.

410 Ibidem, p. 193.

411 Ibidem, p. 274.

412 MEZA; TATAGIBA, op. cit., p. 362.

mulheres organizadas e com isso multiplicaram-se cursos de formação e oficinas com temas específicos para mulheres, gerando novas redes e alianças. Diferente da base sandinista, que perdia vigor e legitimidade social, o feminismo encontrou notável desenvolvimento no período.

Como colocado em *La mujer habitada*, a participação das mulheres nas organizações de esquerda tinha, o tempo todo, que lidar com o enfrentamento ao machismo dos companheiros. Nesse romance, a personagem de Flor, na direção do *Movimiento*, sente-se temerosa em entrar para a clandestinidade e reforça como as mulheres deveriam sempre se esforçarem ao máximo para que fossem reconhecidas. Lavinia, mesmo que vá conquistando seu próprio espaço dentro do *Movimiento*, só se sente integrada e participa de uma ação armada após a morte de Felipe.

Essas são questões que Belli apresenta também em seus poemas e em sua trajetória pessoal. A autocrítica, posteriormente feita, sobre ter aberto mão de seu cargo como chefe da Televisão Sandinista para trabalhar como secretária de Henry Ruiz, com quem tinha um relacionamento amoroso, é prova disso. É à medida que amadurece sua relação política e feminista que Belli vai questionando os padrões estabelecidos, mas isso não quer dizer que ela fique livre das contradições colocadas entre a teoria e a prática.

No final de *La mujer habitada*, Belli faz uma reflexão importante nesse sentido. No momento em que estão se preparando para a ação armada, ela observa as mulheres que fazem parte do operativo e reflete sobre os custos para que estivessem ali, e como esse esforço e essa participação toma uma dimensão diferente no que diz respeito às mulheres, em comparação aos militantes homens: “Las mujeres entrarían en la historia por necesidad”<sup>413</sup>. Ou seja, elas não entrariam de maneira natural, como se o espaço da política e da luta armada lhes fosse cedido: ou os homens cederiam espaço por necessidade, ou elas lutariam para conquistá-lo. Dessa forma, coloca a luta das mulheres em três esferas: a luta contra o patriarcado e a opressão de gênero; a luta para a construção de uma sociedade justa e igualitária, de uma Nicarágua livre e autônoma contra o imperialismo; e a luta interna nas organizações de esquerda para terem o direito de se integrarem, de fato, na luta política, na transformação social e como sujeitos da História com “h” maiúsculo.

---

413 BELLI, op. cit. (1996), p.339.

### 3. SOY LLENA DE GOZO <sup>414</sup> : GÊNERO E REVOLUÇÃO NA NARRATIVA BELLIANA

*Não seria o caso de termos sentido uma noção de reconhecimento tranquila, plena e substancial quando perguntamos: “O que significa seu ‘nós’, mulher branca?”<sup>415</sup>*

#### 3.1 A América Latina vai ser toda feminista

Para compreendermos Gioconda Belli, sobre quais mulheres e quais feminismos ela está reivindicando, é importante localizá-la no debate sobre o tema, que estava colocado no mundo ocidental e na América Latina — de maneira mais específica, no contexto nicaraguense no qual se encontrava. O debate dos feminismos é amplo e deve ser analisado de maneira cuidadosa, principalmente quando consideramos a pluralidade das culturas, da história e das trajetórias dos diversos países latino-americanos. Se não encontramos uma visão hegemônica e homogênea de um debate que já era mais amplo, profundo e antigo, sobre o que seria a Revolução latino-americana (percebemos isso quando a Frente tenta se diferenciar da experiência cubana), muito menos isso ocorrerá em se tratando do atual debate de gênero.

Partimos do entendimento de que os debates políticos e intelectuais que se davam no mundo ocidental encontravam ressonância na Nicarágua. Contudo, desde pelo menos a década de 1960, com a Escola de Cambridge <sup>416</sup>, viemos contestando, ao menos na historiografia, uma visão simplista de ideias autônomas em prol de uma compreensão contextualizada. Assim nos apresenta José Elias Paltí <sup>417</sup>: devemos buscar compreender a América Latina a partir de seus próprios termos e conceitos, ou pela forma como os conceitos foram reincorporados à realidade latino-americana. Portanto, é necessário romper com o Eurocentrismo e refletir acerca da história e do pensamento latino-americano como algo próprio.

---

414 Título do segundo poema de *Sobre la grama* (1972).

415 LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, set./dez., 2014, p. 950.

416 Skinner e Pocock vão criticar a visão autônoma e universal das ideias propostas pela História das Ideias norte-americanas, que tem como principal representante Lovejoy.

417 PALTÍ, José Elias. *El tiempo de la política: el siglo XIX considerado*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

Desde a década de 1920, o intelectual peruano Mariátegui<sup>418</sup> já defende a possibilidade de um pensamento latino-americano autêntico. Contudo, na abertura dos *Cuadernos de cultura latinoamericana*, na introdução ao texto de Mariátegui, afirma-se que, para ele, “no podrá existir un pensamiento auténticamente hispanoamericano si antes no son resueltos los problemas que, entre otros plantea la diversidad de sus razas. América aún tiene que aglutinarse”. Também, já nos anos 1920, José Vasconcelos<sup>419</sup> afirma que a filosofia latino-americana surge de sua própria realidade, e que a necessidade de emancipação do pensamento é fundamental para a autonomia política.

Para Breno Cypriano<sup>420</sup>, deve-se pensar um “tráfego” e “tráfico” entre as teorias e os subalternos, que desconstrói os discursos hegemônicos. Para isso, é necessário que problematizemos os modelos de conhecimentos, propondo novas abordagens, “redescobrimo e problematizando a partir de *nossa América Latina*”. Para ele<sup>421</sup>,

[...] pensar do ponto de vista e da perspectiva da América Latina em um projeto teórico político feminista e de gênero conforma-se com a necessidade de se formatar uma outra “teoria política feminista” (que ainda permanece entre aspas), visto que a experiência vivida pelo movimento feminista latino-americano reflete-se em um processo complexo de interseções que se deu a partir de um conjunto diferenciado de opressões, pois combina o colonialismo francês, espanhol e português, com os governos ditatoriais e populistas, com dinâmicas específicas da globalização econômica, cultural e política.

A partir dessas considerações, entendemos que não há maneira melhor para pensarmos a América Latina e o feminismo latino-americano, senão com base em uma epistemologia decolonial<sup>422</sup>. Segundo Aníbal Quijano<sup>423</sup>, o conhecimento, até então produzido com a

418 MARIATEGUI, José Carlos. ¿Existe un pensamiento hispanoamericano? In: *Latinoamerica: Cuadernos de cultura latinoamericana*, n. 34, México: UNAM, 1979. Originalmente publicado en Mundial, Lima, 1º de mayo de 1925. Reproducido en El Argentino, La Plata, 14 de junio de 1925. Disponível em: <[http://ru.ffyl.unam.mx/bitstream/handle/10391/2978/34\\_CCLat\\_1979\\_Mariategui.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://ru.ffyl.unam.mx/bitstream/handle/10391/2978/34_CCLat_1979_Mariategui.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: 18 jan. 2019, 16h25.

419 VASCONCELOS, José. El pensamiento latinoamericano. In: *Latinoamerica – cuadernos de cultura latinoamericana*. n. 21. México: UNAM, 1978. Originalmente publicado em: VASCONCELOS, José. *Indología*. Barcelona, 1927. Disponível em: <[http://ru.ffyl.unam.mx/bitstream/handle/10391/2965/21\\_CCLat\\_1978\\_Vasconcelos.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://ru.ffyl.unam.mx/bitstream/handle/10391/2965/21_CCLat_1978_Vasconcelos.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: 19 jan. 2019, 10h10.

420 CYPRIANO, Breno. Construções do pensamento feminista latino-americano. In: *Revista Estudos Feminista*. Florianópolis, v. 21, n. 1, jan./abr., 2013, p. 33.

421 Ibidem, p. 20.

422 A teoria decolonial surge, sob influência dos estudos pós-coloniais, com o surgimento do Grupo Modernidade/Colonialidade (MIC), em fins de 1990. Composto principalmente por intelectuais latino-americanos, tem como seus fundadores e principais membros Aníbal Quijano e Walter Dignolo.

423 QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina”. In: LANDER, Edgardo (Org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2000, p. 246-276.

modernidade, demonstra a relação de poder do moderno/capitalista/eurocentrado sobre o colonial. Assim, o conhecimento está sujeito às relações de poder estabelecidas com a colonização, que nega o conhecimento produzido fora do norte global. Para Luciana Ballestrini, “decolonizar a teoria, em especial a teoria política, é um dos passos para decolonização do próprio poder”<sup>424</sup>. Dito isso, nos propomos a pensar o feminismo a partir de uma perspectiva teórica proposta por uma nicaraguense, Gioconda Belli, em sua produção literária. Nesse sentido da decolonização do conhecimento, María Lugones<sup>425</sup> problematiza a compreensão entre colonialidade e gênero na América Latina.

Buscamos compreender o pensamento e o movimento feminista a partir de uma perspectiva latino-americana, considerando as especificidades das mulheres e da conjuntura em que se encontravam, principalmente em se tratando da segunda metade do século XX. Para além disso, nosso olhar se volta para a teoria desenvolvida pelas próprias mulheres latino-americanas. Esse período é marcado por ditaduras e por diversos movimentos de esquerda<sup>426</sup> na América Latina. Dessa forma, as mulheres além de reivindicarem questões específicas de gênero, faziam isso, na grande maioria dos casos, a partir da resistência ao imperialismo e ao autoritarismo, contra a violência e pelos direitos humanos, o que as deixam localizadas de maneiras muito diferentes, por exemplo, das mulheres que reivindicavam o feminismo a partir das democracias liberais dos EUA e da Europa — o chamado Ocidente, que detém a compreensão hegemônica do que seriam os movimentos de mulheres.

Os feminismos latino-americanos de final do século XX nascem como movimentos de oposição aos regimes ditatoriais e autoritários, após forte repressão dos movimentos de resistência por parte do aparelho repressivo dos Estados. Para Alvarez et al.<sup>427</sup>, essas mulheres

[...] não apenas desafiavam o patriarcado e seu paradigma de dominação machista — o estado militarista ou contra-insurgente — mas também juntavam forças com outras correntes de oposição, ao denunciarem a exploração e a opressão social, econômica e política. Assim, as realidades tanto da repressão do Estado quanto da luta de classes foram instrumentais para moldar uma prática feminista latino-americana diferente da dos movimentos feministas em outros lugares.

---

424 BALLESTRINI, Luciana. América Latina e o giro decolonial. In: *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, Brasília, mai./ago. 2013, p. 109.

425 LUGONES, María. Colonialidad y género. In: *Revista Tabula Rasa*. Bogotá, n. 9, jul./dez. 2008, p. 73-101.

426 Podemos destacar os mais retratados: a Revolução Cubana de 1959, o Chile da Unidade Popular e de Allende, em 1970, e a FSLN na Nicarágua, em 1979.

427 ALVAREZ, Sonia E.; CHUCHRYK, Patrícia; NAVARRO-ARANGUREN, Marysa; STERNBACH, Nancy Saporta. Feministas na América Latina: de Bogotá a San Bernardo. In: *Estudos Feministas*. n. 2, 1994, p. 258.

Nesse sentido, para Santamaría, no contexto latino-americano e nicaraguense de então,

Ser mujer se convirtió, con especial énfasis tras la revolución sandinista, en un emotivo pronunciamiento político. Además, el movimiento construyó una nueva identidad para el género femenino. Una que se distanciaba de la esposa, madre o hija, y que las constituía no sólo en “compañeras de la revolución” sino en mujeres capaces de revolucionar y dismantelar hasta la última herencia del Estado capitalista y patriarcal. Las feministas fueron las principales diseñadoras de este nuevo significado de *ser mujer*.<sup>428</sup>

Para alguns autores e autoras, dentre eles Luciano Fabbri<sup>429</sup>, devemos ter cuidado ao pensar o feminismo latino-americano com base na visão de ondas<sup>430</sup>. Essa perspectiva divide o processo de emancipação das mulheres em três ondas, definidas a partir de uma visão eurocêntrica<sup>431</sup>:

- Primeira onda: reivindicações mais voltadas aos direitos civis, como voto e educação, e direitos matrimoniais e relacionados aos filhos. Teve início em fins do século XIX, visto como momento de um primeiro despertar da luta das mulheres. As principais referências teóricas são Mary Wollstonecraft, na Inglaterra, que escreveu *Reivindicação dos direitos da mulher* (1790), e Olympe de Gouges, na França, que escreveu a *Declaração dos direitos da Mulher e da Cidadã* (1791). É aqui que se encontram as sufragistas, importantes precursoras do voto feminino, que tem auge no fim do século XIX, com a *Declaração de Seneca Falls* (1848) pelas sufragistas norte-americanas e os famosos discursos da sufragista inglesa Emmeline Pankhurst pelo voto feminino.

---

428 SANTAMARÍA, Gema. *Alianza y autonomía: las estrategias políticas del movimiento de mujeres en Nicaragua*. 2005, p. 28.

429 FABBRI, Luciano. *Apuntes sobre feminismo y construcción de poder popular*. Santiago: Proyección editores, Tiempo Robado, 2017.

430 O debate sobre as divisões de ondas do feminismo Ocidental é, hoje, presente na teoria política feminista. Não há um consenso homogêneo do tema entre estudiosas e estudiosos do assunto.

431 Hoje, há a discussão da existência de uma quarta onda do movimento feminista latino-americano, que seria a reação das mulheres contra o neoliberalismo, o conservadorismo e o patriarcado, podendo ser caracterizado, por exemplo, pelo movimento argentino “Ni Una Menos”. Luciano Fabbri (2017) toca brevemente na questão, e Marlise Matos teoriza sobre o conceito. Para aprofundar no assunto sugerimos: MATOS, Marlise. “Movimento e a Teoria Feminista em sua Nova Onda: entre encontros e confrontos, seria possível reconstruir a Teoria Feminista a partir do Sul Global?”. In: *Revista de Sociologia e Política*, UFPR, v. 18, p. 67-92, 2010.

- Segunda onda: nas décadas de 1960 e 1970 emerge o chamado feminismo radical<sup>432</sup>, que buscava a politização dos corpos das mulheres e a aceitação de sua sexualidade. Aqui, surge o uso do termo patriarcado, e é também quando surge a pílula anticoncepcional, que permite maior liberdade sexual para as mulheres e a possibilidade de se planejar a maternidade. As duas principais frases de mobilização são: “O pessoal é político” e “Não se nasce mulher, torna-se mulher”.
- Terceira onda: a partir da década de 1980 a visão única de mulher é colocada em cheque, apresentando que as mulheres sofrem uma opressão comum, mas também são diversas. É o momento em que surge com mais força o debate e as reivindicações colocadas pelo feminismo negro e LGBT, buscando desconstruir a visão de heteronormatividade e heterossexualidade compulsória. É o chamado feminismo interseccional. Na América Latina, nesse mesmo período de fins do século XX e XXI, temos o surgimento do feminismo popular, “extendido hacia, y apropiado por las mujeres de los sectores populares que protagonizaron las experiencias de resistencia al neoliberalismo”<sup>433</sup>.

Essa historicização com base nas ondas, como vimos, parte basicamente das experiências norte-americanas e europeias (França e Inglaterra, mais especificamente), estando ligadas, na maioria das vezes (e principalmente), à primeira e à segunda onda e às mulheres brancas, de classe média e heterossexuais. Além disso, para Fabbri<sup>434</sup>, “al centrarse en los momentos de auge del movimiento, subestima o invisibiliza los procesos políticos de menor espectacularidad, que son los momentos donde en general, se van gestando los debates y prácticas que luego emergen en estas situaciones de mayor visibilidad”.

Esse autor vai, então, propor uma nova leitura a partir dos processos emancipatórios e da diversidade latino-americana, sem estabelecer uma divisão entre o teórico e o prático. Para isso, recupera a visão de um

[...] “feminismo nuestroamericano” propuesta por Francesca Gargallo, que remite a la utopía histórica de “Nuestra América”, pregonada por el libertador cubano José Martí, posibilitando así un *locus* de enunciación autodesignado, cuya carga

---

432 O feminismo radical tem seu surgimento temporalmente definido como o feminismo que surge nas décadas de 1960 e 1970, principalmente nos EUA. É o momento de agudização das lutas sociais e de surgimento do conceito de patriarcado, definindo o sexo como uma categoria política.

433 FABBRI, op. cit., p. 111.

434 Ibidem, p. 111-112.

geopolítica territorializada adquire un peso simbólico estratégico en un contexto de luchas descoloniales.<sup>435</sup>

Dessa forma, as mulheres vão em busca da construção teórica e prática de um feminismo não-colonizado, contestando a visão universal de mulher do feminismo Ocidental, branco, heterossexual e etnocêntrico, denunciando a colonização e a realidade das mulheres submetidas ao capitalismo patriarcal e racializado. Nesse sentido, María Lugones<sup>436</sup> apresenta uma perspectiva que relaciona a colonização e a opressão contra as mulheres, e como isso é reforçado, também, dentro da lógica de opressão homem-mulher colonizados:

[...] la indiferencia de aquellos hombres que continúan siendo víctimas de la dominación racial, de la colonialidad del poder, inferiorizados por el capitalismo global. El problematizar su indiferencia hacia las violencias que el Estado, el patriarcado blanco, y que ellos mismo perpetúan sobre las mujeres de nuestras comunidades, en todo el mundo.

Assim, a partir do final do século XX e início do XXI, as feministas socialistas, marxistas, anarquistas e as da segunda onda, com o feminismo radical e materialista, começam a questionar como se dá a relação sexo-gênero-raça-classe, relacionando a agenda específica das mulheres com as questões de propriedade, da terra e do acesso às políticas públicas (saúde, educação, trabalho, moradia, etc). O feminismo socialista vincula a opressão de classe e de gênero, de acordo com a perspectiva adotada por Flora Tristan. Ainda assim, segundo Luis Felipe Miguel, essa questão ficou de maneira ambígua nos escritos de Marx e Engels, para quem a “defesa ardorosa da igualdade entre homens e mulheres, que, com eles, tornou-se parte inextrincável do projeto socialista. Por outro, tenderam a ler a dominação masculina como um subproduto da dominação burguesa, anulando a especificidade das questões de gênero.”<sup>437</sup>.

No século XX, as feministas soviéticas desenvolvem a relação entre gênero e classe de maneira mais elaborada. Alexandra Kollontai questiona o casamento e a família como uma estrutura opressora, teorizando sobre o amor livre e questionando a criação dos filhos para que fosse entendida como uma responsabilidade coletiva, e não apenas das mulheres. Já Emma Goldman critica o feminismo burguês: “jugava que o sufrágismo e o feminismo burguês não eram capazes de libertar a mulher, apenas a inseriam de um novo modo na mesma ordem

---

435 Ibidem, p. 113.

436 LUGONES, op. cit., 2008.

437 MIGUEL, In: BIROLI; MIGUEL, op. cit., p. 23.

social opressora”<sup>438</sup>. A relação entre a luta das mulheres e a luta de classes, pela transformação estrutural da sociedade, fica clara no texto de Anna Kalmánovitch:

O feminismo inicia uma luta contra a unilateralidade da ordem social machista, supondo, com razão, que os tempos de párias, de criaturas-operárias sem voz, já passaram e que qualquer ser humano adulto que trabalhe em prol do bem comum tem o direito de participar nos assuntos do governo e da sociedade. [...] A mulher não pode ser apartada da vida da comunidade: seus interesses, como os dos homens e também os da população como um todo, estão diretamente ligados aos interesses da sociedade e do Estado, e um afastamento forçado de qualquer parcela que seja da população da participação em assuntos comuns acabará dando frutos amargos.<sup>439</sup>

Helleieth Saffioti ressalta como o caminho para libertação das mulheres foi um ponto que perpassou o pensamento socialista, destacando que, no socialismo científico, “a ideia de que a mulher, assim como o próprio homem, só atingirá a verdadeira liberdade no regime socialista, se apresenta”<sup>440</sup>. Essas afirmações estão em consonância com o desenvolvimento do pensamento belliano, quando ela relaciona o processo revolucionário e o emancipatório das mulheres. Saffioti também afirma que, dentro do pensamento socialista, tinha-se a compreensão de que não seria apenas a “emancipação econômica da mulher condição *sine qua non* de sua total libertação”<sup>441</sup>. Algumas teóricas socialistas<sup>442</sup> chegam a reforçar a diferente realidade da opressão vivida por mulheres de classes distintas, denunciando a relação entre sexo e classe. Dessa forma, Saffioti conclui que não é possível haver um feminismo autônomo e individual, desvinculado de uma perspectiva de classe. Contudo, não se deve entender o problema da mulher apenas “na dependência do desenvolvimento econômico”<sup>443</sup>.

Para Fabbri<sup>444</sup>, “en este marco es que ‘nuestro feminismo’ se reconoce formando parte del espectro antiimperialista y anticapitalista del movimiento social”. O feminismo que se constitui na América Latina não busca apenas a emancipação e a conquista de direitos para as

---

438 MIGUEL. In: BIROLI; MIGUEL, op. cit., p. 24.

439 KALMÁNNOVITCH, Anna Andréievna. Algumas palavras sobre o feminismo. In: SCHNEIDER, Graziela (Org.). *A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética*. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 19; 20.

440 SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 118.

441 Ibidem, p. 128.

442 Por exemplo, Auguste Bebel em seu livro publicado em 1833, *A mulher e o socialismo*: “esta obra apenas explicitava uma incompatibilidade congênita entre o ‘feminismo autônomo’ (pequeno-burguês) e o feminismo incluso num amplo programa de transformações radicais da sociedade capitalista. [...] [o trabalho] passou a ser incentivado, uma vez que o socialismo foi levado a encará-lo como uma etapa necessária no processo de libertação da mulher.” (SAFFIOTI, 2013, p. 187-188).

443 SAFFIOTI, op. cit., p. 195.

444 FABBRI, op. cit., p. 118.

mulheres, mas inclui, também, reivindicações mais amplas do que as estavam sendo colocadas no século XX. Para Femenías, “esto hace manifiesto que las ‘mujeres de América Latina’ *somos* también *nosotras* en la doble subalternidade de latinoamericanas y de mujeres y en el privilegio de tener conciencia de que somos *Las Otras* de los discursos hegemónicos.”<sup>445</sup>.

Clarisse Paradis<sup>446</sup> afirma que o sistema colonial e a formação dos estados modernos latino-americanos foram fundados na diferença entre homens e mulheres, elemento que fica ainda mais marcado a partir da forte presença da Igreja Católica, excluindo-as do escopo da cidadania, bem como negras(os) e indígenas. No século XX, a construção dos direitos dos cidadãos também teria sido balizada, a partir de noções hierarquizadas de gênero<sup>447</sup>. Além disso, para Valdivieso (segundo Paradis), existe uma “relação entre a cidadania das mulheres e seu papel reprodutivo e familiar como um traço particular latino-americano.”<sup>448</sup> Nesse sentido, devido à diversidade das mulheres latino-americanas, os ganhos — pelo menos no que tange aos direitos civis conquistados — não foram homogêneos na região, no que diz respeito aos países, nem no que se refere às mulheres, já que as beneficiadas eram, em sua grande maioria, as mulheres brancas e das classes altas.

Paradis, apoiada em argumentos de outras autoras<sup>449</sup>, discute a visão de ondas para pensar o feminismo latino-americano, porém, com base em uma perspectiva que se diferencia da usada para definir o movimento das mulheres norte-americanas e europeias. Segundo ela, no período que nos interessa,

[...] podemos afirmar que a segunda onda feminista emergiu durante os anos 70 e 80, em um contexto específico da América Latina, a partir da resistência e luta das mulheres contra o autoritarismo de Estado, as violências e a falta de cidadania no interior dos regimes militares. Grande parte das componentes dos movimentos era oriunda das organizações de oposição vinculadas à esquerda e à luta contra o capitalismo e pela democracia. Tais resistências se constituíram a partir de um exercício crítico significativo, de forte rejeição às práticas hierárquicas e androcêntricas até mesmo dessa esquerda, bem como da invisibilização e desconsideração a respeito da necessidade e o impacto de ocorrer igualmente um conjunto de transformações de gênero no âmbito da luta política geral. Nalu Faria (2005) identifica outro setor, além deste referido ao movimento organizado em grupos autônomos, desta vez constituído de militantes partidárias, que atuavam nos

---

445 FEMENÍAS, María Luisa. Esbozo de un feminismo latinoamericano. In: *Revista Estudios Feministas*, Santa Catarina: UFSC. v. 15, n. 1, jan./abr. 2007, p. 15.

446 PARADIS, Clarisse. Clarisse Goulart. *Entre o Estado patriarcal e o feminismo estatal: o caso dos mecanismos institucionais de mulheres na América Latina*. Dissertação. FAFICH (Departamento de Ciência Política), UFMG, Belo Horizonte, 2013.

447 MOLYNEUX apud PARADIS, op. cit., p. 41.

448 VALDIVIESO apud PARADIS, op. cit., p. 42.

449 Celi Pinto, Valdivieso e Marlise Matos.

movimentos de mulheres e pressionavam por mudanças no interior dos partidos de esquerda em que militavam.<sup>450</sup>

Fica claro — e insistimos nesse ponto — que, para pensarmos o movimento de mulheres latino-americanas dentro de uma divisão de ondas, devemos considerar uma diversidade de novos fatores e conjunturas. Nesse sentido, Gema Saéz<sup>451</sup> vai apontar a divisão própria do movimento de mulheres da Nicarágua, a partir da ideia de ondas: uma primeira onda sufragista em fins do século XIX e início do XX, que teria seguido os passos das precursoras inglesas e francesas de fins do XIX; uma segunda onda das feministas sandinistas, que juntaram a pauta de gênero e Revolução<sup>452</sup> nas décadas de 1970 e 1980; e uma terceira onda da década de 1990, caracterizada por uma reformulação da organização de mulheres, com novas pautas e estratégias, definidas a partir do fim de um governo revolucionário, do qual as mulheres saíram frustradas, e da instauração de um novo governo de orientação neoliberal. Para ela<sup>453</sup>,

La segunda ola del movimiento de mujeres en América Latina, caracterizada por la teoría y práctica de un feminismo socialista que actuaba hombro a hombro con los partidos de izquierda y participaba en las insurrecciones populares como espejo del movimiento que llevaron a cabo las sandinistas al lado del Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN). [...] Por su parte, la segunda ola estuvo encabezada por las sandinistas: mujeres de clase media y educadas, pero también mujeres obreras, campesinas y amas de casa de los barrios populares. [...] Su agenda estaba atravesada por el discurso revolucionario y tenía como fundamento ideológico un feminismo de carácter socialista que afirmaba que “no hay revolución sin emancipación de la mujer y no hay emancipación de la mujer sin revolución.”

Para Alvarez et al., essa segunda onda do feminismo latino-americano nasce do que elas chamam de “Nova Esquerda” da década de 1970, que lutava contra as ditaduras civis e militares, sendo essencial a aliança do movimento feminista com movimentos mais amplos, como é caso das sandinistas e da AMLAE. Mas, como essas organizações de esquerda não estavam livres do machismo e do sexismo, as questões colocadas pelas mulheres eram, em muitos casos, relegadas a um segundo plano — ponto que, a princípio, a FSLN diverge, por

---

450 PARADIS, op. cit., p. 44.

451 SAÉZ, op. cit.

452 É importante ressaltar que, durante o período estudado, não tivemos contato com um feminismo que percebesse o debate de raça de maneira interseccional, questão central para os povos latino-americanos. Apesar da influência da tradição indígena ser percebida na obra de Belli, não identificamos o feminismo compreendido a partir da diferenciação das mulheres entre ricas, pobres, brancas, indígenas, negras, lésbicas, etc. Consideramos essa ausência como reflexo do contexto em que estava inserida e da forma como o debate de gênero estava colocado.

453 Ibidem, p. 9-11

colocar o debate de gênero no centro, mas que, como vimos, na prática foi permeada por contradições. Nesse sentido, as feministas que surgem na América Latina nesse período são caracterizadas pelas autoras da seguinte maneira:

O protótipo da ativista feminista latino-americana inicial em muitos países era uma ex-militante estudantil radical ou *guerrillera*, e dificilmente uma "dama" burguesa obcecada consigo mesma, como muitos da esquerda nos faziam acreditar. Contudo, ao contrário das feministas radicais norte-americanas, as latino-americanas mantiveram firme o compromisso com a mudança radical nas relações sociais de produção — e de reprodução — enquanto continuavam a combater o sexismo no seio da esquerda.<sup>454</sup>

De toda forma, a compreensão da luta das mulheres no período é entendida de maneira imbrincada com uma luta mais ampla de transformação da sociedade e da política. Para Maxine Molyneaux<sup>455</sup>, estavam relacionadas, principalmente, com a defesa dos direitos humanos e da democracia. A partir dos debates colocados na década de 1980, os movimentos feministas começam a questionar o Estado e as organizações de esquerda, de forma que

[...] a autonomia passou a ser entendida como “independência de qualquer organização que considere a batalha pela liberação das mulheres um objetivo secundário” (Barrig *apud* Alvarez et al., 2003, p. 546), reafirmando a independência em relação às organizações gerais de esquerda, aos partidos políticos, às agências de cooperação e, com certeza, ao Estado.<sup>456</sup>

Flavia Biroli e Luis Felipe Miguel vão destacar como a incorporação das mulheres à ordem estabelecida expõe a necessidade de transformação. Assim, o feminismo, quando em diálogo com o socialismo, lida com a questão de gênero e das estruturas de classe: a “luta feminista foi e, segundo acreditamos, deve ser também por transformações que levem a sociedade mais justas do ponto de vista de suas estruturas econômicas, sem perder de vista as especificidades de gênero.”<sup>457</sup>. É a partir dessas perspectivas debatidas até aqui que queremos analisar o discurso de Gioconda Belli, considerando todas as suas contradições de classe e da prática cotidiana.

A própria incorporação desses movimentos de mulheres com organizações de esquerda mais amplas geravam uma série de incongruências, conforme vimos no caso da

454 ALVAREZ, et. al. op. cit., p. 260.

455 MOLYNEAUX, Maxine. Intereses de la mujer, el Estado y la Revolución: El caso de Nicaragua. In: CORAGGIO; DEERE (Coords.), *La transición difícil: la autodeterminación de los pequeños países periféricos*. México: Siglo XXI, 1986.

456 PARADIS, op. cit., p. 45.

457 BIROLI; MIGUEL, op. cit., p. 09.

FSLN, como a manutenção de estereótipos de gênero ligados às funções desempenhadas por cada um e uma na dinâmica interna dos movimentos guerrilheiros e no seio dos partidos e das organizações políticas. Muitas vezes, a militância feminista se centrava em mostrar de que modo os papéis sexuais tradicionais moldavam a participação política das mulheres. Nesse cenário, Alvarez et al. afirmam que essas mulheres foram criando uma identidade política distinta da esquerda revolucionária masculina, empreendendo atividades especializadas e aprofundando uma visão de política, cultura e sociedade, baseadas nas questões de gênero. Assim, “começaram por redefinir e expandir o conceito predominante de luta revolucionária, conclamando a uma revolução na vida diária, afirmando que uma transformação social radical tem de abranger mudanças não apenas nas relações de classe, mas igualmente nas de poder.”<sup>458</sup>

Belli se organiza a partir da identidade sandinista envolta do debate de gênero. Para Santamaría<sup>459</sup>, é essa identidade coletiva que “denuncia la opresión de las mujeres y convierten esta identidad en una estrategia política que les permite movilizarse”. Assim, a identidade do “ser mulher” foi o que mobilizou e deu coesão a parte da militância sandinista e que, posteriormente, permitiu que o movimento de mulheres se expandisse entre classes e partidos diferentes. Nada disso significa que foi um processo que se deu sem contradições, ou seja, havia

[...] dificultad de legitimar su participación en los espacios no tradicionalmente “femeninos” (ejército, altas esferas del partido, puestos públicos) y al confrontar el doble discurso de los sandinistas, que las aplaudía como mujeres revolucionarias pero que las seguía relegando al papel de “madres de soldados”, tuvieron que justificar su movilización criticada por unos como burguesa y por otros como inadecuada para su sexo.<sup>460</sup>

Gioconda Belli, devido à sua formação e classe social, recebeu influência de importantes autoras feministas — oriundas da Europa e dos EUA —, como Simone de Beauvoir, Germaine Greer e Betty Friedan, o que não era a realidade da maioria das mulheres nicaraguenses e sandinistas. Então, é necessário termos em mente que a perspectiva de feminismo adotada por Belli recebeu forte e direta influência do feminismo ocidental. Para compreender a influência dessas autoras, é importante sabermos qual o impacto delas na teoria feminista como um todo.

---

458 ALVAREZ, et. al., op. cit., p. 264.

459 SANATAMARÍA, op. cit., p. 17.

460 Ibidem, p. 23.

Beauvoir é considerada fundadora da segunda onda do feminismo ocidental, “do feminismo contemporâneo”. Ela é autora da famosa frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher”<sup>461</sup>, que vai desconstruir uma visão naturalizada dos papéis de gênero, para passar a pensá-los como uma construção social. Ainda, inaugura uma discussão sobre uma epistemologia feminista. Apesar de abrir a porteira para o slogan feminista que redefine o político — “o pessoal é político”<sup>462</sup> — e das importantes contribuições da autora, devemos nos lembrar que ela fala a partir de seu lugar de mulher, branca, francesa e de classe média.

Na mesma linha, nos EUA, Betty Friedan vai questionar o papel infantilizado das mulheres, vistas apenas como mães e donas-de-casa submissas aos maridos, para quem é negado o espaço público, por serem julgadas a não terem capacidade de liderança, inteligência nem criatividade. Além disso, critica a objetificação das mulheres e se contrapõe ao padrão de relegar a mulher à cozinha, como se esse fosse seu “habitat” natural. Foi essa autora que deu visibilidade ao que ela chamou de “mal sem nome”, que pode ser entendido como o posterior conceito de patriarcado. Ela aponta, basicamente, a opressão que a mulher sofria dentro do espaço doméstico e na relação com o marido, voltando suas críticas para o universo do matrimônio e da maternidade. Esse “mal sem nome” seria responsável pela infelicidade da mulher.<sup>463</sup>

Friedan é fortemente criticada por sua perspectiva universalizante da mulher a partir da realidade da classe média, o que não quer dizer que não houve identificação das mulheres com o discurso da autora — que, apesar das polêmicas, se destaca como uma importante referência teórica para a emergência do feminismo radical.<sup>464</sup> Para Luis Felipe Miguel,

O livro de Friedan representa um passo atrás em relação a outras correntes do feminismo, apresentando a experiência da classe média branca estadunidense como a condição universal da mulher. O argumento da “infantilização” certamente não é apropriado às mulheres trabalhadoras pobres, muitas vezes as únicas responsáveis pela subsistência da família.<sup>465</sup>

461 Na abertura de seu livro *O Segundo Sexo* (1949).

462 Orientação do feminismo ocidental a partir da década de 1960.

463 FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.

464 “Em 1969, Betty ajudou a fundar a Associação Nacional para a revogação das Leis do Aborto, hoje conhecida como Naral América Pró-Escolha (NARAL Pro-Choice America). Em 1971, com Gloria Steinem e Bella Abzug, fundou a Organização Política de Mulheres. Por esse tempo, *Mística feminina* era usado como verdadeira Bíblia pelo movimento de mulheres americanas. A polêmica trazida por esse livro tinha espalhado reflexos pela Europa e também chegou ao Brasil, primeiro através da imprensa, e depois com a publicação do próprio livro, em 1971, no país, pela ousadia de Rose Marie Muraro, que à época estava à frente da Editora Vozes, no Rio de Janeiro. Na orelha da primeira edição brasileira, a apresentação dizia que aquele havia sido o primeiro livro a denunciar a manipulação da mulher pela sociedade de consumo.” (DUARTE, 2006, s/p).

465 MIGUEL. In: BIROLI; MIGUEL, op. cit., p. 28.

Já Germaine Greer vai trazer a questão da sexualidade feminina e da dominação política para o debate feminista. Durante a narrativa de Belli, percebemos a influência direta dessas autoras: o debate da atuação das mulheres no espaço público, o questionamento da naturalização do que é feminino, a maternidade, o matrimônio e as relações amorosas de forma mais ampla, a atuação das mulheres da política, o erotismo, a sexualidade e o prazer feminino. Esse feminismo — defendido por Belli — das décadas de 1960 e 1970 também reivindicava transformações estruturais na sociedade, de forma que “a plataforma feminista colocava em cheque múltiplas formas vigentes de exploração, opressão e dominação e que a igualdade de gênero só se estabelecerá em uma sociedade radicalmente distinta.”<sup>466</sup>.

Em sua poesia e prosa, Belli contesta certos padrões de gênero estabelecidos, principalmente ao trazer à tona a sexualidade, o prazer feminino e ao discutir questões estruturais para a mulher, como a maternidade e o corpo feminino, questionando, por exemplo, a tradição cristã de Eva. Desse modo, defende que, para as transformações na vida das mulheres, seria necessária uma mudança estrutural da sociedade, da cultura e das mentalidades. Ao mesmo tempo, reforça alguns estereótipos, como as questões biológicas ligadas ao ser mulher. A questão da diversidade racial e de como as mulheres negras e indígenas estão na base de sustentação da sociedade<sup>467</sup>, por exemplo, não eram demandas centrais no período, assim como o debate sobre transfobia e o debate sexo-gênero a partir da desconstrução dessas definições ligadas à biologia<sup>468</sup> — motivo pelo qual não identificamos esses temas sendo trabalhados nas obras de Gioconda Belli.

Segundo María Lugones<sup>469</sup>, é a partir do reconhecimento da diferença colonial que as mulheres aprendem umas sobre as outras e fazem desse reconhecimento da diferença, resistência ao colonialismo. Ou seja, o feminismo decolonial abandona a ideia de mulher universal e começa a perceber outras mulheres, que, por existirem, são resistência à sua

---

466 BIROLI; MIGUEL, op. cit., p. 147.

467 O clássico livro de Angela Davis, *Mulheres, raça e classe*, é publicado originalmente em 1981, nos EUA. Considerado um importante referencial teórico, traz à tona a diversidade das mulheres, expondo que não há como se considerarem todas iguais, levando em conta a realidade da mulher negra frente às mulheres brancas, denunciando o feminismo sufragista que não lidava com a realidade de todas as mulheres. Para ela não era possível pensar a centralidade da questão da raça, já que a sociedade moderna se fundamentava no racismo. Além disso, transforma a teoria e o movimento feminista ao colocar a necessidade de se considerar a intersecção de raça, classe e gênero, sem haver uma hierarquização dessas opressões, mas compreendendo-as como sobrepostas, imbrincadas, e se entrecruzam, propondo a construção de uma nova sociedade a partir dessa concepção.

468 Judith Butler

469 LUGONES, op. cit., 2014.

homogeneização ou apagamento. Mesmo que Belli não esteja diretamente reconhecendo essa pluralidade de mulheres, não podemos deixar de vê-la como resistência: por ser latino-americana; por se colocar como sandinista e antiimperialista, trazendo a bandeira de classe, de autonomia e de soberania da nação — contra a colonização norte-americana — para o centro do debate; e, por todo tempo, percebermos as influências das cosmologias e as concepções indígenas de mundo — por mais que não aborde o tema da mulher indígena a partir da diferença com a mulher branca. Nesse sentido, “entre as lógicas em operação estão as muitas lógicas que se encontram com a lógica da opressão: muitas diferenças coloniais, mas uma lógica de opressão.”<sup>470</sup>

O importante, para nós, é reconhecer um feminismo latino-americano e como o entendimento de sexo e gênero de Belli parte — além das diferenças de classe como estruturantes da sociedade capitalista — de uma forte influência indígena, se aproximando mais da ideia de mulher presente na cosmologia indígena do que das epistemologias colonizadoras. Nesse sentido, é importante observarmos a transformação que ocorre no pensamento e na concepção de gênero belliana — assim como no desenvolvimento de sua consciência feminista e de classe — desde 1972, ano de publicação de seu primeiro livro de poemas, até 1990, quando publica seu segundo romance.

Gema Leonet<sup>471</sup> vai reforçar o que já vínhamos dizendo sobre a escrita autobiográfica da autora. Para ela, esse *modus autobiográfico* é uma estratégia narrativa usada para a construção de novos padrões de feminilidade, trazendo uma nova representação de mulheres:

[...] sin esa palabra propia y sin la memoria, la historia de las mujeres no existiría [...] la mujer siente necesidad de hablar en primera persona, de convertirse en sujeto de la narración y se vale para ello de la memoria. Las mujeres optan así por el *modus autobiográfico* como estilo, en tanto que necesitan contactar con el pasado inmediato enraizado en la propia biografía. Además del uso del *modus autobiográfico* como estilo narrativo, la *feminist agenda* prescribió unos temas que se convirtieron en ejes temáticos de las autoras, tales como la identidad, la maternidad, el género, las relaciones, la violencia, la nación.<sup>472</sup>

Dessa forma, essas diversas questões vão surgir a partir da construção de protagonistas femininas em seus romances, e do eu lírico feminino de suas poesias, que partem de sua experiência pessoal enquanto militante sandinista e feminista. Buscaremos perceber, então, como essas questões aparecem na narrativa belliana, para compreender como a opressão de

470 LUGONES, op. cit. (2014), p. 950.

471 LEONET, Gema Lasarte. Giconda Belli, un universo de mujeres. In: *Estudios Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 3, set./dez. 2013, p. 1081–1097.

472 Ibidem, p. 1082; 1084.

gênero se manifesta de maneira relacional e, no caso da narrativa belliana, imbrincada com a luta pela autonomia e pela soberania do povo e da nação nicaraguense contra o imperialismo norte-americano.

### 3.2 *Poesía vaginal*<sup>473</sup>: o debate de gênero a partir da poesia

A poesia, como já vimos, é a escrita com a qual mais se identifica o povo nicaraguense, remontando ao herói nacional Ruben Darío e ao século XIX. Inserindo-se nessa tradição, Belli inicia sua jornada enquanto artista, escritora e intelectual, por meio da poesia. Dentro do nosso recorte, que vai de 1972 a 1993, ela publicou quatro livros de poesias, que já viemos analisando, mas que pretendemos observar, agora, sob o olhar atento para as questões de gênero. De que maneira Belli caracteriza as mulheres e a feminilidade? O que é feminismo para autora? Como ela enfrenta os padrões de gênero estabelecidos? Como a escrita dela, no decorrer desses quatro livros, nos mostra um avanço no seu entendimento sobre a relação entre gênero e classe? Para Fontana, em sua poesia,

[...] Belli integra lo político en lo erótico en esta primera etapa que se corresponde con los poemarios citados. [...] No en vano, Urtecho habla de la doble revolución de la que es testigo Nicaragua en los años 70: la Revolución Sandinista y la de la mujer a través de la poesía. [...] Belli no duda en convertir su yo poético en paraguas de su pueblo nica a través de un amor que se dice desde el erotismo más evidente.<sup>474</sup>

Para responder essas várias questões, nos debruçaremos na leitura e na análise de: *Sobre la grama* (1972), *Línea de fuego* (1978), *Truenos y arcoíris* (1982) e *De la costilla de Eva* (1986). Esses livros abarcam fases importantes de sua trajetória: o momento de incorporação de Belli à FSLN, em 1972; seu exílio e a luta revolucionária de 1974 a 1979; e parte do governo sandinista que se inicia em 1979. Ou seja, sua produção está imbrincada com a história nicaraguense — perspectiva a partir da qual analisamos sua produção nos capítulos anteriores. Nesse sentido, segundo Shellie Cochran:

---

473 Gioconda Belli conta, em suas memórias, que “poesía vaginal” foi a forma como, principalmente as senhoras da classe alta nicaraguense, usaram para classificar a poesia produzida por ela, com tom depreciativo de ser pornográfico e “sem-vergonha”. Aqui, reinterpretemos a adjetivação, de modo a celebrar uma escrita que busca emancipar a sexualidade das mulheres.

474 FONTANA, Alejandra Aventín. (Re)Habitar la palabra y su tiempo: la poesía de Gioconda Belli. In: ENCINAR, Ángeles, VALCÁRCEL, Carmen. *Escritoras y compromiso. Literatura española e hispanoamericana de los siglos XX y XXI*, Madrid: Visor, 2007, p. 07-08.

Para Belli estos eventos y momentos en historia hacen que ella borre las fronteras entre la política nacional y su vida personal [...] La autora extrae de y añade al discurso perpetuo de su vida y los eventos que la rodean para producir una escritura honesta, interesante y hermosa que revela una conciencia feminista desarrolladora.<sup>475</sup>

Sua poesia traz, desde o início, a mulher liberada das normas sociais, celebrando seu corpo, sua sexualidade e sua natureza. Ela une as fronteiras do seu corpo e as de gênero à geografia de seu país, ao mesmo tempo em que debate a soberania da Nicarágua e do povo nicaraguense. Para Cochran<sup>476</sup>, a autora vai além: “Belli permite que el universo la entren para encontrar el amor, unidad y libertad que ella busca; y hace esto mediante su entrega y su integración con el cosmos.” Tudo isso choca a sociedade nicaraguense. Segundo Bárbara Fraser-Valencia:

Para Belli, a díade erótica é o meio pelo qual ela se expande, a partir de onde contém e expressa múltiplas vozes. Em *Sobre la grama* Belli se “torna popular”, transformando *eros* em enunciado, em comunhão com a natureza, se tornando a mãe dos amados filhos e transformando suas paixões numa questão pública através da arte poética. Depois, em *Línea de fuego*, Belli vai expandir seu processo de “popularização” para incluir questões coletivas que concernem à revolução Sandinista.<sup>477</sup>

Em *Sobre la grama*, o debate pouco abrange as questões de classe. Nele, a autora versa mais sobre o ser mulher e a função da poesia. Por, basicamente, encampar a liberdade sexual e a maternidade, será entendida por muitos como filiada ao feminismo liberal, que não estava comprometido ou, sequer, se importava com questões da realidade da mulher trabalhadora, ou da realidade vivida pela Nicarágua somozista. De fato, essa sua primeira produção ocupou-se pouco dessa perspectiva classe-gênero. Para Cochran, em *Sobre la grama* há “un yo femenino que se ve inferior al hombre, y está dispuesto a aceptar cualquier idea que el hombre le propone porque al yo le basta el orgullo de ser una mujer que puede apreciar todo lo sensual y erótico.”<sup>478</sup>. Discordamos dessa visão, pois, a partir de nossa análise, Belli

475 COCHRAN, op. cit., p. 11.

476 COCHRAN, Shellie Lee. *El discurso de la conciencia feminista en la obra de Gioconda Belli*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade de Furman, Atenas, Geórgia, 2006, p. 07.

477 Citação original: “For Belli, the erotic dyad becomes a means by which she is expanded to contain and express multiple voices. In *Sobre la grama* Belli becomes peopled by transmitting *eros* into utterance, by communing with nature, by becoming the mother of her beloved’s children and by transforming her passions into a public form through the poetic art. Later in *Línea del fuego*, Belli expands on this “peopling” process to include the collective concerns of the Sandinista revolution.” Tradução livre. In: FRASER-VALENCIA, Barbara. *Intimate Multitudes: Femininity and collective eros in Gioconda Belli’s Sobre la grama and Línea de fuego*. Universidade de British Columbia, 2012, p. 01.

478 COCHRAN, op. cit., p. 11.

não busca se conformar com o mundo masculino. Pelo contrário: como veremos, ela entende e admira o espaço público e a liberdade masculina, defendendo que devem, também, ser parte do universo feminino.

O primeiro poema de *Sobre la grama* já nega o estereótipo de mulher construído pelo cristianismo. Fraser-Valencia chama atenção ao fato de “Y Dios me hizo mujer” ser uma reinterpretação de Gênesis<sup>479</sup>: “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.”, em vez da narrativa de que o homem havia sido criado à imagem e semelhança de Deus, enquanto a mulher viria da costela do homem. Para Fraser-Valencia, “aqui Belli reformula a criação da mulher, removendo esse acontecimento da visão dada de Gênesis, focando na mulher como uma criação divina, em vez de simplesmente parte do homem.”<sup>480</sup>. Belli ainda solidifica seu orgulho pelo que faz dela mulher, reforçando um não-sentido de inferioridade em relação aos homens:

Todo lo que creó suavemente  
a martillazos de soplidos  
y taladrazos de amor,  
las mil y una cosas que me hacen mujer todos los días  
por las que me levanto orgullosa  
todas las mañanas  
y bendigo mi sexo.<sup>481</sup>

Assim, Belli reforça e celebra, de maneira positiva, características biológicas das mulheres — o que podemos entender como forma de manutenção de certo significado do feminino: os olhos, o nariz, a boca, as curvas, o cabelo, a capacidade de gerar vida, os hormônios, o instinto. Mas também as ideias e os sonhos são entendidos de maneira transgressora ao serem equiparados aos sonhos e ideais proclamados pelos homens, como o desejo de transformar a sociedade. É a partir desses elementos que ela chama a atenção das mulheres, para não se sentirem inferiores, apontando essas como sendo características positivas também para o universo feminino. Ao mesmo tempo em que ela reforça certos estereótipos, ela os usa para enfatizar uma visão positiva, como características que conferem poder às mulheres. Nesse sentido, ao questionar a visão bíblica da criação, parte da premissa da mulher como independente, em pé de igualdade com os homens.

---

479 Primeiro livro da bíblia judaico-cristã, que narra a criação do mundo. É onde se encontra a história de Adão e Eva, Caim e Abel, o dilúvio de Noé, Torre de Babel, etc.

480 Citação original: “Here Belli reframes the creation of woman, removing it from the dyadic mode of the Genesis narrative and focusing on woman exclusively as a divine creation rather than as a part of man.” Tradução livre. (FRASER-VALENCIA, op. cit., p. 06.)

481 BELLI, Gioconda. “Y Dios me hizo mujer”. In: BELLI, op. cit. (2014<sup>a</sup>), p. 09.

Nesse sentido, Belli questiona a visão cristã construída sobre a mulher, como um não-sujeito, dependente e oriunda do homem. Em “De la mujer al hombre”<sup>482</sup>, a autora inverte essa noção do feminino criado a serviço do masculino, como já indica no título do poema, que se inicia com o seguinte verso: “Dios te hizo hombre para mí”. Para Fraser-Valencia, ela está “invertendo a ordem da criação presente em Gênesis, ressignificando a criação do homem como especificamente para o sujeito poético feminino.”<sup>483</sup> A mulher, aqui, é vista como uma importante atriz social.

Nesse poema, ela também aponta sua admiração pelo universo masculino: os problemas, as coisas, como se discute sobre o mundo — mas não de maneira passiva. Aqui, ela defende que as mulheres também são seres pensantes, que formulam opiniões que devem ser consideradas de maneira igualitária, e que deve haver uma troca de conhecimento e de percepção, negando a noção hierárquica do mundo das ideias restrita ao universo masculino: “Mi mente está covada para recibirte, / para pensar tus ideas / y darte las mías”. Ou seja, deverá haver uma troca de ideias, não uma transferência a partir da diferença, por isso se refere ao homem como “compañero”, reforçando a perspectiva da igualdade e da complementariedade, negando hierarquias baseadas no gênero. Mas, apesar de defender a igualdade enquanto seres sociais e com formulações políticas, Belli, em toda sua trajetória, mantém o discurso da diferença biológica do sexo: “sabiéndonos mujer y hombre / y apreciando la disimilitud / de nuestros cuerpos.”. A escritora constrói, então, sua concepção de igualdade de gênero a partir da diferença binária dos sexos.

Ela também propõe a releitura da visão cristã de mulher construída a partir da representação de Eva em outras obras. A inversão do papel da mulher enquanto culpada pela condenação da humanidade começa em *Truenos y arcoíris*, no poema “Eva advierte sobre las manzanas”<sup>484</sup>. Na teologia cristã, Eva condenou a humanidade à expulsão do paraíso ao comer a maçã, que tira sua pureza, culpando o desejo sexual feminino. Na primeira estrofe, a autora reordena a criação da mulher, que não teria vindo da costela de Adão: “me sacaste de la costilla curva de mi mundo”. Mesmo assim, não nega o papel de Adão, que guiaria Eva e a tiraria da cegueira, lhe cedendo acesso ao conhecimento. Contudo, essa Eva não carrega arrependimento e culpa: ela come a maçã outra vez, para construir um outro mundo, para ter

---

482 BELLI, Gioconda. “De la mujer al hombre”. In: BELLI, op. cit. (2014a), p. 17.

483 Citação original: “inverting the Genesis order of creation by reframing man’s creation as specifically for the female poetic subject.” Tradução livre. (FRASER-VALENCIA, op. cit., p. 08).

484 BELLI, op. cit. (2014c), p. 62-64.

filhos e multiplicar-se. É importante ressaltarmos como é essa mulher proposta por Belli, enquanto sujeito ativo (atriz social), que vem a ser sujeito revolucionário e que tem participação no âmbito do político e da política.

Ao se colocar como sujeito ativo na transformação do mundo, a autora destaca o lugar desigual da mulher na sociedade: os elogios e o direito à solidão e ao despertar da consciência só restou ao homem; à mulher foi relegada a exploração de seu corpo a serviço do prazer masculino, a ternura e a visão de passividade. Quando enfrenta essa situação de desigualdade, destaca como, nesse processo, se deu o silenciamento das vozes femininas: “Tantas veces pasaste por encima de mis murmullos, / de mis gritos”. Ao se libertar das relações de gênero que reforçam essas desigualdades, além de dar voz às demandas das mulheres, liberta Eva — e, conseqüentemente, todas as mulheres — da culpa:

Fuiste mi Dios  
y como Adán, también  
me preñaste de frutas y malinches,  
de poemas y cogollos,  
racimos de inexplicables desconciertos.  
Para nunca jamás  
esta Eva verá espejismo de paraíso  
o morderá manzanas dulces y peligrosas,  
orgullosas,  
soberbias,  
inadecuadas  
para el amor.

O último livro de poemas de Belli, escrito em 1988, antes de seu rompimento com a FSLN (1993), carrega em seu título o peso dessa resignificação do lugar da mulher na teologia cristã, que constitui o imaginário hegemônico no Ocidente e, portanto, na Nicarágua colonizada. *De la costilla de Eva* reforça, desde o título, que as mulheres não surgiram da costela de um homem. Aqui, é apresentada uma Eva dona do mundo, contrariando quem vê a mulher de forma passiva: “no te imaginás cómo me gusta / sentirme Eva nombrándote mi mundo / y ver que me ves con esa expresión curiosa / como pidiéndome la llave”<sup>485</sup>. Ela inverte a relação patriarcal novamente, ao considerar que Adão teria vindo da costela de Eva.

Outro tema central em sua narrativa acerca da emancipação das mulheres é o erotismo. Belli retira de Eva — e de todas as mulheres — a culpa de ter comido a maçã, pelo prazer sexual e pela própria sexualidade, que teria condenado a humanidade. Em “Pequeñas lecciones de erotismo”, um poema que celebra o orgasmo feminino, a mensagem é esta:

---

485 BELLI, Gioconda. “Alucinación”. In: BELLI, op., cit. (2014d), p. 65-66.

“Retrasa la puerta del paraíso / Acuna tu ángel caído revuélvele la espesa / cabellera con la / Espada de fuego usurpada / Muerde la manzana”<sup>486</sup>. Assim, ela vai adotar uma perspectiva de mulheres que têm agência de suas decisões e que não se submetem, entendidas como sujeito ativo. Com isso, o erótico é a origem do poder feminino.

Desde seu segundo poema em *Sobre la grama*, “Soy llena de gozo”<sup>487</sup>, Belli confronta o padrão da sociedade ao apresentar uma mulher sem pudor, trazendo a sexualidade e o prazer feminino para o centro de sua obra. Para isso, ela propõe a volta ao estado primitivo, no qual, como para o animal, o prazer era permitido e a mulher não carregava a culpa de Eva: “al savajismo delicioso y puro”. Cria-se, assim, uma relação de simbiose com a natureza para trazer à tona temas considerados tabus para o universo feminino, se misturando com a geografia e com elementos físicos da natureza. Seu corpo se transforma em árvores e folhas, suas curvas nas curvas dos vulcões da paisagem de Manágua. Ela quer “ser una con la tierra / en un árbol espeso”<sup>488</sup>. A terra é, aqui, vista como feminina, recuperando a visão da cosmologia indígena, que a tem como mulher por ser o ventre que gera toda a vida. É na forma de uma trepadeira que ela traz o tema da masturbação feminina:

Mi pelo ya no me deja moverme,  
 está abrazado a las paredes,  
 los brazos se han hundido  
 sólo me quedan los dedos  
 mientras mi cuerpo  
 se ha vuelto tronco.  
 Con mis dedos  
 me toco toda  
 reconociéndome  
 entre las hojas  
 y las ramitas  
 y las flores que llenan mi boca  
 y han teñido mis dientes.  
 [...]  
 Mi boca llena de flores moraditas  
 ha cuajado mi cuerpo  
 y estoy enredadera,  
 metamorfoseada,  
 espinosa,  
 sola,  
 hecha naturaleza.<sup>489</sup>

486 BELLI, op., cit. (2014d), p. 73.

487 BELLI, Gioconda. “Soy llena de gozo”. In: BELLI, op. cit. (2014a), p. 10.

488 BELLI, Gioconda. “Estoy deseando”. Ibidem, p. 11.

489 BELLI, Gioconda. “Metamorfosis”. Ibidem, p. 12-13.

Em *Línea de fuego*, Belli aponta seu processo de transformação, percebido a partir do momento em que passou a entender a realidade da mulher com base na diferença sexo-gênero. Com essa descoberta, sai da zona de conforto da realidade conhecida, em busca dos desejos que ela considerou reprimidos, desejos tanto sexuais quanto de ocupar outras funções no mundo. Nesse processo, também descobre o terror da ditadura e da desigualdade de classe, entre mulheres e homens, destacando-o como um processo pessoal dolorido. Atribuímos esse momento ao de descoberta, porque, a partir do seu lugar social na aristocracia nicaraguense, a violência política, econômica e social que vivia o povo de seu país não era uma realidade que conhecia e com a qual lidava.

Ao expandir suas relações sociais e sua percepção de mundo, a escritora começa a questionar ambas as coisas, compreendendo o processo revolucionário não como uma transformação apenas no âmbito político, social e econômico, mas também cultural, moral, comportamental e sexual. Ao dar autonomia e poder de ação às mulheres, Belli coloca essas transformações do papel desempenhado por elas, e da desconstrução de gênero, não como algo que viria dos homens, reproduzindo a lógica do Estado patriarcal — aqueles que habitualmente ocupavam os espaços de poder e, conseqüentemente, ditavam as regras —, mas sim como fruto da participação ativa das mulheres no processo revolucionário, enquanto agentes da própria transformação estrutural das relações de gênero.

Na medida em que se redescobre e reinterpreta o lugar onde vive, essa vida estereotipada de mulher privilegiada já não lhe é suficiente e gera inquietude: “no me conformaré nunca’ pero buscando absurdamente conformarme mientras mi cuerpo y mi mente se abren, se extienden como poros infinitos donde anida una mujer que hubiera deseado ser pájaro, mar, estrella, vientre profundo dando a luz Universos, novas relucientes...”<sup>490</sup>

Em um segundo momento deste poemário, Belli vai se dedicar às relações amorosas, tratadas pela autora de maneira romantizada. Contudo, ao mesmo tempo, rompe com o estereótipo de feminilidade ao abordar os temas da sexualidade e do prazer feminino, apresentados por meio do sexo com o companheiro. A mulher não é apenas passiva, que se entrega totalmente às paixões sem desejar nada em troca. A mulher belliana busca prazer sexual e amor, deseja a “sensación de aire comprimido dentro del cuerpo [...] descubrirte

---

490 BELLI, Gioconda. “Siempre”. Ibidem, p. 15.

hasta en los reflejos más ignorados, irte absorbiendo lentamente”<sup>491</sup>. É, então, na sociedade revolucionária que as mulheres encontrariam a libertação de sua sexualidade.

Ao buscar o prazer sexual, essa mulher se coloca, num primeiro momento, a serviço do homem, perspectiva que vai se transformar no decorrer de suas obras. Ficam claras essas contradições quando o corpo feminino é retratado como a medida do masculino, reproduzindo um padrão heteronormativo e uma visão masculina do sexo: “Todo mi cuerpo sea hamaca para el tuyu, / y mi mente tu olla, / tu cañada.”<sup>492</sup>. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que escreve um poema erótico, no qual a mulher dá voz ao seu desejo sexual e está em busca do prazer, também coloca seu corpo como objeto de desejo masculino, quando a mulher aparece desempenhando uma função relativa ao cuidado<sup>493</sup>. Assim, simultaneamente ao corpo colocado a serviço do falo, ela apresenta uma visão de igualdade ao reivindicar que o corpo masculino também esteja a serviço do prazer feminino, entendendo a mulher como sujeito sexualizado.

Em *Trueno y arcoíris*, o sexo surge a partir de uma perspectiva centrada na igualdade, reforçando a convicção do prazer sexual e do sexo como uma posição em que a mulher não se encontra submissa: “que te doy, que me das / cuando tus manos me tocan, / cuando mis manos te tocan.”<sup>494</sup>. É também no prazer sexual que se sente mais mulher, como se o erotismo e a sexualidade fossem fundamentais para sua compreensão enquanto ser, na construção da feminilidade belliana.

Em seu último poemário que analisamos, *De la costilla de Eva*, publicado quatorze anos depois de *Sobre la grama*, o amor aparece como o fundamento do erotismo. Em “Definiciones”<sup>495</sup>, ao versar sobre como o significado do amor começa na relação dos corpos, o sexo é compreendido como “el más antiguo acto del conocimiento”. Aqui, as relações afetivas estão diretamente ligadas ao prazer sexual: “Diría que amo tu piel y que mi piel te ama”, de modo que é no ato sexual que homens e mulheres são animais, integrados à natureza como macho e fêmea, como iguais.

---

491 BELLI, Gioconda. “Escribirte”. Ibidem, p. 18.

492 BELLI, Gioconda. “Biblia”. Ibidem, p. 20.

493 O universo do cuidado é tradicionalmente encarado como feminino, no Ocidente.

494 BELLI, Gioconda. “Como los malinches de mayo”. In.: BELLI, op., cit. (2014c), p. 10.

495 BELLI, op. cit. (2014d), p. 45-46.

Em *Línea de fuego*, para Fraser-Valencia<sup>496</sup>, a experiência erótica também aparece relacionada à tarefa de reescrever a Revolução Sandinista — visão reforçada por Cochran:

La búsqueda y el anhelo del amor son hilos constantes que corren por toda su poesía aunque toman significados e implicaciones diferentes por el camino; y el erotismo está presente en cada paso. Salgado ve este erotismo como otro aspecto revolucionario/inovadora por la manera en que Belli lo aplica<sup>497</sup>

Para além da construção do amor erótico, também encontramos, em Belli, reflexões acerca do amor romântico, o que começa em seu primeiro poemário, estando constantemente vinculado aos sonhos de uma nova sociedade. Ela constrói sua visão do amor a partir da expectativa de um companheiro, homem, para dividir a construção de um novo mundo e os sonhos de uma nova sociedade, com quem faria a Revolução: “El mundo está detenido delante de la puerta, / ancho y grande como un campo que nos espera / [...] tanta luz para romper nuestra ceguera / tanta luz...”<sup>498</sup>.

Nessa direção, em *Línea de fuego* o amor aparece intrinsecamente relacionado ao amor revolucionário, ao companheirismo na luta política. É o amor que vai derrotar a opressão, de modo a reinventá-la. Essa perspectiva fica clara em “Hasta que seamos libres”: “Porque la fuerza de este amor / lo irá arrollando todo / y no quedará nada / hasta que no se ahogue el clamor de nuestro pueblo / y gritos de gozo y de victoria / irrumpen en las montañas, / inunden los ríos, / estremezcan las ramas de los árboles.”<sup>499</sup>. O amor é romantizado também no sentido de ser o eixo mobilizador para a transformação social: o amor pela nação, pelo povo. É a partir desse livro, publicado em 1978, que a autora começa a relacionar diretamente as questões de gênero com a Revolução, por meio de relações amorosas e do erotismo — já que a sexualidade é, para ela, a chave da emancipação das mulheres.

Para Cochran, o amor que surge em *Truenos y arcoíris* aparece de outra forma: “é a primeira vez que o amor aparece derrotado na obra de Belli. El poema ‘Soñar para despertar soñando’ sirve como buen ejemplo de la expresión de un sueño libre, suelto, donde el alma flota, liberada del sistema mundial.”<sup>500</sup>. Podemos relacionar essa postura com as desilusões amorosas

---

496 Citação original: “This allows for Belli to resolve the tensions between collective and dyadic love in *Línea del fuego* by rewriting the Sandinista Revolution as a primarily erotic experience.” (FRASER-VALENCIA, op. cit., p. 02)

497 COCHRAN, op. cit., p. 16.

498 BELLI, Gioconda. “Es tiempo de unión”. In: BELLI, op. cit. (2014a), p. 34.

499 BELLI, Gioconda. “Hasta que seamos libres”. In: BELLI, op. cit. (2014b), p. 12.

500 COCHRAN, op. cit., p. 19.

sofridas por Belli, principalmente ao se relacionar com militantes da Frente, como vimos ao analisar sua trajetória no primeiro capítulo.

Em alguns momentos nesse livro, o amor também surge como totalizante, como entrega, refletindo uma busca aos papéis tradicionais de gênero dentro do relacionamento, como o exemplo do cuidado da casa como responsabilidade da mulher. Em “Áspera textura del viento”<sup>501</sup>, ela se coloca como uma égua, animal selvagem encontrado na selva e que precisa ser domado. Os corpos, no sexo, são descritos como corcéis do amor: ora é a égua a ser domada, ora é uma gata agressiva e inquieta, “con boca arriba”. É com a ascensão do governo revolucionário que ela identifica como o momento de colocar ordem: ordem “de revolución, trabajo y amor”<sup>502</sup>. Mas, nesse ponto, a rendição ao amor e a realização dos sonhos eróticos são colocadas como fruto tanto da mulher quanto do homem, negando novamente a passividade feminina e dispendo ambos a partir de uma perspectiva de igualdade.

Em “Conjuros de la memoria”, Belli se coloca como exposta, desnuda, cansada. Vale lembrar que, nesse momento, ela está imersa nas dificuldades da construção do novo Estado nicaraguense, que teve início em 1979, invocando a importância do companheiro como sustentação: “y me levanta y me hace tronar de júbilo”<sup>503</sup>. É nas relações amorosas que a autora reencontra forças para continuar em busca do sonho revolucionário, mas essas não são, necessariamente, entre um homem e uma mulher. Aqui, o amor pode ser com o outro, com o povo e com o país, gestando o sentimento revolucionário.

A relação de amor romântico que Belli estabelece com a Nicarágua é tão forte e explícita que, apesar de se entender em simbiose com a natureza e de perceber a geografia como algo feminino — as curvas dos rios são como as curvas da mulher e os vulcões são como peitos. Mas, nesse momento, a Nicarágua é um homem que a possui fisicamente, mesmo tendo “nombre de mujer!”. Isso fica claro em *Línea de fuego*, no poema “Ah, Nicaragua”<sup>504</sup>, quando se sente possuída pelo seu país:

Me gusta esa manera en que me has poseído,  
llenándome de grama, de dolor y de risa  
de los pies hasta el pelo.

Estoy enamorada de vos,

---

501 BELLI, op. cit. (2014c), p. 14.

502 BELLI, Gioconda. “Como gata boca arriba”. In: BELLI, op. cit. (2014c), p. 12.

503 BELLI, Gioconda. “Conjuros de la memoria”. Ibidem, p. 18.

504 BELLI, Gioconda. “Ah, Nicaragua”. In: BELLI, op. cit. (2014b), p. 24.



como “La madre”.<sup>508</sup> Nele, ela rompe com os estereótipos da maternidade: a mãe deixa de ser vista como passiva e se torna sujeito. Além disso, o tornar-se mãe não transforma a maternidade na totalidade da vida da mulher. Assim, a mãe revolucionária, que busca a transformação da sociedade e do lugar outorgado às mulheres, abandona as saias e coloca calças; troca a bolsa por mochila; a sandália, por botas, e as canções de ninar são substituídas por canções de protesto. Ela desapega do padrão estético exigido das mulheres e sai despenteada, porque o amor pela pátria — e por todos os seus filhos — é colocado como prioridade para o papel de mãe reivindicada. Para Belli, as mulheres não são mães apenas de seus filhos biológicos, mas também do povo nicaraguense — “Lleva prendidas en los pechos / miles de bocas hambrientas”. O povo grita por uma mãe, mantendo a contradição ao relacionar a maternidade com a ideia de cuidado e proteção. Contudo, é essa mulher livre da passividade que sairá em defesa de seu país; é a mãe revolucionária, a mãe da pátria:

pero siempre pensando en el grito solo de su carne  
que es un grito más en ese griterío de pueblo que  
la llama  
y le arranca hasta sus propios hijos  
de los brazos<sup>509</sup>.

Belli reforça essa ideia da maternidade revolucionária em *Truenos y arcoíris*, quando afirma, no poema “Posibilidades de los sueños”<sup>510</sup>, que suas filhas cresceram no ambiente da luta política e na expectativa de retornar à pátria. Nesse processo, foram obrigadas a conviver com a separação, com “a orfandade” e com a guerrilha, e tiveram que “compartir madre con niños desconocidos”, em nome do sonho revolucionário. Ou seja, ela própria é a mãe que abriu mão de parte da sua maternidade cotidiana em nome dos filhos de outras mães, dos filhos da Nicarágua.

É importante ressaltarmos que, mesmo com esse discurso bem delineado no calor da luta política, em suas memórias, Belli propõe uma reflexão e demonstra um sentimento de culpa em relação aos seus filhos. Essa postura nos mostra as contradições da autora que, mesmo exaltando a necessidade de que as mulheres mães também sejam livres, não escapa do

---

508 BELLI, Gioconda. “La madre”. In: BELLI, op. cit. (2014b), p. 31.

509 Importante lembrar que, no momento em que esse livro foi publicado, Belli se encontrava no exílio e, ao partir da Nicarágua, deixa suas filhas para trás, demorando um tempo até que conseguisse que elas fossem mandadas para a Costa Rica, ao seu encontro. Então, esse sentimento de ter seus filhos arrancados pela luta política é localizado a partir de sua própria experiência. Tanto que este poema é seguido de outro, intitulado “Ya van meses, hijita”, que ela dedica às suas filhas e fala sobre as dificuldades da distância.

510 BELLI, op. cit. (2014c), p. 45-46.

sentimento de culpa, — o que é fruto de anos de uma socialização que coloca uma postura estereotipada como “a certa”.

Nessa linha, em fins da década de 1970, Belli passa a enxergar as/os filhas/os também em outra perspectiva. Enquanto em *Sobre la grama* partia da compreensão romântica de extensão do amor, em *Línea de fuego* eles aparecem como forma de resistência. Em “Engendraremos niños”<sup>511</sup>, os filhos aparecem como a continuidade da luta revolucionária. Eles que não são brancos, ou seja, são latino-americanos e mestiços, que nascem entre “piernas morenas y canciones”, já nascem de punho cerrado, com a conspiração nos olhos, filhos clandestinos. São, assim, a continuidade da luta, meio de permanecerem vivos os ideais, como resistência à morte: “Engendraremos niños, / por cada hombre o mujer que nos maten, / pariremos / cientos de niños / que seguirán sus pasos.” Ou seja, a revolução não morre com cada revolucionário, porque ela se reproduz — não só pela ideologia, mas também por meio dos filhos.

Em *De la costilla de Eva*, a relação entre maternidade, Revolução e país é reforçada: aqui, a Nicarágua aparece como feminina; é a filha que ela segura com proteção, além de ser a terra de seus filhos, que ela vai proteger “como fiera leona”<sup>512</sup>. Com isso, a maternidade não surge como algo para completá-la enquanto mulher, mas sim a posiciona politicamente em defesa de seu país, lado a lado com os homens: “Vendrá la guerra amor / y nos confundiremos en las trincheras”. Aqui, o amor também aparece como uma parceria na luta revolucionária, ou como a própria luta política. Apesar da visão de maternidade contra-hegemônica, por celebrar esse poder de dar a vida como algo único da mulher, o fato de entendê-la como ligada ao cuidado e à proteção demonstra que seu discurso ainda encontra resquícios importantes da tradição patriarcal.

Assim como a maternidade, a menstruação surge com centralidade e como algo positivo para Belli. A “enfermed de las mujeres”, que em diversos momentos foi utilizada para rebaixar a mulher, é celebrada na literatura belliana. Esse enaltecimento dos atributos femininos, como hormônios e menstruação, vem de um movimento de reconhecer que as mulheres não são inferiores por atributos físicos e biológicos — além de reforçar o laço feminino com a mãe terra, ventre do mundo. O afastamento das mulheres das esferas de poder e do espaço público foi muito justificado pela sua fragilidade e inconstância, explicado a partir de sua condição biológica, hormonal e também pela maternidade. Belli nega uma

---

511 BELLI, op. cit. (2014b), p. 33.

512 BELLI, Gioconda. “Canto de guerra”. Ibidem, p. 14.

condição em que esses atributos releguem as mulheres a um escalão inferior na sociedade, na vida pública e nas decisões políticas. Ao celebrar esses elementos femininos, ela inverte esse raciocínio.

### 3.2.2 Feminismos e masculino

Belli vai se dedicar, desde *Sobre la grama*, a relacionar suas descobertas enquanto mulher com a sua escrita — posteriormente, acrescentando questões relativas à realidade político-social de seu país. Sua angústia e sua inquietude partiam da reflexão sobre qual lugar ocupar no mundo, enquanto mulher: a tradicional, que foi ensinada a ser, ou a revolucionária, que enfrenta os padrões de opressão preestabelecidos pela sociedade? Em seu poema “La eterna pregunta”, explicita esse questionamento:

La eterna pregunta de la indentidade:  
 ser o no ser.  
 Dejarse ir,  
 o quedarse en esta orilla,  
 en la seguridad,  
 o ir allí donde el paisaje se adivina frondoso  
 se percibe<sup>513</sup>

O fato de não escolher o gênero, o sexo e nem o lugar onde se nasce aparece relacionado à importância dada por Belli à necessidade de transformar o mundo nos diversos âmbitos da existência, principalmente no que diz respeito ao gênero, à classe e à região — devido à realidade dos países latino-americanos. A responsabilização pela transformação da sociedade seria, então, a semente que cada pessoa traria consigo para sua trajetória: “hasta el agotamiento o el compromiso, / hasta la inmortalidad / o la muerte.”<sup>514</sup>

Em *Línea de fuego*, A Nicarágua é homem (com nome de mulher), a partir de onde ela vai reinterpretar o local e o papel socialmente designado às mulheres, sem, em nenhum momento, negar o homem e o universo masculino. Inclusive, os considera fundamentais para a Revolução, para o prazer sexual das mulheres (apesar de não ser o único, já que também invoca a masturbação feminina, rompendo com mais um tabu), e para a organização político-social. O que ela busca é a posição de igualdade e de nenhum tipo de submissão: quer a autonomia das mulheres e a soberania do seu país.

513 BELLI, Gioconda. “La eterna pregunta”. In.: BELLI, op. cit. (2014a), p. 61.

514 BELLI, Gioconda. “Descobijémonos”. Ibidem, p. 69.

Nesse sentido, escreve o poema “Amo a los hombres y les canto”<sup>515</sup>, no qual apresenta a diversidade de funções desempenhadas pelo sexo masculino: os que estudam, os que militam, os que trabalham. Para ela, celebrar a existência do homem faz parte de seu papel como mulher, mãe e irmã. A diferença da visão patriarcal é que Belli já nos mostrou como subverte a noção desses papéis sociais desempenhados pelas mulheres, diferenciando-as do estereótipo passivo e excluído do espaço público. De acordo com a autora, esses papéis não são necessariamente negativos: o problema é o modo como são encarados pela estrutura social machista e patriarcal.

Nesse mesmo poema, num segundo momento, a autora vai celebrar as mulheres, que identifica como sendo as mesmas que ela, com as quais compartilha a mesma pele. Essa questão da pele aparece, muitas vezes, com o objetivo de diferenciar as mulheres latino-americanas, fruto da mestiçagem, das mulheres brancas norte-americanas e europeias (mulheres do Ocidente). Essas mulheres são retratadas como rebeldes — as que não se calam —, ao mesmo tempo em que desempenham o tradicional papel de cuidado dos filhos. É a mulher que, ao mesmo tempo, é guerrilheira, trabalhadora, e carrega uma gravidez. Ao reivindicar essa diversidade das mulheres, e ressaltar as diferenças de classe das trabalhadoras, Belli reconhece a pluralidade do universo feminino.

Depois de apresentar a importância das funções sociais desempenhadas pelos dois gêneros, invoca a igualdade que se alcança na luta pela libertação do país: “A todas amo y me felicito por ser de su especie. / Me felicito por estar con hombres y mujeres / aquí bajo este cielo, sobre esta tierra tropical y fértil, / ondulante y cubierta de hierba.”<sup>516</sup>. A luta política e a Revolução são, então, espaço onde é possível encontrar a igualdade.

No que chama de “nova época”, que viria com a vitória revolucionária, a existência de todas e todos tem igual importância e vitalidade, ela ressalta a necessidade de que os cantos se unam em um só. Belli aponta as diferenças de classe, desde definir os homens e as mulheres de trabalhadores braçais a intelectuais, que vão juntos, lado a lado, inaugurar “un Universo que espera que rompamos sus puertas / con la energía de nuestra marcha incontenible.”<sup>517</sup>. Para o avanço da História, que ocorrerá a partir da igualdade, vão construir um amanhã novo, invocando a responsabilidade histórica de cada uma/um. Esse desejo de transformação e essa busca pela Revolução, a autora chama de amor:

---

515 BELLI, op., cit. (2014b), p. 38-41.

516 Ibidem, p. 39.

517 Ibidem, p. 41.

para que ese **amor** tenga la fuerza de los terremotos,  
 de los maremotos,  
 de los ciclones, de los huracanes  
 y todo lo que aprisione vuele convertido en desecho  
 mientras **el hombre y mujeres nuevos**  
 van naciendo erguidos  
 luminosos  
 como volcanes...<sup>518</sup>

É com a “nova Nicarágua” que, em *De la costilla de Eva* — publicado oito anos depois de *Línea de fuego*, após sete anos de governo revolucionário, com todas as dificuldades e problemas desencadeados pela guerra dos Contra —, Belli vai considerar a Nicarágua não só com nome feminino, mas também como mulher. Essa definição parte da perspectiva da opressão e da violência, com tom de denúncia: Nicarágua é mulher porque é violentada e estuprada, mas resiste: “Nicaragua mi amor mi muchachita violada / levantándose componiéndose la falda / caminando detrás del asesino siguiéndolo / montaña abajo montaña arriba”<sup>519</sup>. É mulher, também, porque denuncia e não aceita a submissão. Em “Seguiremos naciendo”<sup>520</sup>, a praça onde se concentram os jovens militantes “es como un gigantesco vientre dando a luz”. Ou seja, é onde nasce a esperança.

Percebemos a construção do feminino em relação ao masculino desde o primeiro poema de *Truenos y arcoíris*. Em 1982, ao pensar em escrever um livro de poemas dedicado a um homem, a autora escancara a masculinidade sem dotá-la de um sentido negativo: “un libro que flote en el tiempo de tu tiempo / y que podás enseñar a tus nietos / y decirles: / ‘Miren cómo me amó esta mujer’, / con orgullo de macho idolatrado.”<sup>521</sup>.

Em “Hermosura de la dialéctica”<sup>522</sup>, aparece a mulher madura. Ela reivindica uma vivência temporal, da idade, mas, para além disso, está envolta em contradições: é infantil para relações amorosas, mas não se esconde atrás de padrões e não lamenta sua existência. Isso porque a sua existência não é compreendida a partir de sua dependência do homem, da Eva que só existe porque tem Adão; pelo contrário, sua vida está comprometida com um projeto de emancipação popular: “[...] Con cada día, se me nacen los ojos del asombro, / de la tierra parida, / el canto de los pueblos, / los brazos del obrero construyendo, / la mujer vendedora con su ramo de hijos, / los chavalos alegres marchando hacia el colegio.” Ela ainda

---

518 Ibidem. Grifo nosso.

519 BELLI, Gioconda. “Nicaragua agua fuego”. In: BELLI, op. cit. (2014d), p. 77.

520 Ibidem, p. 81-82.

521 BELLI, Gioconda. “Del que hacer con estos poemas”. In: BELLI, op. cit. (2014c), p. 09.

522 Ibidem, p. 23-24.

reivindica a luta de classes e se coloca como uma mulher que pensa, um sujeito autônomo: “Soy la mujer que piensa. / Algún día / mis ojos / encenderán luciérnagas.”.

Apesar disso, como já vimos, o binarismo de gênero não é visto como um problema para Belli. Para ela, a existência tanto do homem quanto da mulher só são possíveis a partir dessa contraposição, entendida como uma relação simétrica e não hierarquizada. Assim, o tempo todo reivindica questões relativas ao universo feminino, não nega a mulher biológica ou os hormônios femininos, mas os reivindica para si e faz dessas características algo positivo e que deve ser celebrado. Essa postura adotada pela autora transforma o lugar da mulher na sociedade e na política.

Ao relacionar a emancipação das mulheres e a soberania popular, as demandas das mulheres são vistas como possíveis a partir da transformação mais ampla da sociedade, que só ocorreria com a Revolução. É na organização política e no processo revolucionário que Belli acredita ser o espaço onde homens e mulheres serão entendidos como iguais. Nesse sentido, a Revolução não seria entendida só como política e econômica, mas também no que diz respeito à cultura, aos costumes, à moral e às relações sociais/pessoais. Essas questões aparecem nos versos do poema de celebração de um ano da vitória sandinista, “19 de julio de 1980: en medio de ese magno silencioso portentoso”:

revolución de machetes, arados y pistones,  
 revolución de nuevas actitudes;  
 reclamando ternura y consecuencia  
 en el trabajo, en la casa, en la risa,  
 en la manera de blandir la esperanza,  
 de blandir el amor, de cargar los hijos,  
 de amar a la mujer, al hombre,  
 revolución de dentro para afuera,  
 de afuera para dentro  
 [...]
 mujer erguida, nueva,  
 llena de esa grandeza desde adentro.<sup>523</sup>

Ao se colocar como mulher sandinista, a escritora mescla o debate de gênero com a questão de classe. Ainda, ao se assumir feminista e revolucionária sandinista, nega sua classe duas vezes: luta pelos mais pobres, contra os privilégios da aristocracia da qual faz parte; e luta contra os padrões de gênero, dentro dos quais se constituiu enquanto mulher. Essas questões ficam escancaradas em “Canto al nuevo tiempo”<sup>524</sup>, de *Truenos y arcoíris*:

---

523 Ibidem, p. 35-37.

524 Ibidem, p. 42-44.

Me levanto,  
yo,  
mujer sandinista,  
renegada de mi clase,  
engendrada entre suaves almohadas  
y aposentos iluminados;  
sorpresa a los 20 años  
por una realidad  
lejana a mis vestidos de tules y lentejuelas,  
volcada a la ideología de los sin pan y sin tierra,  
morenos forjados de la riqueza,  
hombres y mujeres son más fortuna que su vigor  
y sus bruscos movimientos.  
[...]  
y las voces chillonas, desesperadas,  
de algunos de mis parientes,  
reclamando sus por siempre perdidos derechos,  
rabiosos ante los desposeídos

A Revolução da qual faz parte mudou a vida daqueles que seus familiares e demais pessoas de sua classe nunca permitiram transformar, reforçando sua opção de lutar ao lado dos menos favorecidos, padrão dentro do qual a autora não se encontrava. Os políticos de sua classe foram derrotados pelas massas, que agora detêm a voz; as mulheres têm seus filhos no “tempo da esperança”, e suas mães, ao entrarem na luta política, usam armas para protegê-los, “celosamente cuidando a su criatura”. Belli não nega a sua diferença em relação a essas mulheres “con sus faldas de maíz”; inclusive, destaca as contradições que sua posição privilegiada gera em sua militância política cotidiana.

Percebemos como amadurece a relação entre gênero e classe, ao nos determos nas diferenças entre os poemas escritos na distância dos dez anos que separam *Sobre la grama* e *Truenos y arcoíris*. Neste terceiro poemário, mais uma vez Belli coloca a mulher revolucionária trabalhando lado a lado com o homem, em busca do sonho de transformação, reforçando a perspectiva da igualdade na luta política e na construção da nova sociedade. Em *De la costilla de Eva*, isso fica escancarado.

Para Cochran, até aqui, tínhamos visto “la aplicación de un sentimiento tradicionalmente asociado dentro de una pareja aplicado a la nación, pero aquí con el poemario, *La costilla de Eva*, Belli incorpora la idea de la revolución nacional y la aplica al discurso de género.”<sup>525</sup>. Para isso, ela “no solamente sirvió la Revolución, sino la Revolución le sirvió como una fuerza empujándola salir del sistema patriarcal, construido por sus padres”<sup>526</sup>, como fica claro em “Problemas de

---

525 COCHRAN, op. cit., p. 22.

526 Ibidem, p. 24.

transición”<sup>527</sup>, no qual, para a autora, a Revolução assume o sentido de construir “no sólo de nuevas relaciones de producción / sino de nuevas relaciones de amor.”.

Essa ideia é reforçada no poema “Reglas del juego para los hombres que quieren amar a mujeres, mujeres”<sup>528</sup> em que ela, direcionando-se para as mulheres, dita as regras para um relacionamento heteronormativo, a partir da desconstrução de estereótipos de feminilidade, como a inferioridade e a submissão ao homem. Além disso, Belli propõe uma releitura em que a ideia de libertação das mulheres e da transformação dos padrões de gênero está relacionada ao processo revolucionário, que, conforme demonstramos, é entendido como uma mudança para além da política institucional e tradicional:

El amor de mi hombre  
no querrá rotularme y etiquetarme,  
me dará aire, espacio,  
alimento para crecer y ser mejor,  
como una Revolución  
que hace de cada día  
el comienzo de una nueva victoria.

As XI regras versam sobre a independência e a liberdade feminina dentro do relacionamento, que não deve ser controlado pelo homem. A mulher não é vista mais como uma mercadoria, uma caça ou um troféu a ser exibido, mas como igual; aquela que vai partilhar a vida lado a lado. Ao mesmo tempo, e de maneira contraditória, Belli mantém o papel protetor atribuído aos homens, mesmo delegando poder à mulher. Por fim, o relacionamento e o amor idealizados estão, fundamentalmente, relacionados à Revolução, com o amor pelo povo, disposto a dar a vida pelos sonhos de construção de uma nova sociedade: “mientras los dos disparamos juntos / contra el enemigo”. É nessa desconstrução que os homens também são responsabilizados pelo cuidado da casa e dos filhos, demarcando a concepção da transformação revolucionária dos costumes e da cultura: “será como un viento fresco / llevándose entre nubes de sueño y de pasado, / las debilidades que, por siglos, nos mantuvieron separados / como seres de distinta estatura”.

Várias contradições entre a vivência e o discurso de Belli no processo de luta pela emancipação das mulheres — que analisamos ao nos determos na atuação das mulheres no processo revolucionário sandinista — são apresentadas pela autora em “Permanencia de los refugios”<sup>529</sup>, de *De la costilla de Eva*:

y en el espejo las amigas hablan de la liberación femenina  
y como debería ser el hombre

---

527 BELLI, op., cit. (2014d), p. 57-58.

528 Ibidem, p. 31-33.

529 Ibidem, p. 52-54.

ese hombre que ella abraza  
y no es más que él,  
el que ella ama,  
no el ideal, pero sí el amado.

Por fim, concluímos que, para Belli, é no amor revolucionário e nas trincheiras da luta que se igualam homens e mulheres, mediante o sonho num mesmo projeto de transformação, movidos pela esperança de construção de um mundo novo. O fim da desigualdade de gênero, entendido dessa maneira, é carregado no lema da AMLAE: “No hay revolución sin emancipación de la mujer y no hay emancipación de la mujer sin revolución”. Para além da luta política, as mulheres são fundamentais para dar vida a novos sonhos e a novas formas de organização social, a partir da igualdade de gênero, e para dar vida a pequenos sonhadores e sonhadoras.

### 3.3 *La mujer habitada*

Em 1988, Gioconda Belli publicou seu primeiro romance: *La mujer habitada*<sup>530</sup>. É importante ressaltarmos o caráter memorialístico dessa obra que, como apontamos anteriormente, em algumas passagens faz referências diretas à trajetória da autora — algumas que, inclusive, podemos cruzar diretamente com partes de suas memórias, *El país bajo mi piel* (2001). Bethania Lemos concorda com essa perspectiva ao afirmar que “a modificação do olhar da personagem [Lavinia] e de sua forma de atuar no mundo respondem a claros aspectos autobiográficos, já que a origem burguesa e o posterior engajamento político fazem parte, como vimos, da trajetória da própria autora do romance.”<sup>531</sup>

Belli não é a única a fazer isso. A escrita autobiográfica e de romances que assumem essa característica é um dos elementos da literatura feita por mulheres latino-americanas no mesmo período em que Belli está escrevendo<sup>532</sup>. Além da literatura produzida por mulheres,

---

530 *La mujer habitada* foi traduzida para onze idiomas e ganhou dois prêmios em 1989: Prêmio da Fundação de Livrários, Bibliotecários e Editores Alemães e o Prêmio Anna Seghers da Academia de Artes Alemã.

531 LEMOS, Bethania Guerra de. *Sob o signo de Tláloc: construção identitária e memorial na obra de Gioconda Belli*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008, p. 183

532 “La incorporación y presencia de la voz de la mujer en la novela centroamericana es, entonces, consecuente con los logros que esta ha alcanzado en la sociedad actual y también con la aparición de las obras de autoras hispanoamericanas como Griselda Gambaro (Argentina, 1928), Elena Poniatowska (México, 1933), Cristina Peri Rossi (Uruguay, 1941), Isabel Allende (Chile, 1942), Rosario Ferré (Puerto Rico, 1942), Ángeles Mastretta (México, 1949), Laura Esquivel (México, 1950), entre otras, que han aportado mucho a las escritoras centroamericanas, pero a la vez estas últimas han mostrado abiertamente su decisión de abandonar los cánones machistas de la sociedad y crear una literatura rebelde y liberadora, con lo que han creado una escritura feminocéntrica y dialógica, pues toman la mujer como eje y principio organizador del mundo” (VARGAS-VARGAS, 2015, s/p).

obras que ficcionalizavam a história em busca de reflexão sobre processos e identidades nacionais é uma característica da nova novela centro-americana, que surge na segunda metade do século XX, principalmente a partir da década de 1980. Segundo José Angel Vargas-Vargas, essa produção tem como intenção questionar e desmistificar a visão oficial da história, dando voz e espaço para perspectiva de novos sujeitos sociais:

Muchas obras ficcionalizan la historia desde diferentes perspectivas y, además, en épocas distintas; unas se refieren a la conquista, otras a periodos determinados como el siglo diecinueve y a contextos más recientes. Los materiales históricos son analizados desde la óptica de la realidad actual y sometidos a tratamientos literarios particulares, de acuerdo con los objetivos de cada autor. Es tal la presencia y elaboración artística de los hechos históricos que puede considerarse el discurso histórico como uno de los principales ejes estructuradores de la novela contemporánea<sup>533</sup>

Nesse sentido, Cecil Zinani<sup>534</sup> afirma que a literatura opera com o imaginário, estabelecendo uma relação de reciprocidade entre a história e as obras literárias. Assim, a literatura é o espaço que as mulheres encontraram para escreverem suas perspectivas dos processos históricos. Para María Jesús Orozco Vera, esse tipo de escrita autobiográfica constitui “una constante de la literatura femenina, ya que manifiestan la posibilidad de expresar sus propias experiencias con voz propia”<sup>535</sup>. Para Frenne, “Gioconda Belli se deja inspirar por la frontera borrosa entre historia y ficción, integrando la historia y la realidad nicaraguense en su escrita.”<sup>536</sup>. Já Vargas-Vargas vai considerar tanto *La mujer habitada* quanto *Sofía de los presagios* em diálogo com um conjunto de romances produzidos por mulheres que

[...] plantean revisar la situación de la mujer desde una perspectiva histórica, sin abandonar la situación actual. El propósito es mostrar que en diferentes tiempos y espacios la mujer ha ocupado una posición marginal y, a pesar de ello, ha realizado cambios muy importantes para la sociedad y hoy, más que antes, está en condiciones de emprender nuevos proyectos para construir una sociedad más progresista, de ahí que planteen la búsqueda de identidad de la mujer y la toma de conciencia para superar las imposiciones sociales, culturales, económicas, religiosas e ideológicas que han experimentado en el transcurso de la historia. [...] En las novelas citadas la mujer alcanza importantes niveles de representación, especialmente em *La mujer*

533 VARGAS-VARGAS, José Angel. *Introducción a la novela centroamericana contemporánea*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2015, s/p. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmccg1n4>>. Acesso em: 12 nov. 2018, 14h50.

534 ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Literatura e história na América Latina: representações de gênero. In: *Revista Méis: história & cultura*, v. 5, n. 9, jan./jun. 2006, p. 253 – 270.

535 VERA, María Jesús Orozco. La forma autobiográfica como configuración del discurso literario femenino en la narrativa de Marta Brunet, M<sup>a</sup> F. Yáñez, M<sup>a</sup> L. Bombal y M<sup>a</sup> C. Geel. In: *Anales de literatura hispanoamericana*, n. 23, Madrid: Editorial Complutense, 1994, p. 305.

536 FRENNE, op. cit., 2008-2009, p. 28.

*habitada* y em *Sofía de los presagios*, obras que construyen una visión crítica y mágica del entorno centroamericano, elaborada con una aguda percepción de la realidad e incorporando, además, voces de distintos sectores y grupos sociales. *La mujer habitada* rompe los paradigmas patriarcales que han asignado a la mujer ciertas tareas, pues irrumpe en campos que le estaban vedados a la mujer.<sup>537</sup>

Desse modo, analisar esse livro nos ajuda a aprofundar um pouco mais no que já vínhamos fazendo: tentar perceber de que maneira o discurso de gênero de Belli vai se embrincando com a pauta revolucionária, de transformação da sociedade, e se relacionando com as questões de classe. Para Sara Beatriz Guardia, a protagonista Lavinia “se va creando a sí misma como ser humano a través de la lucha política, y como mujer buscando internamente el sentido de su vida. En este proceso deja entrever la lucha interna entre la práctica política y la vida cotidiana, y la congruencia que esto le exige.”<sup>538</sup>. Assim, podemos observar a evolução do seu discurso revolucionário e feminista, e como ele transforma sua relação com a luta política e com sua concepção acerca do papel social e político da mulher.

Um ponto que nos ajuda a vincular a relação da literatura produzida por Belli com o real são os elementos da natureza que identificam a capital de Faguas diretamente com Manágua; como as silhuetas dos vulcões e o grande lago no meio da cidade. Assim como nos seus poemas, na prosa também vai relacionar esses elementos geográficos e físicos do país com o erotismo, a sexualidade e o corpo da mulher: “Faguas era la sensualidad. Cuerpo abierto, ancho, sinuoso, pechos desordenados de mujer hechos de tierra, desparramados sobre el paisaje. Amenazadores. Hermosos.”<sup>539</sup>, de modo que os peitos ameaçadores são os vulcões da Nicarágua, que demonstram força e imponência, assim como as mulheres.

### 3.3.1 Desconstruindo visões normativas de gênero a partir da prosa

Na análise dos poemas de Belli, percebemos o erotismo e a liberdade sexual da mulher como temas centrais para seu processo de libertação e autonomia. Nesse sentido, vamos verificar, brevemente, como ela desconstrói a visão estereotipada de mulher em seu primeiro

537 VARGAS-VARGAS, op. cit. (2015), s/p.

538 GUARDIA, Sara Beatriz. Literatura y escritura femenina en América Latina. In: Conferência de abertura do XII SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA e III SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA – Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural. Bahia, Universidade Federal de Santa Cruz, 2007. Disponível em: <[http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/conferencias/SARA\\_ORIGINAL.pdf](http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/conferencias/SARA_ORIGINAL.pdf)> Acesso em: 31 jan. 2019, 17h00.

539 BELLI, op. cit., 1996, p. 19.

romance, *La mujer habitada* (1988). A negação dos papéis tradicionais de gênero é sinal da modernidade, que chega de maneira tardia à Faguas — a propaganda da meia-calça e o uso da mini-saia<sup>540</sup> eram anteriores ao tempo em que chegaram na Nicarágua, “sonrió pensando como la modernidad en Faguas había ahora llegado a las piernas femeninas”<sup>541</sup>.

A história começa com Lavinia questionando os estereótipos de gênero e, com isso, os padrões de beleza. Ao sair de casa para morar sozinha e ter um emprego que lhe garantia independência financeira, numa profissão considerada masculina, ela também rompe com o padrão, mostrando aceitação de seu aspecto físico, se declarando feliz com suas imperfeições e se opondo ao bonito modelo das “bonecas de porcelana”. Era, agora, “Mujer sola, joven e independiente”<sup>542</sup>. Assim, a negação do padrão de beleza feminino imposto é uma maneira de resistir, assumindo isso como parte do processo de emancipação das mulheres.

A questão da maternidade vai surgir demarcando opiniões já consolidadas em seus poemas e de uma maneira que ainda não havia sido abordada. Surgem, aqui, as relações conflituosas entre as mães que não questionaram o papel de gênero e, conseqüentemente, não aceitam a emancipação das filhas que buscam transgredir “programações ancestrais”. Em outros momentos, surge uma visão nova da maternidade, como negativa. Ela é colocada como uma opção de modo que essa escolha é vista como expressão da autonomia, da liberdade e da emancipação das mulheres. Belli recupera a noção da postura das mulheres indígenas que se negaram a engravidar ou a dar a luz como modo de resistir à colonização. É o que afirma a personagem Ítza: “Nos negamos a parir. [...] Nos negamos la vida, la prolongación, la germinación de la semilla.”<sup>543</sup>. Nessa tradição, Lavinia escolhe não ter filhos, em prol da luta política, e por não precisar ser mãe para ser mulher.

Por último, mas não menos importante, Lucrecia escolhe não ter filhos e realiza um aborto, por questões de classe, deixando clara a postura relacional de classe-gênero e reforçando uma perspectiva classista da violência a que se submetem as mulheres pobres,

No quería tener el niño —Dijo—, el hombre había dicho que no contara con él y ella no podía pensar en dejar de trabajar. No tendría quién lo cuidara. Además quería

---

540 A mini-saia, junto da pílula anticoncepcional e do movimento *hippie*, são considerados elementos importantes na segunda onda do feminismo norte-americano, nas décadas de 1960 e 1970, sendo o reflexo prático das conquistas relativas à liberdade sexual e sobre o próprio corpo, conquistado pelas mulheres que revolucionaram os costumes.

541 BELLI, op. cit. (1996), p. 28.

542 Ibidem, p. 16.

543 Ibidem, p. 126; 128.

estudiar. No podía mantener un hijo. No quería un hijo para tener que dejarlo solo, mal cuidado, mal comido. Lo había pensado bien. No había sido fácil decidir.<sup>544</sup>

Lucrecia sofre uma hemorragia devido a um aborto clandestino, e não tem acesso a atendimento de saúde, pela precariedade e pelo medo de ser denunciada à ditadura. No hospital, Lavinia se destaca pela cor branca da pele e pelos pés finos. Mesmo comprometida com a emancipação e com a justiça popular, realça sua posição social privilegiada e suas identidades contraditórias: ser mulher de classe média, viver uma dupla vida.

Ao criticar a visão das mulheres como possessivas, a autora ressalta o privilégio da posição dos homens que, mesmo saindo do ventre da mulher e necessitando fisicamente dela para crescer e existir, estabelece uma relação de superioridade ao sexo feminino. Aqui, surge um questionamento: seria a dependência materna o que levaria os homens a se submeterem às mulheres? Seria o processo de subjugar o sexo feminino parte de um processo de negar “el poder de quienes a través del dolor de piernas abiertas les entregaban el universo, la vida.”<sup>545</sup>? Belli vai negar com veemência essa interpretação que, segundo ela, culpa as próprias mulheres pela opressão sofrida.

Outro elemento novo que aparece na prosa — e que não encontramos na poesia — é o assédio físico e moral, além das dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mundo do trabalho. Já no início do livro, Lavinia é assediada pelo taxista, que a constringe ao olhar fixamente para suas pernas. De maneira sutil, Belli vai introduzindo elementos da masculinidade para sua narrativa, colocados de modo agressivo para as mulheres. Isso está presente, por exemplo, quando o futuro chefe de Lavinia considera um benefício ela ser mulher e a contrata porque conseguiria dialogar melhor com outras mulheres. Ou quando, para contratá-la, observa o tamanho de seu cabelo e de sua saia. Nesse momento, ela mistura esses elementos ao reconhecer seus privilégios de classe: é contratada ao repararem em seu “pedigree”, ou seja, sua origem social aristocrática.

A contradição aparece quando a personagem reforça estereótipos femininos, mas, ao mesmo tempo, os utiliza como forma de obter ganho: “Ella no tuvo remordimiento de conciencia por usar todas las armas milenarias de la feminidad. Aprovechar la impresión que causaban en los hombres las superficies pulidas, no era su responsabilidad, sino su herencia.”<sup>546</sup>. Belli usa os elementos de “atributos femininos” de maneira subversiva e a seu

---

544 Ibidem, p. 156.

545 Ibidem, p. 58.

546 Ibidem, p. 21.

favor; ou seja, subverte a sua conotação. Para Frenne, essa postura parte da perspectiva de que “en una sociedad dominada por los hombres, se puede servir libremente de las armas que podrían desviar el poder masculino.”<sup>547</sup>.

A postura crítica que Belli confere à Lavinia não anula o sentimento de desvantagem da personagem só por ser mulher, principalmente ao perceber a relação paternalista que estabelecem com ela, contraposta à cumplicidade masculina. Lavinia se sente observada, como um animal de zoológico, questionando a ideia de que as mulheres são manequins a serviço do prazer e dos desejos masculinos, como animais domésticos prontos para reprodução. Ressalta que esse tratamento dado às mulheres é uma questão estrutural da sociedade, não apenas reservada a um meio social, político, econômico ou de núcleo familiar específico. Além disso, denuncia a dificuldade de se superar as barreiras do gênero: ao tentar romper com o estereótipo de feminilidade quando sai da casa dos pais e assume sua independência, acaba, novamente, reivindicando padrões de gênero ao tentar conseguir um emprego. O assédio se manifesta em outros momentos da narrativa, como quando Lavinia visita as obras e destaca a dificuldade de ser mulher num lugar considerado masculino como a construção civil — soma-se a isso o fato de as mulheres serem tratadas como intelectualmente inferiores e, por isso, menos capazes do trabalho e, conseqüentemente, ser menos respeitadas; tudo isso devido ao seu sexo/gênero.

Em contraposição a essa visão masculina que objetifica e assedia, que trata o sexo da mulher como a serviço homem, Belli reforça o ato sexual como momento de comunhão e dos corpos entendidos como iguais: “En ese ámbito habían conquistado la igualdad y la justicia, la vulnerabilidad y la confianza, tenían el mismo poder el uno frente al otro.”<sup>548</sup>. Essa questão, que envolve a celebração do prazer sexual feminino, vem de seus poemas e entra de maneira relevante na prosa. Assim, sentir-se sensual e seduzir um homem são apresentadas como questões relacionadas ao poder feminino.

Ao reivindicar essas “armas de sedução” e reforçar a visão essencialista de gênero, a autora iguala os seres humanos aos animais. A partir desse tema, Belli relaciona a opressão sexual da mulher com a colonização e a cristianização. Ítza, ao presenciar o sexo de Lavinia e Felipe, afirma: “Así amaba nuestra gente antes que el dios extraño de los españoles prohibiera

---

547 FRENNE, op. cit., p. 65.

548 BELLI, op. cit. (1996), p. 253.

los placeres del amor.”<sup>549</sup>. Com essa declaração em sua literatura, Belli se opõe à visão do sexo como pecado, de modo que Lavinia deixa explícito seu prazer com o sexo, com o sêmen.

Percebemos como, a partir da constituição da personagem de Lavinia, Belli se insurge contra os estereótipos de gênero, levantando desde questões polêmicas como a maternidade e a “pecaminização” do prazer sexual feminino<sup>550</sup>, até pontos mais sutis, como contestar o sexismo da linguagem, que considera o gênero masculino como universal: “No se olviden, ¡el que se quede afuera es hombre muerto! ‘Al menos que sea mujer’ pensó Lavinia. No podía evitar, al oír hablar de esa forma, burlarse del lenguaje.”<sup>551</sup>.

Mas, assim como nos poemas, em sua prosa Belli vai manter uma visão essencialista de celebração da natureza biológica da mulher, subvertendo essas características a fim de elevá-la a um plano de igualdade com os homens. Contudo, na prosa, alguns elementos aparecem de maneira negativa, como ao tratar da menstruação que, diferentemente do modo como tratava em seus poemas, surge demonstrando seus efeitos reais para o corpo feminino: sensibilidade, preguiça e dor.

Em contradição à visão emancipada e livre das mulheres, a própria vida íntima e o interesse pelo amor e pelas relações afetivas são colocados por Belli como questões relativas ao universo feminino, considerando que os homens não reconheciam a importância histórica do amor. O amor era uma maldição feminina, que fazia com que grande parte da vida das mulheres girasse em torno das relações afetivas: “Cómo harían los hombres, se preguntó, para apartar esas preocupaciones en su vida cotidiana?”<sup>552</sup>.

Em um debate com Flor, Lavinia chega numa conclusão acerca dessa condição de desigualdade de gênero perante o amor: às mulheres são conferidos os espaços privados e do afeto, enquanto, aos homens, a autoridade e responsabilidade, vinculadas ao espaço público. Mas, para Flor, esse momento da luta não era de exaltar as características femininas e querer que elas fossem, em partes, incorporadas pelos homens. Assim, fica claro, como em seus poemas, que Belli não nega o binarismo de gênero, nem as características masculinas e femininas como diametralmente opostas. No entanto, ela questiona algumas delas, nega outras

---

549 Ibidem, p. 43.

550 Em seus poemas, Giconda Belli debate mais esse tema, principalmente ao reinterpretar o papel de Eva, que, na teologia cristã, teria sido responsável por condenar a humanidade à expulsão do paraíso ao descobrir o prazer sexual.

551 BELLI, op. cit. (1996), p. 339.

552 Ibidem, p. 212.

e fortalece umas poucas, com o objetivo de reforçar a igualdade e negar a inferioridade do feminino, de seu universo e de suas características.

### 3.3.2 Feminismo e Revolução: a transformação do discurso feminista belliano

Se em seu primeiro poemário, *Sobre la grama*, publicado dezesseis anos antes, consideramos que as pautas relativas à mulher estavam voltadas para questões da maternidade, da celebração das características biológicas da mulher — como a menstruação —, da independência e dos direitos ao prazer sexual das mulheres, ao longo dos outros livros de poemas vimos que essas questões passam a se relacionar com o processo revolucionário, transformando o discurso de Belli. É em *La mujer habitada*, mediante a complexidade da trajetória da personagem Lavinia, que percebemos, com mais clareza, essa transformação.

Para isso, devemos notar de que modo ela constrói as quatro principais personagens femininas: Lavinia, que tem sua trajetória à semelhança de Belli — consideramos que foi a maneira ficcional que encontrou para falar de sua própria experiência —; Ítza, que reivindica a ancestralidade indígena, carrega ideologicamente o livro da concepção cíclica da história e da vida/morte e remonta a resistência da mulher e do povo à colonização espanhola; Sara, que representa tudo que Belli deveria ser, mas nega o papel estereotipado de mulher, e Flor, que é o ideal de revolucionária, de “mulher nova”.

O romance trata de duas histórias paralelas e complementares das protagonistas: Ítza e Lavinia. A primeira, como dito, é uma mulher indígena que participou da luta contra a colonização espanhola no século XVI, enquanto a segunda é uma jovem da aristocracia do país fictício de Faguas que vai morar sozinha na casa herdada de uma tia, momento em que também inicia um trabalho como arquiteta. No quintal dessa nova casa tem uma laranjeira, onde habita Ítza, na mesma temporalidade em que Lavinia — aos poucos, passa a habitar também seu corpo e sua mente, fazendo com que as duas se tornem uma só mulher. Os eixos interrelacionais que unem os dois mundos são: a rebelião contra “colonizadores”, a luta pela liberdade das mulheres e sua inclusão na luta política. Para Frenne,

De acuerdo con Gracioli (2008), ‘Lavinia/Itzá se unen, física y mentalmente, y sus luchas del pasado y del presente se transforman en una única lucha, la de la mujer por un mundo mejor’. Lavinia pierde la vida durante la acción, al igual que Itzá hace

cuatrocientos años, pero ya no importa morir, porque juntas han cumplido su tarea en la vida terrena; han continuado la resistencia y cumplido un ciclo.<sup>553</sup>

No poema “In memoriam”<sup>554</sup>, presente no poemário *De la costilla de Eva* — publicado dois anos antes —,<sup>555</sup> o corpo da mulher é habitado por um homem; agora, ele passa a ser habitado por outra mulher, a partir da qual a trajetória de libertação aparece como um tema ancestral, com reflexos na realidade contemporânea de Lavinia. Ambas são colocadas como exemplos de mulheres que romperam com o estereótipo de seu tempo, a fim de defenderem seu povo e sua cultura. Ao mesmo tempo, as duas vivem contradições em seus relacionamentos pessoais e afetivos com homens, que estão presentes de diversas formas, inclusive em seus processos de incorporação na luta política.

A influência indígena da ciclicidade da história está latente nessa obra. Para Frenne, ao fazer isso, Belli questiona a visão ocidental e linear da história, adotando a perspectiva mesoamericana da história cíclica.

Rojas-Trempe (1991: 143) nos señala que ciertos autores como “Garro, Scorza y Belli yuxtaponen, comparan o simplemente oponen la cosmología mágica de sus personajes indios a la visión positivista de los mestizos o blancos. De esa manera estipulan una nueva forma según la cual se debe leer, entender e interpretar la ficción.” Por consiguiente, Gioconda Belli utiliza la ficción para hacernos reflexionar sobre algunos temas fundamentales como la historia y la política.<sup>556</sup>

Lavinia e Felipe são, de certa forma, a continuação de Ítza e Yarince<sup>557</sup>. A luta política do *Movimiento* contra a ditadura é a continuidade da luta indígena contra a dominação espanhola — concepção fundamental que permeia toda a narrativa. Do mesmo modo como, para Ítza, o guerreiro não morre e vira um colibri, para Lavinia, Felipe permanece vivo com a continuidade da luta política. Assim, a morte não é vista como o fim da existência, mas como parte de um ciclo, conforme afirma Ítza: “Reconozco mi sangre, la sangre de los guerreros en Felipe, en el hombre que yace en la habitación de Lavinia, revestido de serenidad y con actitud de cacique.”<sup>558</sup>

553 FRENNE, op. cit. (1996), p. 32-33.

554 BELLI, op. cit. (2014d), p. 21-22.

555 Ibidem.

556 FRENNE, Kristien de. *El juego de paralelismos y contrastes en La mujer habitada de Gioconda Belli*. Dissertação. Faculdade de Artes e Filosofia, Universidade de Ghent, Bélgica, 2008-2009, p. 09.

557 Segundo Frenne (2008-2009), Yarince é baseado num personagem histórico, chefe indígena dos povos boacos e caribes, mas Belli mistura vários grupos indígenas e várias temporalidades, pois essa figura seria do século XVIII e a história de Itzá do século XVI, o que mostra a tensão entre a história e a ficção.

558 BELLI, op. cit. (1996), p. 72.

O desejo de emancipação e de liberdade das mulheres também aparece a partir dessa perspectiva, para mostrar que a resistência aos padrões impostos e a luta pelo direito de participação na política estão colocadas há muito tempo, e não é uma novidade do século XX. Ítza, enfim, renasce na laranjeira, “con sangre de mujer”<sup>559</sup>, apontando, já no início do livro, a importância de se reivindicar como tal. Por meio dessa personagem, Belli traz a herança indígena para o centro da sua narrativa, presente também na mestiçagem. Ítza conta, quando vê Lavinia pela primeira vez: “Tiene rasgos parecidos a las mujeres de los invasores, pero también el andar de las mujeres de la tribu, un moverse con determinación, como nos movíamos y andábamos antes de los malos tiempos.”<sup>560</sup>. Mais à frente, ela se questiona: “Me pregunto qué raza será esta mezcla de invasores con nahuas.”<sup>561</sup>.

Ítza, quando retorna ao mundo como laranjeira, percebe a transformação do mundo a partir da realidade da mulher, apontando os ganhos do sexo feminino — ou pelo menos das mulheres que se libertaram do padrão socialmente estabelecido, representadas por Lavinia. Esta é mulher, vive sozinha e não tem senhor nem família lhe dando ordens — serve a ela mesma. Assim, Ítza prossegue em suas observações do mundo a partir da evolução do lugar social da mulher: “Las mujeres parecen ya no ser subordinadas, sino personas principales. Hasta tienen servidumbre por si mismas. Y trabajan fuera del hogar.”<sup>562</sup>.

Enquanto isso, a escritora também aponta as contradições que essa postura, vista como “rebelde”, implica na vida dessas mulheres. Ítza relembra que, quando decidiu lutar contra os espanhóis, nunca foi perdoada pela mãe, que acreditava que seu lugar era cuidando da casa e não manuseando um arco e flecha na guerra. Segundo a tradição indígena, o umbigo do recém-nascido era enterrado no local que a criança estava destinada a ocupar: no caso das mulheres, deveria ser enterrado num canto escuro da casa, como garantia de que o lugar da mulher fosse dentro da casa, como o coração dentro do peito: “la ceniza que cubre el fuego

---

559 BELLI, op. cit., 1996, p. 14.

560 Ibidem.

561 Ibidem, p. 42. Segundo Frenne, a Nicarágua pode ser dividida em três zonas geográficas: Pacífico, Central e Caribe. Só a parte Ocidental/Pacífico era da Mesoamérica. A Central eram os ulúa-matagalpas e o Caribe, os ramas, miskitos e sumus. A grande migração dos povos indígenas formou nove tribos, que deram origem à nação nicaraguense: caribíes/quiribíes, choroteganos, niquiranos, carábies/caribes antillanos, xicáquez, lencas, ulúas, payas, tribos africanas de color. Na parte ocidental, onde recebeu muitos imigrantes mexicanos, estavam os maribios, chorotegas e os nicaraos/niquiranos/nahuas; falavam náhuatl. “[...] tanto la supremacía de la cultura azteca como las migraciones nos explican en gran parte la asimilación religiosa-cultural por parte de algunos pueblos nicaragüenses y las atestaciones de palabras náhuatl en Nicaragua, más precisamente en el noroeste del país y en la región del Istmo de Rivas.” (FRENNE, 2008-2009, p. 17)

562 Ibidem, p. 34.

del hogar”. Por isso, a mãe de Ítza enterra seu umbigo embaixo do fogão, considerando esse espaço da cozinha — relacionado ao cuidado — o seu lugar como mulher.

A relação de Lavinia com sua família é retratada de maneira parecida quando ela decide sair de casa para trabalhar e ser independente, em vez de se casar, de modo que ambas as personagens rompem com o destino que lhes havia sido traçado pelas famílias. Devido a essa decisão de Lavinia, sua relação com seus pais fica comprometida, pois eles, assim como outros de sua classe social, não concebem esse tipo de comportamento vindo de uma mulher e, ainda, destacam que homens tentariam se aproveitar sexualmente dela, a partir de uma visão conservadora que inibe a sexualidade feminina. As mulheres que viviam sozinhas eram mal vistas: ou seja, sua independência e liberdade não eram socialmente aceitas. Desse modo, a personagem de Sara é construída para representar o que Lavinia deveria ter sido, como o estereótipo de feminino que ela nega.

A amiga de infância de Lavinia aparece como o modelo perfeito de feminino, construída a partir da visão hegemônica que impera na sociedade. A personagem existe em oposição à Lavinia, de modo que ambas são construídas a partir dessa relação. Sara não compreende os desejos de independência de Lavinia, porque ela também representa aquilo que Sara negava: naturaliza o fato de a vida das mulheres estar sempre sob o controle de algum homem (primeiro do pai, depois do marido), bem como o exibicionismo da mulher em bailes, para ser escolhida como esposa. Ela compactua com uma ideia de matrimônio tradicional, na Igreja, além de ressaltar seus quadris largos de “boa parideira”, tendo a maternidade como um sonho de completude.

Da mesma forma que Sara não questiona o padrão ao qual tinha se submetido, também não contesta a miséria em seu país, mostrando como as questões de gênero e de Revolução são entendidas pela autora como diretamente relacionadas. Em contrapartida, Lavinia só questiona a realidade social quando se emancipa enquanto mulher e sai do ambiente de classe hegemônica ao qual pertencia. Sara, alienada na questão de gênero, também era incapaz de se sensibilizar com a desigualdade e a miséria. Para ela, o povo está acostumado com o sofrimento. Essa postura de naturalizar os papéis socialmente estabelecidos é diretamente questionado por Belli, por meio de Lavinia. Nesse sentido, a escritora apresenta uma reflexão sobre o papel desempenhado, pela cultura e pela mídia, na naturalização dos papéis sociais.

Essa denúncia do padrão social imposto às mulheres e o motivo pelo qual a personagem Lavinia tem condições de romper com ele também é problematizado pela autora,

colocando a questão de gênero e de classe novamente em diálogo: “Reconocía la ventaja de su partida de nacimiento; algo le debía al haber nacido en un estrato social donde la educaron como dueña del mundo.”<sup>563</sup>. Essa passagem nos mostra que, além de facilitar com que fosse respeitada no ambiente de trabalho, o fato de ter tido a oportunidade de estudar, entre outras questões diretamente relacionadas à sua capacidade de independência econômica e de poder político da elite, deixa explícito como Belli lida com a questão de gênero de maneira mais complexa, sem estar voltada apenas para tópicos individuais. Aqui, ela reconhece como seu processo de emancipação enquanto mulher também é fruto de seus privilégios de classe.

A denúncia da marginalização social das mulheres fica latente ao retratar os empregos que cabiam ao sexo feminino, na realidade da maioria das mulheres: secretárias, assistentes, empregadas domésticas e enfermeiras — profissões que não são de chefia ou de protagonismo, mas estão ligadas ao cuidado da casa e do marido e/ou que exigem que estejam a serviço dos homens, subordinadas a eles. Como as mulheres eram restritas a esse ambiente de trabalho, a narrativa ressalta a dificuldade de Lavinia ser respeitada enquanto arquiteta, como uma profissional autônoma. Além disso, usa disso para destacar a sua diferenciação a partir da sua origem de classe, uma vez que a personagem só consegue transgredir a relação de gênero no mundo do trabalho porque teve condição econômica de se formar fora do país.

Belli constrói, em sua narrativa, a dificuldade de Lavinia em conquistar o respeito masculino em sua profissão, mas também a dificuldade das mulheres em aceitarem seus trabalhos com naturalidade. No campo profissional, era sempre confundida com uma secretária, já que não era esperado ter uma mulher ocupando a função de arquiteta. Das mulheres que tratavam Lavinia como subordinada, Belli vai apresentar um assunto novo em sua literatura: a competição entre mulheres — “para ese tipo de mujer, son las enemigas, las que llevan al marido.”<sup>564</sup>. Ela vai identificar essas mulheres como aquelas que reproduzem, principalmente, um padrão estereotipado de donas de casa e boas esposas.

Nesse sentido, é com Sara que Lavinia tem um debate importante sobre o lugar da mulher na sociedade. Sara defende a visão do espaço feminino como o da domesticidade, e que o poder das mulheres vêm, justamente, por ser este o local que rege a vida, onde o homem é considerado intruso. Para Lavinia, o problema era justamente esse: a mulher, ao ser relegada ao ambiente doméstico, tem sua participação negada no ambiente público e político — o “ámbito de los grandes acontecimientos”.

---

563 BELLI, op. cit. (1996), p. 38.

564 Ibidem, p. 142.

Aqui, surgem dois conceitos importantes para pensarmos o desenvolvimento do pensamento feminista belliano: a importância da independência financeira e a divisão sexual do trabalho<sup>565</sup>. Nesse sentido, Laura Auguet vai afirmar que Belli deixa essa filiação clara a partir da personagem de Flor:

Su feminismo es concebido en el contexto de la lucha de clase. La idea era luchar contra la desigualdad y contra todas las manifestaciones de opresión, discriminación e injusticia, pero desde un punto de vista de clase. La única salida para conseguir realmente la completa emancipación de la mujer — y de las otras capas oprimidas de la sociedad — era mediante la abolición de la dictadura de Somoza. Esta lucha requería la máxima unidad entre los trabajadores e trabajadoras en su lucha contra el capitalismo.<sup>566</sup>

Nesse livro, o tema do socialismo ganha menção mais direta do que percebemos em suas poesias, que pelo próprio estilo literário possui uma escrita mais subjetiva. Surge, por exemplo, mediante a figura do avô de Lavinia, uma imagem importante na vida da personagem, que foi pioneiro na implementação de direitos trabalhistas<sup>567</sup>, além de ser fascinado pela Revolução Cubana, por Fidel e Che, “seguidor de ideas liberales<sup>568</sup> y socialistas, opositor furibundo al régimen dinástico de los grandes generales”<sup>569</sup>.

Logo em seu primeiro trabalho como arquiteta, a personagem de Lavinia mostra o processo de tomada de consciência ao se incomodar com a remoção dos moradores populares da cidade para a construção de uma grande obra arquitetônica. Ao exibir sua indignação a Felipe, ele vai desqualificá-la tanto por ser rica quanto por ser mulher: “Yo creía que a las muchachas como vos esas cosas no les importaban.”<sup>570</sup>. Essa contradição de classe e militância política marca toda a trajetória de Lavinia, assim como a de Gioconda Belli, realçada em suas memórias. Em vários momentos, ela apresenta a sensação de viver uma vida dupla, e a dificuldade de se sentir, de fato, integrada à militância. Contudo, ressalta que a

---

565 “As barreiras [impostas às mulheres] para o exercício do trabalho remunerado fora da esfera doméstica, especialmente para o acesso às posições de maior autoridade, maior prestígio e maiores vencimentos, estão associados ao tempo que a mulher despende no trabalho, não remunerado, na esfera doméstica. Por outro lado, é esse trabalho feminino que permite que o homem seja liberado para atender as exigências profissionais que lhe permitem maior remuneração e a construção de uma carreira, assim como para usufruir o tempo livre – livre da rotina profissional, mas também das exigências da vida doméstica.” (BIROLI. In: BIROLI; MIGUEL, 2014, p. 35).

566 AUGUET, Laura Piñero. “De la mujer habitada a la mujer habitante: planteos acerca de la subjetividad femenina”. In: *Revista crítica de ciencias sociales y jurídicas*. Madrid, Universidad Complutense, s/d, p. 03.

567 “[...] había establecido antes que el Código del Trabajo, la jornada de ocho horas, los beneficios sociales y la seguridad laboral.” In: BELLI, op. cit. (1996), p. 55.

568 “Liberales” aqui usados não no sentido de “ideias liberais”, advindo da teoria “Liberal”, mas sim no sentido de oposto ao conservador.

569 Ibidem, p. 55.

570 Ibidem, p. 32.

contradição é parte constitutiva do sujeito político: “‘La revolución la hacen seres humanos, Lavinia, no superhombres. El hombre del futuro es solo un sueño todavía.’ Y la mujer también, seguramente, añadió ella para sus adentros.”<sup>571</sup>.

O importante é que, a partir desse momento, Lavinia começa a sentir um incômodo com questões político-sociais, o que deságua em sua integração ao MLN. O primeiro contato de Lavinia diretamente com a militância política vem de sua relação com Felipe — assim como a de Ítza vem de sua relação com Yarince, que só se torna guerreira e é aceita como parte do exército indígena porque era mulher do comandante. Mesmo assim, a guerreira observa que vivia sob desconfiança, devido ao seu gênero; por ser mulher, muitas vezes era contestada no espaço da luta contra a colonização espanhola. Essas contradições devem ser ressaltadas, não no sentido de diminuir a importância de ocuparem espaço negado às mulheres, mas sim como forma de deixar explícitas as contradições que as mulheres se deparam internamente. Essas questões ficam claras nessas duas passagens, respectivamente:

Había desafiado lo que es propio para las mujeres, yéndome a combatir con Yarince. Era considera una “texoxe” bruja, que había encantado a Yarince con el olor de mi sexo.<sup>572</sup>

Me dejaban de lado cuando había que pensar en el futuro, o tomar decisiones de vida o muerte. Y todo por aquella hendidura, esa flor palpitante color de níspero que tenía entre las piernas.

No caso de Lavinia, apesar de conhecer o MLN por meio de Felipe, não é ele o responsável por sua militância, o que demonstra uma tentativa de emancipar as mulheres de uma relação paternalista na política. Ela questiona seu medo pela vida de Felipe: se essa era uma maneira de se conformar com a tradição milenar das mulheres que esperam os homens voltarem da guerra; se ele a deixava isolada em seu desejo de ter uma “vida comum”, entendida como uma relação baseada nos padrões tradicionais de sexo-gênero. Contudo, ao se deparar com essas questões, Lavinia prontamente vai se negar a cumprir esse papel. Nesse momento, ao comprar seu carro — passo importante para a sua independência —, escancara as tensões de sua origem de classe e de seus “hábitos burgueses”. Tudo isso intensifica a posição crítica de Lavinia, que a aproxima da luta política. A sua participação no MLN e sua relação com Flor são os fatores responsáveis para que a protagonista repense o que entende por libertação das mulheres.

---

571 Ibidem, p. 262.

572 Ibidem, p. 71; 85.

A sua integração ao *Movimiento* é feita, até certo ponto, de maneira desvinculada de Felipe, o que não isenta a sua trajetória de incoerências. É só no final do livro, após a morte do companheiro, que Lavinia se sente integrada ao MLN, o que nos mostra que as relações pessoais e as organizações de esquerda também reproduzem obstáculos à participação das mulheres na luta política.

Outro exemplo, nesse sentido, é o personagem de Adrián, marido de Sara. Ele é retratado, primeiramente, como alguém progressista, que apóia a luta armada, apesar de não ser militante político; num segundo momento, Lavinia descobre que ele já havia colaborado com o *Movimiento* na universidade; já num terceiro momento, volta a ser colaborador do MLN. Contudo, apesar da filiação política, Adrián se opõe à independência e à emancipação de Lavinia o tempo todo. Para Frenne, Adrián “respeta la valentía de los guerreros, Adrián se erige en defensor del sistema patriarcal y no comprende en absoluto la liberación femenina de Lavinia.”<sup>573</sup>.

Com tantas contradições colocadas, Lavinia tem Flor como referência. A sua história demonstra a resistência das mulheres, já que, após ser abusada por um tio durante anos, vai encontrar, na luta política, a possibilidade de se libertar e de transformar a realidade. Lavinia, ao criticar o modo como as hierarquias de gênero se davam dentro da própria esquerda, escancara as críticas e as incongruências entre relacionamento amoroso e militância política.

Há, aqui, duas transformações importantes no pensamento belliano: a luta das mulheres passa a ser entendida como parte da luta das esquerdas e, por isso, não está livre de contradições, já que são homens e mulheres reais que constroem as diversas organizações; ao mesmo tempo, passa a entender que essa luta pelo fim da desigualdade de gênero é muito mais longa e complexa, e não seria resolvida com a Revolução, sendo uma questão estrutural. Esses tópicos ficam evidentes quando Flor dá exemplo de Che, o símbolo do ideal de revolucionário: “Si hasta el Che Guevara decía, al principio, que las mujeres eran maravillosas cocineras y correos de la guerrilla, que ese era su papel... Esta lucha es larga.”<sup>574</sup>. Essa crítica de Belli deve ser estendida ao sandinismo e à forma como outros processos da esquerda lidaram com a questão.

É importante essa reflexão sobre o machismo dentro das organizações de esquerda, uma vez que o livro é publicado nove anos após o início do governo revolucionário sandinista. Isto posto, essas críticas partem da experiência da autora enquanto parte da luta e do governo

---

573 FRENNE, op. cit., p. 56.

574 BELLI, op. cit. (1996), p. 108.

revolucionário. Nesse momento, Belli aponta algumas das questões que vão fazer com que ela rompa com a FSLN em 1993 — dentre elas, a falta de compromisso da FSLN com a desconstrução do machismo na prática cotidiana do governo e internamente, no partido.

As desigualdades de gênero dentro das organizações políticas também são escancaradas quando Ítza apresenta sua experiência no século XVI. Ela ressalta as dificuldades de se romper com as programações de gênero no cotidiano, já que exercia uma maior jornada de trabalho ao lutar contra os espanhóis e ao continuar sendo responsável pela limpeza e pelo cuidado: “era difícil para los hombres combatir pensando en la mujer con el pecho expuesto a los bastones de fuego.”<sup>575</sup>.

A luta política e a integração no MLN são questões que, paulatinamente, tomam conta da vida de Lavinia. Ela estabelece uma relação de cumplicidade com Flor, que vai além dos sonhos de Revolução — uma cumplicidade de gênero. As lutas e as renúncias específicas vividas pelas mulheres não eram consideradas pela História. Flor, enquanto sua tutora, quer desconstruir verdades universais e o abandono do “eu” para construção a partir da coletividade do “nós”.

Para Ítza, o fato de ela entrar para o MLN começava a criar as raízes fortes de Lavinia com a luta pela emancipação, assumida a partir de um duplo sentido. Para ela, não tinha como transformar a sociedade se esse processo não incluísse as relações de gênero: “¿Cómo creer tan fervientemente en la posibilidad de cambiar la sociedad y negarse a creer en el cambio de los hombres?”<sup>576</sup> Ao assumir a nova identidade de militante, várias contradições pessoais são expostas para Lavinia, demonstrando como a negação de uma identidade construída anteriormente não se dá de maneira automática. Nesse sentido, o momento em que se sente mais dona de si (e menos vinculada a Felipe) é ao se envolver na luta clandestina: “Ya no le era posible evadirse: ya era dueña de su propia dosis de rabia, del ‘derecho de nacionalidad’, de su cuota de violencia, como dijera Sebastián.”<sup>577</sup>.

Um dos empecilhos em ser mulher nos espaços, até então, considerados masculinos — como a militância e o mundo do trabalho — é a exigência em se assumir uma postura que evoque sempre segurança e autoridade, para conquistar o mínimo de respeito e não ser tratada de maneira objetificada: “Si se caía en la gracia y la sonrisa, el tratamiento era sexista y sofisticadamente despectivo. En asuntos profesionales, Flor tenía razón: era necesario

---

<sup>575</sup> Ibidem, p. 132.

<sup>576</sup> Ibidem, p. 254.

<sup>577</sup> Ibidem, p. 126.

aprender con os hombres.”<sup>578</sup>. Ao corroborar com essa afirmação de Flor, Belli quer dizer que é necessário assumir posturas socialmente atribuídas ao gênero masculino, como a seriedade e a impessoalidade, negando o feminino.

É nesse contato com Flor que Lavinia começa a questionar suas rebeliões individuais e pessoais, percebidas como insuficientes frente à realidade que vivia seu país. A protagonista começa a refletir se as reivindicações de gênero são seriam irrelevantes se não levassem em conta a transformação da sociedade. Assim, ela passa a admirar essas mulheres que, como Flor, escrevem “historia com ‘h’ mayúscula” e fundamenta-se nessa reconstrução do ser mulher: “hablar con una mujer, un ser sujeto como ella a programaciones ancestrales y que, sin embargo, vivía en un plano tan insólito de la realidad, inserta en la conspiración como en un hábitat natural, lejos de todos los preconcebidos destinos de la feminidad.”<sup>579</sup>.

A crítica à sua própria militância feminista é fundamental. No primeiro contato direto de Lavinia com militantes do MLN — mesmo já apresentado desconforto com os problemas mais amplos da sociedade —, ela ainda não se mostra disposta a entrar para a luta armada. Carregada de um sentimento de culpa, passa por um processo de crítica à estratégia adotada pelo *Movimiento*, mesmo reconhecendo a sua rebeldía individual:

Una cosa era su rebelión personal contra el *status quo*, demandar independencia, irse de su casa, sustener una profesión, y otra exponerse a esta aventura descabellada, este suicidio colectivo, este idealismo a ultranza. No podía dejar de reconocer que eran valientes, especies de Quijotes tropicales, pero no eran racionales, los seguirían matando y ella no quería morir.<sup>580</sup>

O processo de repensar sua atuação política conta com a participação de Ítza, que, sendo parte de Lavinia, dissemina em sua mente a ideia de que as mulheres não deveriam ter medo, mostrando para ela sua atuação na luta contra a colonização. É sob essa influência e no contato com o *Movimiento* — principalmente com Flor — que Lavinia começa a questionar se a tranquilidade que sentia era suficiente, se sua independência enquanto mulher de classe média — sexualmente livre, financeiramente independente e emocionalmente sozinha, desprendida de relações afetivas — era suficiente diante da realidade que vivia o povo e seu país. Seriam essas “¿rebeliones a medias, formas sin contenido?”.

A autora critica, em *La mujer habitada*, o feminismo liberal que aparece em Lavinia e em *Sob la grama*, no qual se emanciparia as mulheres apenas enquanto indivíduos, e que não

---

578 Ibidem, p. 256.

579 Ibidem, p. 90-91.

580 Ibidem, p. 68.

se preocupava com questões sociais e políticas. Aqui, a autora faz uma autocrítica ao demonstrar, por meio da personagem de Lavinia, a evolução de sua compreensão da luta das mulheres. Assim como Lavinia, ela não podia mais viver alienada à miséria, naturalizando a desigualdade de classe. Vai, então, na contramão de sua “realidad de niña rica, arquitecta de lujo con pretensiones de independencia y cuarto propio Virginia Wolf.”<sup>581</sup>. Com essa citação de Virginia Wolf, Belli estabelece uma crítica direta ao feminismo Ocidental (norte-americano e europeu), que não dá conta da realidade latino-americana, tendo sido seduzida pela imagem romantizada da mulher revolucionária, heroína, companheira, “com serenidade de árvore”<sup>582</sup>.

Assim, a dimensão de classe toma conta da narrativa de Belli: “De nuevo pensó en las injusticias de los nacimientos. La muerte era mucho más democrática.”<sup>583</sup>. Para Lemos, “o choque de Lavinia ao conhecer a real situação de Lucrecia [é que] a faz compreender que paralelamente à emancipação feminina é preciso lutar pelo cumprimento dos direitos humanos.”<sup>584</sup>. Laura Auguet reforça essa ideia ao considerar que a experiência de Lucrecia é apresentada para explicitar os obstáculos de classe que envolviam a realidade e, conseqüentemente, a luta das mulheres.

### **3.4 Sofía de los presagios: a crítica a sociedade revolucionária**

O segundo romance de Gioconda Belli, *Sofía de los presagios*, foi publicado em 1990, ano em que a FSLN perde as eleições presidenciais, marcando o fim do governo revolucionário. Como discutimos no segundo capítulo, parte da derrota da Frente é atribuída à perda de apoio das mulheres, já que, durante o governo sandinistas, as conquistas relativas às pautas das mulheres não alcançaram os resultados esperados. Belli começa a se afastar do governo em 1988 para escrever seu primeiro romance; em 1989 é retirada da comissão eleitoral de Daniel Ortega, devido aos seus posicionamentos críticos. Nesse sentido, é importante ressaltarmos que essa obra foi escrita nesse contexto e, por isso, é permeado por uma postura crítica, principalmente em relação à permanência de uma mentalidade que naturalizava a submissão das mulheres aos homens, ou seja, que não transformou estruturalmente a sociedade, a cultura e os costumes.

---

581 Ibidem, p. 115.

582 Forma como Lavinia se refere à Flor, em *La mujer habitada*.

583 Ibidem, p. 154.

584 LEMOS, op. cit. (2008), p. 189.

Ao contrário de sua poesia e de *La mujer habitada*, esse livro não abarca o processo de luta revolucionária, centrando-se numa conjuntura posterior à vitória sandinista. Também não usa nomes fictícios: dessa vez, o país onde se desenvolve a história chama-se Nicarágua. Isso não quer dizer que Belli não faz menção direta à Revolução; pelo contrário, vai trazer à tona as dificuldades do governo revolucionário. Já vimos, também, como a autora se posiciona de maneira crítica ao ressaltar a perda da capacidade de mobilização popular do governo revolucionário, fruto da desilusão com o governo sandinista. É o que afirma Tuveesson:

Lo que distingue esta novela de otras novelas de Belli es que casi no tiene connotación política (acerca de la revolución) porque nada refiere a la resistencia sandinista contra la dictadura. Belli no dice palabra al respecto del temor ni de la opresión política como lo hizo en *La mujer habitada*. No obstante, hay una minuciosidad con la que Belli describe la sociedad de Nicaragua durante la revolución que es muy destacable. Sofía es gitana, huérfana y mujer, tres hechos muy importantes en su vida pues la convierten en una marginada en su propio país donde constantemente tiene que luchar contra las desigualdades. La novela esconde un intento de Belli en crear un espacio para una revelación ideológica del papel asignado socialmente a sujetos marginales como los indígenas y las mujeres.<sup>585</sup>

No que diz respeito às mulheres, a autora não aborda diretamente o tema da participação política das mulheres, mas sim as contradições entre as transformações e as permanências que a Revolução trouxe para o cotidiano e para as concepções de gênero. Na Nicarágua pós-revolucionária, as mulheres são mais livres e têm mais direitos, mas, ao mesmo tempo, esse discurso esbarra na manutenção de uma concepção tradicional de mulher, ainda arraigada no imaginário popular, o que causa tensão nas relações sociais com as mulheres jovens que emergem no contexto do Estado revolucionário. Nesse sentido, para Tuveesson, “es una novela donde, através de Sofía, Belli muestra su descontento con la sociedad patriarcal nicaragüense”<sup>586</sup>. A crítica parte de sua concepção de feminismo relacionada à Revolução: esta deveria abarcar uma transformação estrutural na vida das mulheres, e não o fez.

O romance conta a história de Sofía, uma mulher filha de pai cigano com mãe não-cigana, que se perde de seus pais aos sete anos, no vilarejo de Diriá, região do vulcão Mombacho. Lá, ela é criada por um homem e uma mulher que não eram casados, mas que, socialmente, desempenham os papéis tradicionais de pai e mãe. Ainda jovem se casa e, com a

---

585 TUVESSON, Cecilia. *Novelas nicaragüenses de contenido político: Un estudio de obras literarias de Gioconda Belli y Sergio Ramírez*. Tese. Centro de linguagem e literatura, Universidade Lund, Suíça, 2012, p. 19.

586 Ibidem, p. 17.

morte do pai, acaba herdando sua fazenda. Em seguida ela se separa, vai viver na casa da fazenda junto com seu primo gay e, em determinado momento, tem uma filha. Partindo desse breve resumo, vamos analisar a história com base em suas (várias) nuances referentes às questões de gênero.

Como em sua obra anterior, Belli produz uma literatura com protagonismo feminino e feminista e questiona a cultura machista e patriarcal, com essas questões sendo representadas mediante a personagem principal, Sofía. A autora também constrói outras mulheres fortes e marcantes, antagônicas ou não. Nessa obra, Belli aponta um novo elemento para sua literatura, com o personagem de Fausto, que traz o tema da homossexualidade para sua literatura, relacionado aos papéis de gênero<sup>587</sup>.

As personagens representam diferentes concepções e adotam discursos distintos: o estereótipo de maternidade representado por Eulália; a trabalhadora doméstica Petrona; a melhor amiga Gertrudes, que representa o papel tradicional da mulher (o que deveria ter sido o mesmo caminho de Sofía — assim como ocorre com Sara e Lavinia); Xintal e Dona Carmen, as bruxas e feiticeiras que trazem à tona a herança indígena e o conhecimento secular das mulheres e Patrocínio, representando a visão hegemônica acerca do papel que deveriam assumir as mulheres e o medo relativo ao conhecimento, quando essa característica é propriedade feminina. Para Gutiérrez, se dá a construção de dois tipos de mulheres colocados em oposição:

El patriarcado ha escindido en dos la imagen de la mujer y al hacerlo también fractura su relación con la naturaleza y con la sexualidad; de esta manera, frente a la mujer angélica, virtuosa, cuya única relación con la sexualidad y la naturaleza es la de ser madre, aparece la mujer demoníaca, la bruja fabricante de historias que traspasa el reducto de lo doméstico para convertirse en una mujer poseedora de la palabra y de los secretos de la vida y la reproducción. Se instaura así la dicotomía mujer natural-erótica/mujer bíblico-cristiana virtuosa.<sup>588</sup>

---

587 Consideramos fundamental um estudo mais aprofundado sobre como é representado o homossexual, não apenas nessa obra, mas na literatura latino-americana que trata dos temas das revoluções de esquerda. Além disso, percebemos que Belli faz denúncias à forma como os gays eram tratados na Nicarágua sandinista: “Ser homosexual en una sociedad como la nicaraguense es un martirio. Ser homosexual en Nicaragua es ser unínculo, hijo del diablo, hombre de tres patas, payaso, encarnación de la antinaturaleza. Ah desgracia de haber nacido con aquella cosa entre las piernas y no como Sofía, con la elegante hondidura, las curvas, nada tosco en su construcción de instrumento musical.” (BELLI, 2011, p. 49) Contudo, não temos tempo hábil para debater o tema com qualidade, a partir de uma análise minuciosa e da bibliografia sobre o tema, por isso, optamos por não fazê-lo neste momento.

588 GUTIÉRREZ, Marisol. *Sofía de los presagios*, espacio de encuentro de los dos estructuras psicosociales: matriarcado y patriarcado. In: *Revista Filología y lingüística*, v. 30, n. 1, 2004, p. 29.

Nessa obra, Belli também reforça sua visão cíclica da vida, colocando a herança indígena de maneira latente, por meio de concepções “mágicas”. Para Urzúa-Montoya, a magia é um “aspecto distintivo que engloba toda la historia”<sup>589</sup>. Muitos dos acontecimentos fundamentais da narrativa envolvem rituais indígenas, elementos da natureza, a força da terra e rituais ligados à medicina não-ocidental. Assim, fazer chás medicinais, por exemplo, é visto como um momento feminino, das bruxas, ou deusas, invocando a ancestralidade: “las tres semejan las brujas antiguas, brujas sin espanto, ni escuelas, brujas blancas, diosas ocupadas en la fragua del sueño de los hombres. Oficio antiguo, de mujer.”<sup>590</sup>. Assim, a relação da mulher-natureza está no centro da narrativa, sendo as mulheres, assim como a terra, capazes de gerar vida, reforçando a ideia de um feminismo essencialista, que vê os sexos a partir do binarismo animal da relação fêmea-macho.

Ao mesmo tempo em que retoma o poder feminino a partir do conhecimento e da ligação com a natureza, Belli reforça sua postura crítica em relação à ideia de mulher presente na teologia cristã, advinda do papel que Eva e a Virgem Maria desempenham. Essa postura da autora advém, também, do fato do cristianismo ser um regulador da moralidade ocidental, hegemônica na Nicarágua colonizada. Assim, em oposição à imagem de Eva, recupera a personagem bíblica de Lilith<sup>591</sup>, seu oposto. Em vez de reinterpretar o papel de Eva, quando esta aparece, surge da forma tradicional, entendida com Lilith ocupando o lugar ancestral dos ciganos. Ao final, percebemos como Sofía era as duas: Eva e Lilith.

Já no primeiro capítulo, o que explica a origem dos ciganos é a seguinte afirmação: “mucho antes del paraíso terrenal donde una gitana anterior a Eva encantó a Adán y parió una danza de hombres sin pecado original”<sup>592</sup>. Ou seja, os ciganos eram descendentes de Lilith: “su raza venía de una mujer que existió antes de Eva y que hizo el amor con Adán sin quedar marcada por el pecado original. Ella no entendía el pecado como parecían entender Gertrudes, Petrona y hasta Eulalia.”<sup>593</sup>. A cigana aparece, então, como uma mulher sem pecados, que não

---

589 URZÚA-MONTOYA, Miriam Rocío. *La retórica del placer: cuerpo, magia y deseo en cinco novelas de Gioconda Belli*. Tese (Doutorado). Programa de pós-graduação em Filosofia, Departamento de español e portugués, Universidade do Arizona, 2012, p. 100.

590 Ibidem, p. 66.

591 “La tradición cuenta que Lilith fue creada de la tierra conjuntamente con Adán, a quien abandonó poco tiempo después porque quería completa igualdad con su marido y no tener hijos. Esto le valió a Lilith quedar viviendo como un demonio que odiaba a los recién nacidos y les hacía daño. Su nombre significa “monstruo de la noche” y su origen se remonta al demonio asirio-babilónico Lilit o Lilú (Sau 1981: 144).” (GUTIÉRREZ, 2004, p. 29).

592 BELLI, Gioconda. *Sofía de los presagios*. Manágua: Anamá, 2011, p. 09.

593 BELLI, op. cit. (2011), p. 72.

carrega a culpa do mundo e não se submeteu ao homem — sem ver o prazer sexual como culpa, não carrega a culpa de ter condenado toda a humanidade. Segundo Gutiérrez<sup>594</sup>, “el hecho de que no existiera ‘pecado original’ en la procreación de esta raza advierte una relación distinta con la sexualidad, la cual aún no se ha convertido en algo diabólico ni sucio y mucho menos ligado a la mujer de forma negativa.” A partir desta perspectiva que Belli cria a personagem de Sofía.

A protagonista é malvista socialmente por ter sangue cigano e, além disso, é marginalizada por ser bruxa. No vilarejo de Diríá, a narrativa é construída a partir do antagonismo: a religiosidade expressa nas mulheres que rezam *versus* a magia e as mulheres bruxas. Vale ressaltar que bruxas eram aquelas que não correspondiam ao estereótipo de feminino, que não seguiam o cristianismo e que detinham algum tipo de conhecimento. Nesse cenário, as ciganas, assim como as bruxas, eram vistas como iguais entre si e diferentes das outras — consideradas sujas; de outro mundo; uma figura satânica, chegando a associar Sofía ao diabo. Segundo Samuel, outro curandeiro da cidade, “Hay gente en el pueblo que no vacilaría en volver al tiempo de las hogueras y el potro de los españoles. La quemarían sin remordimiento, persignándose y entonándole cantos a la Virgen.”<sup>595</sup>.

O conceito de bruxaria nas Américas, segundo Silvia Federici, estaria relacionado à transição para o capitalismo, já que controlar o conhecimento, o corpo e a sexualidade das mulheres era uma forma de explorá-las e de estruturar a divisão sexual do trabalho. Desde as mulheres européias, “foi a caça às bruxas que exerceu o papel principal na construção de sua nova função social e na degradação de sua identidade social”<sup>596</sup>. Nesse sentido,

[...] a caça às bruxas destruiu todo um universo de práticas femininas, de relações coletivas e de sistemas de conhecimento que haviam sido a base do poder das mulheres na Europa pré-capitalista, assim como na condição necessária na sua resistência na luta contra o feudalismo. A partir dessa derrota, surgiu um novo modelo de feminilidade ideal – passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas.<sup>597</sup>

Assim, nas Américas, segundo Federici, a “caça às bruxas e as acusações de adoração ao demônio foram levadas [...] para romper com a resistência das populações locais,

---

594 GUTIÉRREZ, op. cit., p. 29.

595 BELLI, op. cit. (2011), p. 62.

596 FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulher, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017, p. 203.

597 Ibidem, p. 205.

justificando assim a colonização e o tráfico de escravos ante os olhos do mundo”<sup>598</sup>. Essa é uma forma de exercer poder e controle sobre os povos nativos, e sobre os corpos e a vida das mulheres, subordinadas não apenas ao homem, mas à concepção de mulher e homem construído a partir da sociedade ocidental, branca e cristã.

A bruxaria tem relação, então, com a permanência da cosmologia indígena, vista como resistência à colonização: “A caça às bruxas não destruiu a resistência dos colonizados. Devido à luta das mulheres, o vínculo dos índios americanos com a terra, as religiões locais e a natureza sobreviveram à perseguição, proporcionando uma fonte de resistência anticolonial e anticapitalista”<sup>599</sup>. O crime de bruxaria, já antes conhecido na Europa medieval, é reinterpretado para a realidade das colônias e das populações indígenas, de modo que os conhecimentos tradicionais eram vistos como bruxaria. De início, essa definição era aplicada a todos, mas teve maior incidência nas mulheres. Federici explica isso devido ao fato de as mulheres:

[...] defenderam de forma mais ferrenha o antigo modo de existência e que de forma mais veemente se opuseram à nova estrutura de poder, provavelmente devido ao fato de serem também as mais afetadas. Como mostra a existência de divindades femininas de importância nas religiões précolombianas, as mulheres tinham uma posição de poder nessas sociedades.<sup>600</sup>

Dessa forma, posteriormente à colonização, as mulheres vistas como bruxas eram aquelas que mantinham vínculo com religiões, cosmologias, cultura e conhecimento indígenas, assim como aquelas que não se submetiam à hegemonia masculina que se instaura com a chegada dos espanhóis; ou seja, eram aquelas que resistiam à colonização forçada, chegando a, inclusive, como vimos em *La mujer habitada*, matar seus filhos ou se recusarem a engravidar. Já que as culturas dos povos americanos não se baseavam nessa lógica da desigualdade de gênero, as mulheres também detinham poder: “tudo mudou com a chegada dos espanhóis, pois estes trouxeram sua bagagem de crenças misóginas e reestruturaram a economia e o poder político em favor dos homens.”<sup>601</sup>.

Assim, percebemos como e por que Belli constrói as personagens bruxas em sua narrativa, além de Sofía, que, em alguns momentos, também é identificada como demônio. No livro, fica claro como a condenação das bruxas tem a ver com a condenação do

---

598 Ibidem, p. 357.

599 Ibidem, p. 399.

600 Ibidem, p. 416.

601 Ibidem, p. 417,

conhecimento ancestral e com a liberdade/independência das mulheres, para que, com isso, as tornassem submissas. Assim, Dona Carmen é curandeira e lia o futuro no tarot, lembrando como era socialmente marginalizada quando jovem, sendo a velhice o que lhe trouxe respeito. Xintal é considerada bruxa, de modo que grande parte de seu trabalho vem do conhecimento da medicina natural focada nas mulheres, em busca de aliviar as dores da menstruação; com amuletos para a esterilidade, para que elas pudessem ter controle sobre seus corpos, além de terem as formas da mulher, ressaltando seus atributos físicos. Ela tem “un altar a una diosa de largas piernas, desnuda y con un carcaj de flechas al hombro”<sup>602</sup>, ou seja, cultua o feminino, celebra a fertilidade, o corpo e a sexualidade das mulheres, o que não é visto com bons olhos pela sociedade tradicionalmente cristã do Diriá. Belli também vai recuperar a cosmologia indígena que, ao invés do Deus homem do cristianismo, tem deuses e deusas, celebrando o poder de sedução e o prazer sexual feminino, se opondo à tradição cristã:

La diosa anida en los vientres de las mujeres y en el falo de los hombres, porque allá es donde comienza la vida desde donde todo lo demás se genera. Sólo la oscuridad de las almas extrañadas de la naturaleza ha podido inventar un dios macho con una madre virgen, para quien el placer que produce la vida es pecado.<sup>603</sup>

Assim, a vida de Sofia é marcada por sua sensualidade e sexualidade “aflorada”, devido à origem condenada das mulheres ciganas. É por medo dessas características que seu pai tem pressa em casá-la, partindo da concepção de que os homens têm o poder de domar as mulheres. Desde o início, sua adoção tem como objetivo afastá-la da visão promíscua e pecadora das mulheres sexualmente livres. Nessa mesma lógica patriarcal, um dos motivos de Ramón querer adotar Sofia é para que ela esquecesse sua origem cigana, tornando-se uma “dama da alta sociedade”. Já Eulalia desempenha o papel de mãe, devido à necessidade de uma figura feminina na vida da órfã, para que ela aprendesse os ofícios femininos do cuidado, da cozinha, da costura e da submissão.

Ambas as perspectivas são carregadas da intenção de que a pequena órfã crescesse dentro da ordem ocidental estabelecida para os gêneros. Assim, as contradições são colocadas: ao mesmo tempo em que cresce cozinhando e costurando, também ajuda Ramón nos cuidados da fazenda e nas excursões ao vulcão, o que a coloca, desde pequena, desempenhando funções pouco comuns às mulheres. Ao mesmo tempo que o pai lhe ensina as funções consideradas masculinas, ele quer casá-la.

---

602 BELLI, op. cit. (2011), p. 103.

603 Ibidem, p. 104-105.

Ao aceitar o tradicional ritual do casamento, Sofía via uma possibilidade de independência. Para a jovem, o casamento, a princípio, tem o sentido de se libertar, como afirma Urzúa-Montoya, para quem “Sofía no se opone a casarse pues piensa que ‘ya no será necesaria la inocencia ni la sumisión’ y podrá hacer lo que ella quiere”<sup>604</sup>. Esse pensamento adotado pela protagonista é o mesmo apresentado por Belli em suas memórias, quando trata de seu próprio casamento, como uma decisão tomada em busca de independência e de viver sua vida — ilusões estas desconstruídas pela autora. Em contraposição, René, o futuro marido de Sofía, desde o início compartilha de uma visão tradicional do casamento como posse e controle sobre a vida das mulheres. Essa questão fica clara na passagem a seguir, quando o casamento era apenas uma ideia:

El mismo la va acompañar a la iglesia los domingos y la va mantener cargada como escopeta de hacienda, preñada, hasta que se le acabe la cinturita y se le pongan dulces y maternales esos ojos oscuros que brillan demasiado, que son un peligro para ella que vi cuenta si da cómo queda viendo a los idiotas que de se devierten cuando ella los mira.<sup>605</sup>

Já no dia do casamento, fica claro como Sofía não o vê como um rito de submissão, e não aceita se submeter — primeiro, ao fugir; segundo, ao voltar e entrar na Igreja com as marcas de pó que deixavam explícita sua resistência. Concordamos com Urzúa-Montoya, que reforça a ideia de que a protagonista “no rechaza el matrimonio o el tener hijos, pero sin embargo, no lo hace siguiendo las reglas estipuladas para las mujeres y de este modo, transgrede el rol tradicionalmente asignado a la mujer.”<sup>606</sup>.

A partir daí, o casamento passa a ser uma prisão para Sofía, inclusive de forma literal quando René constrói um muro ao redor da casa. Para ele: “La domará. Ya verá ella cómo se la acaban rápido esos bríos de yegua selvaje.”<sup>607</sup>. Essa atitude representa a maneira como os ímpetos de independência e de liberdade de uma mulher não são aceitos — não só pelos homens, mas por toda a sociedade. Belli mostra como o machismo é uma questão estrutural, hegemônica e cultural, deixando clara a crítica ao fato de a sociedade revolucionária não ter transformado os costumes e a vida das mulheres.

A sociedade de Diriá, desde quando Sofía é identificada como cigana, a culpa por sua beleza, sua sensualidade, e por tudo aquilo que consideravam como características usadas

---

604 URZÚA-MONTOYA, op. cit., p. 83.

605 BELLI, op. cit. (2011), p. 21.

606 URZÚA-MONTOYA, op. cit., p. 82.

607 BELLI, op. cit. (2011), p.27.

para condenar as mulheres, fazendo com que considerassem todas as ciganas como putas. No caso da sua relação como René não é diferente: é retratada de maneira desigual pelas mentalidades tradicionais de Diriá, encarnadas na personagem Patrocínio, que, o tempo todo, joga as atitudes de Sofía como bruxaria ou demoníacas, a fim de rebaixá-la. Tratamos de explicar esse comportamento a partir do que afirma Federici: “A substituição da perseguição [da Idade Média para a Moderna] se deu com uma perspectiva paternalista que considerava a idolatria e as práticas mágicas como debilidades de pessoas ignorantes, que não valiam a pena serem consideradas por ‘gente de razão’ (Behar, 1987).”<sup>608</sup>.

Nesse cenário, Eulália busca ensinar uma visão tradicional de relacionamentos para Sofía, baseada numa ideia que naturaliza as diferenças de gênero — que têm como base a submissão da mulher que, segundo ela, não deveria contrariar os homens, considerando-os dominantes quando jovens, mas como filhos quando velhos, “esa es su naturaleza y ni con candelas a la Virgen se la cambiás.”<sup>609</sup>. Mesmo assim, a personagem de Sofía não vai se submeter e criará estratégias de resistência. Assim, Belli deixa claro, mais uma vez, que não naturaliza as relações de opressão.

A ambiguidade da relação sexual está no fato de Sofía já conhecer o pênis e os jogos sexuais, devido à relação com os homens da fazenda. No entanto, casou ainda virgem e acreditando que “el cuerpo de la mujer es un pasaje cerrado que se abre a la fuerza y con sangre.”<sup>610</sup>. Com a violência sexual que sofre de seu marido ao perder a virgindade, a protagonista passa a ter medo, mas decide não demonstrar debilidade perto dele. Para Eulalia, a violência de René era um comportamento temporário: “La verdad es que el matrimonio no es ninguna ganga, pero, si no te pega, puedes aprender a sobrellevarlo.”<sup>611</sup>. A partir daí, Sofía resolve se submeter à relação submissa e tradicional, ao menos de fachada, enquanto seus pais estavam vivos. Para eles, havia uma naturalização da violência na relação matrimonial, caracterizada como “problema de homem e mulher”. Belli chama a atenção para essa questão num momento em que essa perspectiva já havia mudado na concepção do mundo ocidental, com a segunda onda do feminismo e com a compreensão de que o pessoal é político.

Sofía faz sexo “por obrigação”, negando-se a sentir prazer com René e seu desejo de mostrar superioridade e de dominá-la: “esa noche encima de ella, como animal selvaje, la

---

608 FEDERICI, op. cit., p. 427.

609 BELLI, op. cit. (2011), p. 24.

610 Ibidem, p. 25.

611 Ibidem, p. 31.

hace gritar y le jura que tendrá que pagarle muy caro lo mal nacida que es.”<sup>612</sup>. É a primeira vez, na trajetória literária de Belli, que o sexo não aparece com o tom do erotismo, do prazer sexual e da liberdade feminina. Pelo contrário: aparece como forma de expressão da violência de gênero, como forma de se exercer o poder masculino sobre as mulheres. A maneira que a protagonista encontra de não se submeter é negar-se à satisfação.

Como resistência, Belli traz à tona uma das novidades da segunda metade do século XX, que chega à Nicarágua por meio da Revolução: a pílula anticoncepcional. Aqui, Belli insere o país no contexto do movimento feminista internacional, assim como ocorreu ao trazer a mini-saia — as mulheres de mini-saia e unhas coloridas estavam em Manágua, que, por ser a capital, era onde a modernidade chegava primeiro, em contraposição ao tradicionalismo do interior. Ao tomar o anticoncepcional, Sofía assume a autonomia sobre o próprio corpo e decide não engravidar: ela não daria um filho ao homem que a oprimia.

A personagem cria, ainda, outras estratégias de resistência: tem uma relação romântica por telefone paralela, com um homem desconhecido (Esteban), com quem, posteriormente, tem ligações eróticas; tem sonhos eróticos e se masturba imaginando Fernando, o capataz de seu marido que era responsável por sua vigia, assumindo seu próprio prazer. Ou seja, para Belli, grande parte do poder feminino fica, mais uma vez, nas mãos de ter o controle do seu próprio prazer sexual; de se libertar das amarras sociais que condenam e culpam a sexualidade das mulheres.

Para René, somente o fato de ela não se submeter à sua posição de marido já é uma afronta, uma vez que, para ele, a relação com a mulher era baseada no poder. Ele encarna todo o símbolo de sua virilidade na fama de ter um grande pênis, e o fato de não conseguir engravidar Sofía gera questionamentos à sua masculinidade. Ao sentir-se contestado, compensava a humilhação por meio da violência e da dominação. Para ela, no entanto, “la tentación de fugarse e irse a rodar el mundo en vez de pretender la ‘passividad de esposa decente’ que se espera de ella, la acosa.”<sup>613</sup>.

Sofía começa a planejar sua fuga como maneira de, enfim, alcançar a sua liberdade. De início, ela tinha como objetivo encontrar Esteban, mas logo percebe que isso não lhe traria a liberdade e a independência que almejava, mas sim passaria da submissão ao seu pai para a submissão a René, e acabaria nas mãos de outro homem. Ela deseja ter pleno controle de sua vida e, ao assumir esse controle de suas decisões, sente-se mais próxima de sua ancestralidade

---

612 Ibidem, p. 28.

613 Ibidem, p. 43.

cigana. Com essa atitude de fuga, rumo ao caminho da liberdade, os boatos de que estaria possuída pelo demônio retomam na cidade. O que deixa explícito, mais uma vez, o modo como a população encara a independência feminina.

Ao fugir, Patrocínio logo culpa Sofía, e não questiona René e sua violência. Ele vincula a atitude da mulher com seu sangue cigano, a fim de condená-la. Para Engracia, essa postura demonstra a dificuldade em aceitarem a nova condição das mulheres, na realidade da sociedade revolucionária: “ahora las mujeres ya no somos como éramos nosotras, tan dundas y sumisas. Ahora van a trabajar, se ganan la vida solas, escogen y dejan a los maridos...”<sup>614</sup>. Apesar das conquistas das mulheres, Belli deixa claro a resistência da sociedade a essas transformações, por exemplo, ao taxarem as mulheres como putas e amantes ao pedirem o divórcio, de modo que elas eram socialmente condenadas por escolheres seus destinos.

A transformação na vida das mulheres, como o direito ao divórcio, é apresentado como outro ganho do governo revolucionário, mesmo que, na cultura popular, ainda houvesse resistência<sup>615</sup>. Na nova lei, o matrimônio era visto como um contrato voluntário e, por isso, a mulher não estaria subordinada ao homem, conquistando o direito de romper o casamento e igualando homens e mulheres (ao menos perante a lei). Segundo René, “desde la mentada Revolución todas las mujeres se creían moneditas de oro, independientes. !La putería era lo que se había fomentado con esas leyes!”<sup>616</sup>. Para Belli, deve-se compreender que a postura de Sofía é vista como teimosia e desejo de desafiar a todos, mas, na verdade, a incompreensão e a naturalização do controle sobre os corpos das mulheres e das injustiças por questões de gênero eram anteriores aos seus desejos de liberdade e independência. Sua postura feria o orgulho de René, e esse é o problema que causa comoção social.

Ao fugir de casa e pedir o divórcio, Sofía não para de transgredir o padrão de comportamento feminino, assumindo a fazenda de seu pai e alcançando a independência financeira, ponto fundamental para o feminismo socialista. Ao assumir esse trabalho, também transforma a vida de outras mulheres, já que, anteriormente à sua chegada, apenas o trabalho masculino era remunerado. Com isso, Belli nos aponta a importância das transformações estruturais e da independência financeira para as mulheres, e como é fundamental que elas

---

614 Ibidem, p. 107.

615 Referência à Lei do Divórcio Unilateral — Antes dela, “la ley era mas dura con las mujeres que con los hombres, por eso estas se encargaron de lograr la aprobación de la actual, en la que se establecía que el matrimonio era un contrato voluntario”. (BELLI, 2011, p. 119).

616 Ibidem, p. 108.

ocupem funções de poder para transformarem a realidade de outras e, quem sabe, emancipá-las.

É no processo de independência e de poder que Belli constrói outro ponto fundamental para ela, que já destacamos como central em toda sua literatura: o poder sexual e a celebração do gozo feminino. Não é diferente com a protagonista de *Sofía de los presagios*. Frenne corrobora com essa nossa percepção; segundo ela,

En su segunda novela, *Sofía de los presagios*, el feminismo y la sexualidad constituyen temas importantes, puesto que la protagonista padece un matrimonio infeliz, pero da muestras de una resistencia secreta, rechazando tener hijos y leyendo libros eróticos. Además, al final de la novela, se ha convertido en una mujer que ha obtenido la libertad y la felicidad (Pérez Marín 1997: 132).<sup>617</sup>

Belli mantém a percepção do ser mulher a partir do sexo, da sexualidade e da relação animal fêmea-macho na natureza, uma visão essencialista que considera o gênero em relação ao sexo e ao binarismo: “Ni se acuerda que es mujer. Si no fuera por las miradas de lujuria de los finqueros ricos, que así pretendían recordarle que no era más que una hembra, cuyo mayor capital era su cuerpo y no su fortuna, se olvidaría del todo del peso de su sexo.”<sup>618</sup>. Essas questões biológicas ligadas ao sexo são usadas novamente por ela, para celebrar o feminino, como forma de equipará-lo ao masculino, baseando-se na ideia de pertencimento à natureza, como animais, a partir do direito ao prazer — ao contrário da visão construída no ocidente cristão, que, como vimos, usa atributos ligados ao sexo para sustentar a submissão das mulheres. Nesse sentido, para Urzúa-Montoya,

El uso del erotismo como vía que permite la comunión de las protagonistas con la naturaleza es utilizado por Belli para mostrar cómo, a través de esta conexión, las mujeres vuelven a reconectarse con el origen del universo porque aquí todavía no existía el pecado original. De esta manera, éstas pueden recuperar el poder del que fueron despojadas. [...] para detallar tanto el placer como el éxtasis sexual de la protagonista y así mostrar cómo el personaje principal logra conectarse con el mundo natural para volver a ser parte del universo, y a la vez, revelar el vínculo que tiene con el medio ambiente que la rodea.<sup>619</sup>

Dessa forma, é a partir do momento em que a mulher descobre sua potência sexual e dos prazeres do seu corpo que ela se sente com mais poder. Fazer sexo com Jerónimo significa ter posse sobre seu corpo, “sin ostentar título sobre su alma.”<sup>620</sup>, ou seja, ter

---

617 FRENNE, op. cit., p. 62.

618 BELLI, op. cit. (2011), p. 121-122.

619 URZÚA-MONTOYA, op. cit., p. 89; 93.

620 Ibidem, p. 137.

liberdade para sentir prazer e para fazer sexo fora do casamento. Chega um momento em que Jerónimo passa a condená-la, ao entender seu prazer e desejo sexual como uma patologia, devido à dificuldade da sociedade em aceitar e considerar natural que as mulheres, assim como os homens, desejam fazer sexo.

A grande culpa que Sofía carrega é essa: a de ser uma mulher livre e independente. Por isso, não era socialmente aceita. Ao mesmo tempo, outras mulheres, ao desejarem ter coragem e se sentir livres também, acabavam por julgá-la de maneira negativa. Elas viam sua liberdade sexual, principalmente, como pecado — a maldição de Eva. Para o padre, Eva tinha a cara de Sofía:

[...] el cuerpo era responsable de todos los pecados y hasta la más beata de las mujeres, dadas las inclinaciones de la naturaleza femenina, era proclive a los peores pecados de la carne. Ninguna mujer que él conociera era ajena a las tentaciones del sexto mandamiento. Parecía ser una maldición propia del sexo desde la primera Eva, para controlar los desafueros de esta fuerza destructora, había que conocerla.<sup>621</sup>

Dentre essas mulheres, sua amiga Gertrudes ocupa o papel de mostrar o que Sofía deveria ter sido e o que a protagonista nega em sua prática cotidiana — da mesma forma como Belli constrói a oposição entre Sara e Lavinia em *La mujer habitada*. Para Gertrudes, que passa a se relacionar com René, é necessário o casamento para fazer sexo, sendo isso o que lhe garante o casamento e o status social de mulher “de família”, ou seja, dentro dos padrões. Constrangida por ter assumido uma relação com o ex-marido de Sofía, a amiga só se sente capaz de sustentar sua posição frente aos julgamentos da sociedade porque não havia feito sexo, exaltando a ideia de virgindade: “ella es una mujer decente, que se ha conservado limpia y que tiene un amor puro.”<sup>622</sup>. O seu ideal de vida, a partir de sua concepção de universo feminino, é dar a René sua virilidade de volta, tendo filhos e mostrando que ele era homem, que seu sexo estava em pleno funcionamento, de modo a desempenhar perfeitamente seu ideal estereotipado de esposa.

No drama moral de Gertrudes sobre o caminho da virtude e o casamento cristão, ela vê, numa Revista *Hola*, referência ao divórcio como algo natural — assim, Belli expõe como, aos poucos, alguns avanços eram colocados para transformar a vida das mulheres; contudo, não o suficiente para transformar as mentalidade e as práticas sociais. A autora mostra também que, no contexto em que se passa a história, a sociedade sofre com forte poder da mídia, que

---

621 BELLI, op. cit. (2011), p. 171-172.

622 Ibidem, p. 134.

veicula matérias desconstruindo padrões tradicionais, como o casamento. O que expõe as contradições desse período, no exemplo dessa passagem, é a opinião do padre sobre o tema, que condena o desejo de Gertrudes ao homem casado.

Quando Sofia engravida, a maternidade aparece subvertendo essa ordem tradicional, surgindo como sinônimo da independência e da autonomia feminina; das mulheres que, nessa nova sociedade, têm o controle de natalidade e podem escolher pelo seu corpo e sua vida, além de optarem pela maternidade sola. Por isso, essa postura logo é vista de maneira ameaçadora pela sociedade e, portanto, é demonizada — o filho de Sofía só poderia ser fruto de sua relação com o diabo, aos olhos da população, estando ela grávida do próprio anticristo que traria desgraça para Diriá. Nesse sentido, para Urzúa-Montoya,

Ella es una mujer que toma las riendas de su vida en sus manos; y por eso, cuando finalmente decide embarazarse, lo hace sin estar casada y sin importarle lo que digan los demás. Por último, otra de las transgresiones que Sofía realiza es la de no conformarse con ser una mujer que se dedique simplemente a su hogar.<sup>623</sup>

Quando Sofía não deseja engravidar, ela não o faz — ao contrário da visão romantizada da gravidez que vimos em seus poemas, aqui, Belli vai desconstruir essa perspectiva, de modo que a personagem “se siente como una cosa amorfa, el envoltorio de un ser extraño que ya no sabe por qué habita en su interior, un ser que le está absorbiendo toda energía.”<sup>624</sup>. Em oposição a isso, a gravidez é vista por Gertrudes como salvação, que poderia resolver os problemas do casamento, partindo do entendimento da maternidade como uma completude que daria sentido à vida da mulher que, ocupada, não teria tempo para discutir e se opor ao marido. Ou seja, a maternidade restringiria ainda mais a realidade da mulher na vida doméstica. Com essa postura, Gertrudes é considerada como a mulher ideal por René — submissa, que sabe seu lugar na sociedade: “esa mujercita si tenía manera de esposa, de hembra paridera y buena mamá.”<sup>625</sup>.

Para Belli é na opressão e na violência de gênero comum que as mulheres podem ser entendidas como iguais. O destino de Sofía seria o destino comum das mulheres abandonadas grávidas por homens: “había caído en una desgracia común y conocida, que la ponía en plan de igualdad con el resto de las mortales.”<sup>626</sup>. Essa questão deixa claro a denúncia de Belli ao fato de a sociedade responsabilizar as mulheres pelos filhos mas, ao mesmo tempo, condená-

---

623 URZÚA-MONTOYA, op. cit., p. 85.

624 Ibidem, p. 204.

625 BELLI, op. cit. (2011), p. 85.

626 Ibidem, p. 227.

las quando pretendem tê-los independentemente da presença paterna. Ou seja, era melhor ser abandonada grávida pelo pai da criança a ter autonomia suficiente para optar pela maternidade. Por isso, quando Gertrudes tem um filho de René, para Patrocínio, “Cada cual había terminado como rocess: René felizmente casado con una mujer que sé valía la pena y la Sofía con una hija sin padre.”<sup>627</sup>.

Ainda, a crença no amor maternal permeia toda narrativa: Sofía culpa sua mãe o tempo todo pelo abandono e pelo seu sangue misto de cigana. Ela só se livra do sentimento de abandono quando se torna mãe e passa por um ritual que a conecta com o “Madre Antigua” — ou seja, a terra —, trazendo o elemento das religiões indígenas que valorizavam o feminino<sup>628</sup>. Nessa obra, Belli remete à mesma tradição de enterrar o umbigo, presente em *La mujer habitada*, em que o umbigo é enterrado no lugar onde ao qual você pertence: “Madre Antigua, por que somos tu criaturas [...] Bendice nuestras piernas, rocesso nuestros sexos creadores de la vida [...] y la que no tiene madre encuentre su ombligo.”<sup>629</sup>. A relação com a mãe é colocada, então, como definidora da trajetória dos indivíduos, dando muito poder à figura da mulher por meio da maternidade, pois o ofício de produzir vida é feminino. Ele é exaltado como um poder que só as mulheres possuem, vinculado aos atributos físicos e à vaidade.

Aqui, Belli vai reforçar uma visão que também aparece em *La mujer habitada*, de que parte do processo masculino de se colocar como superior teria vindo do fato de eles não aceitarem ter sua existência dependente das mulheres, da maternidade. O poder feminino viria, então, da capacidade de gerar vida e de controlar todas as existências. Além disso, ao confinarem as mulheres ao mundo privado, elas teriam aprendido a controlar o cotidiano:

Preocupados por los asuntos de ‘gran mundo’ los hombres dejaban en manos de las mujeres la creación de los entornos de la vida íntima y en estos, ellas demostraban una superioridad que pocos estaban dispuestos a reconocer. [...] Eso hacía que ellos las temieran y reaccionaran muchas veces con una violencia difícil de comprender

---

627 BELLI, op. cit. (2011), p.255.

628 “Una breve mirada a la prehistoria permite constatar la presencia de una Diosa Madre que representa la vida, la muerte y la regeneración, símbolos todos de una comunidad preocupada por los problemas de la vida y del ciclo de la muerte. Así, los poderes productivos de la tierra generaron en tiempos prehistóricos divinidades predominantemente femeninas y ligadas a la fertilidad [...] Para los aztecas, la diosa Tierra es a la vez madre nutricia, porque permite vivir de sus frutos, y destrucción, porque reclama a sus muertos de los cuales se alimenta. En el caso de los mayas, el glifo de la tierra es la diosa de la luna (Ixchel), reina de los ciclos de la fecundidad. Esta diosa luniterrena tiene además una función primordial: es la señora del número 1, aquella que preside el nacimiento u origen de todas las cosas; y entre los incas también se cuentan divinidades femeninas como la diosa luna, quien, entre otros atributos, cuenta con el de ser la protectora de los partos (Chevalier y Gheerbrant 1986: 660, 993).” (GUTIÉRREZ, 2004, p. 21)

629 Ibidem, p. 208.

para quien no conociera la batalla centenaria del macho contra todo lo que recordara su pequeñez, su pasado de feto indefenso en el vientre de una mujer.<sup>630</sup>

Por fim, concordamos com Marisol Gutiérrez, que resume bem a diversidade de temas que Belli engloba nessa obra, sendo vista como

[...] un espacio escritural en el que se desata una transgresión en los planos teológico, temporal, astral y sexual, de esta manera: frente a las normas coercitivas de la religión católica imperante en Occidente se levanta el poder creativo de la magia y los ritos ancestrales; frente al tiempo lineal cristiano se propone una continuidad cíclica, pero en progreso (espiral); frente al predominio de los astros de signo masculino se propone una revaloración de la luna como símbolo del poder femenino; y frente a la norma heterosexual vigente, que dicta los patrones de comportamiento para cada sexo (masculino y femenino), se propone una relectura de los roles asignados y una reflexión acerca de otras opciones sexuales.<sup>631</sup>

Tudo isso é trabalhado no contexto da sociedade revolucionária que emerge com a vitória sandinista, apresentando a crítica que a autora acerca da manutenção da racionalidade patriarcal regendo esse novo mundo, que continua condenando as mulheres quando elas detêm sabedoria, e as nomeando como bruxas, a fim de roce-las diferentes. Ou seja, segundo Gutiérrez, “las mujeres se convierten entonces en brujas, en seres diabólicos que deben ser confinados del ámbito público.”<sup>632</sup>. As tensões que apontamos entre a sociedade tradicional e as transformações que a Revolução trouxe também são afirmadas por Gutiérrez, segundo a qual,

A través de la rocessoa rocesso de Sofía en el mundo mágico y rocesso del Diriá, se evidenciarán distintas relaciones de poder (sea este político, entre sexos o entre distintas cosmovisiones) en un contexto marcado por una revisión profunda de las estructuras que conforman la rocesso; tal es el caso de la Nicaragua que sirve de telón de fondo para la narración de esta historia y que parece vibrar, al igual que Sofía, en dos planos espacio-temporales: el actual y global del rocesso de la revolución sandinista y el atemporal y local de la magia del Diriá.<sup>633</sup>

É importante ressaltarmos que um dos eixos utilizados por Belli para questionar o estereótipo de feminilidade aparece ao reivindicar a tradição indígena. Isso porque, segundo Gutiérrez<sup>634</sup>, enquanto a mulher era o centro das cosmologias dos povos americanos, é com o cristianismo que ela perde o protagonismo da esfera religiosa e passa a assumir uma postura

---

630 Ibidem, p. 149.

631 GUTIÉRREZ, op. cit., p. 20.

632 Ibidem, p. 28.

633 Ibidem, p. 34.

634 Ibidem.

submissa, como podemos perceber a partir da construção da ideia de Eva. A prova prática disso é a substituição das deusas mulheres, ligadas à concepção da terra e da natureza como emanadora de seu poder, por um Deus masculino e uma religião falocêntrica.

## CONCLUSÃO

Partindo de nossa leitura das obras de Gioconda Belli, buscamos compreender de que modo se deu o debate sobre o lugar social e político das mulheres, com base em sua atuação no processo revolucionário sandinista. Com o avanço da pesquisa e com a análise das fontes, percebemos como as questões de gênero e do feminismo não se estabelecem na forma de uma trajetória e um discurso contínuo, linear e desprovido de contradições. Quando pensamos em desconstruir e questionar os padrões sociais de gênero, devemos ter em mente que se trata de séculos de tradição e de relações entre homens e mulheres construídas de maneira desigual. Assim, tentar compreender essa discussão dentro e a partir de uma organização de esquerda, de um processo revolucionário e de um novo governo vitorioso, trouxe inúmeros desafios para nosso trabalho.

É importante ressaltarmos nossa dificuldade em ter acesso à bibliografia que abordasse, de maneira crítica, nossos dois eixos de trabalho, ponto de partida para compreendermos a literatura belliana: a Revolução Sandinista e o feminismo latino-americano. Em se tratando do processo sandinista, grande parte dos trabalhos que encontramos foram escritos na década de 1980 e início de 1990, o que nos deixa reféns de produções feitas no contexto do processo revolucionário e, em sua grande maioria, por pessoas que estavam diretamente envolvidas com ele, sem o distanciamento necessário para o exercício do historiador. Consideramos que esse material deveria ser considerado como fonte, o que fugiria dos nossos objetivos e dos limites deste trabalho. Em se tratando do feminismo latino-americano, a maioria das obras advém da ciência política, havendo poucos trabalhos feitos por historiadoras e historiadores. Sobre a análise das obras de Belli, grande parte dos trabalhos encontrados são da literatura e da crítica literária, muitas vezes apresentando discussões que se afastam do nosso foco de análise.

Ficou claro, para nós, como a trajetória de Belli se mistura ao seu processo de escrita, ao seu questionamento sobre o papel outorgado às mulheres e à sua indignação frente à situação em que se encontrava a Nicarágua na ditadura somozista. À medida que questiona os papéis de gênero, a intelectual também questiona as diferenças de classe, e vice-versa. É a mistura dessas duas coisas que se faz presente e perpassa sua literatura analisada. Assim, a sua compreensão de feminismo também vai se transformando, de acordo com seu envolvimento no debate da esquerda revolucionária. Essa transformação é fundamental para nós, para

compreendermos o feminismo como algo em movimento, demonstrando a dinamicidade do seu pensamento, desde seu primeiro livro — *Sobre la grama*, publicado em 1972, quando entra oficialmente para Frente e apresenta uma postura que impacta a sociedade ao trazer a pauta do corpo e da sexualidade feminina, uma vez que são questões tabus até nos dias atuais — até seu último livro — *Sofía de los presságios*, publicado em 1990, antes de seu rompimento com a Frente em 1993, no qual apresenta críticas à sociedade, que vão se confirmando no pós-vitória.

As questões de gênero e de classe vão permeando sua trajetória, cheia de contradições, o que ela mesma deixa claro em suas obras, fazendo um exercício de autocrítica constante a partir de seu lugar de mulher com origens na aristocracia nicaraguense. Assim, assume sua dupla condição: revolucionária feminista e filha das classes altas, cercada de privilégios. Para ela, esse lugar a leva a uma situação de duplo enfrentamento, de modo que nega seu gênero e sua classe — devemos ter cuidado ao considerarmos a forma como rompe com sua classe, visto que ela mantém uma série de privilégios no período, como o exemplo de ter empregadas domésticas. Para compreender essa relação entre gênero e classe, Silvia Federici foi uma referência que discutiu de que modo os papéis sexuais foram estabelecidos na sociedade capitalista. Segundo ela, “se é verdade que na sociedade capitalista a identidade sexual se transformou no suporte específico das relações do trabalho, o gênero não deveria ser tratado como uma realidade puramente cultural, mas como uma especificação das relações de classe.”<sup>635</sup>

A partir dessa consideração, Federici vai pensar de que forma se deu a exclusão da mulher do espaço público, e como isso se relaciona com o domínio do corpo e da sexualidade da mulher, além da condenação das “bruxas” — temas que, como vimos, também foram centrais no debate de gênero belliano. Nesse sentido, a retomada da celebração do corpo feminino e da sexualidade — processo da chamada segunda onda do feminismo — também pode ser compreendido como uma maneira das mulheres reestabelecerem sua autonomia e superarem a função-trabalho do ventre:

Essa capacidade de subverter a imagem degradada da feminilidade, que foi construída por meio da identificação das mulheres com a natureza, a matéria, o corporal, é a potência do “discurso feminista sobre o corpo” que trata de desenterrar o que o controle masculino que nossa realidade corporal sufocou.<sup>636</sup>

---

635 FEDERICI, op. cit., p. 31.

636 Ibidem, p. 33.

Federici entende o corpo como espaço de alienação fundamental das mulheres, contudo, não considera que resolver esse problema seja suficiente, já que esse processo é construído dentro do sistema capitalista, de modo que “o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens.”<sup>637</sup>. Nesse sentido, é fundamental a retomada de poder do corpo presente na literatura belliana.

Belli vai receber influência direta do feminismo ocidental, devido à sua formação profissional nos EUA e na Europa, internalizando pautas do feminismo liberal, como observamos em sua trajetória e na centralidade da defesa da liberdade sexual. Contudo, como nos mostra Federici, a retomada do corpo e da sexualidade não é propriedade das feministas liberais. Além disso, o que nos interessa observar é como, a partir da realidade nicaraguense e latino-americana, essas questões se misturam com o contexto revolucionário, e como essa defesa coexiste com um projeto de sociedade e de emancipação mais amplo.

Não podemos buscar encaixar seu pensamento dentro de definições que não partem de sua realidade. Temos que usar essas definições a fim de compreendermos os processos e as teorizações que são próprios da região e de um povo colonizado, em luta por sua liberdade e soberania. No caso de Belli, essa luta era embrincada: a libertação da mulher e da pátria. Nesse sentido, percebemos que a luta pela liberdade da mulher, para ela, caminha em três sentidos, já que o feminismo defendido por Belli não pode ser desvinculado da luta política. Os níveis em que se dariam a emancipação da mulher seriam: o social, o político e o erótico — os três compreendidos de maneira transversal.

A transformação do pensamento feminista belliano se dá quando, para ela, é impossível que as mulheres sejam livres e emancipadas enquanto estiverem inseridas numa sociedade com desigualdade de classe tão latente, e com as mulheres excluídas do âmbito de decisão, ausentes do poder político. Para Belli, as mulheres deveriam ocupar o espaço público e o institucional, a fim de garantir a igualdade de gênero. Em nenhum momento vai negar a masculinidade, ou o homem; pelo contrário, chega a exaltá-lo, num primeiro momento, reivindicando suas características positivas para que também pertencessem às mulheres, como a racionalidade e a atuação no espaço público. Posteriormente, celebra o feminino a partir da visão binária com o masculino. Ser mulher, para ela, era uma questão binária, colocada em

---

637 Ibidem, p. 34.

oposição ao masculino, relacionada à biologia e à natureza, recuperando certa concepção essencialista presente na tradição indígena.

A libertação das mulheres também parte de uma negação do estereótipo feminino construído pela ocidentalidade cristã, com base na personagem de Eva, condenando a sexualidade e o erotismo, e exaltando a submissão das mulheres ao homem. Para confrontar essa visão, a autora recupera outra personagem bíblica: Lilith. A partir daí, temos a celebração também da mulher bruxa, aquela que detém conhecimento, que é dona de seu corpo e que tem autonomia na vida. Luis Felipe Miguel reforça a ideia de que “o controle da mulher sobre o próprio corpo ganhou destaque na agenda feminista. Foi percebida a centralidade que a regulação da sexualidade feminina e sua contraface, o direito de acesso dos homens ao corpo das mulheres, tinham na manutenção da dominação masculina.”<sup>638</sup>. Assim, Silvia Federici nos mostra quais são os sujeitos femininos que o capitalismo precisou destruir: “a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver só, a mulher *obeah* que envenenava a comida do senhor e incitava os escravos à rebelião”<sup>639</sup>.

Assim, a concepção sexo-gênero não aparece em Belli de maneira desvinculada, sendo um dependente do outro. O gênero é construído a partir do sexo, o que fica claro pela centralidade que a autora dá à pauta da liberdade sexual como fundamental para emancipação; ou por considerar as questões relativas ao prazer sexual, ao erotismo e às questões biológicas de cada corpo como fundamentais para a relação entre homens e mulheres na sociedade.

Dentro da perspectiva revolucionária, a nicaraguense busca compreender homens e mulheres desde uma visão de igualdade e do companheirismo na luta pela construção do sonho de uma nova sociedade — o que fica claro quando analisamos as relações românticas da autora. Essas transformações que viriam com a vitória da Revolução, para Belli, não deveriam ser apenas no âmbito da política institucional ou de resolver a diferença de classe — era necessário uma transformação cultural, ética e moral, que repensaria o padrão de masculino e feminino, a fim de negar a submissão e a inferioridade das mulheres. O “homem novo” e a “mulher nova”, que surgiriam no processo revolucionário, deveriam ser entendidos como iguais.

Se em *Sobre la grama* a autora se dedica ao erotismo, à maternidade e à menstruação, Belli finalmente assume seu processo de transição em *La mujer habitada*: de uma concepção de feminismo baseado numa emancipação pessoal e individual, não podendo mais negar a

---

638 MIGUEL, In: BIROLI; MIGUEL, op. cit., p. 66-67.

639 FEDERICI, op. cit., p. 24.

miséria e a desigualdade de classe. Como afirma Cochran, “la energía revolucionaria extiende al movimiento feminista. De sus días como activista en la Revolución Sandinista, hay rasgos que surgen en sus poemas personales en que Belli se identifica como mujer sandinista”<sup>640</sup>. Essa transformação de seu pensamento é percebida no decorrer das obras que entremeiam as duas mencionadas.

Já em *Sofía de los presagios*, publicado em 1990 (apenas três anos antes da autora romper definitivamente com a Frente), surgirá não a mulher guerrilheira e comprometida com as transformações sociais, mas a mulher inserida numa Nicarágua pós-revolução. Nesse momento, Belli apresenta suas críticas à sociedade nicaraguense e, apesar de apontar importantes avanços na vida das mulheres — como a chegada da pílula anticoncepcional —, a narrativa é permeada pelas críticas à dificuldade de transformação estrutural da sociedade, que mantém uma perspectiva tradicional a respeito dos papéis de gênero, condenando as mulheres que fogem do padrão cristão estabelecido.

Assim, dá-se a entender, não só nessa obra, mas ao retomarmos sua trajetória e sua atuação na Frente por meio de suas memórias e de seus outros livros, que a FSLN teria se esforçado para alcançar a igualdade de gênero, mas dentro dos limites da lógica da Revolução política. Ou seja, apesar de dar centralidade à abordagem de gênero desde seus primórdios — característica inovadora do sandinismo frente às outras experiências revolucionárias latino-americanas —, na prática, pensava que o estado revolucionário e as transformações das relações de classe dariam conta de resolver a questão, assim como tratado pelo marxismo ortodoxo. Além disso, a guerra contrarrevolucionária foi usada como justificativa para a falta de prioridade dada à pauta e às reivindicações das mulheres. Esse ponto se estabelece como fundamental para as críticas da autora ao governo sandinista.

Para Frenne, seria “fundamental el mantenimiento de la revolución, ya que sin el esfuerzo revolucionario, la emancipación estaría irremisiblemente perdida (Deighton *et al.* 1983: 2).”<sup>641</sup>. Além disso, essa autora vai recuperar o lema adotado pela AMLAE após 1979, que reforça essa visão: *Construyendo la patria nueva hacemos la mujer nueva*. Segundo essa perspectiva, a Revolução seria o único caminho para a emancipação das mulheres:

[...] la revolución tiene que continuar, para que las mujeres puedan seguir luchando en favor de la libertad y la igualdad, hecho que muchas autoras cumplen a través de la literatura. A lo largo de la historia, la literatura siempre ha sido el medio por

---

640 COCHRAN, op. cit., p. 22.

641 FRENNE, op. cit., p. 59.

excelencia para dirigir las críticas a la sociedad, para proponer alternativas o para dar voz a los oprimidos.<sup>642</sup>

A partir do governo sandinista e da forma como ele lidou com as questões reivindicadas pelas mulheres, não apenas Belli, mas também outras feministas passam a acreditar que a igualdade de gênero não seria um resultado automático da transformação política e social, se afastando da FSLN, porém mantendo a crença no feminismo vinculado à luta política da esquerda. Além da questão de gênero, outras questões que foram trabalhadas por nós, acerca da prática adotada pelos dirigentes da Frente são fundamentais para que a autora se desvincule da FSLN, sem desacreditar na herança de Sandino — e, por isso, se vincula ao MRS.

Por fim, ao analisarmos as obras de Belli, notamos que sua filiação poética, escrita tradicional na Nicarágua, não é perdida na prosa, na qual mantém o tom poético. Nesse sentido, Lemos afirma que “A obra de Gioconda Belli não se divide, portanto, em ‘poesia e prosa’, mas estabelece uma continuidade e um movimento permanentemente poético. Para a autora não existe uma cisão de sua obra”<sup>643</sup>.

Entendemos a produção de Gioconda Belli como um importante instrumento para pensarmos o enfrentamento aos padrões de gênero no contexto da Revolução Sandinista e como esse pensamento, fundamentalmente latino-americano, estava em diálogo com o feminismo ocidental, mas é fruto de uma experiência própria da região, inserido num contexto de luta contra o imperialismo, pela soberania e autonomia popular. Assim, nos inserimos em uma perspectiva que busca contribuir para a historiografia, ao incluir a mulher como sujeito histórico que deve ser analisado, além de compreender o feminismo como uma agenda das mulheres que não está isolada da luta política.

---

642 Ibidem, p. 60.

643 LEMOS, op. cit., p. 146.

## REFERÊNCIAS

- ALTAMIRANO, Carlos. *Términos críticos de sociología de la cultura*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales: Notas de investigación*. Bogotá: Editora Norma, 2006.
- ALVAREZ, Sonia E.; CHUCHRYK, Patrícia; NAVARRO-ARANGUREN, Marysa; STERNBACH, Nancy Saporta. Feministas na América Latina: de Bogotá a San Bernardo. *Estudos Feministas*. n. 2, 1994, p. 255-295.
- ARICÓ, José. *La cola del diablo: itinerario de Gramsci en América Latina*. Buenos Aires: Pontosur, 1988.
- AUGUET, Laura Piñero. De la mujer habitada a la mujer habitante: planteos acerca de la subjetividad femenina. *Revista crítica de ciencias sociales y jurídicas*. Madrid, Universidad Complutense, s/d, p.7.
- BALLESTRINI, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília. n. 11, p. 89-117, mai./ago. 2013.
- BATAILLON, Gilles. *Génesis de las guerras intestinas en América Central (1960-1983)*. México: FCE, 2008.
- BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. *Revista de Teoria da História*, Universidade Federal de Goiás, p. 94-110, ano 1, n. 3, jun. 2010.
- BURKE, Peter. A Terceira Geração. In: *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
- BURNE, Stella Maris Arnaiz; DACHARY, Alfredo Argentino César. El canal interoceánico de Nicaragua: una geopolítica con historia. *Revista Desenvolvimento Regional em Debate*. v. 4, n. 1, p.165 – 88, 2014. Disponível em:  
<<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5443957>> Acesso em: 14 jan. 2019, 11h36.
- COCHRAN, Shellie Lee. *El discurso de la conciencia feminista en la obra de Gioconda Belli*. 78 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade de Furman, Athens, Geórgia, 2006.
- COELHO NETO, Raphael. *Exílio, intelectuais, literatura e resistência política nas revistas Literatura Chilena e Araucaria de Chile (1977 – 1989)*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.
- CORAGGIO, José Luis. *Nicaragua: revolución y democracia*. Managua: Editora Línea, 1984.

COSTA, Adriane Vidal. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: O debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Marques e Vargas Llosa (1958 – 2005)*. São Paulo: Alameda, 2013.

CYPRIANO, Breno. Construções do pensamento feminista latino-americano. *Revista Estudos Feminista*. Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 11-40, jan./abr. 2013.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, Beatriz Helena. História e literatura: um diálogo em andamento. [Editorial] *Locus: Revista de História de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Editora UFJF. 2011. Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, v. 17, p. 07 – 13.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 287-293, abr. 2006.

DUTRA, Eliana R. de Freitas. História e Culturas Políticas: Definições, usos, genealogias. *Varia História*, n. 28, p.13-29, dez. 2002.

FABBRI, Luciano. *Apuntes sobre feminismo y construcción de poder popular*. Santiago: Proyección editores, Tiempo Robado, 2017.

FEDERICI, Silvia. Trad. Coletivo Sycorax. *Calibã e a bruxa: mulher, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FEMENÍAS, María Luisa. Esbozo de un feminismo latinoamericano. *Revista Estudos Feministas*, Santa Catarina: UFSC. v. 15, n. 1, p. 11-25, jan./abr. 2007.

FERNÁNDEZ, Valeria Lafita. *Latinoamérica con voz de mujer: Un análisis de la identidad latinoamericana y femenina en cuatro novelas de Gioconda Belli*. 284 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Teoria da Literatura e Literatura Comparada, Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, 2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha história”: O retorno da História Política. *Revista Estudos Históricos*, n. 10, p. 265-271, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 05-08.

FONTANA, Alejandra Aventín. (Re)Habitar la palabra y su tiempo: la poesía de Gioconda Belli. In: ENCINAR, Ángeles, VALCÁRCEL, Carmen. *Escritoras y compromiso*. Literatura española e hispanoamericana de los siglos XX y XXI, Madrid: Visor, 2007, p. 1123-1137.

FRASER-VALENCIA, Barbara. *Intimate Multitudes: Femininity and collective eros in Gioconda Belli's Sobre la grama and Linea de fuego*. 25 f. Universidade de British Columbia, 2012, Disponível em: <[https://las.sites.olt.ubc.ca/files/2012/05/fraser\\_multitudes.pdf](https://las.sites.olt.ubc.ca/files/2012/05/fraser_multitudes.pdf)>. Acesso em: 27 jan. 2019, 16h23.

FRENNE, Kristien de. *El juego de paralelismos y contrastes en La mujer habitada de Gioconda Belli*. 105 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Artes e Filosofia, Universidade de Ghent, Bélgica, 2008-2009.

FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.

GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI Ediciones Argentinas, 2003.

GUARDIA, Sara Beatriz. Literatura y escritura femenina en América Latina. In: Conferência de abertura do XII SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA e III SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA – Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural. Bahia, Universidade Federal de Santa Cruz, 2007. Disponível em: <[http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/conferencias/SARA\\_ORIGINAL.pdf](http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/conferencias/SARA_ORIGINAL.pdf)>. Acesso em: 31 jan. 2019, 17h00.

GUEVARA, Che. *El socialismo y el hombre en Cuba*. 1965. Disponível em: <[http://www.archivochile.com/America\\_latina/Doc\\_paises\\_al/Cuba/Escritos\\_del\\_Che/escritosd/elche0078.pdf](http://www.archivochile.com/America_latina/Doc_paises_al/Cuba/Escritos_del_Che/escritosd/elche0078.pdf)>. Acesso em: 11 jan. 2019, 11h07.

GUTIÉRREZ, Marisol. *Sofía de los presagios*, espacio de encuentro de los dos estructuras psicosociales: matriarcado y patriarcado. *Revista Filología y lingüística*, v. 30, n. 1, p. 19-39, 2004. Disponível em: <<http://www.kerwa.ucr.ac.cr/bitstream/handle/10669/14236/4451-6747-1-PB.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 06 fev. 2019, 02h25.

HOOD, Edward Waters; OJEDA, Cecília. Entrevista con Gioconda Belli. In: *Chasqui, revista de literatura latinoamericana*. v. 23, n. 2, p. 125-132, nov. 1994.

INVERNIZZI, Gabriele. *Sandinistas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

IRLES, Mónica García. Recuperación mítica y mestizaje cultural en la obra de Gioconda Belli. *Cuadernos de América sin nombre – Universidad de Alicante*, Espanha, n. 5, s/d.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: COSTA LIMA, Luiz. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002, p. 384-416.

JENSEN, Silvina. Exílio e historia reciente. Avances y perspectivas de un campo en construcción. *Aletheia*, v. 1, n. 2, p. 1-21, mai. 2011.

JARDIM, Camila Amorim. Understanding the concept of Global South: an initial framework. *Revista Mundorama – Divulgação científica em Relações Internacionais*, 2015. Disponível em: <<https://www.mundorama.net/?p=16587>>. Acesso em: 03 jun. 2018;

KRUIJT, Dirk. *Guerrilla: guerra y paz en Centroamérica*. Guatemala: F & G Editores, 2009.

LARREA, Maria Isabel O. Historia y literatura en la narrativa hispano-americana. *Documentos Lingüísticos y Literarios*. 2003. Disponível em: <[www.humanidades.uach.cl/documentos\\_linguisticos/document.php?id=44](http://www.humanidades.uach.cl/documentos_linguisticos/document.php?id=44)>. Acesso em: 15 dez. 2018, 15h40.

- LEMOS, Bethania Guera de. *Sob o signo de Tláloc: construção identitária e memorial na obra de Gioconda Belli*. 356 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- LEONET, Gema Lasarte. Gioconda Belli, un universo de mujeres. *Estudios Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 1081-1097, set./dez. 2013.
- LOWY, Michael. *O que é Cristianismo da Libertação: religião e política na América Latina*. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Expressão Popular, 2016.
- LUBENOW, Jorge Adriano. Esfera pública e democracia deliberativa em Habermas: modelo teórico e discursos críticos. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 51, n. 121, p. 227-258, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2010000100012#back32](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2010000100012#back32)>. Acesso em: 11 fev. 2019, 14h35;
- LUGONES, María. Colonialidad y género. *Revista Tabula Rasa*. Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul./dez. 2008.
- MALARD, Letícia. Ficção e História na narrativa contemporânea. In: \_\_\_\_ *Literatura e dissidência política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 85-94.
- MARIATEGUI, José Carlos. ¿Existe un pensamiento hispanoamericano? *Latinoamerica: Cuadernos de cultura latinoamericana*, n. 34, México: UNAM, 1979. Originalmente publicado en Mundial, Lima, 1º de mayo de 1925. Reproducido en El Argentino, La Plata, 14 de junio de 1925. Disponível em: <[http://ru.ffyl.unam.mx/bitstream/handle/10391/2978/34\\_CCLat\\_1979\\_Mariategui.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://ru.ffyl.unam.mx/bitstream/handle/10391/2978/34_CCLat_1979_Mariategui.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: 18 jan. 2019, 16h25.
- MATOS, Maria Izilda. História das mulheres e gênero: usos e perspectivas. In: PUGA, Vera Lúcia; MALUF, Sônia Weidner; PISCITELLI, Adriana; MELO, Hildete Pereira de. (Orgs.). *Olhares feministas*. Brasília: Ministério da Educação: Unesco, Coleção Educação Para Todos v. 10, 2009, p. 277-289.
- MEZA, Humberto; TATAGIBA, Luciana. Movimentos sociais e partidos políticos: as relações entre o movimento feminista e o sistema de partidos na Nicarágua (1974-2012). *OPINIÃO PÚBLICA*, Campinas, v. 22, n. 2, p. 350-384, ago. 2016.
- MIRES, Fernando. *La rebelión permanente: Las revoluciones sociales en América Latina*. México: Siglo XXI Editores, 2001.
- MOJICA, Orson. La metamorfosis del FSLN. *Revista de teoría, política, economía e historia*. Managua, n. 1, set./dez. 2007.
- MOLYNEUX, Maxine. Intereses de la mujer, el Estado y la Revolución: El caso de Nicaragua. In: CORAGGIO; DEERE. (Coords.). *La transición difícil: la autodeterminación de los pequeños países periféricos*. México: Siglo XXI, 1986.
- MONTENEGRO, Sofía. Un movimiento de mujeres en auge. In: GÓMEZ, Juan Pablo; NAJLIS, Camilo Antillón. (Orgs.). *Antología del pensamiento crítico nicaraguense contemporáneo*. Buenos Aires: CLACSO, 2016, p.307-322.

NAVARRO, Márcia Hoppe. O Discurso Crítico Feminista na América Hispânica. In: CARVALHAL, Tania Franco. (Org.). *O Discurso Crítico na América Latina*. Porto Alegre: IEL: Ed. Da Unisinos, 1996, p. 61-70.

PALTÍ, José Elias. *El tiempo de la política: el siglo XIX considerado*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

PARADIS, Clarisse Goulart. *Entre o Estado patriarcal e o feminismo estatal: o caso dos mecanismos institucionais de mulheres na América Latina*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PERLATTO, Fernando. História, literatura e a ditadura brasileira: historiografia e ficções no contexto do cinquentenário do golpe de 1964. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p.721-740, set./dez. 2017.

PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. *Revista Cadernos de Pagu*, n. 4, p. 09-28, 1995.

PIVA, Márcia Cruz; PIVA, Marco Antônio. *Nicarágua: Um povo e sua história (1552 – 1984)*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1986.

PONCELA, Anna María Fernández. Nicaragua: revolución popular y elecciones democráticas. *Dimensión Antropológica*, v. 46, p. 141-180, mai./ago. 2009.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo. (Org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2000, p. 246-276. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/dussel.rtf>>. Acesso em: 11 fev. 2019, 00h30.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Pedro, Joana; GROSSI, Miriam. (Orgs.) *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p. 01-17.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

RAMA, Ángel. *La riesgosa navegación del escritor exiliado*. Montevideo: Arca, 1998, p. 235-250.

RANDALL, Margareth. *Mulheres da Nicarágua: Estamos todas despertas*. São Paulo: Global Editora, 1982.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ROCCA, Pablo. (Org.). *Literatura, cultura e sociedade na América Latina: Ángel Rama*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RODRIGUES, Lygia. O Sandinismo e a Revolução Nacional e Democrática na Nicarágua. In: DAYRELL, Eliane Garcindo; IOKOI, Zilda Grícoli. *América Latina Contemporânea: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1996.

RONINGER, Luis. Exílio massivo, inclusão e exclusão política no século XX. *Dados-Revista de Ciências Sociais*, v. 53, n. 1, p. 91-123, 2010.

ROUQUIÉ, Alain. *Indroducción*. Las fuerzas políticas en América Central. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

SÁ, Roger dos Anjos de. *A Revolução Sandinista [manuscrito]: do triunfo à derrota (1979-1990)*. 259f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SAÉZ, Gema D. Palazón. Antes, durante, después de la revolución: La lucha continúa – Movimiento Feminista en Nicaragua. *Lectora*, n. 13, p. 115-131, 1995.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTAMARÍA, Gema. *Alianza y autonomia: las estratégias políticas del movimiento de mujeres en Nicaragua*. 2005. Disponível em: <<http://www.movimientoautonomodemujeres.org/archivos/27.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2019, 18h30.

SCHNEIDER, Graziela. (Org.). *A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética*. São Paulo: Boitempo, 2017.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Edusp, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SELSER, Gregorio. *Sandino, General de Hombres Libres*. Argentina: Editorial Abril, 1984.

SERRA, Luis. Democracia y Revolución en Nicaragua. *Encuentro: Revista Académica de la Universidad Centroamericana*, n. 23, p.70-79, 1985.

SILVA, Vinícius Figueiredo. O neoliberalismo e sua influência na constituição do pensamento da Nova CEPAL. *Revista História Econômica & História de Empresas*. s/d, p. 01 -21. Disponível em: <<http://www.abphe.org.br/arquivos/vinicius-figueiredo-silva.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2019, 12h05.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996, p. 231-270.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. *Revista Cadernos de Pagu*. 1994, p. 29-62;

TUVESSON, Cecília. *Novelas nicaragüenses de contenido político: Un estudio de obras literarias de Gioconda Belli y Sergio Ramírez*. 46 f. Programa de Pós-graduação em Letras, Centro de linguagem e literatura, Universidade Lund, Suíça, 2012.

URZÚA-MONTOYA, Miriam Rocío. *La retórica del placer: cuerpo, magia y deseo en cinco novelas de Gioconda Belli*. 189 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Filosofia, Departamento de español e portugués, Universidade do Arizona, 2012.

VAN EEUWEN, Daniel. Nicarágua. In: ROUQUIÉ, Alain. (Coord.). *Las fuerzas políticas en América Central*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

VARGAS-VARGAS, José Angel. *Introducción a la novela centroamericana contemporánea*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2015, s/p. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmccg1n4>>. Acesso em: 12 nov. 2018, 14h50.

VARGAS-VARGAS, José Angel. La incorporación de la voz femenina en la novela centroamericana contemporánea. *Revista Comunicación*. Costa Rica, v. 12, n. 2, 2013, s/p. Disponível em: <<http://revistas.tec.ac.cr/index.php/comunicacion/article/view/1203>> Acesso em: 07 mar. 2019, 10h17.

VASCONCELOS, José. El pensamiento latinoamericano. *Latinoamerica: cuadernos de cultura latinoamericana*, n. 21. México: UNAM, 1978. Originalmente publicado em: VASCONCELOS, José. *Indología*. Barcelona, 1927. Disponível em: <[http://ru.ffyl.unam.mx/bitstream/handle/10391/2965/21\\_CCLat\\_1978\\_Vasconcelos.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://ru.ffyl.unam.mx/bitstream/handle/10391/2965/21_CCLat_1978_Vasconcelos.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: 19 jan. 2019, 10h10.

VERA, María Jesús Orozco. La forma autobiográfica como configuración del discurso literario femenino en la narrativa de Marta Brunet, M<sup>a</sup> F. Yáñez, M<sup>a</sup> L. Bombal y M<sup>a</sup> C. Geel. *Anales de literatura hispanoamericana*, n. 23, Madrid: Editorial Complutense, 1994, p. 295-313. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/ALHI/article/viewFile/ALHI9494110295A/23421>>. Acesso em: 31 jan. 2019, 17h42.

WHITE, Hyden. O texto histórico como artefato literário. In: \_\_\_\_\_. *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

WOLVERS, Andrea; TAPPE, Oliver; SALVERDA, Tijo; SCHWARZ, Tobias. Concepts of the Global South. In: *Voices from around the world*. Colônia: Global South Studies Center,

Univesity of Cologne, Alemanha, 2015. Disponível em: < <http://kups.ub.uni-koeln.de/6399/>> Acesso em: 03 jun. 2018.

ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Literatura e história na América Latina: representações de gênero. *Revista Métris: história & cultura*, v. 5, n. 9, p. 253-270, jan./jun. 2006.

### Fontes primárias:

BELLI, Gioconda. *Sobre la grama*. Manágua: Anamá ediciones, 2014a;

BELLI, Gioconda. *Línea de fuego*. Manágua: Anamá ediciones, 2014b;

BELLI, Gioconda. *Truenos y arcoíris*. Manágua: Anamá ediciones, 2014c;

BELLI, Gioconda. *De la costilla de Eva*. Manágua: Anamá ediciones, 2014d;

BELLI, Gioconda. *La mujer habitada*. Buenos Aires: Emecé editores, 1996;

BELLI, Gioconda. *Sofía de los presagios*. Manágua: Anamá ediciones, 2011;

BELLI, Gioconda. *El país bajo mi piel – memorias de amor y guerra*. Santiago: Seix Barral, 2010;

### Fontes auxiliares:

ARQUIVO NACIONAL DA NICARÁGUA. Programa Histórico del FSLN (1969). Disponível em: <<http://www.fsln-nicaragua.com/documentos/historico/index.html>> Acesso em: 17 jan. 2018, 12h48.

ARQUIVO NACIONAL DA NICARÁGUA. Programa de la Junta de Gobierno de Reconstrucción Nacional de Nicaragua (1979). Disponível em: <<http://sajurin.enriquebolanos.org/vega/docs/Programa%20de%20Gobierno.pdf>> Acesso em: 17 jan. 2018, 12h53.

MANÁGUA. Discurso del presidente Daniel Ortega, 27 de febrero de 1990. Disponível em: <[http://publicaciones.sodepaz.org/images/uploads/documents/revista002/08\\_discursodanielortega.pdf](http://publicaciones.sodepaz.org/images/uploads/documents/revista002/08_discursodanielortega.pdf)> Acesso em: 25 jan. 2018, 11h43.

